UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

BERNADETE COELHO DE SOUSA

A CONSTRUÇÃO DO TELEJORNALISMO DE VIZINHANÇA DA REDE GLOBO: UM ESTUDO COMPARATIVO DE TRÊS EMISSORAS AFILIADAS NO CENTRO-OESTE

GOIÂNIA
2022

UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[ ] Dissertação [X] Tese [ ] Outro*:_____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Bernadete Coelho de Sousa

3. Título do trabalho

A construção do Telejornalismo de Vizinhança da Rede Globo: Um estudo comparativo de três emissoras afiliadas no Centro-Oeste

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Rocha Pessoa Temer**, **Usuário Externo**, em 15/12/2022, às 09:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Bernadete Coelho De Sousa**, **Discente**, em 16/12/2022, às 10:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3401489** e o código CRC **3A702C41**.

Referência: Processo nº 23070.061646/2022-59 SEI nº 3401489

BERNADETE COELHO DE SOUSA

A CONSTRUÇÃO DO TELEJORNALISMO DE VIZINHANÇA DA REDE GLOBO: UM ESTUDO COMPARATIVO DE TRÊS EMISSORAS AFILIADAS NO CENTRO-OESTE

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania

Linha de Pesquisa: Mídia e Cidadania

Orientadora: Prof.ª Dra. Ana Carolina Rocha Pessôa Temer

GOIÂNIA
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Sousa, Bernadete Coelho de
A construção do telejornalismo de vizinhança da Rede Globo [manuscrito] : Um estudo comparativo de três emissoras afiliadas no Centro-Oeste. / Bernadete Coelho de Sousa. - 2022.
318 f.

Orientador: Profa. Dra. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer .
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Goiânia, 2022.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui siglas, mapas, abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Telejornalismo. 2. Comunitário. 3. Cidadania. 4. Rede Globo. 5. Vizinhança. I. Temer , Ana Carolina Rocha Pessoa , orient. II. Título.

CDU 007

UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata Nº **40/2022** da sessão de Defesa de Tese de **Bernadete Coelho de Sousa** que confere o título de Doutora em **Comunicação**, na área de concentração em **Comunicação, Cultura e Cidadania.**

Aos **trinta dias de novembro de dois mil e vinte e dois**, a partir das **nove horas**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada **"O 'AUTODENOMINADO' JORNALISMO COMUNITÁRIO DA REDE GLOBO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE TRÊS EMISSORAS AFILIADAS NO CENTRO-OESTE"**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Ana Carolina Rocha Pessôa Temer (PPGCOM/FIC/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor **Magno Luiz Medeiros da Silva (PPGCOM/FIC/UFG)**, avaliador titular interno; Professor Doutor **Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior (PPGCOM/UFPE)**, avaliador titular externo; Professor Doutor **José Edgard Rebouças (PPGCOM/UFES),** avaliador titular externo e Professora Doutora **Marli dos Santos (FCL)**, avaliadora titular externa, com a participação de todos por videoconferência. Durante a arguição os membros da banca **fizeram** sugestão de alteração do título do **trabalho conforme explicitado abaixo**. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Ana Carolina Rocha Pessôa Temer**, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **trinta dias de novembro de dois mil e vinte e dois.**

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

A construção do Telejornalismo de Vizinhança da Rede Globo: Um estudo comparativo de três emissoras afiliadas no Centro-Oeste

Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Rocha Pessoa Temer**, **Usuário Externo**, em 01/12/2022, às 07:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **José Edgard Rebouças**, **Usuário Externo**, em 01/12/2022, às 10:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Marli dos Santos**, **Usuário Externo**, em 01/12/2022, às 13:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Magno Luiz Medeiros Da Silva**, **Professor do Magistério Superior**, em 01/12/2022, às 17:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **ALFREDO EURICO VIZEU PEREIRA JUNIOR**, **Usuário Externo**, em 03/12/2022, às 07:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3355088** e o código CRC **6FDB2DBB**.

Referência: Processo nº 23070.061646/2022-59 SEI nº 3355088

AGRADECIMENTOS

A jornada foi longa. Pelo caminho fui deixando lágrimas, cansaço e frustrações, crises de pânico e ansiedade, mas é tempo também de agradecer pela conquista. Agradeço primeiro a Deus, por ter me permitido chegar até aqui. Por ter me inspirado e me dado forças quando eu já me sentia exausta do trabalho. Por ter me dado refrigério para continuar. Quantas vezes não me debrucei sobre o computador pedindo ao Espírito Santo que me guiasse na elaboração do texto!

Agradeço à minha família, que foi minha grande incentivadora: minhas irmãs Silvia e Tereza, sempre prontas a colaborar de alguma forma; minha mãe, Magnólia, pelas orações e palavras de incentivo; meu filho, Carlos Daniel, com quem refletia alguns pontos do trabalho, mesmo não sendo a área dele, e que me ajudou a elaborar os gráficos e tabelas quando eu já não tinha muitas esperanças de conseguir; minha filha, Sarah, que sempre me motivou a continuar – "Vai dar certo mamãe!".

Agradeço à minha orientadora, professora Ana Carolina Rocha Pessôa Temer, que, para mim, é um exemplo de competência e generosidade. Sempre com uma palavra de incentivo mesmo quando eu achava que o trabalho estava péssimo e duvidava da minha capacidade de continuar. Tem minha amizade e grande admiração por seu imenso conhecimento na área e humildade em compartilhar.

Agradeço aos colegas que fiz durante a caminhada: Mayara Raquel, com quem compartilhava minhas dúvidas sobre a organização do trabalho; Bárbara Falcão, sempre disposta a ajudar; Kamyla Maia me ajudando com a metodologia; Jhayne Geovana, minha parceira em congressos e na elaboração de artigos para completar as temidas horas complementares; Roldão Júnior, que sempre me socorreu quando precisei; Helder Samuel que não conheci pessoalmente, mas que se tornou meu amigo trocando conhecimento pelo WhatsApp e compartilhando textos e livros. Enfim, a camaradagem de todos os outros colegas de curso. Não poderia me esquecer de mencionar meu colega e amigo da PUC-Goiás, professor Luiz Carlos do Carmo Fernandes, pelo apoio e pela torcida para que eu terminasse minha pesquisa.

Agradeço a cada um dos meus professores, que foram muito importantes nessa jornada. Pela partilha, pelo conhecimento, pela paciência, atenção, respeito, amor ao ensino e pela defesa da universidade pública.

Agradeço aos professores avaliadores – Alfredo Vizeu, Edgard Rebouças, Magno Medeiros e Marli Santos, que aceitaram o convite de fazer parte da banca e dedicaram seu tempo na leitura do meu trabalho e contribuição para meu crescimento acadêmico.

Agradeço aos colegas chefes de jornalismo das emissoras pesquisadas, Orlando Loureiro, Marcello Rosa e Brenda Freitas, que tão generosamente autorizaram os seus colaboradores a contribuir com minha pesquisa respondendo aos questionários. E também as colegas Iara Lourenço, Lilian Santos e Adriana Moraes, que compartilharam suas memórias sobre o telejornalismo comunitário na afiliada de Goiânia.

Agradeço ainda as queridas funcionárias da secretaria do PPGCOM, Anelise e Tessa, que também fizeram parte dessa árdua caminhada e estavam sempre prontas a esclarecer as dúvidas sobre documentações necessárias para seguir no curso.

RESUMO

Neste trabalho de pesquisa se propôs apresentar uma reflexão sobre o tema telejornalismo autodenominado ‘comunitário’ da Rede Globo a partir do seu desenvolvimento em emissoras que fazem parte da rede de afiliadas na Região Centro-Oeste, especificamente material jornalístico que envolve questões ligadas à promoção da cidadania nesses telejornais. A observação tem um caráter comparativo e, em função da atualidade, o período escolhido foi o de junho e julho de 2020, que correspondeu (ainda que não intencionalmente) ao período da pandemia de Covid-19. Registra-se que, mesmo com a grave situação da pandemia do coronavírus, naquele período as emissoras locais mantiveram o espaço para o chamado ‘jornalismo comunitário’, ainda que se adaptando à novas rotinas produtivas, uma vez que a pandemia afetou as estruturas, as pautas e os conteúdos do jornalismo. O objeto de análise foi o telejornal exibido no horário do almoço/meio do dia das emissoras: TV Anhanguera - Goiânia/GO, TV Morena Campo Grande/MT e TV Centro América/MS. Buscou-se verificar/comparar como as emissoras pertencentes à mesma rede efetivamente realizam/interpretam a proposta do telejornalismo comunitário em seus produtos locais e de que forma buscam dar destaque às demandas da comunidade. A metodologia usada teve como base a análise de conteúdo; trata-se de método e técnica de pesquisa que está presente desde os primeiros estudos da *communication research*, onde se busca a investigação de fenômenos simbólicos coletando dados que levem à compreensão e/ou inferência que facilitem a compreensão do contexto. A investigação mostra como o termo ‘comunitário’ associado à ‘cidadania’ é usado de maneira diferente em cada emissora, mas prevalece como estratégia para estreitar os laços de afinidade com o telespectador e criar valor simbólico com a audiência. Como resultado da análise, observou-se que prevalece a participação do cidadão como aquele que está em posição de subalternidade, ator social com demandas de serviços de infraestrutura que são de responsabilidade do Estado. A conclusão aponta que o jornalismo autodenominado ‘comunitário’ é prioritariamente um jornalismo de vizinhança, no qual indivíduos de uma mesma localidade, sem laços orgânicos ou organizacionais, unem-se de forma esporádica para reivindicar um serviço ao poder público. Notou-se que a forma como este jornalismo é apresentado nas emissoras do Centro-Oeste busca fomentar a noção de que os entrevistados partilham valores, interesses e crenças e, portanto, pertencem a uma comunidade. Observou-se também que não existe uma fórmula única a ser seguida, sendo que cada uma das emissoras pesquisadas buscou, a seu modo, dar visibilidade aos problemas de infraestrutura dos bairros periféricos seguindo, assim, a determinação da Rede Globo.

PALAVRAS- CHAVE: telejornalismo; comunitário; cidadania; Rede Globo; vizinhança.

ABSTRACT

This research work proposes to present a reflection on the 'self-denominated' community television journalism theme of Rede Globo, from its development in stations that are part of Rede Globo's affiliate network in the Central-West Region, and specifically journalistic material that involves issues related to the promotion of citizenship in these television news programs. The observation has a comparative character and, depending on the current situation, the period chosen is June and July 2020, which corresponded (albeit unintentionally) to the period of the coronavirus pandemic. It is noted that, even with the serious situation of the Covid-19 pandemic, in this period the local broadcasters kept the space for the so-called "community journalism", even if adapting to new productive routines, since the pandemic affected the structures, guidelines and contents of journalism. The object of analysis is the news broadcast at lunchtime/midday on the stations: TV Anhanguera- Goiânia/GO, TV Morena Campo Grande/MT and TV Centro América/MS. We sought to verify/compare how broadcasters belonging to the same network effectively carry out/interpret the proposal of community television journalism in their local products and how they seek to highlight the demands of the community. The methodology is based on Content Analysis, a research method and technique that has been present since the first studies of communication research seeks to investigate symbolic phenomena by collecting data that lead to understanding and/or inference that facilitate the understanding of the context. The investigation shows how the term community associated with citizenship is used differently in each broadcaster, but prevails as a strategy to strengthen ties of affinity with the viewer and create symbolic value with the audience. As a result of the analysis, it was observed that the participation of the citizen prevails as the one who is in a position of subalternity, a social actor with demands for infrastructure services under the responsibility of the State. The conclusion points out that the so-called 'community' journalism is primarily a neighborhood journalism, in which individuals from the same locality, without organic or organizational ties, come together sporadically to claim a service to the public power. It was noted that the way in which this journalism is presented on stations in the Midwest seeks to foster the notion that respondents share values, interests and beliefs and, therefore, belong to a community. It was also observed that there is no single formula to be followed, and each of the stations surveyed sought, in their own way, to give visibility to the infrastructure problems of the peripheral neighborhoods, thus following the determination of Rede Globo

KEYWORDS: telejournalism; community; citizenship; Rede Globo; neighborhood.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fluxograma de pesquisa....18
Figura 2 - Audiência....43
Figura 3 - Mapa das afiliadas da Rede Globo....45
Figura 4 - O bairro que eu tenho o bairro que eu quero....67
Figura 5 - Redação móvel....68
Figura 6 - Quadro Zé do Bairro....68
Figura 7 - Aplicativo bem na hora....70
Figura 8 - Hora do comunitário MSTV....70
Figura 9 - Jornalismo Comunitário TV Centro América....71
Figura 10 - Aplicativo TV Centro América....72
Figura 11 - Quadro Calendário do NE1....79
Figura 12 - Tempo destinado ao jornalismo nos bairros....128
Figura 13 - Abordagem por assuntos....129
Figura 14 - Nuvem de Palavras - TV Centro América....130
Figura 15 - Nuvem de Palavras - TV Morena....131
Figura 16 - Nuvem de Palavras - TV Anhanguera....132
Figura 17 - Questionário: Pergunta 1....134
Figura 18 - Questionário: Pergunta 2....134
Figura 19 - Questionário: Pergunta 3....135
Figura 20 - Questionário: Pergunta 4....136
Figura 21 - Questionário: Pergunta 5....138
Figura 22 - Questionário: Pergunta 6....139
Figura 23 - Questionário: Pergunta 7....140
Figura 24 - Questionário: Pergunta 8....141
Figura 25 - Questionário: Pergunta 9....142
Figura 26 - Questionário: Pergunta 10....142
Figura 27 - Apresentador JA Fábio Castro....144
Figura 28 - Cenário Mais Agro TV Morena....146
Figura 29 - Cenário Mais Agro TV Centro América....146
Figura 30 - Apresentadora MSTV Bruna Mendes....147
Figura 31 - Apresentador TV Centro América Leandro Trindade....147
Figura 32 - Buraco Bairro Santa Amália....149

Figura 33 - Buracos Parque Atalaia 150
Figura 34 - Acidentes: Jardim das Palmeiras 152
Figura 35 - Esgoto Residencial Coxipó 153
Figura 36 - Obras Dom Bosco 155
Figura 37 - Obras Santa Luzia 157
Figura 38 - Esgoto Bairro Santa Helena 159
Figura 39 - Gravação videochamada 160
Figura 40 - Gravação resposta videochamada 161
Figura 41 - Alexandre Cabral e Bruna Mendes 163
Figura 42 - Buraco Estrela do Sul 164
Figura 43 - Árvore Coophavila 2 166
Figura 44 - Árvore podada no Coophavila 2 167
Figura 45 - Esgoto Itamaracá 168
Figura 46 - Reclamação Falta de iluminação pública 170
Figura 47 - Resposta gravada do secretário de obras 171
Figura 48 - Reclamação trânsito 174
Figura 49 - Reclamação trânsito 176
Figura 50 - Agradecimento moradora 177
Figura 51 - Reclamação buraco asfalto 179
Figura 52 - Resposta gravada secretário de obras 180
Figura 53 - Reclamação mato insegurança 182
Figura 54 - Reclamação iluminação pública 183
Figura 55 - Reclamação iluminação pública 184
Figura 56 - Liberação trânsito GOINFRA 187
Figura 57 - Reclamação energia/iluminação 188
Figura 58 - Uso de imagens de câmera de monitoramento 188
Figura 59 - Acidentes de trânsito 191
Figura 60 - Reclamação transporte 192
Figura 61 - Reclamação transporte 193
Figura 62 - Distribuição de comida dona Marilda 194
Figura 63 - Transporte aglomeração 195
Figura 64 - Transporte reclamação de usuário 196
Figura 65 - Mudanças trânsito 197
Figura 66 - Transporte flagrantes de telespectadores 199

Figura 67 - Transporte terminais cheios 200
Figura 68 - Trânsito obras viaduto 205

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Afiliadas da Rede Globo no Centro-Oeste 46
Quadro 2 - Leitura baseada em Becker (2012) 118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tabela Quantitativa: TV Centro América 121
Tabela 2 - Tabela Quantitativa: TV Morena 123
Tabela 3 - Tabela Quantitativa: TV Anhanguera 125
Tabela 4 - Tabela Comparativa 127

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABERT	Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão
AGETRAN	Agência Municipal de Transporte e Trânsito
ÁGUAS CUIABÁ	Águas Cuiabá – Iguá S/A
BRT	Bus Rapid Transit
CAIS	Centro de Atenção Integrado a Saúde
CEASA	Central de Abastecimento
CIAMS	Centro Integrado de Atenção Médico Sanitário
CIESPAL	Centro Internacional de Estudos Superiores em Periodismo da América Latina
CMI	Centro de Mídia Independente do Brasil
CMTC	Companhia Metropolitana de Transporte Coletivo
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
CRAS	Centro de Referência e Assistência Social
CCZ	Centro de Controle de Zoonoses
ENEL	Ente Nazionale per L'energia Elettric
ENERGISA	Grupo ENERGISA S.A.
GOINFRA	Agência Goiana de Infraestrutura e Transportes
METROBUS	Metrobus Transporte Coletivo S/A
OJC	Organização Jaime Câmara
OMS	Organização Mundial de Saúde
REDEMOB	Rede Metropolitana de Transportes Coletivos
SAMU	Serviço de Atendimento Médico de Urgência
SANEAGO	Saneamento de Goiás
SEINFRA	Secretaria de Infraestrutura
SEMADUR	Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano
SEMOB	Secretaria de Mobilidade Urbana
SESAU	Secretaria Municipal de Saúde Pública
SISEP	Secretaria Municipal de Infraestrutura e Serviços Públicos
SETRANSP	Sindicato da Empresas de Transporte Coletivo Urbano de Passageiros de Goiânia
SISGRAN	Sistema Municipal de Indicadores e Georreferenciados para Planejamento e Gestão de Campo Grande

SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRE	Tribunal Regional Eleitoral
UCP	Universidade Católica de Pernambuco
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UPA	Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

2 COMUNICAÇÃO E TELEJORNALISMO 22

2.1 A Comunicação 22

2.2 A Comunicação Mediatizada 24

2.3 Jornalismo e Sociedade 29

2.4 O Jornalismo e o Valor simbólico 32

2.5 Telejornalismo 38

2.5.1 Telejornalismo no Brasil 40

2.5.2 O telejornalismo nacional 44

2.5.3 Telejornalismo local 46

2.6 Oligopólios e relações de poder 48

2.7 As emissoras e seus produtos 50

2.7.1 A TV Anhanguera 50

2.7.2 A TV Morena 54

2.7.3 A TV Centro América 56

2.8 O objeto de pesquisa e a academia 57

2.9 O objeto e a participação popular 64

3 PARA REFLETIR SOBRE O COMUNITÁRIO 74

3.1 Conceitos de Jornalismo Comunitário 74

3.2 O telejornalismo comunitário da Rede Globo 77

3.3 Nos moldes de uma Televisão Comunitária 81

3.4 O jornalismo popular ou sensacionalista 86

3.5 Jornalismo cívico 89

3.6 Jornalismo de proximidade 92

4 A CIDADANIA DA QUAL FALAMOS 95

4.1 Conceitos de cidadania 95

4.2 A Cidadania no Brasil 97

4.3 Telejornal e o show da cidadania? 99

4.4 Cidadania e comunidade imaginada 100

4.5 A Subcidadania 104

5 O CAMINHO PERCORRIDO PARA ENCONTRAR AS RESPOSTAS 106

5.1 A pesquisa e o método 106

5.2 Método Jornalismo comparado.....107
5.3 Análise de conteúdo.....108
5.4 Os procedimentos (coleta, categorização, codificação).....111
5.5 A análise.....114
5.6 O texto, a imagem e o som.....115
6 UM OLHAR SOBRE OS RESULTADOS.....120
6.1 Análise quantitativa.....120
6.2 Análise qualitativa do corpus.....129
6.3 Análise quantitativa dos questionários.....133
6.4 Análise qualitativa das unidades jornalísticas.....144
7 CONCLUSÕES.....208
7.1 Jornalismo de Vizinhança: a proposta de um conceito.....208
7.2 Considerações.....211
REFERÊNCIAS.....216
ANEXOS.....226
APÊNDICE.....308

1 INTRODUÇÃO

A ideia desta investigação surgiu em 2012, quando eu ainda trabalhava em uma redação de TV de uma emissora em Goiânia e passei a observar a relação do telejornalismo local com o aspecto comunitário e a promoção da cidadania.

A partir daí surgiu a intenção de estudar o assunto à luz de autores que abordam a relação entre telejornalismo e cidadania, de forma a ir além da experiência profissional e do senso comum. Durante o período vivido na redação era comum observar a propagação da ideia de que o jornalismo, em especial o que mostrava algum problema de infraestrutura nos bairros da cidade, fosse denominado de telejornalismo cidadão ou telejornalismo promotor da cidadania, a partir do modelo promovido pela Rede Globo e denominado de telejornalismo comunitário. A questão que se impôs foi: Até que ponto essa premissa do telejornalismo autodenominado 'comunitário' é realmente verdadeira como promotor da cidadania?

A relação do jornalismo e, mais especificamente, do telejornalismo como promotor da cidadania, é um dos questionamentos que incomodam a academia, estando presente em importantes estudos que contribuem para estas discussões. No entanto, Otre (2020) chama a atenção para o denominado 'esvaziamento de sentido' de algumas expressões que são incorporadas no nosso dia a dia e que acabam simplificando processos complexos. Parece ser este o caso da utilização da expressão 'jornalismo comunitário', principalmente quando ela é praticada por grandes emissoras de comunicação, a chamada grande mídia.

O ponto de partida deste trabalho, portanto, é a própria investigação do que é esse jornalismo autodenominado de 'comunitário', onde se originou e em qual contexto está inserido. Dessa forma, o tema deste trabalho, conforme está detalhado nas próximas seções, aborda a relação do telejornalismo autodenominado 'comunitário' – que corresponde ao jornalismo veiculado pelas emissoras que estão ligadas formalmente à Rede Globo de Televisão – com a promoção da cidadania.

Com essa finalidade, foram analisados, como objeto deste estudo, os jornais locais veiculados no meio do dia pelas emissoras afiliadas à Rede Globo de Televisão nos estados que compõem a região Centro-Oeste. Acrescenta-se ainda que a amostragem não inclui o telejornal de Brasília, uma vez que o Distrito Federal, apesar de estar geograficamente no Centro-Oeste, possui características diferenciadas em função de ser a sede política do País. Em Goiânia, capital de Goiás, é exibido o Jornal Anhanguera 1ª edição ou JA1. Em Campo Grande, no estado do Mato Grosso do Sul, é exibido o MSTV, e, em Cuiabá, estado do Mato Grosso, é exibido o MTTV.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi o de investigar, de maneira comparativa e qualitativa/quantitativa, como os assuntos relacionados às demandas do cidadão e, principalmente, em relação às questões ligadas à prestação de serviço público – que são obrigações do Estado enquanto promotor do bem-estar social, são apresentadas nas reportagens dos telejornais locais da Rede Globo nas capitais de três estados da região Centro-Oeste: Goiânia, Campo Grande e Cuiabá. Buscou-se entender como essa relação se dá a partir da inserção do autodenominado telejornalismo 'comunitário', proposta desenvolvida pela emissora mais incisivamente a partir da década de 1980. Essa discussão é importante, pois se insere nas reflexões sobre a relação do telejornalismo com os direitos do cidadão, não raramente negligenciados, tanto no que diz respeito ao Estado como também nas rotinas de produção do telejornal local.

Na trajetória destes estudos, considera-se também que, no Brasil, os telejornais surgiram na década de 1950, praticamente junto com a TV, e possuem uma história carregada tanto de crises quanto de bons momentos. E que, ainda hoje, mesmo com o advento da internet e das redes sociais, o telejornalismo é a principal fonte de informação do brasileiro, tendo, a seu favor, a gratuidade – no caso da TV aberta, a rapidez e a comodidade.

O telejornalismo no Brasil tornou-se uma espécie de praça eletrônica para discussão dos problemas da sociedade. O telejornalismo autodenominado 'comunitário' segue, portanto, a proposta de dar, a um indivíduo ou a um grupo pertencente a uma comunidade, voz e visibilidade para expor seus problemas. O telejornal funcionaria, assim, como espaço mediador entre a população e o Estado.

De acordo com o site Educa IBGE (BRASIL, 2018), a televisão está presente em quase todos os domicílios brasileiros. A pesquisa, publicada em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que, considerando-se todos os domicílios pesquisados (69 milhões), a televisão está presente em 96,3% deles. Em relação aos percentuais encontrados de televisão tela fina, a região Sudeste aparece com maior percentual, 73,8%. A região Centro-Oeste aparece em terceiro lugar, com 69,1% dos domicílios com este tipo de aparelho. Uma pesquisa feita pelo Kantar Ibope em 2020, já no período da pandemia do novo coronavírus, mostra que o número de TVs ligadas aumentou, com mais gente em casa devido às medidas de restrição impostas pelas autoridades sanitárias. E, dessa forma, o jornalismo se tornou a fonte de informação para muitas pessoas que fugiam das *fake news* nos grupos de WhatsApp. Na TV aberta o jornalismo da Rede Globo registrou avanço nos números. No dia 17 do mês de março de 2020, de acordo com o site do UOL, a emissora teve a maior audiência ao longo do dia, com

20 pontos de média, o que revela um crescimento de 18% em relação ao ano anterior e se aproxima da maior audiência registrada, ocorrida em junho de 2018, época da copa do mundo.

Em termos práticos, propôs-se uma pesquisa em campo conduzida a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Entende-se que essa ferramenta se configura como a mais adequada a este tipo de investigação porque, no caso da análise de conteúdo, ela está presente desde os primeiros trabalhos de *communication research* até as pesquisas recentes. E esse método tem demonstrado grande capacidade de adaptação aos problemas da comunicação.

A análise de conteúdo apresenta grande capilaridade e é utilizada em diversos campos do conhecimento, não só nas Ciências Sociais ou mais precisamente na comunicação e no jornalismo. A análise de conteúdo surgiu, a princípio, como forma de suprir a necessidade de mensuração dos padrões de mensagens midiáticas. Um dos pioneiros na aplicação da análise de conteúdo na comunicação foi Harold Lasswell, que realizou análises de imprensa e propaganda. Na América Latina o método ganhou força com Jacques Kayser e serviu como base metodológica para o clássico 'Duas semanas na imprensa latino americana' (1967).

Apresenta-se, na pesquisa, uma atualização bibliográfica sobre o assunto e um levantamento qualitativo das reportagens com essa abordagem (comunitária) nos telejornais locais. A proposta compreende uma observação de reportagens exibidas nos telejornais no ano de 2020 e escolhidas de forma sequencial nos meses de junho e julho, com uma amostragem total composta por 86 unidades jornalísticas. Levando em consideração algumas mudanças e restrições de circulação nas redações feitas em função da pandemia do novo coronavírus, as reportagens foram acompanhadas e analisadas a partir da exibição na plataforma Globo Play, que armazena os telejornais locais e nacionais na íntegra ou em VTs separados.

As reportagens foram assistidas e transcritas para execução da análise de conteúdo com base em uma tabela de categorização elaborada pela autora. Não houve gravação do material. Em uma primeira fase, para realização do pré-teste, foram coletadas 15 reportagens de cada emissora, perfazendo um total de 45 reportagens. Entretanto, foram usadas, como pré-requisito para qualificação da pesquisa no PPGCOM, apenas cinco reportagens de cada emissora. Esta etapa do trabalho foi importante para levantar quais os temas mais comuns que são abordados pelo telejornalismo autodenominado 'comunitário', além de investigar: quem fala, como fala, o espaço dedicado ao tema e recursos de edição. A observação incluiu, ainda, verificar se existe a participação de uma autoridade discutindo o assunto, por meio de entrevista gravada ou participação ao vivo, e como se dá essa participação.

O trabalho está organizado, após esta introdução, em cinco capítulos, sendo que em três deles busca-se delinear o referencial teórico. No primeiro capítulo trata-se da comunicação e

do telejornalismo. São discutidos aspectos do telejornalismo local, o valor simbólico e a inclusão no imaginário do telespectador/indivíduo e no imaginário da comunidade; além de se discorrer sobre o jornalismo como elemento de mediação e o papel do jornalismo na sociedade. Neste capítulo também é abordada a formação da rede de afiliadas da Rede Globo, bem como de aspectos particulares de cada emissora (TV Anhanguera, TV Morena e TV Centro América), características do objeto e da participação popular e a proposta de telejornalismo comunitário da Rede Globo.

No segundo capítulo discorre-se sobre a comunicação e a comunicação midiatizada, situando os meios de comunicação e, em especial, a televisão e o telejornalismo como dispositivos de transformação da sociedade; também sobre a função do jornalismo e sua importância dentro de uma sociedade democrática. O capítulo traz, ainda, as possibilidades de abordagem do material jornalístico – como: o sensacionalista, o popular, o cívico e de proximidade – com o intuito de esclarecer os conceitos e comparar com a proposta de telejornalismo comunitário desenvolvida pela Rede Globo. Destaca-se aqui que a Rede Globo é um grande conglomerado de comunicação que está inserido em um mercado globalizado altamente competitivo.

Por sua vez, no terceiro capítulo são apresentadas reflexões sobre a cidadania, trazendo alguns conceitos e como foi desenvolvida a cidadania no Brasil. Discute-se também acerca da cidadania e da comunidade imaginada e do telejornalismo como show de cidadania, além de se abordar a comunicação comunitária – que na América Latina teve seus estudos iniciados entre as décadas de 1960 e 1970 – e o jornalismo comunitário. O quarto capítulo é dedicado à metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho, apresentando-se os conceitos de método, pesquisa, jornalismo comparado e análise de conteúdo a partir de Bardin (2011), que organiza a experimentação a partir de três polos: a pré-análise, a exploração do material e tratamento dos resultados, a inferência e interpretação. Para melhorar a visualização das palavras usadas nos textos foi criada uma nuvem de palavras a partir do *software* gratuito Iramuteq. No quinto capítulo estão os resultados da pesquisa com a apresentação de tabelas referentes à análise quantitativa, assim como a análise de conteúdo referente à análise qualitativa. Também são apresentadas a conclusão e as contribuições do trabalho com a proposta de um conceito de jornalismo de vizinhança a partir do modelo de jornalismo autodenominado ‘comunitário’ da Rede Globo.

Esta pesquisa se justifica pelo destaque que a televisão e o telejornalismo, em particular, adquiriram no dia a dia das pessoas, principalmente aquelas que não têm outra fonte de informação, e ainda pelo papel de mediação com o que ocorre no mundo e a compreensão dos

fatos. Percebe-se, assim, a necessidade de conhecer melhor o processo de mudanças sofridas pelos telejornais locais, não só pressionados pela audiência e pelo setor político-econômico, mas também no sentido de dar voz ao cidadão comum na reivindicação de suas demandas.

Considerando que a proposta para este trabalho era desvendar como é apresentado o conteúdo do telejornalismo autodenominado 'comunitário' desenvolvido pelas emissoras afiliadas à Rede Globo na Região Centro-Oeste, analisando se e como este telejornalismo pode ser considerado comunitário e promotor da cidadania, a questão problema principal que norteou esta pesquisa foi: Como as diferentes emissoras afiliadas nas capitais da região Centro-Oeste desenvolvem o modelo do jornalismo comunitário e aplicam esse conteúdo de valor simbólico da defesa/consolidação cidadania? Para avançar nessa análise foi importante responder às seguintes questões, que se configuram como hipóteses secundárias:

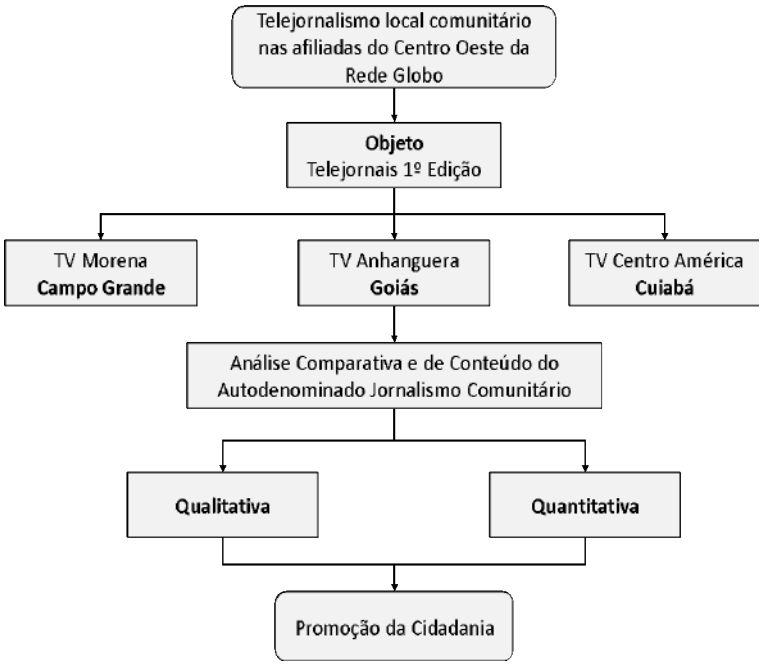
a) Considerando que o contexto da globalização tem levado à queda de audiência, então o telejornalismo autodenominado 'comunitário' é feito de forma a privilegiar elaboração de conteúdo que contemple as demandas da população dos bairros periféricos apenas como forma de garantir a audiência das emissoras locais e como subterfúgio de promoção de uma pseudo cidadania;
b) O telejornalismo autodenominado 'comunitário' se coloca como a voz da comunidade, mas não abre espaço para debates ou discussões aprofundadas, limitando-se a abordar, prioritariamente, aspectos relativos à infraestrutura da cidade sem apresentar uma agenda cidadã.

Dessa forma, esta tese segue a lógica do fluxograma ilustrado pela Figura 1.

A comunicação e o jornalismo são conceitos básicos trabalhados nesta pesquisa, principalmente quando se aborda o impacto da comunicação e do jornalismo na sociedade através de um produto como os telejornais de grandes emissoras afiliadas a um potente conglomerado de comunicação. Sendo assim, os estudos sobre a comunicação e as manifestações jornalísticas são objeto de estudo da academia.

Parte da base teórica que dá sustentação a esta pesquisa vem das reflexões sobre comunicação feitas por José Marques de Melo. O professor José Marques de Melo foi jornalista e pesquisador reconhecido nacional e internacionalmente por se dedicar aos estudos teóricos da comunicação e do jornalismo no Brasil e na América Latina.

Figura 1- Fluxograma de pesquisa



Fonte: Elaboração própria (2022).

O pesquisador aborda o campo da comunicação onde está inserido o jornalismo e, consequentemente, o telejornalismo. Ele comenta historicamente as primeiras pesquisas feitas nesse campo, mostrando, assim, a evolução na abordagem do assunto. Para o autor, a pesquisa em comunicação compreende, portanto:

> O estudo científico dos elementos que integram o processo comunicativo, a análise de todos os fenômenos relacionados ou gerados pela transmissão de informação sejam dirigidas a uma única pessoa, a um grupo ou a um vasto público. (MELO, 1998, p. 20).

Ao abordar a imprensa comunitária, Melo (2006) questiona a aceitação de que determinadas modalidades de imprensa que são consideradas discriminadas – como a imprensa negra, a imprensa religiosa ou mesmo a imprensa de imigrantes – podem ser chamadas, no modelo brasileiro, de comunitárias. O autor defende que "[...] uma imprensa só pode ser considerada comunitária quando se estrutura e funciona como meio de comunicação autêntico de uma comunidade" (MELO, 2006, p. 126) e reforça que uma imprensa comunitária é produzida pela e para a comunidade.

Abordando a comunicação e o telejornalismo, outro autor da base teórica é o professor Ciro Marcondes Filho, que contribui com esta pesquisa não só no sentido histórico de evolução do jornalismo, mas principalmente na reflexão sobre o jornalismo e as forças econômicas. Para o professor, os grandes conglomerados de comunicação estão interessados em vender a notícia,

que é um produto como outro qualquer dentro da lógica capitalista. Para Marcondes Filho (1989, p. 11) criar jornais é "[...] elevar a alta potência o interesse que têm indivíduos e grupos em afirmar publicamente suas opiniões e informações". E, ainda:

> É uma maneira de dar eco a posições pessoais, de classe ou de nações através de um complexo industrial - tecnológico, que além de preservar uma suposta impessoalidade, afirma-se, pelo seu poder e soberania como "a verdade". (MARCONDES FILHO, 1989, p. 11).

A comunicação da qual se fala nesta pesquisa é a comunicação mediatizada, para a qual se encontra suporte em Marcondes Filho (2013) e em Martino (2014, 2019). A comunicação mediatizada teve origem nos estudos da Teoria do Meio, da qual são precursores Harold Innis e Marshall McLuhan.

Na obra do sociólogo inglês John B. Thompson buscou-se o conceito de interação mediada e quase interação mediada. No livro 'A mídia e a modernidade' o autor propõe uma análise sociológica da mídia, segundo a qual ela é apresentada sob a ótica das formas de interação que ela cria entre os indivíduos. Para o autor, a principal consequência do desenvolvimento da mídia na modernidade "[...] consiste na possibilidade de agir tendo em vista um outro que conhece apenas a imagem da minha ação" (THOMPSON, 1999, p. 7).

Os pesquisadores Beltrão e Quirino (1986) apresentam contribuição teórica sobre jornalismo e sociedade comentando as distorções sofridas pelo jornalismo ao longo de sua história e o papel que deve desempenhar como apresentador do quadro da atualidade, proporcionando conhecimento à comunidade e condições de opinar e participar da ação construtiva da paz, do progresso e da ordem social.

A pesquisadora Ana Carolina Pessôa Temer se destaca pelos estudos desenvolvidos sobre televisão, telejornalismo e, consequentemente, a comunicação mediatizada envolvendo principalmente o telejornalismo desenvolvido pela Rede Globo de Televisão. Temer (2014b) discorre sobre a natureza do jornalismo na sociedade e o papel do telejornalismo na visão de percepção do mundo. De acordo com ela, no telejornalismo o poder da imagem cinética funciona como elemento que reforça a credibilidade da mensagem.

> É, portanto, por meio das imagens que o telejornalismo irá apregoar sua objetividade e neutralidade, irá construir sua credibilidade e conquistar o receptor ou, nos termos utilizados pela televisão, a audiência. (TEMER, 2014b, p. 189).

Em Sodré (2009) buscou-se o conceito de jornalismo e valor simbólico ou jornalismo e capital simbólico, que envolve um conjunto de modos de dominação ligados às estruturas de poder.

Para falar sobre cidadania construiu-se um tripé com as colaborações de três autores considerados pertinentes para esta pesquisa. São eles o sociólogo britânico Marshall (1967) e suas primeiras teorias sobre a constituição da cidadania, a igualdade política e a desigualdade econômica. A escritora e filósofa espanhola Adela Cortina, que acredita que a cidadania está relacionada à noção de pertencimento a uma comunidade política. A autora afirma que

> [...] o cidadão é o que se ocupa das *questões públicas* e não se contenta em se dedicar a seus assuntos privados, mas é também quem sabe que a *deliberação* é o procedimento mais adequado para tratar dessas questões, mas que a violência, mas que a imposição, mas até que a votação, que será apenas o recurso último, quando já se tiver empregado convenientemente a força da palavra. (CORTINA, 2005, p. 35).

O autor brasileiro José Murilo de Carvalho colabora com a pesquisa no sentido de esclarecer o desenvolvimento histórico da cidadania no Brasil. Em terras brasileiras o autor destaca que a escravidão foi o fator mais negativo da cidadania, já que a escravidão não constitui ambiente favorável para a formação de futuros cidadãos.

> Os escravos não eram cidadãos, não tinham os direitos civis básicos à integridade física (podiam ser espancados), à liberdade e, em casos extremos, à própria vida, já que a lei os considerava propriedade do senhor, equiparando-os a animais. (CARVALHO, 2010, p. 21).

Assim, o autor transita por vários períodos históricos do Brasil fazendo relação com o desenvolvimento de direitos civis, políticos e sociais e, inclusive, ressaltando a ordem acerca de como esses direitos chegaram ao Brasil.

Para expor a ideia de formação de um padrão especificamente periférico de cidadania e de subcidadania, Souza (2006) busca amparo na obra de Florestan Fernandes e na análise de como o ‘povo’ emerge na história brasileira. O processo de desagregação da ordem servil e senhoral começa com o abandono do negro liberto à sua própria sorte. Misturada à marginalização da população negra, que se soma aos dependentes rurais brancos e compõe o conjunto do que o autor chama de ‘gentinha’ ou ‘ralé nacional’. A legitimação das desigualdades sociais, econômicas e políticas é terreno fértil para o surgimento das categorias de cidadão e subcidadão. Essa reflexão é importante neste trabalho para explicitar a condição de subalternidade a que muitos moradores de bairros periféricos estão sujeitos.

Dentro das discussões sobre cidadania e comunidade propostas neste trabalho é importante destacar a ideia apresentada por Benevides (2016) sobre cidadania ativa e passiva, principalmente quando se cobra do Estado benefícios que favoreçam o bem-estar social das populações periféricas, mas não se fala no cidadão ativo que participa das discussões e ocupa seus espaços na esfera pública.

Propõe-se, ainda, uma reflexão sobre a comunidade da qual se fala. Em Charles Mills buscou-se uma abordagem das ligações existentes entre o ambiente social pessoal imediato – aquele que imaginamos, e o mundo social impessoal que está à nossa volta e colabora para moldar o indivíduo. Assim, à medida em que a sociedade se desenvolve e cria novos laços de relacionamentos e formas de consumo, é preciso avaliar as estratégias de comunicação que são desenvolvidas como dispositivos relevantes dessas mudanças.

2 COMUNICAÇÃO E TELEJORNALISMO

Já a algum tempo o autodenominado jornalismo ‘comunitário’ da Rede Globo vem despertando o interesse da academia. Cada pesquisador, com um recorte específico, busca compreender melhor a questão. Mesmo que alguns insistam que esse é um conceito posto e consolidado, à academia cabe contextualizar e discutir o assunto, seus diferentes aspectos e em diferentes épocas. Antes de discorrer sobre o objeto de pesquisa é importante fazer uma introdução sobre a comunicação e seu campo de estudo, e, principalmente, sobre a comunicação mediatizada, que interessa a este trabalho.

2.1 A Comunicação

A comunicação está em todo lugar, somos movidos e somos produtos da comunicação. Em uma perspectiva histórica da comunicação, Temer (2014b) afirma que cada ação de comunicação desenvolvida modificou interna e externamente as comunidades que as desenvolveram. Desde as pinturas rupestres nas cavernas até os escritos dos eruditos, cada ação de comunicação demanda racionalidade. De fato, a citada autora classifica a comunicação humana como uma ação não instintiva, uma segunda natureza, onde transmitir uma informação envolve criar uma ordem lógica para narração dos fatos (TEMER, 2014b). Esta perspectiva está baseada no fato de que o ato de comunicar envolve uma intenção e toda intenção implica em uma forma de persuasão.

Em um conceito que implica na noção de que a comunicação exige participação, interação, envio e recebimento de novas informações, pode-se citar Fiske (1990), para quem a comunicação pode ser entendida como interação social por meio de mensagem e que qualquer uso de linguagem se caracteriza como processo de comunicação. A essa percepção Temer (2009a) acrescenta que a comunicação envolve manipulação de ideias, ao contrário de outras atividades que envolvem manipulação de objetos. Dessa forma, a comunicação faz parte do ser humano e, uma vez que ele não vive isolado, é também é um fenômeno social.

Para Marcondes Filho (2013) a comunicação clássica existe desde as primeiras formações humanas. Ela acontece através da fala, das marcas, dos desenhos em cavernas quando o homem desenvolveu os primeiros sinais gráficos e sonoros. Na obra ‘O rosto e a máquina’ o autor afirma que a comunicação pode ter duas formas: direta (face a face) ou por meio de intermediações. Ainda segundo o autor,

> Esta segunda categoria é a da comunicação escrita entre pessoa e pessoa (cartas, bilhete, avisos), entre instituições e pessoas (decretos de governos, prescrições de poderes religiosos, ordens militares), entre pessoas e a sociedade (literatura, anúncios, etc.), todas realizadas sobre um suporte físico (papel, placa, inscrição oficial) e na forma analógica. (MARCONDES FILHO, 2013, p. 15-16).

Segundo Melo (1998), as primeiras pesquisas sobre comunicação apareceram ainda no século III aC. Era a fase dos Sofistas (acrobatas intelectuais) e compreende os estudos feitos por Platão, Aristóteles e seus discípulos. A comunicação interpessoal é vista sob a perspectiva da persuasão dirigida às massas em recintos oficiais ou em praças públicas. Os estudos sobre a retórica chegaram a um nível em que o grupo foi considerado danoso e ficaram conhecidos como aqueles que ludibriam pelas palavras e submetiam os homens pela mente. Do grupo dos Sofistas quem desenvolveu mais amplamente a retórica foi Aristóteles, que analisou o fenômeno da comunicação interpessoal, separando ciência da ética, livre das considerações sobre o bem e o mal. Melo (1998) pontua que essa análise se apresenta em fenômenos que hoje são objeto de estudo da Psicologia.

> Ao definir retórica como "a faculdade de discernir os possíveis meios de persuasão em cada caso particular", Aristóteles já demonstrava utilizar princípios rudimentares da psicologia, então cognominada "ciência da mente". (MELO, 1998, p. 41).

De acordo com Melo (1998), na segunda fase da pesquisa em comunicação, no século XVIII, os Enciclopedistas[1] franceses são o que o autor considera como um salto gigante em relação aos estudos de Aristóteles. É a enciclopédia que registra, pela primeira vez, a ciência de comunicar com os esquemas de Francis Bacon e Jean le Rond D'Alembert. Foram os Enciclopedistas, grupo formado por intelectuais de uma geração revolucionária, que ampliaram os estudos sobre comunicação interpessoal e aprofundaram as discussões sobre linguística e educação; e ainda iniciaram os estudos sobre comunicação coletiva, mesmo que restrita à mensagem literária (crítica) (MELO, 1998).

Buscando uma unificação pelo discurso, Francis Bacon concebeu a 'ciência de comunicar' em três grupos: Ciência do Instrumento, Ciência do Método e Ciência do Ornamento e acrescentou a Crítica e a Pedagogia como pertencentes ao conjunto de ciências da comunicação.

[1] O Enciclopedismo foi um movimento filosófico cultural com berço na França, liderada por Denis Diderot e Jean d'Alembert que buscava catalogar todo o conhecimento humano e teve contribuições de Voltaire, Montesquieu, Rousseau, Buffon e do Barão D'Holbach. Fonte: conceitos.com/enciclopedismo/

Apesar do avanço dos enciclopedistas, Melo (1998) ressalta que eles deixaram de analisar o fenômeno da comunicação jornalística que começava a se afirmar a partir da publicação dos primeiros jornais e panfletos. Segundo o autor, somente no final do século XIX que surgiu uma série de estudos sobre os meios de comunicação coletiva e seus efeitos. Nessa época, jornais, livros e volantes circulavam em todo mundo, interferindo nos destinos da civilização. Na Alemanha a quinta edição da enciclopédia (1819-1820) traz os primeiros estudos sobre jornais, liberdade de imprensa e opinião pública. Melo (1998) também destaca Alexis Tocqueville, que estudava a significação social da imprensa; James Bryce, que se dedicou ao fenômeno da opinião pública, principalmente nos Estados Unidos; Gabriel Tarde, estudioso da psicologia social; e Max Weber, sociólogo alemão que formulou as bases de uma sociologia da comunicação.

2.2 A Comunicação Mediatizada

França (2010) afirma que a comunicação, enquanto processo social básico de produção e partilhamento do sentido através da materialização de formas simbólicas, sempre existiu na história humana, não foi invenção da imprensa ou da internet. A modernidade não descobriu a comunicação, apenas a problematizou. Segundo Temer (2009a), foi a partir da consolidação do sistema capitalista moderno que a comunicação mediada surgiu como elemento que integra a base da sociedade industrial urbana cuja marca é o capitalismo avançado.

Marcondes Filho (2013) se refere à comunicação mediada tecnologicamente como sendo aquela comunicação por irradiação porque parte de um centro emissor, geralmente conhecido, e é difundida por receptores normalmente desconhecidos. O marco histórico para esse tipo de comunicação é o início no século XV, com a invenção da máquina de impressão tipográfica, que favoreceu a multiplicação industrial de livros e revolucionou o mundo; promoveu a diminuição do poder da igreja, a expansão mercantil, a difusão de novas realidades, a ascensão da burguesia e a constituição da sociedade capitalista. Cita ainda a comunicação das formas digitais de processamento de dados comunicacionais, que surgiu após a II Guerra Mundial, mas foi instalada efetivamente na década de 1970, quando foi criada a internet – a rede descentralizada e universal de computadores que o citado autor chama de comunicação virtual ou espectral. Ele diz também que:

> Com o advento dessa nova forma de comunicação desaparecem os suportes físicos da comunicabilidade, muda o sistema de armazenamento (de analógico para digital), quebra-se o caráter compacto dos produtos culturais que, a partir daí, tornam-se

> livremente manipuláveis e moldáveis, instalando-se -com isso, uma cultura da dissolução, recombinação e volatilidade dos dados. (MARCONDES FILHO, 2013, p. 16-17).

Ao falar sobre comunicação mediatizada é importante fazer uma reflexão sobre a Teoria do Meio. De acordo com Martino (2014), dois autores podem ser diretamente vinculados a essa teoria em uma primeira fase, que vai de 1950 a 1960, e que aparece com mais força na chamada Escola de Toronto, no Canadá. São eles: Harold Innis e Marshall McLuhan. Em uma segunda fase destaca-se o britânico Joshua Meyrowitz e o canadense Derrick de Kerckhove.

Martino (2014) explica, em linhas gerais, que Harold Innis, embora com uma formação acadêmica na área da economia, foi o primeiro a enxergar as pesquisas em comunicação não com foco nas análises sobre os efeitos dos meios e sim no que os próprios meios tinham de específico, e destaca a centralidade dos meios como sendo fundamental para compreensão da comunicação. Na perspectiva de Harold Innis, o fato de uma notícia ser veiculada, por exemplo, na televisão, não diz respeito apenas ao conteúdo em si, mas também por esse conteúdo ser mostrado em um meio com características específicas que afetam a mensagem. A ideia central de Harold Innis é que o meio de comunicação usado por uma sociedade, em cada período da história, está vinculado ao modo como essa sociedade se organiza política, econômica e culturalmente. A televisão é, sem dúvida, um importante meio de comunicação do século XX e, como tal, tem poder de influenciar no modo de percepção do indivíduo da sociedade da qual ele faz parte, sendo que o telejornal é um dos produtos mais característicos desse meio de comunicação.

Para McLuhan (1975) os meios de comunicação interferem na forma como percebemos o mundo ao nosso redor. O autor afirma que o meio é a mensagem. Se por um lado a automação (tecnologia) cria novos padrões de associação humana e até elimina empregos, por outro, cria e recria os papéis que as pessoas devem desempenhar.

> [...] porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas. O conteúdo ou usos desses meios são tão diversos quão ineficazes na estruturação da forma das associações humanas. Na verdade não deixa de ser bastante típico que o "conteúdo" de qualquer meio nos cegue para a natureza desse mesmo meio. (MCLUHAN, 1975, p. 21).

McLuhan (1975) diz ainda que os meios de comunicação (mediação técnica/ paradigma midiológico) são uma extensão do homem. Para o autor esses meios podem ser quentes ou frios.

> Há um princípio básico pelo qual se pode distinguir um meio quente, como o rádio, de um meio frio, como o telefone, ou um meio quente, como o cinema, de um meio

> frio, como a televisão. Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em "alta definição". Alta definição se refere a um estado de alta saturação de dados. [...] O telefone é um meio frio, ou de baixa definição, porque ao ouvido é fornecida uma magra quantidade de informação. A fala é um meio frio de baixa definição, porque muito pouco é fornecido e muita coisa deve ser preenchida pelo ouvinte. De outro lado, os meios quentes não deixam muita coisa a ser preenchida ou completada pela audiência. Segue-se naturalmente que um meio quente, como o rádio, e um meio frio, como o telefone, têm efeitos bem diferentes sobre seus usuários. (MCLUHAN, 1975, p. 38).

A TV é considerada como meio frio porque permite mais participação do indivíduo, que é um meio quente. É na TV que o indivíduo enxerga sua comunidade e seu problema e, assim, raramente questiona o conteúdo, alimentando a utopia de participação. McLuhan (1975) também entende que o meio de comunicação funcionava como uma espécie de prótese técnica apta a prolongar o corpo humano e a estender sentidos elementares, intensificando a percepção.

McLuhan (1975) desenvolve a ideia de 'aldeia global', referindo-se à interdependência eletrônica que interage com a realidade, dando mais espaço aos signos audiovisuais e formando uma grande teia democrática no sentido de abrigar todos os pensamentos. Para ele o avanço proporcionado pelo desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação encurta distâncias e facilita trocas culturais, criando uma grande aldeia onde todos estariam conectados.

Outro autor relevante é Thompson (1999), que destaca que durante a maior parte da história humana a interação entre os indivíduos se deu face a face, mas o desenvolvimento dos novos meios de comunicação criou novas formas de interação e novos tipos de relacionamentos sociais. O autor diz ainda que a interação se dá mesmo que os indivíduos não partilhem do mesmo ambiente e/ou espaço-tempo, e cita três tipos de interação: face a face, mediada e 'quase interação mediada'. Nessa pesquisa o interesse está no que o autor chama de 'quase interação mediada', que envolve as relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa como rádio e televisão. Para Thompson (1999) esse tipo de interação implica em uma extensa disponibilidade de informação e conteúdo simbólico no espaço e no tempo; ou, em outras palavras:

> [...] a interação quase mediada se dissemina através do espaço e do tempo. Em muitos casos ela também envolve um certo estreitamento do leque de deixas simbólicas, se comparada a interação face a face. (THOMPSON, 1999, p. 79).

É pertinente explicar aqui que, quando o autor menciona 'deixas simbólicas' está se referindo à palavra acompanhada de piscadelas e gestos, franzimento de sobrancelhas e sorrisos, mudanças de entonação, entre outras expressões. Essas deixas simbólicas estão presentes no

telejornalismo e particularmente no telejornalismo comunitário, onde o sujeito falante, que reclama de algum problema, tem toda a atenção do repórter. Ele (o repórter) entra na casa do falante (ou dos falantes), caracterizando intimidade, chama pelo nome, dá tapinhas nas costas, às vezes até abraça, fala com respeito e tom de amizade, entre sorrisos e até gracejos. Com a autoridade o tom é respeitoso, cordial (mas sem tanta intimidade), mas com uma certa nuance que remete à cobrança quanto à resolução de um problema.

Dois aspectos chave são determinantes para diferenciar a 'quase interação mediada' das demais: o número de receptores em potencial e o caráter monológico, ou seja, o fluxo é predominantemente em sentido único. Thompson (1999, p. 19) destaca que assim ela cria certo tipo de "[...] situação social em que os indivíduos se ligam uns aos outros em um processo de comunicação e intercâmbio simbólico". A obra de John B. Thompson aborda uma sociedade mediatizada onde o espaço público é compartilhado pelos cidadãos que discutem as informações recebidas pela mídia.

Dessa forma, pode-se considerar que a 'interação quase mediada' descrita por Thompson (1999) é feita pela televisão – e, neste caso específico, pelo telejornalismo, produzindo formas simbólicas para vários indivíduos, que estão em diferentes espaço-tempo e nem sempre têm uma ação imediata de resposta, mas podem se identificar e até mesmo criar laços de afinidade. Apesar da diferenciação apontada, o autor deixa claro que não há um esgotamento de possíveis cenários de interação e não nega que podem existir situações de interação criadas pela mídia.

A retomada das discussões sobre mediação na Escola Latino Americana a partir de 1987 se deu por meio do pesquisador espanhol Jesús Martín-Barbero. Na obra 'Dos meios às mediações' o autor usa o termo 'mediador' para indicar agentes seletores de conteúdos e diferentes formas de procedência ou como construtores de sentido em um lugar social definido (SIGNATES, 1998). Entretanto, segundo Signates (1998), o autor não se ocupa em trabalhar de forma conceitual a palavra mediação. Assim, Signates (1998) volta ao tema no texto 'Estudo sobre conceitos de medição', apresentado na revista Novos Olhares, do grupo de estudos sobre práticas de recepção e grupos mediáticos, e define que o significado mais corrente da palavra está ligado à ideia de intermediário e que, em uma visão behaviorista, cria estímulos e respostas em elos intermediários.

Ainda na Escola Latino Americana, Orozco Gómez (2005) também desenvolve ideias relacionadas à mediação e aqui dá-se destaque ao pensamento do autor sobre a mediação feita pela televisão. No texto 'O telespectador frente à televisão: numa exploração do processo de

recepção televisiva' o pesquisador mexicano diz que a televisão tem uma influência importante na constituição do telespectador.

> Para entender essa influência, tem-se que partir do fato de que a TV é ao mesmo tempo um meio técnico de produção e transmissão de informação e uma instituição social produtora de significados, definida historicamente como tal e condicionada política, econômica e culturalmente. Essa dualidade da TV confere à mesma um caráter especial e a distingue de outras instituições sociais, ao mesmo tempo em que lhe dá certos recursos para aumentar seu poder legitimador em relação ao telespectador. (OROZCO GÓMEZ, 2008, p. 29).

Orozco Gomes (2008) explica que há múltiplas mediações no ato de ver televisão e que esta envolve o antes, o durante e o depois. Sobre esse aspecto Bourdieu (1977) afirma que a televisão convida para a dramatização, no duplo sentido: exibe imagens de um acontecimento e exagera a importância e o caráter dramático. O banal se transforma no extraordinário. Bourdieu (1977, p. 25-26) destaca ainda que a televisão tem, particularmente, "[...] uma forma perniciosa de violência simbólica" que acontece com a cumplicidade tácita e também inconsciente dos que a sofrem e dos que a exercem.

Na obra 'Teoria das mídias digitais' Martino (2014) delineia alguns conceitos de mediatização. O autor diz que a palavra mediatização foi incorporada aos estudos da comunicação de forma mais contundente a partir dos anos 2000, "[...] mas o conceito ao qual o fenômeno se refere já acontecia há tempos" (MARTINO, 2014). Para muitos autores ela está relacionada ao fato de que as mídias ocupam lugar central nas experiências cotidianas. Martino (2014) alerta ainda que a palavra carrega um aspecto negativo conforme a visão de dois filósofos, Jean Baudrillard e Habermas. Para o primeiro a informação mediatizada, trabalhada pelos meios de comunicação, torna a realidade do mundo real cada vez mais opaca; para o segundo, em linhas gerais, as atividades cotidianas do 'mundo da vida' são mediadas pelo sistema e as regras burocráticas/administrativas de mercado. Na mesma obra Martino (2014) destaca o conceito da teoria da mediatização de Stig Hjarvard, um dos primeiros pesquisadores a sistematizar questões sobre mediatização. Em uma primeira definição, mediatização é:

> [...] o processo pelo qual relações humanas e práticas sociais se articulam com as mídias, resultando em alterações nessas atividades. É um conjunto de fenômenos que, espalhados pela vida cotidiana, tornam-se parte das atividades rotineiras de maneira tão intrincada que muitas vezes, por conta da proximidade, se tornam invisíveis ou, pelo menos, deixam de chamar atenção. (MARTINO, 2014, p. 239).

Em Martino (2019) o autor aborda outro conceito que parece interessante destacar nesta pesquisa, o de midiatização, que, segundo o autor, não cabe em apenas uma definição, mas

também tem seus limites. Ele argumenta que antes das definições é preciso levar em conta a diferenciação de grafia e tradução das palavras mediatização e midiatização. Seguindo a perspectiva de Livingstone (2009), o uso da expressão está longe de ser consenso, principalmente nos estudos anglo-saxônicos. Segundo este autor, nas pesquisas latino-americanas associadas aos estudos de José Martín-Barbero existe uma clara diferenciação entre os dois conceitos, mas nos estudos europeus o uso dos termos é intercambiável.

Dentre as possibilidades de conceitos citados por Martino (2019), destaca-se o de uma 'sociedade midiatizada' para se referir à presença ubíqua da mídia, sobretudo em sua dimensão como dispositivo tecnológico de comunicação. Adotando uma perspectiva teórica para o conceito de midiatização, o autor fala de uma articulação entre o ambiente midiático e as práticas sociais levando em conta o contexto histórico, político e social. Martino (2019) aborda três aspectos. São eles:

> (1) Articulação, não "influência" ou "efeitos", entre a (2) mídia, entendida, simultaneamente, como instituição e tecnologia e linguagem e (3) práticas sociais, compreendidas como ações cotidianas em seu contexto de desigualdades e conflitos históricos, econômicos e sociais. (MARTINO, 2019, p. 18).

O autor diz ainda que a mídia, diante das transformações sociais ao longo dos anos, deixou de ocupar um lugar à parte da sociedade e passou a ocupar um espaço dentro das práticas sociais. Assim, abandona-se a noção de 'mídia com' e passa-se a trabalhar com a noção de 'mídia na' sociedade. Entretanto, ele deixa claro que falar de midiatização ultrapassa a ligação de mídia e sociedade e se refere a um processo de entrelaçamento e transformação (MARTINO, 2019).

Dessa forma, diante dessa pluralidade, neste trabalho reforça-se a ideia da midiatização enquanto presença constante da mídia em inúmeros lugares como dispositivo tecnológico de comunicação, mas também como dispositivo de transformações decorrentes da presença da mídia no dia a dia da sociedade. Entende-se a televisão e os telejornais como dispositivos presentes no cotidiano das pessoas e que podem gerar variadas transformações, inclusive no que diz respeito à percepção de comunidade e suas reivindicações.

2.3 Jornalismo e Sociedade

O jornalismo é uma atividade diretamente ligada à construção da realidade social. Beltrão e Quirino (1986) entendem que a sociedade humana é formada por homens, mulheres

e crianças de várias gerações reunidas por força de tradição e que possuem crenças e sentimentos comuns; estas pessoas são dotadas de uma solidariedade natural que sobrepõe divergências grupais. Pessoas que vivem juntas em consenso sob determinada organização política, social e econômica que permite, por meio da soma de esforços, encontrar satisfação para suas necessidades e para defesa dos seus interesses (BELTRÃO; QUIRINO, 1986).

Para estes autores esse elemento permanece ainda hoje, embora a forma de organização e atuação das sociedades tenha variado através dos séculos. Nessa abordagem alguns grupamentos são específicos e persistentes, como é o caso da família e da comunidade local. Para Beltrão e Quirino (1986) estes dois grupamentos acabam ditando o comportamento coletivo e marcando a personalidade de seus membros, caracterizando gerações. Para falar sobre a evolução da sociedade os citados autores citam o antropólogo e linguista alemão Edward Sapir, que acreditava que a sociedade é diariamente estimulada por atos individuais de natureza comunicativa. E, dessa forma, sociedade e comunicação estão estreitamente vinculadas.

Para Beltrão e Quirino (1986) essa relação se efetiva na evolução do pensamento e da atividade do homem e é possível determinar o estágio civilizatório de uma sociedade pelas formas e instrumentos do sistema de comunicação. Sendo assim, a história da civilização é também a história da invenção de meios eficientes para difusão de informações. Nessa linha de raciocínio a escrita aparece como primeira solução para manter a ligação entre os indivíduos separados por longas distâncias e para a documentação de feitos e conquistas.

Beltrão e Quirino (1986) acrescentam ainda que os poderes dominantes perceberam a força da escrita e a monopolizaram. No Oriente foi através da escrita que as religiões encontraram uma arma para difusão e imposição de uma ordem social. Na Europa medieval a escrita também era monopolizada pela classe sacerdotal.

Esse processo foi fragilizado com a invenção da prensa com tipos móveis por volta de 1450, que acelerou a expansão educacional, possibilitada pelos livros; o que aumentou o número de alfabetizados, aperfeiçoou as línguas nacionais, criou os modernos Estados nacionais e possibilitou o surgimento dos jornais impressos. De acordo com Beltrão e Quirino (1986), esses fatores foram essenciais para implantar a ordem liberal democrática trazida pela revolução burguesa[2] no século XVIII. A nova sociedade liberal democrática, por sua vez, deu origem à sociedade de massa do século XIX, concretizada com o fenômeno da industrialização. Na sociedade contemporânea as massas ganham força como uma fusão de diferentes tipos de

[2] A revolução burguesa é um conjunto de movimentos sócio políticos ocorridos entre 1640 e 1850. Destacam-se as revoluções inglesa (Puritana e Gloriosa) e a Revolução Francesa (BELTRÃO; QUIRINO, 1986).

organização (BELTRÃO; QUIRINO, 1986). Nesse processo o jornalismo é uma resposta às novas necessidades de uma sociedade urbanizada e industrializada.

A ideia de sociedade de Temer (2014b) se aproxima muito da descrita por Beltrão e Quirino (1986) quando a autora define, como características do ser humano, a individualidade e a necessidade de viver em grupo (comunidade, sociedades) e que essa humanidade é dotada de uma curiosidade incessante.

Para Marcondes Filho (2013) o jornalismo é filho legítimo da Revolução Francesa e se expandiu a partir das lutas pelos direitos humanos, da destituição da aristocracia e do todo sistema herdado da Idade Média, difundindo o direito à informação. Assim, o aparecimento do jornalismo está ligado à queda do poder da igreja; o saber se espalha e passa a arruinar as bases de unidade religiosa, incluindo aí o surgimento do protestantismo e o crescimento das universidades.

Sobre o jornalismo e sua influência na sociedade, Temer (2014b) afirma que é uma atividade socialmente importante e institucionalizada a partir de compromissos e práticas específicas. A autora explica que um desses aspectos é justamente a inversão na lógica da notícia, que deixa de ser uma informação orgânica que circulava nos espaços públicos para ser uma informação investigada, checada e trabalhada pelo jornalismo. O jornalismo funciona como um filtro que, em conjunto com outros filtros técnicos, comerciais e políticos, confirmam que a informação é importante e merece ser divulgada (TEMER, 2014b).

Temer (2014b) confirma que a natureza do jornalismo está ligada à linguagem escrita. Jornalismo é, portanto, um código que se estabelece com o domínio do código anterior, em um processo duplamente codificado. Ou seja: a linguagem jornalística é definida por formatos, modelos de narrativas, que, por sua vez, configuram os gêneros jornalísticos. Da mesma maneira que a língua existe independente do jornalismo, também o jornalismo constitui uma linguagem própria (técnica e estética), que é compreensível aos receptores mesmo que estes não estejam totalmente familiarizados com a linguagem do jornalismo.

Marcondes Filho (2002) acredita que o jornalismo é a síntese do espírito moderno, a razão (verdade) se impondo sobre a tradição obscurantista, questionando autoridades, criticando a política e a confiança no progresso, no aperfeiçoamento constante da espécie. Entretanto, o autor ressalta que o preço cobrado por incorporar tão vibrantemente este espírito foi a falência do discurso humanista diante da sedução midiática irracional, principalmente da TV e das diferentes técnicas do fim do século.

O autor faz uma divisão do jornalismo em quatro fases. A primeira fase foi a da iluminação, de 1789 à metade do século XIX, que trouxe, à luz, esclarecimentos políticos e

ideológicos onde o controle da informação funcionava como forma de dominação, manutenção de autoridade e poder. Essa também foi a época do jornalismo político literário, onde apareceram as plataformas de todas as ideias. Nessa fase também o jornal se profissionalizou. Para Marcondes Filho (2002) a fase do segundo jornalismo está ligada ao jornal como grande empresa capitalista, impulsionando a evolução tecnológica. O terceiro jornalismo é marcado pelo crescimento das empresas e os grandes monopólios ameaçados pelas guerras e governos totalitários. A quarta fase é a do jornalismo tecnológico, que começou no fim do século XX. Nessa fase dois processos se unem, "[...] a expansão da indústria da consciência no plano das estratégias de comunicação e persuasão dentro do noticiário e da informação e a substituição do agente humano pelo sistema de comunicação eletrônica" (MARCONDES FILHO, 2002, p. 30).

2.4 O Jornalismo e o Valor simbólico

O caráter do jornalismo também está ligado a seu valor simbólico. Inicia-se este tópico com a definição de Beltrão e Quirino (1986) sobre jornalismo que pode ser considerada um tanto quanto simplista.

> Jornalismo é o processo de produção de mensagens culturais relativas a fatos, ideias e situações atuais, interpretados à luz do interesse coletivo e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum. (BELTRÃO; QUIRINO, 1986, p. 150).

Esse conceito serve como ponto de partida. É bem certo que, ao longo dos anos e da evolução da sociedade, a definição de Beltrão e Quirino (1986) teria que sofrer algumas reformulações, mas ainda assim serve para dar início à discussão sobre jornalismo e sua relação com a sociedade.

No dicionário de Rabaça e Barbosa (2001) se encontra outra definição importante de jornalismo:

> Atividade profissional que tem por objeto a apuração, o processamento e a transmissão periódica de informações da atualidade, para o grande público ou para determinados segmentos desse público, através de veículos de difusão coletiva (jornal, revista, rádio, televisão, cinema, etc.). (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 405).

Para aumentar sua comunicabilidade, em uma estratégia de ampliação do número de leitores, o jornalismo desenvolveu modelos ou gêneros e formatos jornalísticos e modelos

classificatórios. No Brasil os estudos sobre gêneros tiveram grande impulso em função da contribuição de Melo (2006). Para o autor, os gêneros jornalísticos correspondem a "[...] um sistema de organização do trabalho cotidiano de codificação das mensagens de atualidade, a partir das formas de expressão adotadas nas empresas e refletindo em certo sentido o consenso corporativo" (MELO, 2006, p. 49). O autor acrescenta que duas características básicas definem um gênero: sua aptidão para agrupar diferentes formatos e sua função social. Com base nos estudos de Harold Lasswell, de Charles R. Wright e de Raymond Nixon, Melo (2006) apresenta a seguinte divisão sobre os gêneros jornalísticos e suas respectivas funções:

a) Informativo: vigilância social;
b) Opinativo: fórum de ideias;
c) Interpretativo: papel educativo, esclarecedor;
d) Diversional: distração, lazer;
e) Utilitário: auxílio nas tomadas de decisões cotidianas.

Para José Marques de Melo os gêneros refletem justamente aquilo que os cidadãos querem e precisam saber/conhecer/acompanhar. E o surgimento ou consolidação dos gêneros se dá em resposta às demandas sociais evidenciadas em momentos históricos.

Sobre os formatos, a classificação deste autor é a seguinte:

a) Gênero informativo: nota, notícia, reportagem e entrevista;
b) Gênero opinativo: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crônica;
c) Gênero interpretativo: análise, perfil, enquete, cronologia, dossiê;
d) Gênero Diversional: história de interesse humano, história colorida;
e) Gênero utilitário: indicador, cotação, roteiro, serviço.

Melo (2006) arremata afirmando que a identificação e a classificação dos formatos vão surgindo conforme o desenrolar da atividade jornalística e que, em geral, é sinal de aprimoramento do processo da constituição da imprensa.

De acordo com Dines (1986), na sociedade contemporânea os indivíduos se interessam não só pelo que acontece à sua volta, mas valorizam também outros elementos, como a dimensão, a comparação, a interligação com outros fatos e mesmo uma projeção do futuro. Percebe-se assim que é justamente no gênero opinativo que o jornalismo se destaca como elemento que colabora com a formação da opinião dos indivíduos e, consequentemente, aguça suas percepções sobre o ambiente social. O jornalismo na sociedade atual funciona, assim,

como um elemento transformador que tem como matéria prima a informação. De modo que, segundo Beltrão e Quirino (1986, p. 157), ao jornalista cabe então a tarefa de informar, comentar, fenômenos que ocorram no âmbito das relações sociais ou no mundo criado pelo homem e "[...] levar conhecimento sem o qual a comunidade permaneceria alienada, sem condições de opinar e participar da ação construtiva da paz, do progresso e da ordem social".

Em princípio acredita-se que no jornalismo autodenominado 'comunitário' da Rede Globo prevalece o jornalismo informativo, o qual, de acordo com Melo (2006), tem a função de vigilância social. Isso quer dizer que quando o jornalista afirma que é um 'absurdo' um bairro permanecer em condições de penúria, com ruas esburacadas, áreas públicas com mato alto e falta de iluminação nas principais vias, sendo que os moradores pagam altos impostos ao Estado, ele está assumindo uma posição em defesa dos direitos do cidadão, mas não necessariamente opinativa, já que, segundo a classificação de José Marques de Melo, para isso era necessário que fossem fomentadas ideias e discussões mais amplas sobre o assunto e que gerasse, por exemplo, um editorial. Dessa forma, a simples opinião do apresentador ou do repórter sobre o abandono da comunidade não caracteriza um comentário. Falando sobre as características do comentário, do artigo e da resenha, Melo (2003) explica que os três pressupõem autoria definida e explícita. Sobre o comentário e o editorial, José Marques de Melo afirma que ambos são estruturados segundo uma angulagem temporal que exige continuidade e imediatismo.

Ao abordar o reconhecimento do jornalismo como atividade socialmente importante e institucionalizada, Temer (2014b) afirma que o conceito envolve vários aspectos. Um desses aspectos são os filtros (técnicos, comerciais e políticos) pelos quais essa informação passa e isso garante que ela é importante para ser divulgada.

> A gradual transformação do uso político predominante no jornalismo em primeira fase, em empresas comerciais com forte compromisso com o lucro, e posteriormente em redes de informação cujo funcionamento está intrinsecamente ligado ao uso de diferentes veículos, por sua vez ligados às tecnologias em permanente processo de contínua sofisticação. (TEMER, 2014b p. 69).

Em relação à profissão e ao reconhecimento profissional do jornalista, destaca-se nesse trabalho a visão pessimista de Ramonet (1999) quando ele questiona o papel atual dos jornalistas e certo desinteresse do sistema pela produção de informação de credibilidade. O autor chama a atenção para a queda na qualidade do trabalho dos jornalistas e a precarização da profissão – o que interfere diretamente na produção de conteúdo. Ele ainda compartilha da ideia de Patrick Campagne quando afirma que o setor midiático é conquistado pelo neoliberalismo e

a informação é subtratada por jornalistas precários que, inclusive, fabricam informação por encomenda. É nesse contexto desanimador que o autor afirma que o jornalismo, muitas vezes, deixa-se influenciar pelo poder econômico, bem como pelas pressões exercidas pela publicidade e pelos anunciantes (RAMONET, 1999).

Apesar do pessimismo de Ignacio Ramonet em relação ao jornalismo e a profissão, Temer (2014b) destaca a importante função do jornalismo no sentido de representação do mundo.

> O jornalismo altera a própria percepção do mundo e influencia a maneira como o indivíduo organiza o ambiente social e sua inserção dentro deste ambiente. A partir do uso extensivo da imprensa, a partilha das realidades simbolicamente construídas deixa de estar restrita aos padrões sócio-culturais fornecidos pelas relações interpessoais: os novos parâmetros de *realidade /representação* fornecidos pelo jornalismo passam a fundamentar as ações individuais e coletivas. Desta forma, a consolidação do jornalismo, representa uma mudança nas experiências que o indivíduo tem de si mesmo (de sua atuação como ator social) e do mundo. (TEMER, 2014b, p. 71, grifos da autora).

Dessa forma, fica claro que o jornalismo não tem apenas o valor concreto de informar, formar, verificar e filtrar a informação para levá-la ao cidadão, uma vez que possui também valor simbólico igualmente destacado como elemento central de estudos na academia. Nesse sentido, pode-se ainda citar Sodré (2009) quando ele afirma que o jornalismo é crível; e no imaginário também assume esse papel de verdadeiro/portador autorizado a divulgar informações verdadeiras, o que afeta ou amplia sua capacidade de atuar socialmente. De fato, ainda que seja um produto de uma sociedade urbana e voltada para o lucro, o jornalismo se apresenta como um produto que não capta dinheiro diretamente e sim presta um serviço – o fornecimento de informações verdadeiras e confiáveis – ao seu receptor.

Na sociedade industrial urbana contemporânea cabe ao jornalismo garantir que todos tenham acesso às informações efetivamente importantes para sua vida. Nesse sentido, Temer (2014b) afirma que, enquanto alimentador do processo de interação social, o jornalismo cumpre um duplo papel. Ela recorre a José Marques de Melo para reforçar essa ideia:

> [...] de um lado correspondendo à necessidade passava que tem todo indivíduo de estar sintonizado com o meio ambiente; de outro, possibilitando o desempenho de um papel ativo na sociedade, a partir das motivações que lhe são oferecidas para a intervenção no curso dos acontecimentos. (MELO, 1991, p. 21).

Mas para atrair o público não basta que a informação (já na forma de notícia) seja verdadeira, ela tem que ser nova (ou preferencialmente inédita) e dizer respeito ao fora do

comum, ao raro, ao diferente, ao imprevisível. Quanto mais imprevisível, mais importante/mais impactante, melhor a informação é para o jornalismo. Isso significa que o movimento do jornalismo é tornar crível – ou credível – o que é incrível, diferente, imprevisível. Nesse sentido, o jornalismo usa seu capital simbólico (a credibilidade) para dar acesso às informações 'verdadeiras' e 'em primeira mão'. Só que como as coisas incríveis continuam acontecendo, ele também usa estratégias que permanentemente reforçam a sua credibilidade. Assim, entende-se que o valor simbólico da notícia é o seu grande impacto e, nesse sentido,

> A credibilidade, portanto, é o "capital simbólico do jornalismo" e consequentemente as empresas trabalham no sentido de ampliar esse capital, o que na prática representa manter e ampliar as condições materiais para sua existência. (SODRÉ, 2009, p. 42).

Assim, quando uma emissora de televisão vai ao local para mostrar um trecho de uma importante rodovia que foi engolido por uma enorme erosão e mostra, inclusive, cenas aéreas do fato, ela mostra o imprevisível, mas mostra também que esse imprevisível é real – e, no caso do telejornalismo, a imagem é um elemento de reforço importante. Neste percurso o telejornalismo reforça também a si – tanto no real quanto no imaginário do receptor – como atividade essencial, literalmente mostrando que tem poder para mostrar (às vezes em tempo real) coisas verdadeiras e imprevisíveis. Neste processo, a televisão/o telejornalismo se consolida como uma força quase onisciente e onipresente – está onde o fato acontece, e ganha credibilidade suficiente para cobrar providências.

Ressalta-se aqui a ideia de que, dessa forma, a emissora demarca território de poder. Esse capital simbólico ganha força na medida em que a empresa também negocia este valor (empresta e capta) com políticos e outras instituições, desde que isso não coloque em risco sua credibilidade.

Marcondes Filho (1989) apresenta uma visão mais realista do jornalismo. O autor afirma que o jornalismo atua junto com grandes forças econômicas e sociais. Para o autor:

> Um conglomerado jornalístico raramente fala sozinho. Ele é ao mesmo tempo a voz de outros conglomerados econômicos ou grupos políticos que querem dar às suas opiniões subjetivas e particularistas o foro de objetividade. (MARCONDES FILHO, 1989, p. 11).

Rezende (2000, p. 24) compartilha da mesma opinião de Ciro Marcondes Filho, para ele "[...] é improvável que o telejornalismo esteja cumprindo satisfatoriamente sua missão social uma vez que está atrelado às grandes corporações que controlam as estações de TV". O autor completa afirmando que "[...] essas corporações estão muito mais interessadas em atender seus

interesses econômicos e políticos do que nas camadas populares da audiência". Assim, a TV cria uma expectativa de promoção da cidadania que na verdade não é contemplada.

> De uma forma ou de outra, porém, razões mercadológicas impelem a produção telejornalística como de resto toda programação televisiva, a procurar atender aos desejos e às expectativas de um expressivo contingente de telespectadores que se situam no outro extremo do processo de comunicação. E essa fatia da audiência de baixo nível instrucional, tão cobiçada pelos departamentos de venda das emissoras, encontra na televisão uma das poucas oportunidades para sonhar com a esperança de tornarem-se verdadeiros cidadãos. (REZENDE, 2000, p. 24).

Nessa relação entre a empresa/emissora e o telespectador/indivíduo, existe ainda o aspecto de troca citado por Temer (2014a) no que diz respeito à audiência e aos conteúdos veiculados.

> Nesta relação, é claro, a audiência não deve ser subestimada — ela é a própria razão de existência do jornalismo — mas também não deve ser colocada como único ponto de tensão nas relações entre o jornalismo e a sociedade. Integrada às demandas do consumo que formatam a sociedade industrializada, a informação/mercadoria é moldada pelos processos produtivos das indústrias capitalistas, e suas exigência de produção acelerada de conteúdos. (TEMER, 2014a p. 29-30).

Completando o pensamento de Temer (2014a) sobre audiência e a moldagem dos conteúdos veiculados e em relação à mercantilização da notícia, Rezende (2000) acrescenta que:

> Sob o controle rígido da ditadura do lucro, os programas e a linguagem que a TV emprega se adaptam, na forma e no conteúdo, ao perfil do público aos quais se dirigem. A fórmula adotada pelo sistema comercial de TV é simples: uma audiência maior aumenta o faturamento publicitário e agrega rentabilidade às empresas de televisão. Tal lógica de produção sacrifica o telespectador-cidadão e exalta o telespectador-consumidor, referência básica de toda essa operação mercantil. (REZENDE, 2000, p. 25).

Nessa relação entre o cidadão e o telejornal, Temer (2009b) também considera o aspecto da prestação de serviço público especialmente visível quando se cobra soluções das autoridades em relação às demandas do cidadão.

> O cidadão parece sentir concretizada parte de sua cidadania pela crítica ácida que um comentarista faz sobre o político corrupto ou pelas informações que receber pela tela da tevê. [...] A televisão funciona como o entreposto entre a vida privada e o espaço público mediando essas duas esferas sociais que constituem a nossa sociedade. (TEMER, 2009b, p. 177).

2.5 Telejornalismo

De acordo com Temer (2014b), em relação ao formato o telejornalismo é um dos programas[3] de fácil identificação na grade de programação de uma emissora de TV.

> Gênero consolidado e detentor de uma linguagem audiovisual que o torna facilmente reconhecido. Isto significa que ao *zapearmos* entre os canais, o telejornal é facilmente identificado enquanto gênero modelar. Mas também aponta que o telejornalismo tem uma importância estratégica para as emissoras de televisão, e é visto como conteúdo útil ou mesmo importante para os receptores. (TEMER, 2014b, p. 188).

Sobre o telejornalismo, Machado (2000, p. 104) o considera como um dos gêneros televisivos mais conhecidos e é, antes de tudo, o lugar "[...] onde se dão atos de enunciação a respeito dos eventos". Existe, assim, uma diversidade de vozes (jornalistas, populares, autoridades, especialistas e outros) que colaboram na construção da notícia. O autor ainda afirma que:

> Sujeitos falantes diversos se sucedem e se revezam se contrapõem uns aos outros praticando atos de fala que se colocam nitidamente como seu discurso em relação aos fatos relatados. (MACHADO, 2000, p. 104).

Machado (2000) também explica que, tecnicamente falando, um telejornal é composto de uma mistura de fontes de imagens gravadas e ao vivo, arquivos, fotos, mapas, textos além do som da locução, música e efeitos sonoros. Com essas características o telejornal informa sobre o que está acontecendo com certo grau de exatidão e confiabilidade. O telejornal ainda se caracteriza pela variedade dos temas abordados: política, educação, economia, segurança pública, bem como temas ligados à comunidade e suas demandas.

Ainda falando sobre as características de um telejornal, Vizeu (2008) afirma que em um telejornal o processo de produção da notícia é extremamente complexo e

> [...] envolve desde a captação, elaboração/redação/edição, até uma audiência interativa. Envolve momentos de contextualização e descontextualização dos fatos. É resultado da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação) da língua e das regras do campo das linguagens, da enunciação jornalística e das práticas jornalísticas. (VIZEU, 2008, p. 13).

[3] Programas são produtos que mídias eletrônicas colocam no ar (MACHADO, 2000). Cada programa emissões/edições semelhantes entre si de forma suficientemente estável para que o receptor compreenda sua identidade (TEMER, 2014).

O conceito de telejornalismo apresentado por Emerim (2019) remete não só a recepção, mas também ao imediatismo. Ele define o telejornal como:

> Programa que sistematiza e exibe dados selecionados e transformados em notícias televisuais/audiovisuais que tenham repercussão e abrangência para um público eclético cujas temáticas têm como objetivo dar a conhecer de forma resumida os principais fatos e acontecimentos da última hora. (EMERIN, 2019, p. 27).

Para Becker (2008) o telejornal é um gênero poderoso que, nos discursos midiáticos e na programação das redes, apresenta fatos sociais, mas também vende credibilidade, atrai investimentos para as emissoras e promove uma experiência coletiva de nação. Segundo ela:

> Ao representar os fatos sociais, constituem uma realidade social e intervêm na expressão das identidades nacionais. Produzem um território simbólico de tamanho poder, que ganhou nas reflexões críticas sobre as mediações dos meios, o conceito de telerrealidade; um poder também comprovado financeiramente, apontando para os noticiários um surpreendente valor comercial. (BECKER, 2008, p. 54-55).

Becker (2008) reforça esse caráter comercial do telejornal destacando, como exemplo, o Jornal Nacional, que tinha (e continua tendo) o valor do *break*[4] mais caro de toda programação das emissoras de sinal aberto[5]. Na rede Record o custo mais caro de exibição de comerciais também era nos intervalos do programa jornalístico do horário nobre. A autora destaca, ainda, que uma das características dos noticiários é garantir a verdade ao conteúdo do discurso e a própria credibilidade do enunciador, utilizando, para isso, personagens reais e os fatos sociais, que são a 'matéria prima' da produção (BECKER, 2008).

Falando especificamente sobre o telejornalismo na Rede Globo, Temer (2014b) faz algumas considerações que merecem destaque nesta pesquisa. A autora afirma que o modelo adotado pela emissora tem, como centro, trabalhar de forma estratégica seu capital simbólico, que corresponde à sua credibilidade. Temer (2014b) explica que a credibilidade, no jornalismo, não é um objetivo em si mesmo, mas um meio para que um grupo econômico (emissora de TV) mantenha seu ganho de capital e sua força de negociação política. A autora prossegue afirmando que na Rede Globo de Televisão, assim como nas emissoras ligadas a ela (afiliadas) o telejornalismo tem o compromisso de exibir fatos verdadeiros e relevantes para a comunidade, mas também trabalha no sentido de garantir seus interesses (TEMER, 2014b).

---

[4] *Break* é o intervalo entre e nos programas de televisão (BARBERO; LIMA, 2002).

[5] De acordo com o site Observatório da TV, do portal UOL, em 2021 o valor do *break* para um comercial de 60 segundos no intervalo do Jornal Nacional era de R$ 1.704.800,00 .

Abordando as lógicas de produção do real no telejornal, Coutinho (2009) afirma que a cada edição os noticiários televisivos apresentam não uma janela aberta para o mundo e sim a construção de um mundo particular por meio de textos, imagens e sons. A autora diz ainda que essa visão de mundo envolve desde características intrínsecas ao meio até as diretrizes da política editorial da emissora responsável pelo telejornal.

Complementando essa ideia, Temer (2014b) diz que criou-se, a partir dessa relação, um conflito entre o real e o que é exposto.

> Mas trata-se de um conflito que espelha também as condições da sociedade brasileira contemporânea, que mais uma vez se vê na encruzilhada dos elementos que determinam a sua formação: a baixa valorização da educação (inclusive, mas não somente, a educação acadêmica); a ocupação urbana desenfreada e contraditória (a ocupação das zonas de risco pela população de baixa renda e os constantes desastres "naturais"; bairros periféricos distantes com transporte deficiente, e etc.) e a ausência de uma infra-estrutura urbana e social efetivamente preocupada com os interesses populares. (TEMER, 2014b, p. 292).

2.5.1 Telejornalismo no Brasil

Para melhor compreensão deste trabalho é importante abordar a chegada e o desenvolvimento do telejornalismo no Brasil e como essa história tem reflexos nos dias atuais, inclusive privilegiando a trajetória de algumas emissoras.

No contexto histórico, o telejornalismo no Brasil praticamente nasceu junto com a televisão. O primeiro telejornal colocado no ar, o Imagens do Dia[6] estreou em 19 de setembro de 1950, na TV Tupi de São Paulo, um dia depois da inauguração da TV. Em janeiro de 1952 a TV Tupi de São Paulo criou outro noticiário, transmitido diariamente às 21 horas: o Telenotícias Panair. De 1953 a 1970 o Repórter Esso foi um dos programas jornalísticos de maior sucesso na história da televisão brasileira (PATERNOSTRO, 1999). O Repórter Esso tinha um conteúdo que abrangia o noticiário nacional e internacional inclusive por meio de filmes.

A década de 1950 foi marcada pela precariedade na produção dos telejornais, mas as falhas tinham pouca repercussão em função do reduzido número de aparelhos receptores. Televisão naquela época era para poucos privilegiados. Com um time de profissionais que vinham basicamente do rádio, as primeiras décadas da TV no Brasil são marcadas por uma

[6] O Imagens do Dia permaneceu no ar por pouco mais de um ano e depois cedeu o lugar ao Telenotícias Panair, que levava o nome do patrocinador (PATERNOSTRO, 1999).

linguagem baseada na fala e com pouca visualização, como explica Rezende (2000). Na competição com o rádio a TV perdia em instantaneidade. Por causa da demora na revelação e montagem dos filmes, a transmissão sofria até 12 horas de atraso entre o acontecimento e a divulgação nos telejornais.

A década de 1960 apresentou um salto tecnológico para a televisão com a chegada do videotape. A TV Tupi de São Paulo foi a primeira emissora a utilizar a nova tecnologia e gravou a festa de inauguração de Brasília, com a gravação sendo exibida em várias cidades. De acordo com Paternostro (1999), o VT revolucionou a forma de produção, pois representava economia de tempo e melhor qualidade dos programas, inclusive os telejornais. Mas o telejornal que marcou essa fase da TV brasileira foi o Jornal de Vanguarda, exibido pela TV Excelsior a partir de 1962.

O Jornal de Vanguarda, segundo Rezende (2000), introduziu muitas novidades na concepção do telejornalismo e a principal foi a participação de jornalistas como produtores e como apresentadores, além de cronistas especializados e cartunistas, com grande parte dos profissionais vindo do jornal impresso. Além de prestígio no Brasil, o Jornal de Vanguarda teve reconhecimento no exterior, tendo recebido, em 1963, na Espanha, o prêmio Ondas, como melhor telejornal do mundo. Entretanto, esse telejornalismo premiado e, de certo modo, revolucionário, não resistiu ao golpe militar de 1964 e à edição do Ato Institucional nº 5; a própria equipe decidiu extingui-lo (REZENDE, 2000).

De acordo com Mattos (2010), o golpe de 64 afetou diretamente os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, que passaram a difundir a ideologia do regime militar e a produção de bens duráveis e não duráveis como adoção do novo modelo econômico para o desenvolvimento nacional. Ainda segundo ele, as decisões políticas e a censura ideológica adotadas pelos governantes após 1964 contribuíram para o baixo nível da produção de programas locais.

A década de 1970 ficou marcada como a fase do desenvolvimento tecnológico. A TV abandonou de vez a improvisação e o amadorismo e passou a adotar padrões de administração norte-americanos. Essa presença se dá também na grade de programação das emissoras, recheadas com programas importados dos americanos. Em relação aos telejornais, Mattos (2010) chama a atenção para o efeito anestesiador da realidade conseguido através da forte censura aos telejornais. Em setembro de 1969 a TV Globo colocou no ar o Jornal Nacional, transmitido simultaneamente, ao vivo, para Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. Rezende (2010) afirma que o novo programa tinha, como característica, um maior rigor no planejamento da produção e inaugurou um novo modelo de telejornalismo.

A década de 1970 também marcou as primeiras experiências da TV Globo com o jornalismo de prestação de serviço, a regionalização das praças e o começo do projeto de jornalismo comunitário da emissora (PATERNOSTRO, 1999).

Conforme Temer (2006), na década de 1970 a TV Bandeirantes lançou: Titulares da notícia e o Rede de Notícias, mas não conseguiu cativar a audiência. Em São Paulo a TV Cultura lançou A Hora da Notícia, mas esbarrou na censura. Na TV Tupi os projetos envolveram a criação do Grande Jornal e o Abertura. A década de 1970 terminou com o fim da TV Tupi, que deu origem ao SBT e à Rede Manchete. Também foi nesse período que a Igreja Universal do Reino de Deus comprou a Record e formou uma nova rede.

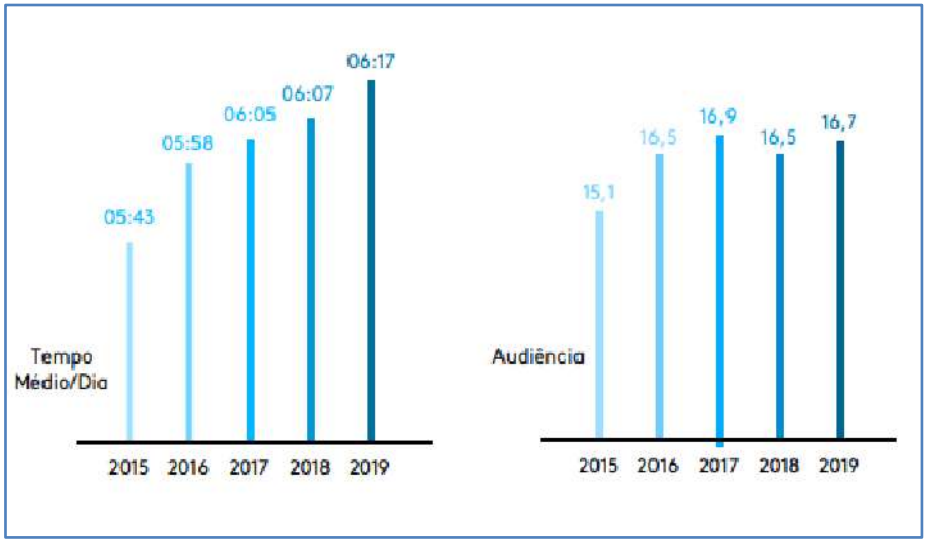
Ainda segundo Temer (2006), na década de 1980 a Rede Manchete passou a exibir um telejornalismo audacioso, que pretendia conquistar os públicos A e B. O Jornal da Manchete alcançou oito pontos no Ibope. Enquanto isso, o SBT atravessou a década com telejornais sem grande expressividade. A TV Cultura fez, em 1984, a cobertura do comício a favor das eleições diretas para presidente. A Rede Globo ignorou o movimento e só voltou atrás quando foi pressionada pelos números da audiência dos concorrentes e pela indignação dos jornalistas da empresa. O SBT lançou o TJ Brasil sob o comando de Boris Casoy, investindo em credibilidade. O telejornal alcançou boa audiência e logo o formato foi copiado por outras emissoras. Em 1989 a Manchete lançou o Documento Especial, um jornalismo voltado para temas polêmicos.

A década de 1990 ficou marcada, de acordo com Temer (2006), pelo sensacionalismo no telejornal. O grande marco do sensacionalismo no telejornalismo é o Aqui Agora, um telejornal de sequências visuais mais longas, prioridade para notícias policiais e de apelo sexual. Posteriormente o modelo foi copiado pela Rede CNT, com o 190 Urgente; pela Rede Record, com o Cidade Alerta; Rede Bandeirantes de Televisão, com o Brasil Urgente; e pela Rede Manchete de Televisão, com o Rota do Crime. De acordo com Temer (2006), tratava-se de um novo modelo transmitido ao vivo, com muitas externas e apresentadores carismáticos.

A crise de audiência passou a rondar a televisão a partir dos anos de 1990 com a reconfiguração do cenário internacional, o fim da Guerra Fria e as novas perspectivas de mercado. No Brasil redemocratizado politicamente, a situação não era diferente. A globalização e as políticas neoliberalistas reconfiguraram o cenário econômico. Os computadores domésticos começaram a se popularizar, o ambiente informatizado se consolidou com a chegada da internet. O capitalismo global e as inovações reafirmaram a livre concorrência. Surgiram novas emissoras e as TVs por assinatura nacionais e estrangeiras. Esses são alguns fatores que desencadearam uma crise na TV aberta (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010).

De acordo com dados de 2020, da Kantar IBOPE, mesmo com todas as alternativas de informação e entretenimento disponíveis fora da TV aberta, ela ainda consegue fisgar uma boa parte do público, como mostra a Figura 2. A figura mostra que o tempo médio de consumo de televisão aumentou 34 minutos nos últimos cinco anos e a audiência média individual permanece estável.

Figura 2 - Audiência



Fonte: Kantar Ibope (2020).

A concorrência intensificada fez as emissoras de TV aberta, entre elas a Rede Globo, reorganizarem-se. A TV Globo, que sempre foi líder absoluta, viu sua audiência cair em dez pontos percentuais entre 1994 e 1998 (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010). Uma das saídas encontradas pelas emissoras de TV para enfrentar a globalização e a queda na audiência foi justamente se aproximar do local, da cidade, do bairro, particularmente do local onde vivem as pessoas e onde surgem as demandas por melhores condições de vida, emprego, escola e saúde. Como ponto a favor de sua importância tem-se que a televisão sempre teve e continua tendo a imagem em cores e em movimento. A linguagem usada nos programas de TV, inclusive nos telejornais, é mais fácil do que a linguagem usada pelo impresso, por exemplo, e não exige, do telespectador, grande esforço intelectual ou elevado grau de escolarização. Apesar de ser acusada de superficialidade, a TV é rápida e esse imediatismo também contribui como parte de um conjunto de itens que ajudam a despertar e manter o interesse nos programas produzidos.

A televisão é, sem dúvida, um meio de comunicação de alto alcance em vários sentidos. Ao comentar a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) feita pelo IBGE, o site da Agência Brasil destaca que, de 69,3 milhões de domicílios particulares permanentes

no Brasil, apenas 2,8%, ou 1,9 milhão, não tinham televisão, com destaque para o Norte do País, onde o percentual é mais elevado (6,3%).

2.5.2 O telejornalismo nacional

Mesmo considerando que neste trabalho se busca refletir sobre o telejornalismo local, é preciso, antes, tecer algumas considerações sobre o telejornalismo nacional. Coutinho (2009) explica essa inclusão do 'nacional' no telejornalismo a partir de 1969, com a transmissão, do Jornal Nacional, para todo o Brasil. Era a transmissão de um telejornal em rede, gerado do Rio de Janeiro, com tecnologia financiada pelo governo militar, confirmando os ideais de segurança nacional O modelo envolvia a transmissão de um conteúdo único (imagens e textos) para todo o País. A autora acredita que, por um lado, esse modelo aproximou o País; mas, por outro, distanciou culturas (COUTINHO, 2009). Nesse modelo de rede as emissoras locais trabalham no sistema de filiação do que se convencionou chamar de 'emissora mãe'[7] ou 'cabeça de rede'[8], que produz e gera a maior parte dos conteúdos que fazem parte da programação. Pode-se dizer que antes as experiências com programas jornalísticos se resumiam aos das emissoras: TV Tupi de São Paulo (1950) e do Rio de Janeiro (1951), pioneiras no Brasil. Ainda nos anos de 1950 as principais cidades do País também entraram em contato com a modernidade que a TV representava. De 1955 a 1961 foram inauguradas 21 emissoras de TV.

> Em 1955, começa a funcionar a TV Itacolomi (de Belo Horizonte). Quatro anos depois é a vez da TV Piratini (de Porto Alegre) e a TV Cultura (de São Paulo). Em 1960, são inauguradas as TV Itapoan (de Salvador), TV Brasília, TV Rádio Clube (de Recife), TV Paraná, TV Ceará, TV Goiânia, TV Mariano Procópio de Juiz de fora, TV Tupi Difusora (de São José do Rio Preto). E no ano seguinte, seria a vez da TV Vitória, TV Coroados, TV Borborema (de Campina Grande), TV Alterosa (de Belo Horizonte), TV Baré, TV Uberaba, TV Florianópolis, TV Aracajú, TV Campo Grande e TV Corumbá. (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010, p. 21).

Segundo Coutinho (2009), o atual modelo de emissoras de TV prevê que as emissoras afiliadas (que têm um contrato com a Rede) podem reproduzir a programação gerada simultaneamente, ocupando, com esses programas, a grade de programação. De acordo com a legislação, essa grade deveria cumprir as exigências previstas na Lei n. 7.075, de junho de 2002, que altera o artigo 38 da Lei n. 4.117, de agosto de 1962, e prevê que 30% da programação das

[7] Jargão jornalístico usado para denominar a emissora que produz e transmite programas de comunicação de massa por meio de sinais de radiodifusão (PATERNOSTRO, 1999).
[8] Emissora principal, que gera programação para outras emissoras que compõem a rede (PATERNOSTRO, 1999).

emissoras de rádio e de televisão – transmitida entre seis e 18 horas para rádio e entre 18 e 22 horas para televisão – deve ser destinada à veiculação da cultura local e regional. Nas emissoras afiliadas, segundo Coutinho (2009), geralmente essa produção tem caráter jornalístico ou informativo. As afiliadas da Rede Globo somam 117 emissoras, com mais duas emissoras próprias no Rio de Janeiro e em São Paulo e três filiais, que são: Globo Minas, Globo Brasília e Globo Nordeste, também chamadas 'cabeça de rede'. No total a Rede Globo tem 122 emissoras em todo o Brasil, cobrindo uma área de, aproximadamente, 5.490 municípios. A Figura 3 apresenta o mapa de afiliadas da Rede Globo.

Figura 3 - Mapa das afiliadas da Rede Globo

Fonte: https://brazil.mom-gmr.org/br/midia/detail/outlet/rede-globo/. Acesso em:(2020)

O Quadro 1 aponta algumas informações importantes para esta pesquisa e, em relação às afiliadas, mostra que no Centro-Oeste apenas dois grupos são os detentores do maior número de emissoras de televisão afiliadas da Rede Globo, confirmando o que Lima (2001) considera como posição do oligopólio da Rede Globo na televisão aberta que acompanha a própria história da TV brasileira.

Quadro 1 - Afiliadas da Rede Globo no Centro-Oeste

ESTADO	GRUPO	QUANTIDADE DE EMISSORAS	CIDADES
Goiás	Grupo Jaime Câmara	8	Goiânia, Anápolis, Catalão, Itumbiara, Jataí, Luziânia, Porangatu, Rio Verde
Mato Grosso	Rede Matogrossense de Comunicação	4	Cuiabá, Rondonópolis, Sinop, Tangará da Serra
Mato Grosso do Sul	Rede Matogrossense de Comunicação	3	Campo Grande, Corumbá, Ponta Porã

Fonte: Elaboração própria (2020).

2.5.3 Telejornalismo local

Antes de falar sobre o objeto desta pesquisa é preciso fazer algumas reflexões sobre o local e o telejornalismo local. Um conceito importante vem do sociólogo francês Alain Bourdin, que entende o local como sendo o mundo da vida diária onde o indivíduo se relaciona com o mundo e com outros indivíduos, construindo um vínculo social (BOURDIN, 2001). Para o autor existem três tipos de locais: o local necessário – ligado ao sentimento de pertença do ser social à sua comunidade; o local herdado – relacionado ao passado do indivíduo; e o local construído – relacionado à espacialidade e às interações sociais. Discorrendo sobre a visão de Alain Bourdin, no livro 'O 'glocal' no ciberjornalismo regional', o autor José Milton Rocha afirma ainda que:

> Para Bourdin "as delimitações da localidade são múltiplas, contingentes" e por que não dizer, complexas e atemporais, uma vez que envolvem, ainda aspectos geográfico-territoriais e espacial-temporais sem falar naqueles ligados a outras relações, como culturais, históricas, linguísticas por exemplo. Pondera ainda que a "vizinhança", o bairro, a cidade ou a região urbana constituem pontos de referência, relativamente estáveis, mas que, de acordo com os contextos, esses aspectos são definidos de forma distinta. (ROCHA, J., 2019, p. 35-36).

Dessa forma, Rocha, J. (2019, p. 36) considera que "[...] é no local que a vida pulsa, os costumes se fortalecem, o social se robustece e as tensões domésticas são dizimadas, entendidas e absorvidas e as identidades são criadas e fortalecidas". Assim, pode-se considerar que é dessa forma que as discussões sobre o que acontece e envolvem o 'local' chegam ao jornalismo como dispositivo mediador dessa pulsação da sociedade. Independente das definições de tempo-espaço, as pessoas querem saber o que acontece perto, na vizinhança, na rua, no bairro, na cidade onde vivem os indivíduos.

Para José Tarcísio Oliveira Filho as discussões sobre o conceito de jornalismo local estão longe de um consenso. O autor explica que durante muito tempo o jornalismo local foi apontado como sendo uma prática direcionada a uma determinada região geográfica. Depois, os estudos da Geografia da Comunicação desenvolveram a perspectiva de escalas geográficas (local, regional, nacional, global) usando, como comparação, a própria área de atuação das organizações jornalísticas. E até mesmo o discurso institucional das emissoras regionais funcionam nessa lógica. O autor acredita, inclusive, que a mídia local e a regional podem ter diferentes configurações de acordo com a realidade em que estão inseridas (OLIVEIRA FILHO, 2019).

Na perspectiva de Sousa (2003) as discussões sobre jornalismo local e regional não devem se basear somente nas questões geográficas e nas dinâmicas socioculturais que envolvem os espaços onde as mídias atuam como as variações linguísticas, aspectos culturais e históricos. Afirma ainda que a comunicação local e regional tem importante função na produção simbólica comunitária e contribui para formação do sentimento de pertença, além de permitir ver 'o outro de fora' como sendo diferente e o 'outro de dentro' como semelhante (SOUSA, 2003). Nesta relação, entende-se a conceituação de telejornalismo local como o telejornalismo que aborda questões ligadas àquela localidade, mas a questão envolve outros aspectos.

Peruzzo (2003), em uma análise sobre o local e a globalização, defende a ideia de que mesmo diante do fenômeno da globalização, o comunitário – que pode ser aqui entendido como local – e o popular se revigoram e apresentam múltiplas feições. A ideia de Peruzzo (2003) é muito próxima à colocação feita por Oliveira Filho (2019) e Sousa (2008) quando a autora afirma que as pessoas não se interessam apenas pelas questões de âmbito universal e nacional, mas também pelas questões sociais que estão próximas, ou seja, aquilo que acontece no bairro, na cidade onde vivem. Desta forma, o telespectador, o cidadão, interessa-se pelo conflito entre Rússia e Ucrânia e pelos desdobramentos sobre o crime organizado no Rio de Janeiro. Mas também se interessa pelo valor dos impostos em seu município e pela queda da ponte que liga um bairro a outro e por onde ele precisa transitar para ir ao trabalho/à escola, ou seja, para ter mobilidade na cidade. Mas a autora também destaca que, diante da complexidade do tema, amplificada pela grande mídia, é preciso atenção para as distorções geradas por esse fenômeno da comunicação comunitária.

Em Coutinho (2009) encontra-se um esboço desse conceito, que envolve o local a partir da busca de ligações de pertencimento entre a TV e as relações de identidade com seus telespectadores. Para falar mais sobre identidade o autor lança mão de conceitos de Stuart Hall, que afirma ser possível abordar três concepções de identidade a partir de três formas de

compreender o sujeito no mundo: do Iluminismo, sociológico e pós-moderno. O sujeito do Iluminismo seria marcado pela crença na racionalidade. “O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa” (HALL, 1999, p. 10-11). Com um mundo mais complexo, o sujeito sociológico é caracterizado por uma identidade constituída na relação com o outro e o mundo social. O sujeito pós-moderno é caracterizado pela fragmentação, muitas vezes contraditória, e também marcado pela convergência midiática. Ainda com base nos conceitos de Stuart Hall, Coutinho (2009) explica que, em relação à identidade nacional, o sujeito é fragmentado e define sua identidade cultural a partir das culturas nacionais e também em relação aos outros. Conforme o citado autor, no Brasil essa narrativa de nação seria construída a partir das emissões diárias das novelas e dos telejornais em rede nacional, onde o brasileiro relembra o passado e sua herança cultural e reforça o desejo de viver em conjunto, mesmo que à distância.

2.6 Oligopólios e relações de poder

Antes de discorrer sobre a emissora em si é importante ressaltar as relações de poder que envolvem o monopólio das concessões de emissoras de TV no Centro-Oeste. A ponderação se faz importante neste trabalho destacando a questão ligada ao poder econômico que permeia as práticas da radiodifusão no Brasil e, consequentemente, do telejornalismo. Ao falar sobre a concentração de propriedade das comunicações no Brasil, Lima (2001) afirma que:

> Nossos *mass media* se estabeleceram oligopolisticamente. O rádio e a televisão continuam regidos por um código do início da década de 1960 (Lei 4117, de agosto de 1962) e constituem e constituem um sistema organizado em torno de poucas redes e sobre as quais não existe nenhuma regulamentação legal. (LIMA, 2001, p. 96-97).

O citado autor afirma ainda que, embora a Constituição brasileira garanta, desde 1988, que “[...] os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio”, Parágrafo 5º do artigo 220, não existem dispositivos que limitem a concentração de propriedade (LIMA, 2001). E o autor cita ainda três fatores que têm contribuído para essa situação:

a) Não há cumprimento da norma legal (Decreto n. 236/1967) que limita a participação societária do mesmo grupo nas empresas de radiodifusão a cinco concessões de VHF, em nível nacional e a duas em UHF, em nível regional (estadual);

b) O período de carência legal para venda das concessões de radiodifusão, ou seja, a troca legal de proprietários é de apenas cinco anos e mesmo assim estimula a prática dos ‘contratos de gaveta’. Isso faz com que os eventuais concessionários independentes se interessem pela possibilidade de negociar suas concessões com grandes proprietários ou vice-versa;
c) Não há normas ou restrições legais para a ‘afiliação’ de emissoras de radiodifusão para formação de redes nacionais ou regionais.

Rebouças (2006) também aborda a ausência de legislação para regular o que ele chama de ‘donos da mídia’. O autor considera como os ‘donos da mídia’ as empresas de comunicação, agências de publicidade e anunciantes e afirma que esse grupo é bem organizado e defende intensamente seus interesses, ignorando, de certa forma, o papel do Estado em defesa dos interesses públicos.

Para Rebouças (2006, p. 42) os ‘donos da mídia’ se apresentam como “[...] guardiões de um dos princípios fundamentais do cidadão, que é a liberdade de expressão”. O autor pondera que ao final do século XIX a sociedade passou a ocupar o lugar de coadjuvante nas definições das políticas públicas de comunicação. Dessa forma, os grupos e conglomerados de mídia, que têm o lucro como objetivo principal, usam do discurso da liberdade de expressão como escudo para maquiar interesses particulares. No caso das emissoras de televisão, um dos defensores desses interesses é a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT). Acrescenta que o poder legislativo tem grande influência na ausência de definição de políticas para o setor. Isso se deve ao fato de que muitos parlamentares têm interesses pessoais no tema comunicações ou mesmo têm ligações com o setor, como os donos ou aparentados com proprietários de concessões de rádio, de TV e de jornais.

Dessa forma, a própria legislação brasileira favorece a concentração da propriedade da comunicação nas mãos de poucos grupos familiares. Já em 2001 Lima (2001) apontava que eram oito os principais grupos familiares do setor de rádio e televisão no Brasil. A família Marinho (Rede Globo), Saad (Bandeirantes) e Abravanel (SBT) fazem parte do grupo nacional de emissoras. Em nível regional o autor cita a família Sirotsky (RBS); a família Daou (TV Amazonas); a família Jereissati (TV Verdes Mares); a família Zahran (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul); e a família Câmara (TV Anhanguera/ Goiás e Tocantins), todas afiliadas da Rede Globo. De lá pra cá pouca coisa mudou. Um levantamento recente da ONG internacional Repórteres sem Fronteiras e do Intervozes (Coletivo Brasil de Comunicação Social) confirma que a propriedade da mídia continua nas mãos de poucos e que essa minoria é formada por

grupos familiares (OLIGOPÓLIO…, 2017). Aos grupos citados por Lima (2001) soma-se: a família Macedo, que controla o grupo Record e possui 15 emissoras próprias, de 96 afiliadas; a família Magalhães, dona de um grupo que controla a TV Bahia (afiliada da Rede Globo); Arnon de Mello, que é dona da TV Gazeta Alagoas (afiliada da Rede Globo); a família Massa, dona da afiliada do SBT no Paraná; e o grupo RBA de Comunicação, que, dentre outros veículos, é dono da TV Tapajós (afiliada da Rede Globo no Pará) e que pertence à família Barbalho.

O levantamento da Repórteres sem fronteiras reforça ainda a afirmação de Rebouças (2006) de que existe uma forte ligação entre os grupos de comunicação que são detentores de concessões de canais de televisão e os políticos brasileiros. Um exemplo citado pelo levantamento é o da TV Bahia, da família do ex-prefeito de Salvador, Antônio Carlos Magalhães Neto, e do ex-governador da Bahia, senador e Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. Outro caso é o da TV Tapajós, que pertence ao senador Jader Barbalho. Tem ainda o exemplo do grupo da TV Gazeta, que pertence ao ex-presidente e agora senador Fernando Collor de Mello. Segundo o relatório, é importante citar que o Grupo Record também domina um partido político, o Partido Republicano Brasileiro (PRB), que conta com um ministro, um senador, 24 deputados federais, 37 deputados estaduais, 106 prefeitos e 1.619 vereadores. O relatório afirma ainda que esse quadro de concentração da mídia no Brasil nas mãos de poucos se compara à concentração de terra no País e é chamado, por pesquisadores, de ‘coronelismo eletrônico’. O relatório considera pequena a transparência em relação à propriedade da mídia no Brasil e ressalta que os cidadãos têm direito de conhecer os interesses por trás dos meios de comunicação que consomem.

Lima (2001) destaca ainda que, quando o assunto é TV aberta, apesar dos esforços das emissoras concorrentes, a posição de oligopólio da Rede Globo acompanha a própria história da televisão no Brasil e constitui um exemplo clássico de concentração horizontal. No mercado brasileiro seja qual for o critério – como, por exemplo, abrangência territorial, número de emissoras e afiliadas, alocação de recursos publicitários e audiência em horário nobre – a Globo permanece na liderança, embora não absoluta, como foi no passado.

2.7 As emissoras e seus produtos

2.7.1 A TV Anhanguera

A TV Anhanguera, criada pelo empresário Jaime Câmara, passou a funcionar em outubro de 1963 e foi a segunda emissora do Estado de Goiás, tendo sido criada 13 anos depois

da inauguração da TV Tupi em São Paulo. A emissora é uma das afiliadas da Rede Globo e compõe esse grupo privilegiado de proprietários de empresas de radiodifusão formado por grupos familiares. As primeiras imagens apresentadas pela emissora foram as da Hora da Ave Maria. O programa tinha 30 minutos e era narrado por Sélem Domingos, com texto do jornalista Jávier Godinho. A atração religiosa foi exibida até o começo de 2013, às 18 horas, e com um tempo de apenas três minutos. A empresa nasceu trazendo para seu *staff*[9] de funcionários praticamente a equipe inteira da TV Rádio Clube, a única concorrente da época. Quando entrou no ar, segundo Godinho (2008), já tinha adquirido videotape que permitia que boa parte da programação fosse gravada. Além disso, o empresário Jaime Câmara também adquiriu, na Inglaterra, equipamentos de primeira linha que os técnicos da época, acostumados às sucatas da TV Tupi, não sabiam operar.

No primeiro ano de existência a TV Anhanguera ficava no ar, no máximo, sete horas por dia. Em setembro de 1967 um incêndio tirou do ar a programação da emissora durante 15 dias. Os prejuízos na época foram calculados em um bilhão de cruzeiros novos. Ainda segundo Godinho (2008), um dos primeiros programas noticiosos da TV em Goiás foi O Popular no 2, com informações baseadas no jornal impresso que tinha o mesmo nome e fazia parte do grupo Jaime Câmara. Na época não existiam repórteres de televisão. A dupla de jornalistas José Divino e Jackson Abrão formava a equipe de redação dos primeiros anos do telejornalismo na TV Anhanguera.

A TV Anhanguera integra a Organização Jaime Câmara (OJC), que é uma das maiores empresas de comunicação do Centro-Oeste. Fazem parte do grupo, além da TV, O jornal O Popular, a rádio CBN, a rádio e o jornal Daqui, a revista Ludovica e o portal G1 Goiás.

A emissora conta com oito praças em cidades importantes do interior do estado – como Anápolis, Jataí, Itumbiara, Catalão e Rio Verde, além das praças no entorno de Brasília e outras três emissoras afiliadas da Rede Globo no estado do Tocantins. Assim como a Rede Globo, a TV Anhanguera também é criticada por seus concorrentes por ter conseguido uma significativa expansão durante o regime militar (1964-1985). Um dos fundadores do grupo foi o deputado federal Jaime Câmara[10], do extinto PDS goiano. Ele teve o mandato cassado e os direitos políticos suspensos por 10 anos, de 1967 a 1971, por força do AI-5.

O telejornalismo ocupa parte significativa na grade de programação local da emissora. Atualmente são três os telejornais exibidos: Bom dia Goiás, Jornal Anhanguera 1ª edição e o

[9] Termo inglês usado para designar grupo de funcionários.

[10] Além de empresário, Jaime Câmara também foi secretário de estado, presidente da Associação Comercial, fundador da Federação do Comércio e deputado federal, dentre outros cargos que ocupou (GODINHO, 2008).

Jornal Anhanguera 2ª edição. Em 2 de fevereiro de 2019 a emissora estreou o Bom Dia Sábado, que vai ao ar a partir das 8 horas da manhã e tem, aproximadamente, uma hora de duração. O telejornal que é objeto de estudo nesta pesquisa é o Jornal Anhanguera 1ª Edição, que nasceu em 1987 e na época era chamado Jornal Anhanguera Edição do Almoço. Atualmente o JA 1ª edição vai ao ar de segunda a sábado e tem 1 hora e 15 minutos de duração. A princípio o telejornal é dividido em quatro blocos, mas, de acordo com uma primeira pesquisa exploratória, o jornal tem dois blocos fixos em função da pressão da concorrência e da briga pela audiência no horário.

De acordo com Moraes (2012), pesquisas feitas pelo Ibope confirmaram que em Goiás a TV Anhanguera começou a perder a liderança na audiência em 2009 e passou a ocupar alternadamente os segundo e terceiro lugares. A queda aconteceu principalmente em Goiânia, onde é medida a audiência. A mudança do perfil socioeconômico dos telespectadores apontou um fortalecimento da classe C com mais poder de consumo. Segundo a autora, as mudanças no jornalismo foram necessárias por que a emissora se mantinha afastada desse público, privilegiando o conteúdo para as classes mais altas. Assim, tanto a rede quanto as afiliadas passaram a investir em "[...] novos modelos de telejornais que se identificassem e se aproximassem mais do telespectador que, por sua vez, começou a buscar informação em outras emissoras e na internet" (MORAES, 2012, p. 29).

É importante ressaltar que buscou-se fazer um recorte que contemplasse a região Centro-Oeste como critério de proximidade, buscando entender melhor como funcionam as diretrizes do jornalismo comunitário nas afiliadas; isto está mais bem detalhado na metodologia. Embora o aspecto histórico da implantação do telejornalismo comunitário não seja foco da pesquisa, tentou-se, de certa forma, recriar o trajeto de implantação do telejornalismo comunitário na TV Anhanguera, também usando o critério da proximidade[11], com o objetivo de entender melhor o objeto.

Esse processo de reconstrução do momento histórico – da história do telejornalismo comunitário na emissora – por meio de depoimentos depende exclusivamente da memória dos entrevistados que participaram daquele momento. Dessa forma, nessa etapa foram elaboradas 10 perguntas e enviadas via e-mail para ex-funcionários que trabalharam na emissora na década de 1990, que marca o início do telejornalismo autodenominado 'comunitário' (APÊNDICE A). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C) também foi enviado

[11] O critério de proximidade se refere aqui ao fato de a autora ter trabalhado por 16 anos na emissora e conhecer ainda alguns jornalistas que trabalham na redação de telejornalismo e que auxiliaram na elaboração do texto que se refere à emissora.

a eles. Dos 10, apenas três ex-funcionários responderam às perguntas, mas as informações colhidas são valiosas para a pesquisa. É importante mencionar aqui que, com base nos depoimentos, fica claro que, pelo menos na TV Anhanguera, não existia um projeto escrito sobre as ações voltadas para fazer o telejornalismo autodenominado 'comunitário'. O que havia era um conjunto de esforços baseado nos números de audiência e nas orientações da Rede e ações consideradas intuitivas. Antes dessa época a emissora era vista como elitista, alinhada com os interesses dos governos municipal e principalmente estadual.

Em relação ao que se considera como observação inicial, apenas três pessoas responderam às perguntas enviadas via e-mail, colaborando assim para o resgate histórico. A editora executiva Lilian Santos, que trabalhou na empresa de 1996 a 2010, relatou que a ideia de investir nas reportagens comunitárias, na época, surgiu em função da necessidade de ficar mais próximo da comunidade e de mostrar problemas básicos – como carências no abastecimento de água e em temas como saneamento, energia, asfalto, segurança e educação. Esses itens, inclusive, foram contemplados na tabela de categorização da pesquisa.

Em questionário aplicado pela pesquisadora à ex-repórter, produtora e editora da emissora Iara Lourenço, esta comentou que a TV entrou como mediadora da relação entre uma população que experimentava o crescimento desordenado da cidade e o Estado. Iara contou que foi inserida em uma das primeiras ações, um projeto chamado Jornalismo nos Bairros, que consistia em escolher, a cada dia, um bairro (não revelou o critério), que recebia o caminhão *link* da emissora e de lá era ancorado todo um bloco do telejornal. "As pessoas participavam e reclamavam dos problemas. O caminhão *link* atraía uma pequena multidão e as pessoas participavam", conta Iara. A jornalista explicou ainda que o tempo todo a conquista da audiência norteava as pautas e que houve, inclusive, uma recomendação da Rede Globo para que o telejornalismo local fosse realçado com a proposta comunitária. Iara Lourenço lembra que na época vários bairros foram atendidos e problemas resolvidos (sem mencionar quais).

Respondendo ao questionário aplicado, a ex-editora executiva Lilian Santos relembra ainda que o desafio das pautas deu energia ao jornalismo e que a estratégia deu certo, as pessoas se aproximaram da TV, sentindo as mudanças e em busca de soluções para os problemas de seus bairros. Ela conta também que a Rede Globo investiu muito no jornalismo comunitário nas praças. Foi montada uma equipe de coordenação das afiliadas chefiada pelo jornalista Marco Antônio Rodrigues, o 'Bodão', que viajou todo o País com repórteres, editores, produtores e repórteres cinematográficos para relatar as experiências bem-sucedidas da Rede no Rio de Janeiro e São Paulo e reforçar o sentido comunitário no telejornalismo local. Lilian explica que antes dessa proposta comunitária o jornalismo nos bairros era mais frio, descritivo,

êsem o tom de cobrança do poder público para as demandas do cidadão. Outro projeto que buscava estreitar os laços de relacionamento com a comunidade, lançado pela TV Anhanguera, foi o QVT (Quero Ver na TV).

Essa ferramenta foi tema da dissertação de mestrado da jornalista Adriana Moraes na época em que trabalhava como editora de texto na emissora. A jornalista relembra que o jornalismo comunitário foi uma estratégia para adequar o conteúdo da emissora à audiência nas classes C e D, onde os concorrentes começavam a ganhar audiência por serem mais populares. O QVT tinha a missão de se tornar um canal mais direto de comunicação entre o telespectador e a redação. A proposta era tornar o envio de sugestões de pautas mais rápido e eficiente. Antes de mandar a sugestão, o telespectador tinha que entrar no site do G1 e clicar no ícone QVT. Em 2014 o quadro passou por uma reformulação e a partir de 2020 o QVT se transformou em um aplicativo. Mais moderno, ele pode ser baixado direto no telefone celular compatível com os sistemas Android e IOS e por ele o telespectador pode mandar denúncias, sugestões, textos e vídeos. Depois de fazer um cadastro o telespectador escolhe para qual unidade (Praça) da TV enviar a mensagem. No período de coleta das amostras da pesquisa, em função da pandemia do novo coronavírus, a apresentação do QVT era feita em semanas alternadas pelos jornalistas Fábio Castro e Lilian Lynch e com a participação de diversas praças do interior do estado.

Com a apresentação deste pequeno histórico ressalta-se que a intenção foi evidenciar a ligação entre o desenvolvimento de um jornalismo comunitário com o interesse em se aproximar do telespectador e, consequentemente, da audiência. Fica claro que os números desfavoráveis de audiência da TV Anhanguera em Goiânia impulsionaram o interesse por pautas que mostrassem os problemas do cidadão em bairros periféricos da cidade.

2.7.2 A TV Morena

O levantamento bibliográfico revelou poucas fontes que apresentassem o trajeto histórico das emissoras do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul, mesmo assim, foram resgatados alguns aspectos interessantes. Vale ressaltar aqui, novamente, que não é objetivo desta pesquisa fazer uma abordagem histórica do jornalismo comunitário das emissoras, mas sim contar a trajetória da emissora em si.

A TV Morena foi criada em dezembro de 1965, antes da divisão do Estado do Mato Grosso, e pertence ao grupo Matogrossense de Comunicação, administrado pela família Zahran. O grupo empresarial opera na distribuição de gás na região Centro-Oeste e, inicialmente, adquiriu a concessão de três canais de TV em Campo Grande, Cuiabá e Corumbá. No começo

da operação da emissora eram transmitidos programas da TV Record (Emissoras Unidas), novelas da TV Excelsior e programas da Rede Tupi.

Soares (2016) diz que, na ocasião, os concessionários tinham, ainda, outros interesses econômicos, uma vez que a expansão da TV significava um impulso em outro tipo de comércio: a venda de aparelhos de televisão e o grupo revendia aparelhos da marca Philco. Os empresários chegaram, inclusive, a montar uma pequena fábrica de aparelhos da marca Michigan e, com a inauguração da emissora, a procura por aparelhos foi intensa.

De acordo com Soares (2016), desde o início a direção da TV Morena reservou de quatro a cinco horas de programação local diariamente; e o telejornalismo nasceu praticamente junto com a emissora. O primeiro telejornal da TV Morena foi o Notícias do Dia, apresentado pela primeira vez em 27 de dezembro de 1965 (dois dias depois da inauguração). O telejornal tinha edições diárias de 25 minutos, era veiculado de segunda a sexta-feira, com uma estrutura que apresentava blocos de notícias internacionais, nacionais e locais intercalados por intervalos comerciais. De acordo com Dib (2013), era um telejornal simples, feito no estúdio, basicamente com notas e slides, sem gravações externas. Segundo a autora, na época a empresa ainda não tinha equipamentos para produção de reportagens e nem existia a função de repórter.

Soares (2016) acrescenta que eventualmente eram apresentados pequenos filmes de 35 milímetros, enviados pelas emissoras de São Paulo e pelo governo federal, com textos prontos. O autor esclarece que geralmente eram informações de solenidades oficiais onde o locutor lia o texto enquanto o filme era projetado em preto e branco. O telejornal também mostrava filmes enviados pelas embaixadas dos Estados Unidos, França e Inglaterra. Outros formatos televisivos, como entrevistas e editoriais, apareciam no telejornal com pouca frequência. O autor ressalta ainda que, apesar da pouca estrutura, o telejornal Notícias do Dia também apresentava notícias locais, como eventos políticos, acontecimentos sociais, acidentes e notícias da Câmara Municipal e da Prefeitura.

Ainda segundo Soares (2016), o telejornalismo da TV Morena passou a mudar a partir de janeiro de 1976, quando deixou de transmitir a programação mesclada de três emissoras e passou a ser uma das afiliadas da Rede Globo. Em 1977, com a divisão do estado do Mato Grosso, a TV Morena e Cidade Branca, de Corumbá, passaram a gerar programação para o Mato Grosso de Sul; a TV Centro América ficava responsável pela programação do estado do Mato Grosso, nascendo assim o que se costumou chamar de caráter bi estadual da Rede Matogrossense de Televisão. Segundo Dib (2013), naquela época o principal jornal da emissora era o Jornal da Verdade, que em 1979 mudou de nome e passou a se chamar Jornal das Sete.

Em janeiro de 1983, dentro de uma nova estruturação da Rede Globo, os telejornais regionais começaram a ser veiculados nos Estados no início da noite. A TV Morena iniciou, em Campo Grande, a veiculação do MS TV 1ª e 2ª edição. Atualmente a emissora apresenta, diariamente, três telejornais: Bom Dia MS, MS TV 1ª edição e MS TV 2ª edição (SOARES, 2016).

De acordo com Dib (2013), o MSTV 1 vai ao ar ao meio-dia, de segunda a sábado, e é o segundo maior telejornal da TV Morena. Tem, em média, 40 minutos de produção e atualmente é apresentado por Bruna Mendes. O noticiário tem a participação com reportagens e entradas ao vivo da Praça de Campo Grande e também das cidades de Três Lagoas, Dourados, Ponta Porã e Corumbá.

2.7.3 A TV Centro América

Das três emissoras pesquisadas a TV Centro América é a que apresenta maior lacuna na narração de sua trajetória. Existe pouca ou quase nenhuma bibliografia disponível sobre os primeiros anos de funcionamento da emissora. A própria superintendência do Arquivo Público de Mato Grosso, subordinada à Secretaria de Administração, reconheceu a deficiência e apuração de dados históricos sobre a emissora e realizou, em 2007, uma programação chamada Semana da Televisão, tendo como tema 'A televisão em Cuiabá: do pioneirismo ao profissionalismo'.

De acordo com o site do governo do estado em Cuiabá, a primeira transmissão aconteceu dia 13 de fevereiro de 1969, mas a campanha para instalação da emissora na cidade começou em 1964 (MATO GROSSO, 2007). Uma das pioneiras da TV Centro América foi Antonieta Reis Coelho. Para que o grupo Zahran (dono da emissora) financiasse o projeto era necessário vender antecipadamente – antes mesmo da instalação de TV na cidade – uma cota de 1.500 televisores. A população foi então convocada a comprar os aparelhos quase como 'dever cívico'. Na época, o jornal O Estado de Mato Grosso estampou, na edição de 31 de dezembro de 1967, que: "A TV Centro América - canal 4 depende de você cumpra com seu dever na consolidação do progresso de Cuiabá" (MATO GROSSO, 2007). Dessa forma, enquanto os aparelhos eram vendidos o prédio que iria sediar a emissora era construído.

Antonieta Coelho conta que o nome da TV foi escolhido em função da localização do estado do Mato Grosso, que fica no Centro Geodésico da América do Sul. Ao site Antonieta revelou que, no início, a programação era regional, contando com 'improviso e talento' dos artistas locais. Incluía declamação de poesias, sermões e música erudita, tudo ao vivo. Além

das atrações locais também era possível assistir programas de outras emissoras (MATO GROSSO, 2007).

Em 1976 a emissora tornou-se afiliada da Rede Globo, assim como as demais emissoras da Rede Matogrossense de Televisão. Em 1977 a emissora tornou-se cabeça de rede para o Mato Grosso, após o desmembramento da porção sul do estado para criação do atual Mato Grosso do Sul (MTTV 1ª EDIÇÃO, [2022]).

De acordo com o site da Rede Globo, o MTTV 1ª Edição tem caráter basicamente comunitário, levando, ao telespectador, notícias e serviços. Sempre com especialistas de diversas áreas, o telejornal procura repercutir, ao vivo, temas para o bem-estar da população. O Bem na Hora é um dos pontos de extrema importância para o conteúdo do telejornal. Dessa forma, percebe-se que o telejornal local segue a linha dos demais telejornais da rede, com o mesmo padrão de abertura, cenário e estrutura do produto visando a proximidade com o público (MTTV 1ª EDIÇÃO, [2022]).

O MTTV é apresentado por Leandro Trindade, que tenta recriar, a todo instante, o clima de proximidade com o telespectador. O estúdio é simples, sem recursos digitais, mas com dois telões onde o apresentador interage como os repórteres e convidados. O telejornal é divido em três blocos com participações ao vivo de repórteres de vários pontos da cidade e de outras cidades do Mato Grosso do Sul – como Várzea Grande (segunda maior cidade do Mato Grosso), Rondonópolis e Tangará da Serra.

2.8 O objeto de pesquisa e a academia

Utilizando o critério da proximidade com a região Centro-Oeste e visando reduzir o recorte de avaliação de trabalhos acadêmicos (repositórios das universidades federais), optou-se localizar teses e dissertações que abordam o telejornalismo local da TV Anhanguera em Goiânia. Nesse sentido, fez-se uma busca no repositório da Universidade Federal de Goiás (UFG) tendo como ponto de partida a palavra-chave cidadania. Foram encontrados, na regional Goiânia, 65 resultados de diferentes programas de pós-graduação. Fazendo nova busca com a palavra-chave telejornalismo, foram encontrados 11 resultados. Analisando visualmente este resultado, buscando uma aproximação com o telejornalismo da TV Anhanguera como forma de refinar ainda mais a busca, chegou-se a quatro trabalhos.

Moraes (2012), em dissertação de mestrado apresentada na UFG, analisa o quadro ‘Quero ver na TV’, criado em 2008 pela TV Anhanguera como forma de incentivar a participação do telespectador em seus telejornais, em especial o Jornal Anhanguera primeira

edição. A autora discorre sobre como o trabalho dos jornalistas, a partir do uso dessa ferramenta, pode contribuir com a promoção da cidadania utilizando os critérios de noticiabilidade. O trabalho se concentra principalmente em acompanhar e analisar as sugestões que chegaram à emissora através da ferramenta QVT e as que efetivamente se transformaram em reportagens, ressaltando o aspecto da promoção da cidadania. Esse trabalho representa uma reflexão importante na medida em que propõe uma discussão sobre o uso de novas tecnologias no telejornalismo local enquanto fator de interatividade com o telespectador, além de abordar os critérios dos valores-notícia.

Rocha (2018), em dissertação de mestrado apresentada na UFG, analisa como o tema cidadania é abordado no conteúdo do telejornal JA 1ª edição no período entre 2010 e 2017. Segundo a autora, o noticiário passou por um intenso período de mudanças com objetivo de privilegiar questões relativas à cidadania. Rocha (2018) também constatou que as tecnologias de informação e comunicação (TICs) se destacam no processo de reformulação da emissora a partir de 2010.O trabalho de pesquisa desenvolvido por Rocha (2018) revela que o jornalismo passa por um processo de mudanças estruturais e o telejornalismo local busca se posicionar como ator social e também por formas de estreitar os laços com a audiência, seja criando novos quadros, seja mudando a linguagem visual e de apresentação do telejornal ou, ainda, ampliando os canais voltados para a participação popular.

A dissertação de Junqueira (2013), também defendida na UFG, apresenta uma análise da representação da violência urbana nos telejornais locais das TVs Anhanguera (Bom dia Goiás) e da Record (Direto da Redação). O trabalho discorre sobre o aumento da temática violência urbana nos telejornais e constata que o tempo destinado a esse tipo de abordagem tem aumentado. Tendo como base a teoria da *agenda-setting* e os critérios de noticiabilidade, a autora analisou a contribuição do telejornalismo para a cidadania.

Santana (2013) apresenta, em dissertação de mestrado defendida na UFG, um estudo de caso sobre a veiculação do quadro Mais Saúde, exibido pela TV Anhanguera, no Jornal Anhanguera primeira edição e a promoção da cidadania. A autora observou como os temas ligados à qualidade de vida e saúde da comunidade podem estar ligados à promoção da cidadania e como os profissionais da redação enxergam essa possibilidade.

Usando o mesmo critério e fazendo um sistema de busca no repositório da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), tendo como palavras-chave telejornalismo e cidadania, foram encontrados nove resultados. Depois, refinando a pesquisa e adicionando as palavras telejornalismo, comunitário e TV Morena, apareceram quatro resultados referentes a dissertações de mestrado.

A dissertação de Camila Dib, de 2013, intitulada: ‘A humanização da narrativa jornalística: a linguagem que aproxima o telespectador da notícia. O caso do MSTV1 - TV Morena’, aborda a tentativa de aproximar o telespectador da notícia e aumentar a audiência a partir da forma como os apresentadores mudam o jeito de transmitir a informação para conquistar o telespectador. Ela analisa as aproximações e distanciamentos nos textos jornalísticos dos apresentadores do MSTV1 da TV Morena, afiliada da Rede Globo em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. A pesquisa revela que os enunciadores usam textos mais simples e buscam alternativas para uma abordagem que seja de compreensão para todas as classes sociais. Apesar de abordar o jornalismo humanizado da TV Morena, como lacuna, a pesquisa não evidencia o discurso usado.

Outras duas dissertações de mestrado encontradas estão ligadas ao telejornalismo na TV Record e do SBT /MS e uma terceira dissertação aborda a programação radiofônica de fronteira e, dessa forma, não contemplam o objeto desta pesquisa.

No repositório da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), utilizando como modelo de busca a palavra cidadania, foram encontrados 833 resultados de trabalhos de diversas áreas do conhecimento. Usando como filtro a palavra comunitário, o número caiu para 451 trabalhos, mas também de diversas áreas. Em um segundo filtro, dessa vez usando a palavra telejornalismo, foram encontrados nove resultados, mas depois da análise visual observou-se que nenhum deles se relaciona com o objeto de estudo desta pesquisa, que é o telejornal MT1 da TV Centro América, tampouco foi localizado algum estudo comparativo entre as duas emissoras da Rede Matogrossense.

Na obra ‘Decidindo o que é notícia’ (VIZEU, 2003), que é derivada da dissertação de mestrado ‘A rotina produtiva dos editores de teto do RJTV 1: construindo a notícia’, defendida em 1997 pelo professor Alfredo Vizeu, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o autor afirma que os telejornais têm um espaço significativo na vida das pessoas e, assim sendo, tem papel relevante na imagem que os indivíduos constroem da realidade. O livro, 25 anos depois de escrito, segue contribuindo para reflexões sobre o telejornalismo local e a atividade jornalística, apesar dos avanços da globalização. Na obra, que aborda as rotinas produtivas de um telejornal local do Rio de Janeiro, o autor destaca que é na edição do telejornal que o mundo é recontextualizado e mostra como a organização do trabalho e os processos produtivos influenciam na construção da notícia.

No texto que faz parte de primeiro capítulo do livro, intitulado ‘A sociedade do telejornalismo’, Vizeu e Correia (2008) abordam o poder do telejornalismo e propõem a adoção do conceito de lugar de referência do telejornalismo na vida das pessoas em substituição ao

conceito de um lugar de segurança nas sociedades. A hipótese central do trabalho é de que o telejornalismo representa um lugar de referência para os brasileiros muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo.

Também falando sobre telejornalismo Vizeu, Porcello e Mota (2006) afirmam que o telejornal ocupa hoje um papel central na vida dos brasileiros e, na obra 'Telejornalismo: a nova praça pública', os autores refletem sobre como as notícias televisivas contribuem para o aperfeiçoamento da democracia brasileira levando em conta aspectos sociais, políticos e econômicos. No capítulo 'Telejornalismo: das rotinas produtivas a audiência presumida', que faz parte da obra citada, Alfredo Vizeu afirma que o telejornal é uma montagem de vozes, um espaço imaginário onde são propostos múltiplos espaços e a audiência pode escolher seu caminho com certa liberdade e pode, ou não, estabelecer relações, dependendo da forma como é tratada (VIZEU; PORCELLO; MOTA, 2006).

O autor Guilherme Jorge Rezende apresenta, na obra 'Telejornalismo no Brasil, um perfil editorial' outra importante contribuição para fomentar a reflexão acerca do telejornalismo em três emissoras de televisão de sinal aberto: o Telejornal Brasil, do SBT; o Jornal da Cultura, da TV Cultura; e o Jornal Nacional, da Rede Globo. Rezende (2000) considera que o telejornalismo cumpre uma função social e política relevante porque atinge um público formado, em grande parte, por indivíduos com pouca ou nenhuma escolaridade, desinteressados pela notícia, mas que assistem o telejornal enquanto esperam pela novela. Para o autor é justamente por causa desse tipo de público (passivo) que o telejornal se torna importante a ponto de representar a principal forma de democratização da informação (REZENDE, 2000). Na pesquisa o autor buscou fazer um estudo comparativo dos telejornais e submeter as matérias por formatos considerando os gêneros informativo e opinativo. Analisando a linguagem utilizada pelos três telejornais, em sua pesquisa o autor percebeu que, em todas as edições observadas, foram usadas a expressão verbal e, sendo assim, nenhuma informação foi transmitida apenas por imagem. O autor considera que, mesmo que a imagem seja ingrediente fundamental no telejornalismo, ela se ancora na expressão verbal para transmitir uma informação jornalística na TV. A partir da observação comparativa do *statu*s dos falantes, o autor também pôde perceber peculiaridades no estilo editorial dos telejornais, além da descrição do perfil editorial dos noticiários.

Ao fazer uma análise do telejornalismo comunitário da Rede Globo no SPTV primeira edição, Flausino (2002) afirma que a proposta trouxe mudanças no fazer jornalístico, mesmo com o debate sobre a autenticidade da inspiração comunitária. Segundo ela, o telejornalismo comunitário proposto pela Rede Globo surge com a possibilidade de aprofundar questões locais

e desafia os jornalistas a pensar em uma maneira diferente de contar as histórias do dia a dia (FLAUSINO, 2002). Dessa forma, a autora acredita que a proposta comunitária vem mudando o modelo tradicional de jornalismo. Para Flausino (2002) a programação regional é um contraponto à globalização que marca as sociedades contemporâneas. A autora destaca que o compromisso da emissora paulista (a TV de Vanguarda foi uma experiência histórica), além de informar, foi permitir que as pessoas se vissem na TV. Para a autora a TV não pode ignorar os problemas da dona de casa, do operário, dos jovens ligados por interesses comuns e que também fazem parte da audiência.

Em tese apresentada na USP, em 2007, Edna Mello faz um estudo sobre o SPTV 1ª Edição, telejornal exibido pela Rede Globo de televisão – empresa de comunicação hegemônica do País que caracteriza esse produto como jornalismo comunitário –, com a intenção de perceber quem são os interlocutores do processo e quais são as forças que se manifestam em relação ao repórter/comunidade e emissora/público. Para desenvolver o trabalho a autora se baseou nos estudos de Michel Foucault sobre a sociedade disciplinar e o panoptismo (vigilância e controle) em conjunto com as noções de Dominique Maingueneau sobre a cenografia do discurso que contribuem para o entendimento de que os bairros são apresentados nas reportagens como espaço de cena dos discursos e que o jornalismo televisivo funciona como um ordenador social, disciplinando os lugares de fala e de visibilidade das comunidades. Apesar da abordagem, percebe-se uma lacuna no que diz respeito à abordagem do discurso desse tipo de telejornalismo voltado para a comunidade (MELLO, 2007).

No artigo intitulado: 'As (in) visibilidades regionais das afiliadas da Rede Globo: os casos da TV Bahia e TV Sergipe', apresentado no 42º Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação em Belém (PA), Rocha, V. (2019) apresenta um estudo comparativo que resgata particularidades da TV Bahia confrontadas com as da TV Sergipe com o objetivo de observar semelhanças e diferenças, tanto em relação aos contextos estaduais quanto ao contexto macrorregional nordestino. O artigo é um recorte de um projeto de pesquisa mais amplo, intitulado: Geografias dos grupos de mídia da Região Nordeste, desenvolvidos entre os anos de 2017 e 2019, com enfoque em duas emissoras de TV locais-regionais afiliadas da Rede Globo: a TV Bahia, com sede em Salvador, e a TV Sergipe, de Aracaju. Rocha, V. (2019) apresenta contextos regionais e também conceitos específicos da geografia para refletir sobre a regionalização da mídia no Nordeste. Embora se trate de um estudo comparado entre emissoras afiliadas da Rede Globo, o estudo não oferece reflexões sobre jornalismo comunitário e promoção da cidadania, como foi proposto na pesquisa que ora se apresenta.

Há alguns anos Iluska Coutinho tem se debruçado sobre os estudos do telejornalismo local e a relação com a comunidade. Destaca-se aqui alguns trabalhos da autora como, por exemplo, o texto apresentado no Colóquio Internacional Televisão e Realidade, na Universidade Federal da Bahia, intitulado: 'Identidade no telejornalismo local a construção de laços de pertencimento entre a TV Alterosa de Juiz de Fora e seu público'. Nele Coutinho e Martins (2008) analisam em que medida ocorre a criação de vínculos entre o telejornalismo de produção local em uma emissora afiliada ao SBT na cidade de Juiz de Fora e o público a que se destina. As autoras partem da premissa de que a veiculação diária de produtos jornalísticos reforça as relações entre TV, município e seus habitantes. O artigo enfatiza a importância da produção dos telejornais locais, que ocupam lugar de produtores de significado sociais e culturais na sociedade contemporânea, reconhecendo que o telejornalismo local pode colaborar para produção de uma identidade local, na medida em que os telespectadores se identificam com as notícias produzidas e veiculadas e se inserem no contexto da narrativa apresentada nos telejornais.

Em 'Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento', que é um dos capítulos do livro 'A sociedade do telejornalismo', organizado por Alfredo Vizeu, Coutinho e Martins (2008) fazem reflexões sobre a questão local com base nas contribuições de Alain Bourdin. Dessa forma, em contraposição a um perfil mais burocrático de localidade (circunscrição projetada por uma autoridade) apresentado por Bourdin (2001), haveria um caráter mais simbólico que valoriza o encontro, a proximidade, a existência de afinidades e especificidades sociais e culturais partilhadas. No artigo a autora propõe que as relações de identidade cultural e social são reforçadas por meio da programação telejornalística de caráter local. Seguindo a ideia de Bourdin (2001), a autora detalha que o vínculo e a identidade social seriam fundamentados em três grandes dimensões: complementaridade e troca; sentimento de pertença à humanidade; e compartilhamento de uma mesma cotidianidade a partir do fato da vivência comum.

Christina Ferraz Musse é outra autora que colabora para a discussão sobre a televisão e o telejornalismo no Brasil. No artigo 'Cultura, televisão e imaginário urbano' a autora pondera sobre a importância da televisão e dos telejornais na tarefa de explicar o mundo para o cidadão comum, prestar serviços, de facilitar o acesso, dele, ao poder público e aos bens de consumo, garantindo informação e diversão (MUSSE, 2013). Segundo a autora, a imprensa estabelece, através de um interesse comum, um sentimento que une pessoas de lugares distantes e, assim, surge o público que não se limita ao aspecto físico geográfico.

Temer (2014a) também se dedica aos estudos sobre o telejornalismo e a comunidade. No artigo: ‘O telejornalismo entre o fato e suas representações: ver o telejornal ou ver no telejornal’ a autora avalia amplamente a bibliografia produzida por autores brasileiros e do exterior sobre televisão e, principalmente, do jornalismo de televisão, fazendo uma análise dos limites que envolvem a produção desse tipo de jornalismo. O trabalho dá ênfase ao uso de elementos como, por exemplo, recursos linguísticos e outras técnicas que procuram tornar o telejornalismo mais atraente para o público.

Pesquisando sobre a televisão, gêneros e interatividade, Temer (2009a) apresenta, no artigo ‘De tudo um pouco: o telejornalismo e a mistura de gêneros’, uma análise sobre a hibridização entre o telejornalismo e os novos gêneros híbridos que têm surgido na televisão brasileira. No texto a autora destaca que o telejornalismo está contaminado pela linguagem emocional e pela prestação de serviços.

No ensaio ‘Telejornalismo: um espaço construído’, Temer (2006) faz uma revisão do conceito de jornalismo e do desenvolvimento da televisão no Brasil e em outros países; apresenta uma reflexão sobre a relação entre modelos e formatos, assim como o momento histórico, social e político brasileiro em que esses produtos tiveram maior impacto junto ao público. Com base em Bourdieu (1997), a autora afirma, por exemplo, que, com o respaldo da credibilidade, o telejornalismo passa de instrumento de registro a instrumento de criação da realidade.

No livro ‘Flertando com o caos’, Temer (2014b) traz uma reflexão sobre as novas relações impostas ao telejornalismo com o objetivo de compreender como estão evoluindo as relações entre o Estado, o telejornalismo e a sociedade, levando em consideração um contexto urbano capitalista; ao mesmo tempo em que analisa também o cenário das transformações proporcionadas pelo digital e a busca por interatividade. A autora destaca que dessa forma surgem processos contraditórios com elementos que valorizam, aparentemente, os processos democráticos e a busca pela cidadania, mas que também são influenciados por interesses do grande capital e pela permanência como principal veículo através do qual os indivíduos têm acesso à informação.

Considera-se dessa forma, diante dos dados levantados, que esta pesquisa vem preencher uma lacuna no que diz respeito a uma análise comparativa das emissoras afiliadas da Rede Globo e as diferentes formas de desenvolver o telejornalismo autodenominado ‘comunitário’, apresentando também uma reflexão sobre elementos que envolvem essa forma de fazer telejornalismo e aguçando o debate sobre a promoção da cidadania dentro do modelo de comunicação mediada pela televisão.

2.9 O objeto e a participação popular

Este tópico visa apresentar o objeto desta pesquisa, ou seja, as reportagens e entradas ao vivo com viés comunitário feitas nos telejornais de primeira edição de três praças localizadas nas capitais da região Centro-Oeste. Para melhor conhecer o objeto de estudo em 2019 foi realizada uma pesquisa exploratória, portanto, antes das alterações provocadas pela pandemia de Covid-19, onde percebeu-se que os telejornais apresentavam várias reportagens feitas na periferia das cidades, em bairros com pouca infraestrutura. Os telejornais são estruturados basicamente em quatro blocos, com a duração média de dez minutos cada, e pelo menos uma das reportagens era apresentada, diariamente, de algum bairro das capitais e região metropolitana. O espaço para o jornalismo comunitário ocupava, na maioria das vezes, o segundo e o terceiro blocos dos telejornais.

As reportagens de cunho comunitário, geralmente consideradas factuais, apresentadas nos telejornais, tinham uma duração que girava em torno de 2" (dois minutos), com espaço para entrevistas com os moradores do local e uso de muitas imagens (cenas de cobertura) para retratar o problema. Em várias ocasiões o repórter fazia a passagem[12] no local onde a situação estava mais crítica ou ressaltando a grande participação dos moradores na reportagem, buscando, assim, reforçar o aspecto de que se tratava de um problema que afetava boa parte da comunidade. Era comum, ao final das reportagens (edição e produção), buscar uma resposta das autoridades competentes sobre o problema apresentado, criando uma espécie de ponte entre o cidadão e a autoridade. Em alguns casos a resposta era gravada pelo próprio repórter, que fazia a reportagem e estava mais familiarizado com o assunto; em outros casos o posicionamento das autoridades era manifestado em nota pé[13] (feita pelo editor) e lida pelos apresentadores no estúdio.

Pode-se dizer que essa estrutura faz parte da chamada rotinização do fazer jornalístico em televisão. Vizeu (2003, p. 80) destaca que "[...] as empresas do campo jornalístico são obrigadas a elaborar estratégias para dar conta de sua matéria prima principal: a notícia".

> Na produção de notícias, temos por um lado, a cultura profissional; e, por outro, as restrições ligadas à organização do trabalho sobre as quais são criadas convenções profissionais que definem a notícias e legitimam o processo produtivo, desde a captação do acontecimento, passando pela produção, edição até a apresentação.

[12] Passagem - gravação feita pelo repórter no local do acontecimento (PATERNOSTRO, 1999).

[13] Nota pé - uma nota ao vivo, lida no final da matéria, trazendo informação complementar (PATERNOSTRO, 1999).

> Resultado: estabelece-se assim um conjunto de critérios de relevância que definem a noticiabilidade de cada acontecimento. Ou seja, a sua capacidade para ser transformado em notícia. (VIZEU, 2003, p. 81).

Na pesquisa exploratória preliminar verificou-se que repórteres e apresentadores utilizam uma linguagem mais coloquial, em um tom de conversa com os moradores, para reforçar a ideia de aproximação. Com as autoridades o tom da entrevista é mais sóbrio, sem exageros e sem proximidade. Observou-se também que, dependendo da gravidade do assunto, eram feitas entradas ao vivo, também chamadas de *Link*. O objetivo dessa participação é reafirmar o problema, atualizar a situação ou, ainda, buscar uma solução junto às autoridades. Em vários casos as entradas ao vivo aconteciam em mais de um bloco do telejornal, levando o tema à exaustão. Se o problema não era solucionado ou se havia um prazo para a resolução, no estúdio os apresentadores cobravam, mais uma vez, uma resposta para as demandas apresentadas pelo cidadão. Essa fórmula (estrutura) era aplicada em todas as praças que fazem parte da pesquisa ora apresentada.

Em 2020, época em que os dados foram coletados, com a pandemia de Covid-19 e a necessidade de isolamento social, a estrutura observada na pesquisa inicial mudou nas emissoras. Na TV Anhanguera houve rodízio de repórteres e muitos trabalharam de casa. Também houve limitação de profissionais circulando na redação e algumas reportagens foram feitas com auxílio de alguns vídeos enviados pelos telespectadores.

O mesmo se pode dizer que aconteceu na TV Centro América em função das restrições sanitárias. Os repórteres passaram a entrar ao vivo do local onde estava o problema e eles mesmos descreviam a situação. Por essa razão, geralmente o tempo de participação extrapolava os dois minutos das reportagens editadas, mas, dessa maneira, quase não havia a possibilidade de o morador reclamar presencialmente.

O MSTV, da TV Morena, foi o único dos três telejornais observados que conseguiu desenvolver uma fórmula que garantisse a veiculação de reportagens com o viés comunitário mesmo na pandemia. Sobre isso discorre-se mais detalhadamente no capítulo de análise da pesquisa.

É importante destacar que o objeto de pesquisa em Goiânia tem outros concorrentes que lutam pela liderança de audiência com um apelo muito parecido com o do telejornalismo comunitário e no mesmo horário de exibição. A briga acirrada pela audiência é mais declarada à TV Record Goiânia, que exibe o programa Balanço Geral, e à TV Serra Dourada, que exibe, no mesmo horário, o Jornal do Meio Dia.

A queda de audiência na emissora afiliada da Rede Globo em Goiânia começou por volta de 2009 e levou à troca de diretores de telejornalismo em três ocasiões. O primeiro diretor a ser substituído foi o jornalista Jackson Abrão, que dirigiu o departamento de telejornalismo por vários anos. Jackson foi substituído por Orlando Loureiro, que foi escolhido pela própria direção da Rede Globo. Loureiro ficou na emissora de 2011 até 2015 e foi substituído por Álvaro Borges, que dirigia a afiliada da Rede Globo em Belém (PA). Curiosamente, Loureiro atualmente é diretor de jornalismo das emissoras do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Sem conseguir alavancar os telejornais da emissora, principalmente o da hora do almoço, e melhorar a audiência, Álvaro Borges foi substituído pela jornalista Brenda Freitas, que comandava o núcleo de rede na própria TV Anhanguera e permanece no cargo até os dias de hoje. Esse caráter de competição acaba pressionando ainda mais os jornalistas da redação em busca de bons resultados de audiência. Recentemente houve uma mudança na estruturação dos blocos (de quatro para dois) e com uma visível preferência por temas policiais.

Ainda em relação às emissoras analisadas, a pesquisa revelou que existem alguns elementos que são utilizados para chamar atenção e garantir a participação popular. Na TV Anhanguera um desses elementos é o aplicativo QVT (Quero ver na TV), citado anteriormente. A ferramenta possibilita a comunicação direta com a redação do telejornal, via internet, permitindo a sugestão de pautas e críticas. Sobre essa ferramenta é importante ressaltar que ela foi praticamente uma das primeiras a serem usadas com o intuito de aumentar a participação do telespectador e, de certa forma, reforçar o apelo comunitário. Entretanto não há, na verdade, como mensurar esse aumento na participação, uma vez que nem todo telespectador tem acesso a telefones que permitam baixar o aplicativo e nem todos têm livre acesso à internet. De acordo com o site G1, o QVT foi criado em 2014. Por dia, as ferramentas de comunicação com o público, que englobam QVT, WhatsApp e redes sociais, recebem cerca de mil mensagens (OLIVEIRA, 2020).

Por ter trabalhado na emissora por 16 anos (elemento de proximidade do objeto da pesquisa) destaco, ainda, outro projeto que também teve grande apelo comunitário, intitulado O bairro que eu tenho o bairro que eu quero (FIGURA 4). O projeto foi implantado em 2012 com a chegada do novo gerente de jornalismo da emissora, o jornalista Orlando Loureiro, vindo do interior de São Paulo e com indicação referendada pela Rede Globo.

O projeto consistia em escolher, semanalmente, um bairro da região metropolitana de Goiânia e mostrar seus problemas. Na sexta-feira, com auxílio de uma urna eletrônica cedida pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE), eram elencados alguns dos problemas do bairro e os moradores podiam eleger o que tinha de melhor e o que tinha de pior no bairro. Não se sabe ao

certo também se o uso da urna eletrônica estava ou não ligado à ideia de escolha democrática do assunto. Esta questão remete, novamente, ao aspecto do imaginário, ou seja, é tão democrática a escolha feita pelos moradores que tem até urna eletrônica do TRE legitimando a escolha.

Figura 4 - O bairro que eu tenho o bairro que eu quero

Fonte: Disponível em: g1.globo.com/goiás. Acesso em: 13 set. 2020.

Na sexta-feira, durante o Jornal Anhanguera 2ª edição, era conhecido o resultado da votação. No sábado, em edição especial, a caravana do projeto se instalava em uma praça do bairro para promover shows, cortes de cabelo, emissão de documentos e outros serviços. Uma autoridade também era convidada para falar sobre o tema mais reclamado pelos moradores. Assim como surgiu, desapareceu sem dar maiores explicações ao telespectador.

Recentemente a TV Anhanguera implantou a redação móvel – estratégia usada também no DFTV, RPC- Maringá - Rede Paranaense de Comunicação, ligado ao recém-criado Núcleo Digital, como forma de se aproximar do público. A redação, onde trabalham dois jornalistas, foi instalada em uma van que percorre os bairros. Os jornalistas recolhem as informações para elaboração de pautas e reportagens que, muitas vezes, já são executadas no mesmo dia e hora. A redação móvel segue a linha do apelo comunitário. Ela é instalada em um bairro para colher informações sobre problemas daquela localidade. Como diz o título da reportagem ilustrada na Figura 5, com este projeto é reforçada a ideia de proximidade. Entretanto, com a pandemia de Covid-19, esse projeto foi praticamente suspenso.

Figura 5 - Redação móvel

Fonte: Disponível em: g1golobo.com/goias. Acesso em: 15 ago. 2020.

Outra tentativa de reforçar a característica comunitária do telejornal da hora do almoço foi a implantação do quadro Zé do Bairro (FIGURA 6). No quadro um personagem virtual dá vida a um detetive, que busca soluções para problemas concretos enfrentados por uma determinada comunidade. Nessa busca, hora ou outra o personagem virtual Zé do Bairro se reveza com um repórter real para buscar elementos que ajudem na construção da notícia e na execução da reportagem.

Figura 6 - Quadro Zé do Bairro

Fonte: Disponível em: g1.golob.com/goias. Acesso em: 13 set. 2020.

O quadro estreou em 2018, mas não teve uma regularidade dentro do telejornal, ou seja, não tinha um dia da semana específico de exibição dentro do telejornal. O quadro dava, ao telespectador, a clara impressão de que o repórter virtual investigava a fundo um determinado problema, o que nem sempre acontecia.

O Zé do Bairro era apresentado como detetive do povo investigando e revelando problemas de construções de equipamentos públicos, paralisados, abandonados ou em outras situações semelhantes. O personagem virtual não tinha voz. O problema era denunciado em uma sequência de entrevistas dos próprios moradores interessados na resolução do problema. Depois do VT de denúncia aparecia um repórter real, com um microfone com canopla especial com a logomarca do quadro e uma lupa acoplada, em busca de uma resposta para o problema.

Sobre este aspecto, acrescenta-se, de forma complementar, que, no âmbito da pesquisa, esse quadro, sem contar os exageros da parte de alguns repórteres – o show da notícia mencionado por Marcondes Filho (1989) em outro tópico neste trabalho – é a iniciativa que mais se aproximou de um jornalismo voltado para a comunidade, uma vez que não se resumia apenas a mostrar buracos, pontes caídas, falta de coleta de lixo e deficiências na iluminação pública. As reportagens do quadro eram mais completas e contemplavam temas como abandono de obras de um posto de saúde, fechamento de escolas e superfaturamento de obras. Os repórteres cobravam efetivamente, nas matérias, um posicionamento das autoridades, percorrendo secretarias e outros órgãos da prefeitura ou do estado, até mesmo sem ter pauta marcada, não se contentando apenas com notas de retorno.

Esse quadro não teve continuidade na afiliada de Goiânia, mas quadro semelhante foi veiculado na TV Rio Sul, afiliada da Rede Globo sediada na cidade de Resende, sul do estado do Rio de Janeiro. Na emissora carioca o personagem surgiu em 2013 dentro do telejornalismo local, como quadro veiculado uma vez por semana no RJ 1ª Edição, e é chamado de ‘inspetor da comunidade’. Criando, assim, no imaginário do telespectador, a figura do jornalista-detetive-defensor da comunidade, que não só medeia, mas investiga e resolve os problemas. Ainda que as reportagens se resumam, praticamente, às demandas de infraestrutura dos bairros, esse quadro completou dez anos no ar na emissora carioca.

A TV Morena, de Campo Grande, segue a linha editorial da Rede Globo, investindo no telejornalismo de caráter comunitário. O ponto alto desse jornalismo é o MSTV 1ª Edição nos bairros. A emissora também possui um aplicativo que pode ser baixado no *smartphone* para incentivar a participação dos telespectadores. O nome do aplicativo é Bem na Hora, fazendo uma alusão à expressão popular que dá ideia de presença no momento exato em que um determinado fato acontece, como mostra a Figura 7.

Figura 7 - Aplicativo bem na hora

Fonte: Disponível em: g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul. Acesso em: 15 ago. 2020.

O Jornal MSTV 1ª Edição tem um espaço chamado Hora do Comunitário no qual são apresentadas as reclamações da população. Normalmente a produção escolhe um bairro para visitar e mostrar os problemas ou ainda um assunto como, por exemplo, iluminação pública. No segundo caso são mostrados vários bairros e ruas com o mesmo problema e, em seguida, é cobrada uma resposta das autoridades (estúdio). Antes da pandemia havia, inclusive, um carimbo virtual no estúdio para indicar a Hora do Comunitário, como mostra a Figura 8.

Figura 8 - Hora do comunitário MSTV

Fonte: Disponível em: g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul. Acesso em: 13 set. 2020.

A partir de 2019 o Hora do Comunitário foi transformado em um quadro fixo, com a participação do repórter Alexandre Cabral. Em 2020, com a pandemia do novo coronavírus, o repórter passou a apresentar o quadro de casa, mais precisamente do quintal de casa, de onde

ele mostrava os vídeos gravados por moradores dos bairros, comentava e apresentava uma resposta das autoridades. O repórter interagia o tempo todo com a apresentadora Bruna Mendes, ela inclusive, entre um comentário e outro do repórter, ensinava a gravar o vídeo com o celular em posição horizontal (deitadinho) para poder exibir a reclamação no telejornal. A apresentadora reforçava que se for fora da casa a gravação deveria ser com máscara. O repórter Alexandre Cabral entrava, do quintal de casa, no programa, pelo menos duas vezes, trazendo as reclamações dos moradores. Alguns vídeos tinham narração do telespectador e em outros ele mesmo fazia a narração.

A TV Centro América, de Cuiabá, é a mais nova das emissoras que compõem este estudo e vale ressaltar aqui que nas duas emissoras afiliadas da rede Matogrossense de televisão o gerente de jornalismo é o mesmo: o jornalista Orlando Loureiro, que teve passagem como gerente de jornalismo também na TV Anhanguera, em Goiânia, na época em que o apelo comunitário era forte.

Em uma primeira pesquisa exploratória observou-se a existência de um forte apelo da emissora em relação à defesa dos direitos do cidadão, a começar pelo *slogan* publicado na página da emissora na internet, como mostra a Figura 9.

Figura 9 - Jornalismo Comunitário TV Centro América

Fonte: Disponível em: g1.globo.com/mt/mato-grosso. Acesso em: 15 ago. 2020.

A emissora, a exemplo da TV Morena, também possui um aplicativo (Bem na Hora) para incentivar o telespectador dos telejornais a participar da produção enviando sugestões de pautas, críticas via *smartphone*. O telespectador também pode enviar fotos e vídeos (FIGURA 10).

Figura 10 - Aplicativo TV Centro América

Fonte: Disponível em: g1.globo.com/mt/mato-grosso. Acesso em: 20 ago. 2020.

Há, ainda, outros projetos desenvolvidos pela emissora em parceria com outras entidades com o objetivo de promover as demandas do cidadão. O Projeto Multiação completou, em dezembro de 2019, seis anos de realização, com 66 edições e beneficiando bairros de Cuiabá, Várzea Grande, Rondonópolis e Sinop. O projeto tem ampla cobertura dos telejornais da TV Centro América e é realizado em parceria com a federação das indústrias do estado e outras empresas. São oferecidos diversos serviços na área de saúde e exames laboratoriais, além de orientação jurídica e oferta de emprego. O projeto se assemelha muito ao já conhecido Ação Global[14], desenvolvido pela Rede Globo com a colaboração das afiliadas de todo o País. A emissora tem, como forte concorrente em Cuiabá, a TV Vila Real, canal 10, emissora afiliada da rede Record. As iniciativas relacionadas aqui demonstram o esforço das emissoras afiliadas à Rede Globo no Centro-Oeste em confirmar o apelo do telejornalismo comunitário no horário do almoço. Essa preocupação se mostra evidente não apenas no formato das reportagens e participações ao vivo, mas também no sentido de tentar evidenciar uma constante preocupação com os interesses da comunidade.

Nesse tópico destacou-se os projetos, quadros e aplicativos desenvolvidos pelas empresas de comunicação com o objetivo de incentivar a participação do cidadão em seus

[14] O projeto Ação Global começou em 1991. A primeira edição foi em Minas Gerais para oferecer serviços gratuitos à população do estado. E o sucesso do projeto foi tão grande que em 1995 passou a ser realizado em âmbito nacional. Desde então, uma vez por ano, Globo e SESI oferecem serviços gratuitos, como emissão de documentos, assistência jurídica, saúde preventiva, exames médicos e prática de atividades físicas. Fonte: Disponível em: https://redeglobo.globo.com/Responsabilidade-Social/acao-global/noticia/acao-global.ghtml. Acesso em: 10 abr. 2020.

telejornais de primeira edição, como uma maneira de reforçar a duplicidade no campo jornalístico citada por Traquina (2015). Segundo o autor, as empresas estão interessadas em auxiliar o cidadão, mas existe também a preocupação em agradar os interesses da própria emissora. Percebe-se, assim, o que Traquina (2015) chama de tensionamento de diferentes interesses. E funciona como se existissem dois polos.

> O positivo é o "pólo ideológico" em que a ideologia profissional que se tem desenvolvido ao longo do tempo define o jornalismo com um serviço público que fornece cidadão com a informação de que precisam para votar e participar na democracia e age como guardião que defende os cidadãos dos eventuais abusos do poder. No entanto, tal como os jornalistas desenvolveram a sua ideologia profissional em consonância com a teoria democrática e inspirados por ela, concomitantemente, mesmo, desde antes o século XIX, o jornalismo tem sido um negócio e as notícias, uma mercadoria que tem alimentado o desenvolvimento de companhias altamente lucrativas. (TRAQUINA, 2015, p. 27).

Sobre esse aspecto Bourdieu (1997) acrescenta que as empresas do campo jornalístico estão sempre preocupadas em desenvolver conteúdos que agradem a audiência. É o que ele chama de veredictos de mercado.

> [...] assim como o campo político e o campo econômico, e muito mais que o campo científico, artístico ou literário ou mesmo jurídico, o campo jornalístico, está permanentemente sujeito à prova dos vereditos de mercado, através da sanção, direta da clientela ou indireta, do índice de audiência (ainda que a ajuda do Estado possa assegurar certa independência com relação às pressões imediatas do mercado. (BOURDIEU, 1997, p. 106).

3 PARA REFLETIR SOBRE O COMUNITÁRIO

3.1 Conceitos de Jornalismo Comunitário

A palavra ‘comunitário’ deriva de comunidade, um substantivo feminino que, de acordo com o Dicionário *Online* de Português (COMUNIDADE, c2022) significa: estado do que é comum; paridade; comunhão, identidade. Conjunto das pessoas que habitam o mesmo lugar, pertencem ao mesmo grupo social, com um mesmo governo, que partilha da mesma cultura e história; esse local. População que habita um lugar e partilha dos mesmos interesses. No dicionário Silveira Bueno significa associação de pessoas que têm o mesmo objetivo.

Nessa pesquisa a palavra comunitário se relaciona com a representação de um grupo de pessoas de um determinado lugar, uma população que partilha dos mesmos interesses: melhorar as condições de vida em um determinado lugar, no caso, o bairro onde moram. Essa relação atende à possibilidade de o jornalismo, e, neste caso específico, o jornalismo autodenominado ‘comunitário’, de atuar como mediador na apresentação das demandas desse grupo aos representantes e autoridades de diversas esferas. Ainda assim, a expressão demanda algumas considerações.

Peruzzo (2004a) acredita que mesmo com o fenômeno da globalização as questões locais ressurgem em uma dinâmica global, criando e recriando identidades locais e globais. Daí surge, inclusive, o neologismo ‘glocalização’. Peruzzo (2004a) explica que o local, a família e a comunidade são percebidas como espaços de abrigo e aconchego em meio aos problemas da vida urbana. Para definir comunidade a autora se baseia em uma constatação de Palácios (2001, p. 1 *apud* PERUZZO, 2004a) que afirma que a ideia “[...] o conceito de comunidade tão central na Sociologia Clássica é uma invenção da modernidade”. E assim surgem as contraposições entre sociedade e comunidade. Ainda segundo a autora, Bauman (2003 *apud* PERUZZO, 2004a) ressalta a sensação boa que a palavra carrega em meio à hostilidade do mundo lá fora. Para Weber (1973 *apud* PERUZZO, 2004a), comunidade também se apoia em aspectos afetivos abrangendo situações heterogêneas e que na comunidade os fins são racionalmente sustentados por grande parte de seus integrantes. Entretanto, a ideia de comunidade não pode ser definida por um sentimento de situação comum. Para explicar o conceito de comunidade Peruzzo (2004a) recorre ainda às ideias de Ferdinand Tönnies, para quem a existência de um processo de comunidade estaria ligada, em primeiro lugar, a laços de sangue; em segundo lugar, à aproximação espacial; e, em terceiro lugar, à aproximação espiritual. Dessa forma, as características de comunidade estariam ligadas a parentesco, vizinhança e amizade. É quando

Tönnies (1977) fala em proximidade e vizinhança, um conceito que particularmente interessa a este trabalho. Peruzzo e Volpato (2009) sintetizam essa ideia da seguinte forma:

> A vizinhança caracteriza-se pela vida em comum entre pessoas próximas da qual nasce um sentimento mútuo de confiança, de favores, etc. Dificilmente isso se mantém sem proximidade física. A amizade está ligada a laços criados nas condições de trabalho ou no modo de pensar. Nasce das preferências entre profissionais da mesma área ou daqueles que partilham a mesma fé, trabalham pela mesma causa e reconhecem-se entre si. (PERUZZO; VOLPATO, 2009, p. 142).

Ao falar sobre leituras possíveis de comunidade na obra 'O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo', Raquel Paiva explica que a discussão sobre o tema se origina no pensamento platônico e envolve a moral cristã na filosofia medieval, além de estar presente no pensamento romântico alemão. Comunidade, portanto, envolve povo, nação, Estado e sociedade. Considerando algumas configurações que o conceito tem assumido na história do pensamento, as propostas comunitárias têm, por princípio, a comunhão e a partilha entre os indivíduos, entretanto, esse conceito tradicional se altera com o vínculo como território (PAIVA, 2003).

No artigo 'Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia', Paiva (2006) explica que na América Latina os estudos e práticas ligadas à comunicação comunitária surgiram nas décadas de 1960 e 1970 e tiveram como ponto forte a ação das comunidades eclesiais de base da igreja Católica. A autora diz ainda que nas décadas de 1980 e 1990 a temática dispersou, entretanto, hoje a questão do comunitarismo e da comunicação comunitária voltou a interessar a comunidade científica e de forma mais intensa no Brasil

Ao definir os lugares da comunicação comunitária, Paiva (2006) defende que existe uma sinergia entre a comunicação comunitária e a produção midiática.

> Potencializando as facetas positivas dessa interrelação, que são para a grande mídia a inegável proximidade com a existência concreta das populações, mais bem apreendida pelos veículos comunitários. Esta característica pode ser extremamente útil – e já o tem sido – quando o propósito é selecionar pautas e assuntos que envolvam diretamente a coletividade. (PAIVA, 2006, p. 69).

Ao falar de jornalismo comunitário, Paiva (2006) cita a perspectiva do sociólogo inglês Anthony Giddens, que diz ser imprescindível a busca de alternativas particulares para cada questão, revisando posturas já adotadas. Para a autora, "[...] o jornalismo voltado para o quotidiano de coletividades específicas encara uma nova perspectiva, considerando principalmente a necessidade de acoplar à visão local a existência dos demais lugares, dos

centros de decisão, das particularidades de outros lugares do planeta" (PAIVA, 2006, p. 69). Esse caráter de nova perspectiva é importante para esta pesquisa a partir do momento em que uma grande empresa de comunicação adota para si essa definição de comunitário, ainda que coloque essa postura como um conceito posto sem maiores discussões.

A expressão 'jornalismo comunitário' tem motivado reflexões de autores como Cicília Peruzzo, Ciro Marcondes Filho e José Marques de Melo, que são unânimes em afirmar que o termo envolve fatores como produção, execução e veiculação do material jornalístico em ambiente comunitário; e que vão além do simples registro de uma situação de precariedade de uma rua, uma escola, um bairro. A ideia dos autores é a afirmação de que a comunicação comunitária é feita pela comunidade e para a comunidade e, por extensão, o jornalismo comunitário teria a mesma dinâmica.

Marcondes Filho (1989) considera que o jornalismo comunitário implica na ação da comunidade para obter mais força política, melhor poder de barganha e impacto social. O autor diz ainda que esse tipo de jornalismo é o meio de comunicação que interliga, atualiza e organiza a comunidade e realiza os fins a que ela se propõe (MARCONDES FILHO, 1989). Existe, assim, uma força comunitária que não faz parte apenas da abstração. O autor também não concorda em classificar como veículo comunitário aqueles que buscam leitores, reproduzindo, assim, a perspectiva da grande imprensa.

Ao comparar esse jornalismo comunitário e o jornalismo popular, Cicília Peruzzo afirma que existe uma semelhança entre os dois conceitos.

> A comunicação popular foi também denominada de alternativa, participativa, participatória, horizontal, comunitária, dialógica e radical, dependendo do lugar social, do tipo de prática em questão e da percepção dos estudiosos. Porém, o sentido político é o mesmo, ou seja, o fato de tratar-se de uma forma de expressão de segmentos empobrecidos da população, mas em processo de mobilização visando suprir suas necessidades de sobrevivência e de participação política com vistas a estabelecer a justiça social. No entanto, desde o final do século passado passou-se a empregar mais sistematicamente, no Brasil, a expressão comunicação comunitária para designar este mesmo tipo de comunicação, ou seja, seu sentido menos politizado. (PERUZZO, 2003, p. 49).

Nas colocações dos dois autores percebe-se o reconhecimento da força comunitária, organizada e reivindicatória e o sentido político que perpassa a definição de jornalismo comunitário.

Sobre o jornalismo comunitário no Brasil, Melo (2006) faz uma observação pessimista. O autor afirma que a imprensa comunitária não encontra condição de se desenvolver no Brasil

e as raízes desse fenômeno estão nos elementos que marcam a estrutura sociocultural do País, que são, na opinião do autor:

> [...] o analfabetismo de nosso povo, mais afeito a comunicação rural que a comunicação impressa; o autoritarismo político, que tem sido uma constante em nossa história, impedindo ou dificultando a mobilização e a participação dos cidadãos na condução dos destinos nacionais; a concentração de renda nas mãos de uma elite burguesa e o pequeno-burguesa, que marginaliza vastos setores da população do consumo de produtos industrializados, incluindo o das mercadorias culturais e assim por diante. (MELO, 2006, p. 131).

O autor diz ainda que não existe vida comunitária no nosso País, pelo menos no que se refere às áreas urbanizadas e alfabetizadas. Isso acontece porque a estrutura política, autoritária e desmobilizante, não permite a propagação de ideais democráticos que são indispensáveis para a aglutinação comunitária. Na opinião de Melo (2006) os caminhos da imprensa comunitária no Brasil passam pela luta de transformação da estrutura social e econômica do País.

3.2 O telejornalismo comunitário da Rede Globo

No final da década de 1970 a questão do jornalismo comunitário no modelo adotado pela Rede Globo de Televisão – um produto voltado para atender as demandas da população, principalmente a de renda mais baixa e que mora nas regiões periféricas das cidades – passou a fazer parte de uma estratégia disseminada entre as emissoras afiliadas com o objetivo de enfrentar opções de jornalismo popular/sensacionalistas colocado no ar por emissoras concorrentes. Em termos estruturais, trata-se de uma mudança significativa no modelo de telejornalismo da Rede, e um elemento que merece atenção na evolução do telejornalismo brasileiro.

De acordo com o livro ‘Jornal Nacional: a notícia faz história’ (JORNAL..., 2004), a TV Globo já tinha tradição de jornalismo comunitário desde 1966, quando cobriu as enchentes no Rio de Janeiro. Na época, a emissora demonstrou preocupação em relatar as questões da comunidade. Boa parte da cidade ficou alagada; 200 pessoas morreram e 50 mil ficaram desabrigadas. Conforme Castro (2019), a Globo se destacou porque fez uma cobertura muito além do que a televisão da época estava acostumada.

> Apesar das dificuldades técnicas, o canal interrompeu sua programação, posicionou duas câmeras em seu terraço, no Jardim Botânico, e passou a exibir os fatos ao vivo, com narração de Hilton Gomes (1924-1999). Além disso, as equipes foram para as ruas carregando câmeras Auricon e captando as imagens da tragédia. Motoqueiros

> levavam os filmes para a emissora, que eram imediatamente revelados e exibidos. Para completar, foi promovida uma grande campanha comunitária nos estúdios da Globo. Já no primeiro dia, o local ficou tomado por toneladas de remédios, mantimentos e cobertores, que foram doados para os desabrigados. (CASTRO, 2019).

De acordo com o site da Rede Globo, o precursor do telejornalismo autodenominado de 'comunitário' na emissora foi o SPTV 1ª Edição. Foi esse telejornal que a empresa elegeu como o produto que consolidou o conceito de telejornalismo comunitário que ela mesma desenvolveu no fim da década de 1990. O telejornal era voltado para a população local e trazia informações sobre os problemas dos bairros. O site diz ainda que uma experiência piloto teve início antes mesmo da inauguração da sede da Globo em São Paulo, em janeiro de 1999[15] (SPTV, 2021). Em entrevista ao site, o então diretor da Globo São Paulo, o jornalista Amauri Soares, contou que o projeto foi desenvolvido a partir de três pilares:

> [...] fazer dos telejornais da Globo um canal de comunicação entre as comunidades e as autoridades públicas, criando um espaço de discussão e busca de solução dos problemas; documentar as dificuldades de exercer a cidadania numa região metropolitana grande e populosa como a de São Paulo; e mostrar hábitos , comportamentos, manias e modismos dos moradores para que eles se vissem retratados nos telejornais. (SPTV, 2021).

Ainda segundo o site da emissora, dessa forma o telejornal SPTV abriu espaço para denúncias, permitindo, ao público, reclamar de órgãos do governo, empresas e concessionários de serviços públicos. No primeiro mês o índice de solução dos problemas foi de mais de 90%, segundo o diretor de planejamento da CGJ, Carlos Henrique Schroder . Em função do que o site chama de sucesso, o modelo do SPTV 1ª Edição foi aplicado no Rio de Janeiro no ano 2000 e depois foi levado para os telejornais locais das afiliadas. Em 2000 o SPTV 1ª Edição desenvolveu o quadro SPTV Comunidade (SPTV, 2021).

Entretanto, de acordo com o site Na telinha UOL, foi a partir do Recife, com o NE1, que a Rede Globo iniciou a reformulação do seu jornalismo local. O site afirma que a reformulação começou em 2009, com um novo cenário, nova linguagem no estúdio (mais longe da bancada) e com o investimento em entradas locais ao vivo na Região Metropolitana (HÁ 10 ANOS…, 2010). Essa renovação se concretizou com a criação do quadro 'Calendário no NE1' (FIGURA 11). A proposta era relativamente simples: uma equipe de reportagem registrava um determinado problema da comunidade e o telejornal, junto com a população, marcava uma data para a autoridade resolver aquele problema. O telejornalismo se comprometia, então, a voltar naquela data para constatar a resolução ou não do problema em questão. Em entrevista ao site,

[15] Apesar de o site oficial não mencionar a data, segundo Flausino (2002), a data foi março de 1998.

a diretora de jornalismo da Globo Recife, Jô Mazzarolo, afirma que, em pouco mais de 10 anos, mais de 292 casos acompanhados pela emissora foram resolvidos. Ainda sobre o quadro, a diretora pontua:

> O calendário é um jeito de escutar os desejos das pessoas. Ele mostra o que incomoda o que precisa ser feito. Às vezes, os gestores pensam em obras grandiosas e muitas vezes caras, sem escutar o que os moradores precisam. O quadro dá a chance do público falar o que deve ser feito naquele local. (HÁ 10 ANOS…, 2010).

Figura 11 - Quadro Calendário do NE1

Fonte: Disponível em: https://natelinha.uol.com.br/televisao/2019/04/11/ha-10-anos-globo-iniciava-reformulacao-do-seu-jornalismo-local-a-partir-do-recife-127265.php. Acesso em: 20 ago. 2020.

O site menciona ainda outras iniciativas de proximidade, como o SPTV Comunidade, em 2005; o RJ Móvel, em 2007; e a Redação Móvel de Brasília, em 2009. Mas o site destaca que o modelo recifense é, de longe, o de maior êxito e mais visibilidade entre as praças. Em entrevista ao site, a diretora de jornalismo afirma que: "O que deu certo para um local pode ser replicado com adaptações necessárias" (HÁ 10 ANOS…, 2010). A reportagem do site diz ainda que a mudança veio em um momento muito crítico para a Globo Recife, que nos anos de 2006 a 2008 ocupava a vice-liderança, perdendo audiência para a afiliada do SBT em Pernambuco, que exibia um programa policial. Em entrevista ao site Jô Mazzarolo relembra que uma pesquisa indicava que, para o público, a Globo não se envolvia nos problemas da comunidade e não cobrava (HÁ 10 ANOS…, 2010).

A virada veio em 2008, quando o diretor da Central Globo de Jornalismo, Carlos Henrique Schroder, propôs uma mudança no conceito do telejornal. Em uma rápida entrevista feita via e-mail por mim com a diretora de jornalismo da Rede Globo Recife, ela explicou ainda que no NE1 o jornalismo comunitário não nasceu com o quadro Calendário. De acordo com a resposta de Jô Mazzarolo, a proposta comunitária nasceu antes, com o quadro O bairro que eu quero, que era uma votação dos serviços que funcionavam e dos que não funcionavam nos bairros. Segundo a diretora, depois foi criado o Vida Real, onde eram mostrados os problemas dos bairros numa reportagem e noutra algo bom, do qual os moradores se orgulhavam (praça, artistas, trabalho social, artesanato). Jô Mazzarolo esclarece ainda que o quadro Calendário só foi criado em fevereiro de 2009. Conta também que a proposta do jornalismo comunitário é mostrar o que os moradores de um bairro, cidade ou Estado gostariam que os seus representantes fizessem; suas necessidades mais urgentes.

Indagada sobre a intenção desse tipo de jornalismo de despertar uma discussão mais profunda sobre os direitos do cidadão, Jô Mazzarolo respondeu que o telejornal mostra, todos os dias, locais onde: a cada chuva, a casa enche d'água, o transporte é lotado e escasso, o abastecimento de água e rede de esgoto são péssimos. As obras não terminam e quando terminam são malfeitas porque continuam causando problemas. Sobre a questão de dar voz à população pensando também na audiência, a diretora respondeu que: "[...] na medida em que você oferece informação útil e próxima, oferece voz, ele se sente parte".

Já em entrevista ao site Na telinha UOL sobre o novo formato com os apresentadores de pé e uma linguagem mais informal, Jô Mazzarolo lembra que ele foi aprovado depois da gravação de um piloto. Ela diz também que houve uma resposta positiva do público logo no primeiro ano do novo formato e que o jornal recuperou a audiência em 2009. A diretora de jornalismo destaca que um ponto importante dessa mudança foi não pautar o jornal unicamente com reportagens de polícia. Percebe-se, assim, a preocupação em desenvolver um formato que cative o público e garanta audiência (HÁ 10 ANOS…, 2010).

É importante aqui mencionar como a Rede Globo se inseriu no contexto histórico da televisão no Brasil. A TV Globo do Rio de Janeiro entrou no ar em abril de 1965 exibindo uma programação voltada para a linha popular. Para Lima (2001), esse foi o primeiro passo para a construção da maior rede de comunicação do País e, ao mesmo tempo, o início da empresa líder de um conglomerado econômico-financeiro com interesse em diversas áreas. Nesse percurso de consolidação da liderança de audiência, além de uma proximidade com o regime militar, a emissora também obteve ajuda do capital e da tecnologia norte-americana. Uma ajuda importante recebida do grupo Time Life, que na época se transformou em um escândalo e foi,

inclusive, alvo de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Congresso Nacional. De acordo com Kehl (1986), o contrato com a empresa Time Life foi assinado em 1962 em forma de sociedade por cotas, mas o acordo, além da assistência técnica, também permitia certa interferência administrativa, o que não é permitido pela legislação brasileira. Como fruto da sociedade com a Time Life, em 1966 a empresa passou a ser comandada por profissionais de publicidade e *marketing* como Walter Clark. Dessa forma, a emissora se tornou um forte empreendimento comercial. O valor investido na época, pela Time Life, foi de 5 milhões de dólares, recebidos pela Globo em 14 parcelas. Depois de muita discussão e pressão de políticos, o contrato Globo Time Life foi considerado ilegal, em 1968, pelo presidente Costa e Silva (LIMA, 2001).

Apesar do escândalo, mas com conhecimento e experiência necessários, a Rede Globo se tornou uma das primeiras emissoras brasileiras a se pautar pelas questões de mercado. Colocou no ar, em 1969, o Jornal Nacional, o primeiro noticiário em rede nacional da televisão brasileira, ao vivo, através do sistema da Embratel[16] (PATERNOSTRO, 1999). A emissora se firmou na década de 1970, em pleno governo militar, e se beneficiou da proximidade com o poder para estender sua rede de emissoras e consolidar a audiência. Ainda de acordo com Kehl (1986), a emissora, que no começo não representava uma grande preocupação para as concorrentes, reorganizou a forma de relação com o anunciante, pensando em estratégias de comercialização. Percebe-se, assim, que a emissora sempre esteve pautada em aspectos comerciais, usando lógica de mercado para se tornar uma potência em comunicação reconhecida em todo mundo como empresa produtora de conteúdo. Essa situação remete à pergunta de partida deste trabalho: Como o autodenominado telejornalismo 'comunitário' se encaixa nessa lógica de mercado? Essa seria apenas uma estratégia para gerar audiência? Gerar valor simbólico junto à comunidade? São perguntas que o trabalho se propõe a responder.

3.3 Nos moldes de uma Televisão Comunitária

Há vários anos a pesquisadora Cicília Peruzzo tem se dedicado aos estudos da televisão comunitária no Brasil principalmente com o objetivo de identificar as modalidades de participação popular nos chamados canais comunitários no sistema de televisão a cabo e, assim, verificar o significado dessa modalidade para a democratização da mídia no Brasil. As

[16] Embratel: Empresa Brasileira de Telecomunicações, criada pelo governo militar em 1965 (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010).

pesquisas da professora nessa área resultaram, dentre outras obras, no livro: ‘Televisão comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local’ (2009). Muito embora esta pesquisa não tenha, como foco, a televisão comunitária como a conceituada por Cicília Peruzzo, é importante trazer a discussão no que concerne uma televisão comunitária e, de certa forma, refletir sobre o conceito de comunitário que ela desenvolve mediante o modelo de jornalismo comunitário adotado por uma empresa comercial como a Rede Globo.

De acordo com Peruzzo (2004b), não existe modelo único na televisão comunitária no Brasil, pelo contrário, é um modelo que tem múltiplas faces diante das diversas formas como a sociedade civil trabalha produtos audiovisuais. Segundo a autora, a TV comunitária surgiu, no Brasil, nos anos de 1980 no contexto das lutas pela redemocratização do País, no formato denominado de TV Livre ou TV de Rua e era caracterizada pela produção e exibição de vídeos educativo-culturais destinados à percepção coletiva com propósitos educativos. A experiência pioneira foi a da TV Viva (Olinda/ Recife-PE).

> Trata-se de uma espécie de TV móvel, mas exatamente de vídeo móvel. Com um vídeo-cassete, um telão (ou monitor de TV), amplificador de som e microfone sobre um meio de transporte (caminhão ou Kombi), exibem-se produções em vídeo em praça pública ou em salões de entidades sociais. A exibição é itinerante. Ou seja, dentro de determinada programação percorrem-se alguns locais previamente escolhidos para exibição e debates do audiovisual. (PERUZZO, 2004b, p. 2).

O objetivo, segundo Peruzzo (2004b), era fazer uma televisão nova que denunciasse as injustiças e promovesse o debate sobre temas locais que não estão presentes na grande mídia; conscientizar e mobilizar a população por melhores condições de vida em setores mais empobrecidos da sociedade; além de desmistificar a televisão e motivar o envolvimento na democratização dos meios de comunicação. A autora afirma que, normalmente, essas experiências são comandadas por ONGs, igrejas, universidades e sindicatos. A participação das pessoas é incentivada nas várias etapas do processo de elaboração do material, desde o estudo sobre os temas que envolvem demandas da população local, passando pela gravação e exibição. Também é comum que seja feito um debate após a exibição do material para que as pessoas possam opinar sobre os assuntos. Essa técnica, segundo Peruzzo (2004b) é chamada de ‘câmera aberta’.

No trabalho, apresentado no XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Peruzzo (2004b) destaca ainda outros modelos de TVs comunitárias: as que são ‘repetidoras não simultâneas’ de televisões educativas e funcionam em nível local; são canais preferencialmente destinados a prefeituras, universidades e fundações. Outro tipo de TV

comunitária citada por Peruzzo (2004b) é a de baixa potência. Ela é transmitida na TV aberta que atinge comunidades específicas. Esse tipo de transmissão não é autorizada por lei e, portanto, é considerada clandestina.

Segundo Peruzzo (2004b) somente na década de 1990 a TV comunitária propriamente dita foi implantada no Brasil com transmissão regular via TV a cabo, ou seja, TV por assinatura (TV paga). O primeiro canal comunitário instalado foi a POA TV, de Porto Alegre (RS), que fez a primeira transmissão em agosto de 1996 pelo canal 14 da NET Sul[17].

> Os canais comunitários foram viabilizados pela Lei 8.977 de 6 de janeiro de 1995, regulamentada pelo Decreto-Lei 2.206 de 14 de abril de 1977, que estabelece a obrigatoriedade das operadoras de TV a Cabo, beneficiárias da concessão de canais para, na sua área de prestação de serviços, disponibilizar seis canais básicos de utilização gratuita, no sentidos dos canais de acesso público, como denominados em outros países. Atualmente são sete os canais de acesso gratuito, pois a partir de maio de 2002 o Judiciário também tem direito a um canal, a TV Justiça, coordenada pelo Supremo Tribunal Federal. (PERUZZO,2004b, p. 3-4).

Dessa forma, segundo explica Peruzzo (2004b), os canais comunitários não têm fins lucrativos, funcionam em sistema coletivo de gestão e partilham as grades de programação; nesse aspecto é que diferem da televisão comercial e da TV pública e se constituem em um formato que ainda está em construção, dependendo da mobilização e conscientização da sociedade civil. Peruzzo (2008, p. 178) faz ainda uma reflexão importante quando diz que: "O empoderamento da mídia pelas classes populares é uma ousadia que exige o rompimento de entraves históricos e conjunturais de diferentes matizes". A autora explica ainda que a questão financeira é o fantasma que ronda os canais comunitários. Quanto à sustentabilidade, além da possibilidade de doações, apoio cultural e permutas, cada entidade ajuda a custear as despesas do canal com o pagamento de uma mensalidade, que dá direito de transmitir seus programas, mas, na maioria das vezes, os valores são insuficientes.

Trazendo essas ponderações de Cicília Peruzzo para o âmbito desta pesquisa, guardadas as devidas proporções, é inevitável a comparação com o telejornalismo autodenominado 'comunitário' da Rede Globo. Não há, no segundo modelo, qualquer tipo de intervenção direta da população menos favorecida no sentido de definição dos conteúdos a serem transmitidos, planejamento ou participação na gestão e controle de um meio de comunicação. É bem certo que se está falando aqui de duas situações distintas, um modelo de televisão (comunitário) e um

[17] De acordo com o site da Associação Brasileira de Canais Comunitários (ABCCOM), em 2015 havia, no Brasil, 95 canais considerados comunitários. A associação reivindica a criação de um fundo público de recursos junto ao governo federal. Fonte: https://abccomorg1.webnode.page/. Acesso em: 28 set. 2022.

formato de reportagem de televisão (telejornalismo comunitário). Entretanto, a essência do comunitário com a participação da população empobrecida e despossuída de direitos é a mesma. Percebe-se, assim, uma tentativa de se apropriar do termo comunitário como forma de disfarçar os verdadeiros elementos que compõem o jornalismo em uma grande emissora de televisão. Esta análise vem ao encontro da afirmação de Peruzzo (2008) quando ela aborda as diferenças entre os canais comunitários e os comerciais.

> A outra diferença diz respeito à sua força motriz que, por princípio, é a geração de uma programação voltada para a ampliação da cidadania, educação, cultura e desenvolvimento social com base em ampla participação popular, se se submeter aos padrões da TV comercial. A TV comunitária não depende de altos índices de audiência para operar, pois sua sobrevivência escapa à lógica do mercado. Não lhe cabe produzir um tipo de programação igual ou similar a das grandes redes de televisão que têm suas próprias finalidades e são regidos pela lógica do mercado capitalista. (PERUZZO, 2008, p. 183).

Peruzzo (2008, p. 184) ressalta ainda que: "[...] um canal comunitário pressupõe o acolhimento de diversos atores que compartilham dos interesses emancipatórios do ser humano e requer a existência de democracia e envolvimento direto dos cidadãos".

No aspecto da gestação de um novo modelo de comunicação que promova a cidadania, é importante refletir sobre os modelos que surgem com as mudanças tecnológicas, que, por sua vez, influenciam no comportamento da sociedade e nas formas de produção e distribuição de conteúdo.

Um estudo importante foi feito pela pesquisadora Maria das Graças Targino, ao observar as mudanças que afetam o jornalismo e a ação do jornalista no chamado 'jornalismo cidadão' ou 'jornalismo de fonte aberta' ou ainda 'jornalismo participativo', a partir do trabalho desenvolvido na *web* pelo site do Independent Media Center e do Centro e Mídia Independente do Brasil (CMI). De acordo com a pesquisadora, esse tipo de mídia alternativa se desenvolve independentemente do suporte (impresso, radiofônico, televisivo, digital, eletrônico). Targino (2009) recorre a autores como Ciro Marcondes Filho, José Marques de Melo, Juarez Bahia, Marialva Barbosa e Nelson Werneck Sodré para destacar a unanimidade de opiniões quanto ao reconhecimento da relação entre imprensa e modo de produção capitalista no Brasil e no mundo. Para a autora,

> Impregnados pelo mercantilismo progressivo, os veículos de comunicação se deparam com pressão crescente para notícias o noticiável e termos econômicos, políticos e sócias, portanto, o vendável em detrimento dos interesses genuínos das coletividades, criando clima de desconfiança e descrédito em relação às práticas jornalísticas, em sua feição ética, defendida em quaisquer países. (TARGINO, 2009, p. 48).

Dessa forma, segundo Targino (2009), ao lado da chamada mídia tradicional e convencional surgem, em decorrência dos avanços tecnológicos, novos rumos do jornalismo contemporâneo brasileiro e mundial, fortalecendo o webjornalismo, que, segundo a pesquisadora,

> É o jornalismo contemporâneo presente no espaço cibernético, dando origem ao jornalismo contemplado em portais, sites, blogs, o qual reúne traços da imprensa escrita, televisiva e radiofônica. Mas como em tudo que ronda a virtualidade, há imprecisão ou diferenciação em aspectos quantitativos conceituais, terminológicos e de categorização, a partir do questionamento básico sobre a legitimidade como notícia (sentido restrito) do que está sendo postado. (TARGINO, 2009, p. 53).

Para a autora é o webjornalismo que favorece a emergência do jornalismo cidadão aberto a qualquer grupo social ou indivíduo que queira emitir opinião sobre qualquer tema. Nesse sentido, a *web* é usada como recurso para assegurar e consolidar a democracia.

Dentro dessa reconfiguração do fazer jornalístico ligado às mudanças sociais e tecnológicas, Targino (2009) destaca a mudança também de 'jornalismo cidadão' para 'cibercidadão', que se caracteriza pela produção e disseminação de matérias por indivíduos comuns utilizando o ciberespaço como ferramenta para acelerar o momento de democracia gerado pela rede. Apesar dessa facilidade, a autora reconhece que "[...] não basta ter acesso ao circuito informativo para participar das decisões públicas" (TARGINO, 2009, p. 74). Mesmo recebendo informações "[...] muitos brasileiros continuam à margem do debate público por não apreender a essência dos fatos", diz a autora. "Há também aqueles que estão à margem de quaisquer medidas de inclusão" (TARGINO, 2009, p. 74). É nesse sentido que a pesquisadora destaca o trabalho desenvolvido pelo Independent Media Center e pelo CMI. O CMI se apresenta em sua página como:

> Coletivo de organizações de meios de comunicação independentes e de centenas de jornalistas que se propõem a oferecer aos povos uma cobertura não corporativa e não comercial.". E prossegue: "Indymedia é uma via democrática de meios de comunicação para geração radical de matérias verídicas e apaixonadas". De imediato, tais palavras favorecem ao público compreensão da filosofia de atuação do IMC rumo ao fortalecimento do jornalismo participativo, ainda que seja imprescindível discutir com profundidade elementos –chaves, como legitimidade, credibilidade e autoria. (TARGINO, 2009, p. 81).

A autora afirma que o jornalismo desenvolvido pelo CMI favorece a prática cidadã e atua em mão dupla: funciona como agência de notícias dos movimentos sociais e fórum de debates sobre as mais diversas questões. As reflexões de Targino (2009) colaboram com esta pesquisa no sentido de observar, de um outro ângulo (no ciberespaço), a prática de um jornalismo cidadão. É bem verdade que existem limitações e o caminho do jornalismo cidadão no ciberespaço ainda está em construção, mas já apresenta um modelo que propicia, ao indivíduo comum, o gozo dos seus direitos civis e políticos do Estado, ao mesmo tempo em que aponta seus deveres e tem a informação como elemento básico tanto para reivindicação quanto para exercício de deveres (TARGINO, 2009). Nota-se, assim, que o telejornalismo autodenominado 'comunitário' da Rede Globo não desenvolve essa prática de promoção da cidadania.

Dessa forma é importante pensar que fóruns democráticos como Indymedia e o CMI Brasil analisados por Maria das Graças Targino oferecem espaços fora da mídia convencional e se consolidam como meios para compartilhar informações que "[...] são produzidas, recebidas, assimiladas e desempenham papel educativo que colabora com as mudanças socioculturais e o aperfeiçoamento da democracia" (TARGINO, 2009, p. 220).

3.4 O jornalismo popular ou sensacionalista

Assim como as relações sociais se modificam, também se modificam as relações do jornalismo com a sociedade e surgem novas formas de fazer jornalismo e de contar histórias de um lugar, situação ou pessoas. Esse aspecto tem sido objeto de preocupação dos pesquisadores do jornalismo, que atuam no sentido de entender e/ou classificar esses novos modelos. Nesse sentido, é importante abordar aqui os diferentes conceitos e formas de atuação do Jornalismo. Nestas considerações, o primeiro conceito a ser abordado é o de jornalismo popular, que muitas vezes se confunde com o de jornalismo comunitário.

De acordo com Amaral (2006), os produtos jornalísticos destinados às classes B, C e D são, normalmente, condenados ao rótulo de 'sensacionalista'. Alguns autores até preferem a denominação de 'popularesca' para abordar características populares e, assim, agregar audiência. Normalmente, segundo a citada autora, esse tipo de jornalismo é mais fácil de ser identificado no impresso, uma vez que são jornais baratos, com baixa paginação, vendidos em bancas e apresentam publicidade destinada ao público de baixa renda, mas, reitera a autora, atendem a uma pequena parcela da população. Amaral (2006) explica ainda que, nesse tipo de jornalismo, o termo 'popular' não tem sentido contra-hegemônico.

> O "popular" identifica apenas um tipo de imprensa que se define pela sua proximidade e empatia com o público-alvo, por intermédio de algumas mudanças de pontos de vista, pelo tipo de serviço que presta e pela sua conexão com o local e o imediato. (AMARAL, 2006, p. 16).

Citando pesquisa feira por Danilo Angrimani, Amaral (2006) explica que o sensacionalismo tem raízes na imprensa desde os primórdios. Na França do século XIX os jornais de uma página eram conhecidos como transmissores de informações não verídicas, particularmente histórias de catástrofes e outros horrores. Em 1836 surgiram dois jornais que realmente inauguraram a imprensa popular francesa: o La Presse e o Le Sieècle, com folhetins sensacionalistas.

Nos Estados Unidos, segundo Amaral (2006), o primeiro jornal, surgido em 1690, o Publick Occurrences, também tinha características sensacionalistas, mas foi no fim do século XIX, devido a uma série de fatores, que o sensacionalismo se efetivou na imprensa. Entre esses fatores estão o aperfeiçoamento das técnicas de impressão, a expansão do telégrafo, o desenvolvimento do telefone e o surgimento dos anúncios. A criação do sistema público de ensino também contribuiu para criar um público leitor.

Nessa fase, Amaral (2006) relata que muitos jornais limitados à política passaram a abordar temas de interesse humano, buscando relatar o cotidiano das pessoas – era o caso do New York Sun, que custava um centavo[18]. O marco do jornalismo sensacionalista/popular americano foi na década de 1880, com o lançamento de dois jornais, um de Joseph Pulitzer – o New York World, que se dirigia à classe de imigrantes e operários; e outro de William Randolph Hearst, o Morning Journal. Ambos utilizavam manchetes escandalosas, informações distorcidas e até falsas entrevistas, além de promover sorteios. Amaral (2006, p. 18) chama a atenção para o fato de que ambos os jornais "[...] se diziam 'a serviço' do consumidor e faziam campanhas contra os abusos sofridos pelas pessoas comuns, numa mistura de assistência social e produção de histórias interessantes".

No Brasil os primeiros elementos do sensacionalismo marcam a imprensa nos folhetins a partir de 1840, mas foi com o surgimento dos jornais diários, a partir de 1920, que esse gênero fez sucesso nas publicações dos jornais. Fatos horríveis do cotidiano ganharam destaque em manchetes, ilustrações e fotos de impressos com esse tipo de conteúdo (BARBOSA; ENNE,

[18] Esses jornais custavam, geralmente, um centavo, ou um penny, daí surgiu a expressão *penny press*. São jornais tipo tabloide sensacionalistas, também chamados de *yellow press*. No Brasil este tipo de jornal é chamado de imprensa marrom. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed796_jornalismo_de_centavos_sensacionalismo_e_cidadania/. Acesso em: 20 abr. 2020.

2005). Como exemplo dessa fórmula sensacionalista (sexo, crime, sindicato), Amaral (2006) cita os jornais Notícias Populares e Última Hora. O jornal Última Hora foi lançado em 1951, no Rio de Janeiro, e gerou uma cadeia de jornais em outros Estados. Era um jornal abertamente favorável ao governo Getúlio Vargas, organizado de forma empresarial, que promovia concursos e distribuía prêmios como forma de reforçar o vínculo com o leitor. O Notícias Populares surgiu em 1963 em oposição ao Última Hora e não tinha tanto interesse nos resultados econômicos. A proposta do jornal era política e contrária ao comunismo.

Acerca do sensacionalismo, Marcondes Filho (1989) afirma não se relacionar apenas ao fato de vender ou não notícias como um jornal liberal. O sensacionalismo está ligado ao desgaste da massa com o mundo real. O esforço do trabalhador diante da opressão social exige uma tranquilização e o jornal funciona como um lazer. Nesse modelo, boa parte dos indivíduos lê jornais que dão apenas uma pincelada na informação e a aposta é que não estão interessados em formar opinião. Esse tipo de imprensa se presta basicamente a satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádicas e/ou caluniadoras, ridicularizando as pessoas (MARCONDES FILHO, 1989).

Ainda sobre o rótulo de sensacionalista de um jornal, Amaral (2006) afirma que, muitas vezes, está ligado à preferência do veículo em privilegiar a cobertura da violência. Segundo a autora, o sensacionalismo é o grau mais radical de mercantilização da informação. "[...] o sensacionalismo é um modo de caracterizar essa imprensa, uma maneira de explicar o que ocorria na mídia num determinado momento, mas não é sinônimo de imprensa, revista ou programa popular" (AMARAL, 2006, p. 21). Ainda segundo a citada autora, os novos jornais, ampliadores dos índices de leitura em segmentos populares, são fundados em diversas características que devem ser abordadas de maneira não generalista.

Dessa forma, é interessante refletir sobre o que seria o jornalismo popular. Na visão de Amaral (2006) é preciso abandonar a ideia de que jornais destinados às classes populares mostram apenas degradação e mau gosto; ela afirma que é possível compreender suas estratégias e pensar nas possibilidades de um jornalismo de qualidade para esse público. Para a autora é inegável que os jornais populares, na maioria das vezes, valem-se do apelo sensacionalista, mas é preciso levar em conta o fator sobrevivência.

> É evidente que todos os jornais, pela necessidade de sobrevivência se tornam mercadoria, os interesses econômicos são centrais na definição dos modos de ser dessa imprensa, mas dizem respeito, somente a umas das faces do fenômeno. Além de serem mercadorias, os jornais também produzem sentidos e significações. Assim, a notícia não é só uma mercadoria, e embora todos os jornais sejam sensacionalistas em alguma

> medida, não se pode subestimar os demais papéis do jornalismo – como produtor de conhecimento e construtor da realidade pública. (AMARAL, 2006, p. 23).

Amaral (2006) lembra ainda que, nos últimos anos, os jornais dedicados ao segmento mais popular se reconfiguraram de forma diferente. Não é mais apenas a fórmula 'espreme que sai sangue' e nem só os interesses políticos, como era o caso do Última Hora. Existe uma maior aproximação com o leitor por meio de outras estratégias, como prestação de serviços e entretenimento, mas isso não é sinônimo de qualidade.

Falando sobre o jornalismo popular (sensacionalista) na televisão, Amaral (2006) relembra um exemplo emblemático: o telejornal Aqui Agora, exibido de 1991 a 1997 pelo SBT. O telejornal prometia tratar dos interesses do povo e tinha como *slogan* a frase: 'Um telejornal vibrante, que mostra na TV a vida como ela é'. O Aqui Agora era composto por reportagens de rua sobre casos policiais, sobrenaturais e direitos do consumidor. Alguns repórteres deixaram suas marcas, como o jornalista Gil Gomes. O advogado Celso Russomanno – posteriormente eleito deputado federal por São Paulo, é outro profissional da época do Aqui Agora, sendo que ele se destacou na televisão atuando como defensor do consumidor e segue fazendo esta defesa até os dias de hoje. Celso Russomanno atualmente trabalha no telejornal Cidade Alerta, da Rede Record, e comanda o quadro Patrulha do Consumidor. Nesse aspecto vale ressaltar a figura do jornalista que acaba se valendo da popularidade junto ao público para se lançar na carreira política, principalmente aqueles que têm maior visibilidade no âmbito de telejornalismo local[19].

Com essas ponderações sobre o jornalismo sensacionalista e o jornalismo popular procurou-se evidenciar, neste trabalho, que os telejornais locais com viés comunitário da Rede Globo, nas três emissoras afiliadas no Centro-Oeste, apesar de ter características de apelo popular, não se enquadram nesse tipo de jornalismo. Os telejornais trabalham a intensidade da notícia com o objetivo de alcançar a audiência e de acumular capital simbólico, mas as abordagens da informação são pensadas não apenas de modo a se valer do lado emocional.

3.5 Jornalismo cívico

Neste trabalho, refletindo sobre o autodenominado jornalismo 'comunitário' da Rede Globo e as diversas formas de construção da realidade social através do jornalismo, buscou-se

[19] Nessa linha de jornalista político, destaca-se em Goiás a jornalista Silvye Alves, apresentadora do programa Cidade Alerta local, da Rede Record, que, em sua primeira eleição, em 2022, concorrendo pela União Brasil, foi a deputada federal eleita com o maior número de votos: 254.653. Fonte: Disponível em: g1.globo.com/go/goias/eleições/2022. Acesso em: 20 nov. 2022.

também refletir sobre jornalismo cívico. Seria esse também um tipo de jornalismo que estaria a serviço da comunidade e da promoção da cidadania? É certo que, ao relatar fatos e oferecer informações sobre um determinado assunto, o jornalismo compreende ações que interferem diretamente no cotidiano dos cidadãos e na vida pública de modo geral. No pensamento formulado por Merritt (1998), o regime democrático expresso e vivido na sociedade não caminha lá muito bem e, dessa forma, os representantes políticos dos governos se apresentam em constante envolvimento com a corrupção e com a falta de transparência em seus atos. E a imprensa, mesmo vinculada a um ideal político partidário, funciona como uma espécie de vigilante dos direitos do cidadão. Neste sentido, Lima (2017) afirma que o jornalismo cívico surgiu como uma importante estratégia para o fortalecimento da cidadania e da própria cultura da profissão.

O jornalismo cívico, também conhecido como jornalismo público, surgiu nos Estados Unidos no fim dos anos de 1980, mais precisamente a partir das eleições presidenciais de 1988, quando um grupo de jornalistas decidiu fazer uma cobertura diferenciada, voltada para as demandas do cidadão e não apenas dando espaço para as pesquisas de intenção de voto.

Dessa forma, segundo Lima (2017), o jornalismo cívico envolve conceitos de ‘democracia deliberativa’ e ‘esfera pública’. O autor explica que os primeiros estudos relativos à deliberação pública têm sua base fundada por Jürgen Habermas.

> A democracia deliberativa tem por função estabelecer princípios formais de interação que possam garantir normas legais que assegurem alternativas capazes de articular os conflitos de uma sociedade plural. (LIMA, 2017, p. 26).

Para o autor, diante das preocupações em relação ao afastamento do jornalismo de seu público, o jornalismo cívico aparece como modelo que pode “[...] resgatar as conexões entre jornalistas e as comunidades que formam seus públicos, bem como entres os governos e os cidadãos” (LIMA, 2017, p. 26). Essa ideia se baseia na premissa de que democracia e jornalismo estão intrinsecamente ligados. Ainda segundo o autor, Haas (2007) defende que no jornalismo cívico os jornalistas deveriam ter, como primeira e principal responsabilidade, o estímulo ao engajamento cívico e a participação ativa no processo democrático.

Um ponto que se considera primordial na diferenciação das práticas do autodenominado jornalismo ‘comunitário’ da Rede Globo e o jornalismo cívico é destacado por Lima (2017) a partir de Haas (2007) quando ele afirma que o jornalista deveria auxiliar a criar uma deliberação pública, ajudando a manter uma esfera pública abrangente e aberta à qual todos os cidadãos tenham acesso e na qual todos os temas de interesse cívico e todas as opiniões possam ser

articuladas, deliberadas e criticadas. Lima (2017) cita ainda Glasser e Lee (2002), que argumentam que no jornalismo cívico a imprensa deve incentivar a promover a qualidade da vida cívica ou pública, ao invés de apenas reportar ou queixar-se dela.

Para Lima (2017) o jornalismo cívico se configura em um gênero jornalístico alternativo ao jornalismo tradicional e, em uma sociedade mercantilista (da lógica do lucro), é defensor do interesse público, educativo, incentivando a participação popular nas decisões públicas. O autor diz ainda que:

> O jornalismo cívico evita qualquer tipo de interesses político-partidários. Em vez de discutir a realidade e as ações dos partidos políticos, sua intenção é promover um debate sobre a política de forma aberta e acessível a todos os cidadãos interessados. Essa democracia fortalecida por meio do diálogo envolve jornalistas, cidadãos e políticos atraídos por um exercício de governo que seja coerente com a democracia participativa direta. (LIMA, 2017, p. 30).

Na visão do jornalismo cívico a resolução dos problemas de uma comunidade está ligada a uma participação mais ativa e efetiva do jornalismo, comprometido com sua responsabilidade social. Para Nelson Traquina,

> O movimento reafirma as responsabilidades sociais do jornalismo e representa uma importante brecha na busca frenética de notícias, na postura cínica para com a vida política, na dependência excessiva de fontes oficiais e na desatenção flagrante para com os cidadãos enquanto participantes ativos na vida pública. (TRAQUINA, 2015, p. 16).

Para o pesquisador Fernando Lattman-Weltman, a partir de um ponto de vista de uma sociedade que se organiza em torno de valores compartilhados pela comunidade, o jornalismo comunitário é sinônimo do 'jornalismo cívico'. O autor destaca as características desse tipo de jornalismo em relação a outros gêneros jornalísticos:

> 1) "Dar voz ao cidadão": ou seja, permitir ao público uma participação mais direta e de maior peso na formação das pautas jornalísticas, de modo a garantir uma cobertura mais condizente com suas preocupações imediatas e prioridades, além de permitir a manifestação das próprias visões que o público, ou seus membros, possuiriam da realidade social imediata e de seus problemas cotidianos mais urgentes;
> 2) Articulação: permitir uma maior, mais ampla e mais autônoma articulação dos interesses dos cidadãos, através do acesso à pauta – garantido acima –, e da exposição e aprofundamento das questões que afetam seus direitos e sua qualidade de vida. Não apenas a veiculação dessas matérias deve, de acordo com o modelo, tornar-se prioritária, mas também caberia ao jornal – nas versões mais "fortes" de "jornalismo cívico" – fomentar iniciativas como reuniões públicas locais, para o debate destas questões, organizar pesquisas e votações in loco sobre prioridades da comunidade, etc. (LATTMAN-WELTMAN, 2006, p. 3).

A opinião dos autores citados neste tópico permite ampliar o debate em torno do autodenominado jornalismo ‘comunitário’ da Rede Globo, principalmente porque o jornalismo cívico é considerado, pelos estudiosos, o maior movimento depois do Novo Jornalismo. De acordo com Traquina (2015), apresenta-se como um novo jornalismo, apontando o cidadão como centro da proposta.

Entretanto, no quesito aprofundamento das questões que afetam os direitos e a qualidade de vida do cidadão citado por Lattman-Weltman (2006), pelo menos no telejornalismo autodenominado ‘comunitário’ da Rede Globo não é possível enxergar essa preocupação. As reportagens, por mais que criem a expectativa de aproximação entre o cidadão e o poder público, apenas relatam um problema. Outro ponto, que não é mencionado por Lattman-Weltman (2006), é a preocupação em garantir a audiência, que, ao que parece, é o grande interesse das empresas de comunicação que fazem esse tipo de jornalismo. A participação direta nas pautas, também citada por Lattman-Weltman (2006), só acontece depois de os assuntos passarem pelo filtro da redação e serem adequados às rotinas produtivas e até mesmo a interesses políticos das emissoras.

3.6 Jornalismo de proximidade

O pesquisador português Carlos Camponez denomina como jornalismo de proximidade o modelo de jornalismo que assume o caráter de proximidade sob múltiplas formas. Para o autor, a imprensa local é apresentada a partir de vários aspectos e não somente o geográfico. Camponez (2002) afirma que se deve buscar a formação da noção de proximidade na recriação de conceitos de territórios, regiões e lugares.

> A antropologia mostrou-nos a importância da fronteira para representação da noção de “nós” e de “outros”. Do mesmo modo, o próximo em jornalismo é também a representação que *o medium* faz do seu território e, consequentemente, dos destinatários das suas mensagens. E, nesse sentido, a imprensa local e regional é tanto vocação quanto intencionalidade, como nos falava atrás Juan Maciá Mercadé. Ela é, fundamentalmente, compromisso. (CAMPONEZ, 2002, p. 113).

O conceito de Camponez (2002) está diretamente ligado ao processo de globalização, o local e o regional. Assim como se noticia a fusão de grandes empresas mundiais, existe também o desejo de encontrar com o próximo, de falar de gestão local, de políticas locais, da ligação do político com seus eleitores, de mercados locais e outras particularidades que se refletem nos fenômenos da comunicação local e regional. Dessa forma, o jornalismo de proximidade de

Camponez (2002) incide em pelo menos quatro dimensões: geográfica, cultural, social e psicoafetiva.

> Assim, a lei de aproximação temporal marca a distância do leitor face ao momento em que se deram os acontecimentos (ontem, hoje, amanhã, na História). A proximidade geográfica começa no acontecimento da nossa rua, do bairro e alarga-se à região, ao país. A proximidade social diz respeito a temáticas relacionadas à família, a profissão, a classe social, a religião, a ideologia ou a política. Por fim, a proximidade psico-afectiva integra valores como sexo, a vida e a morte, a segurança, o dinheiro e o destino. (CAMPONEZ, 2002, p. 117).

Para Camponez (2002) é preciso garantir o direito à informação local, que é também o direito dos grupos em menor dimensão – como é o caso da família, da comunidade de vizinhos, das unidades regionais, dos grupos sociais ou étnicos, das minorias, das comunidades profissionais, da classe social, dos sindicatos, das associações livres ou, ainda que estranhamente, dos partidos políticos.

Na concepção de Camponez (2002), a vizinhança faz parte desses grupos aos quais deve ser garantido o direito à informação. Assim, a comunicação tem a função de permitir uma identidade aos indivíduos e às culturas na sociedade de massa, seguindo o princípio de que não faz sentido pensar comunidades locais sem comunicação e sem informação local.

O jornalismo de proximidade definido por Camponez (2002) possui linhas orientadoras do jornalismo cívico. O autor destaca três aspectos: o primeiro é o que traz à luz a discussão sobre a problemática da proximidade. Em segundo lugar porque a busca dessa proximidade obriga a uma reorientação sobre as práticas jornalísticas; e, em terceiro lugar, a proposta de uma nova discussão sobre o papel e o lugar dos jornalistas e do jornalismo face ao espaço público do cidadão. Para este autor, o jornalismo cívico começa por ser um jornalismo de proximidade. O autor diz ainda que a proximidade procurada pelo jornalismo cívico parece resultar de uma busca deliberada pelo cidadão, não tanto do consumidor e da audiência (CAMPONEZ, 2002).

Camponez (2002) explica que o conceito glocalização que marcou os anos de 1990, relacionado à proximidade, refere-se a adaptar um produto inicialmente destinado ao mercado mundial às especificidades e à cultura locais. E, de acordo com o autor, a segmentação e a fragmentação oferecem uma ilusão de proximidade, na medida em que parece ser uma resposta aos nossos interesses apenas enquanto consumidores. Para ele, uma das questões fundamentais do jornalismo cívico implica na ideia de uma agenda do cidadão, que resulta em uma nova forma de encarar o jornalismo.

> Trata-se de uma deslocação do ponto de vista centrado na notícia, enquanto produto e enquanto consumível para uma visão mais preocupada com o cidadão, com a sua saúde cívica, com a democracia. O lugar dos jornalistas já não se resume a do observador situado em um palco privilegiado de onde olha a sociedade e particularmente a política, segundo a tradicional concepção de jornalismo *watchdog.* O lugar dos jornalistas é, na abordagem do jornalismo cívico entre os cidadãos. E esse esforço obriga-o a cultivar a proximidade. (CAMPONEZ, 2002, p. 167).

Percebe-se, assim, que o jornalismo autodenominado ‘comunitário’ da Rede Globo não contempla a agenda do cidadão citada por Camponez (2002) e que, na construção dos discursos sobre o cotidiano, mesmo tendo papel privilegiado na formação da opinião pública, ainda assume o papel de mero mediador.

4 A CIDADANIA DA QUAL FALAMOS

4.1 Conceitos de cidadania

Para falar sobre cidadania é importante citar os estudos do sociólogo inglês Marshall (1967). Ele desenvolveu um conceito de cidadania, fazendo uma relação entre a igualdade política e a desigualdade econômica e como a política social pode mudar essa situação. A visão de Marshall (1967) é, eventualmente, citada como ingênua, uma vez que fatores econômicos desequilibram a balança da igualdade, mas o próprio autor não nega isso. Ele afirma que: "O problema, não é se, em última análise todos os homens serão iguais, certamente que não o serão, mas se o progresso não pode prosseguir firmemente mesmo que vagarosamente, até que, devido à ocupação ao menos, todo homem será um cavalheiro" (MARSHALL, 1967, p. 59).

Marshall (1967) faz uma ligação entre o conceito de cidadania e a modernidade capitalista e o desejo por direitos iguais, que envolve conflitos e divisão de classes sociais. Para que o sistema social seja estabelecido é necessário que os indivíduos assumam suas funções no sistema. Na visão do autor, a cidadania passa a ser pensada a partir do surgimento dos fenômenos sociais e da integração dos indivíduos na comunidade com direitos civis, políticos e sociais. A cidadania para ele é o *status* atribuído àqueles que participam como membros de uma determinada sociedade. A evolução da sociedade faz com que novos conflitos apareçam e reforcem a ideia de assegurar direitos. O autor ainda considera a cidadania como a forma de viver de cada indivíduo e que brota de dentro para fora, não podendo ser imposto pelo Estado. É a esta cidadania que se refere nesta pesquisa.

No entanto, o conceito de cidadania que parece mais aproximado nesse trabalho de pesquisa é o desenvolvido por Cortina (2005). A autora afirma que "[...] cidadania é primordialmente uma relação política entre um indivíduo e uma comunidade política, em virtude da qual o indivíduo é membro de pleno direito dessa comunidade e a ela deve lealdade permanente" (CORTINA, 2005, p. 31). Para ela a cidadania é consequência da integração e do reconhecimento do cidadão na comunidade. A autora acredita que o vínculo político se transforma em um elemento de identificação social e forma uma identidade. Existe, então, uma aproximação dos semelhantes e um afastamento dos diferentes. Nesse aspecto, nesta pesquisa, acredita-se que o 'jornalismo comunitário' da Rede Globo quer criar uma aproximação com a comunidade e, por extensão, dar voz ao cidadão.

Cortina (2005) diz ainda que, apesar da cidadania ter raízes gregas e romanas, o conceito moderno de cidadania está ligado às revoluções francesa, inglesa e americana e ao nascimento

do capitalismo. O Estado, segundo a autora, assume uma forma de organização política que surgiu na Europa a partir do século XVIII. A autora diz ainda que: "[...] a cidadania é um conceito mediador porque integra exigências de justiça e ao mesmo tempo faz referências aos que são membros da comunidade, une a racionalidade da justiça ao calor do sentimento de pertença" (CORTINA, 2005, p. 27).

De acordo com Cortina (2005), sobre esse sentimento de pertença, essa vontade de fazer parte de um determinado grupo, que o cidadão comunica seus desejos de igualdade.

> O alicerce sobre o qual se assentam as formas de cidadania trata-se da necessidade, nas sociedades pós-industriais, de gerar entre seus membros um tipo de identidade na qual se reconheçam e que os faça se sentir pertencentes a elas, porque é evidente que esse tipo de sociedade sofre de uma falta de adesão por parte dos cidadãos ao conjunto da comunidade e sem essa adesão é impossível responder conjuntamente aos desafios que se apresentam a todo. (CORTINA, 2005, p. 18).

Dessa forma, de acordo com Cortina (2005), além dos aspectos político, econômico e social, a cidadania também envolve o aspecto cultural.

Viana (2003) apresenta uma visão marxista de cidadania. Para o autor existem dois tipos de cidadania: a real e a ideal. A cidadania real é cruel e fruto do estado burguês, onde o Estado que concede a cidadania é defensor dos interesses burgueses. Para o autor não há como falar de direitos iguais em uma sociedade burguesa e burocrática. O autor considera que em uma sociedade assim os direitos são da classe dominante.

> Uma vez que a lei é igual para todos, pressupõe-se que existe uma igualdade jurídica entre os homens. Porém, esta igualdade jurídica é fictícia e isso ocorre porque existe uma desigualdade de fato que corrói essa igualdade fictícia. O indivíduo burguês pode usufruir de seu direito de liberdade, pensamento, expressão, reunião, etc., pelo simples motivo que ele possui as condições materiais para efetivar tais direitos. Qualquer disputa jurídica entre um burguês e um proletário, que são "iguais" perante a lei, tende a ser resolvida em favor do primeiro, pois eles são "desiguais perante a realidade". O primeiro conta com o poder do dinheiro e isto quer dizer aos melhores advogados, as melhores provas, a melhor imagem, etc. (VIANA, 2003, p. 68).

Em uma análise, também marxista, o autor considera, ainda, que a verdadeira cidadania deve vir da luta das classes e não através do Estado, que determina como funciona a cidadania.

Sobre cidadania ativa e passiva, Benevides (2016) faz uma interessante reflexão que merece destaque neste trabalho. Segundo a autora, a primeira é outorgada pelo Estado, com a moral da tutela e do favor. A segunda "[...] institui o cidadão como portador de direitos e deveres, mas essencialmente participante da esfera pública e *criador de novos direitos* para abrir espaços de participação" (BENEVIDES, 2016, p. 6, grifos da autora).

Segundo Benevides (2016), a Declaração Universal dos Direitos Humanos garante, em seu artigo XXI, que a soberania faz parte dos direitos essenciais para a dignidade da pessoa humana e da política. A Declaração de Viena, que é de 1993, destaca a democracia como regime político mais favorável à promoção e à proteção dos direitos humanos. Ainda segundo Benevides (2016),

> Atualmente, todos os países considerados democráticos reconhecem, garantem, promovem e ampliam os espaços e os instrumentos da democracia participativa, seja para a deliberação sobre questões de interesse nacional - meio ambiente e relações exteriores, por ex - seja no âmbito de questões regionais e locais. A realização de referendos e plebiscitos, as iniciativas populares para projetos de lei são práticas já integradas ao cotidiano da *polis*, assim como os Conselhos de gestão e fiscalização de políticas públicas. É a cidadania ativa em movimento. (BENEVIDES, 2016, p. 22).

Com essa explanação das ideias de Benevides (2016) fica evidenciado que predomina, no telejornalismo autodenominado 'comunitário' de Rede Globo, a chamada cidadania passiva, onde o telespectador/morador espera do Estado a concessão de benefícios e pouco se apropria das discussões e dos espaços na esfera pública.

4.2 A Cidadania no Brasil

De acordo com Carvalho (2010), tornou-se costume desdobrar a cidadania em direitos civis, políticos e sociais. O cidadão pleno é aquele que desfruta dos três tipos de direitos. Considera-se incompleto aquele que possui apenas alguns direitos e os que não têm direito algum são classificados como não cidadãos. Os direitos civis são os direitos fundamentais que garantem a vida em sociedade. Segundo Carvalho (2010), é importante entender que esses direitos se desdobram

> [...] na garantia de ir e vir, de escolher o trabalho, de manifestar o pensamento, de organizar-se de ter respeitadas a inviolabilidade do lar e da correspondência, de não ser preso a não ser pela autoridade competente e de acordo com as leis, de não ser condenado sem processo legal regular. (CARVALHO, 2010, p. 9).

Os direitos políticos asseguram a participação no governo da sociedade, organizar partidos, votar e ser votado. E os direitos sociais garantem a participação na riqueza coletiva. Eles incluem o direito à educação, trabalho, salário justo, saúde, aposentadoria e dependem da existência da máquina administrativa do poder executivo (CARVALHO 2010). E esse foi o modelo que se desenvolveu na Inglaterra a partir do século XVIII. No século XIX surgiram os direitos políticos e, por último, no século XX, os direitos sociais. Carvalho (2010) destaca,

assim, uma sequência cronológica lógica: primeiro a garantia da liberdade, depois o direito ao voto e, por último, os direitos civis. Com essas bases, afirma Carvalho (2010), a cidadania se desenvolveu também em países como França, Alemanha e Estados Unidos.

> Foi com base no exercício dos direitos civis, nas liberdades civis, que os ingleses reivindicaram o direito a votar e de participar do governo de seu país. A participação permitiu a eleição de operários e a criação do Partido Trabalhista, que foram responsáveis pela introdução dos direitos sociais. (CARVALHO, 2010, p. 11).

Entretanto, Carvalho (2010) destaca a diferença na evolução da cidadania no Brasil. Aqui os direitos sociais precederam os direitos políticos e civis e, assim, alteraram a lógica na sequência inglesa de evolução da cidadania, afetando a natureza da cidadania no Brasil.

Fazendo um trajeto da cidadania no Brasil, Carvalho (2010) afirma que nos 108 anos da primeira parte da história do País, desde a independência até o final da Primeira República, em 1930, do ponto de vista do progresso da cidadania a única alteração importante foi a abolição da escravidão, onde os ex-escravos incorporaram direitos civis. Entretanto, esses direitos não eram devidamente exercidos, uma vez que a escravidão negava a condição humana ao escravo. A escravidão estava tão enraizada na sociedade colonial que até mesmo escravos libertos tinham escravos.

A classe operária surgiu como uma possibilidade de formação de cidadãos mais ativos. Mas os grandes centros urbanos cresciam lentamente. Em 1920 apenas 16,6% da população vivia na cidade. Os grandes centros se resumiam a Rio de Janeiro e São Paulo. As lutas operárias com componente político, como o anarquismo, desencadearam movimentos grevistas. E o movimento operário perdeu força, só voltando à ativa em 1930. Carvalho (2010) acrescenta que:

> Com direitos civis e políticos tão precários, seria difícil falar de direitos sociais, a assistência social estava quase exclusivamente nas mãos de associações particulares. Ainda sobreviviam muitas irmandades religiosas orientadas da época colonial que ofereciam a seus membros apoio para tratamento de saúde, auxílio funerário, empréstimos e mesmo pensões para viúvas e filhos. (CARVALHO, 2010, p. 61).

Nas várias fases históricas vividas no Brasil, em relação à cidadania, Carvalho (2010) ressalta que é preciso analisar como o direito à comunicação alcança o cidadão no Brasil e pondera sobre os investimentos em educação para uso desses meios como mecanismo da afirmação da cidadania. Carvalho (2010) diz ainda que a questão da desigualdade social no Brasil envolve uma democratização do poder da comunicação, já que os três tipos de direito

comunicam também os deveres de cidadão e, sendo assim, a comunicação tem papel importante na conscientização desses direitos.

4.3 Telejornal e o show da cidadania?

O processo de apropriação dos telejornais da considerada grande mídia sobre a temática cidadania é relativamente recente. De acordo com o livro 'Jornal Nacional: a notícia faz história' (JORNAL..., 2004), em 1966 a TV Globo tinha o que era considerado (por ela) como uma tradição em jornalismo comunitário. Naquela época, que equivale ao período da ditadura militar do general Castelo Branco, a emissora deu grande destaque às enchentes do Rio de Janeiro[20] e mostrou sua preocupação em relação às questões da comunidade, valorizando o papel do jornalismo na prestação de serviços. Ainda que de forma pouco objetiva, a descrição aponta que, para a emissora, o jornalismo comunitário diz respeito ao tema abordado e ao modelo assistencialista adotado na época.

Já para Paternostro (1999) o telejornalismo comunitário está ligado à inovação tecnológica e ganhou destaque na década de 1980 com a inovação da TV Globo utilizando a UPJ, unidade portátil de jornalismo, para entradas ao vivo em vários pontos da cidade no telejornal Bom Dia São Paulo. É certo dizer que esse tipo de jornalismo aos poucos abre mais espaço para a prestação de serviços e, alguns anos mais tarde, apropria-se definitivamente de temas de interesse dos moradores dos bairros menos centrais. No fim da década de 1990, segundo o próprio site da emissora (Memória Globo) (CASTRO, 2019), esse perfil é transferido com maior destaque para o Telejornal SPTV Primeira Edição.

No entanto, ao fazer uma análise a partir da questão dos valores notícia, Marcondes Filho (1989) afirma que no telejornal prevalece o caráter de show da notícia e da realidade social. Em um mesmo noticiário são colocadas as notícias mais diferentes e as mais parecidas, como em uma vitrine. O autor lembra que, no telejornalismo, o consumo da notícia como mercadoria é diferente. No telejornal não há primeira página, como nos jornais impressos, para chamar a atenção do leitor nas bancas, o que existe são as pequenas manchetes em forma de chamadas, que são anunciadas durante a programação e que convidam o telespectador a assistir ao telejornal.

[20] Em janeiro de 1966 o Rio de Janeiro sofreu uma das piores enchentes da história. Foram cinco dias de temporal, com um saldo de 200 mortos e 50 mil desabrigados. A Rede Globo transformou os estúdios do Jardim Botânico em local de recolhimento de doações para os desabrigados. E interrompeu a programação para cobrir os estragos das chuvas (CASTRO, 2019).

> Essa inexistência *visual* da diversidade de bens expostos na vitrine como no jornal impresso exige que na televisão a chamada para o jornal esteja de acordo com as características do próprio meio. Por outro lado, o telejornal não é consumido com o jornal impresso, isto é, nos momentos definidos individualmente pelos leitores. Seu consumo é prefixado no espaço a ele determinado dentro da programação. Por isso ele tem de esmerar-se em cativar a audiência nesse único espaço de televisão, pois, sem isso, perde sua possibilidade de venda. (MARCONDES FILHO, 1989, p. 52).

Vale ainda destacar que Ciro Marcondes Filho considera que, ao relatarem uma ocorrência ou um movimento social reivindicatório, como é o caso das reportagens do jornalismo comunitário, os meios de comunicação – principalmente os eletrônicos, conferem a elas o *status* de espetáculo, um circo de atrações que é vendido ao público como vida social. Os malabaristas e palhaços são, na verdade, o homem do povo, políticos e especialistas que se apresentam esvaziados da realidade imediata na tela da TV. Para o autor os telejornais satisfazem aos interesses capitalistas a curto e a longo prazo (MARCONDES FILHO, 1989).

Marcondes Filho (1989) ainda destaca que o telejornalismo, enquanto atividade noticiosa, tem, como características, a superficialidade da transmissão dos fatos, o reforço ao esquecimento e a recepção acrítica.

4.4 Cidadania e comunidade imaginada

Para começar a reflexão é interessante observar, em um contexto de controle econômico e ideológico, quais as estratégias utilizadas pelas emissoras afiliadas à Rede Globo de Televisão para abrir espaço para a reivindicação dos direitos do cidadão. Inicialmente cabe destacar que essa indagação é importante porque a forma como a emissora constrói telejornal muitas vezes leva o telespectador a imaginar que um grande veículo de comunicação seja mesmo capaz de garantir (promover) cidadania através de uma reportagem ou de uma entrevista de TV.

Essa relação pode ser mais bem deslindada a partir da compreensão da cultura de massa de Edgard Morin, que, entre outros aspectos, deixa entrever que a relação entre o indivíduo e a televisão envolve questões econômicas que são determinantes para o seu conteúdo e funcionamento, e que – por extensão – também afetam o telejornalismo.

> Na cultura de massa, a união entre o imaginário e o real é muito mais íntima do que nos mitos religiosos ou feéricos. O imaginário não se projeta no céu, fixa-se na terra. Os deuses - estrelas, olimpianos - os demônios criminosos, assassinos - estão entre nós, são de nossa origem, são como nós mortais. A cultura de massa é realista. (MORIN, 2007, p. 168).

Morin (2007) afirma ainda que a cultura de massa procura oferecer, ficticiamente ao receptor, tudo que não pode ser vivido e sentido na vida real, em um processo que funciona como a 'aventura das vidas sem aventuras'. Pode-se, assim, afirmar que esse telejornalismo autodenominado 'comunitário', feito por um grande canal de comunicação, age no sentido de oferecer, ao receptor, um atalho para buscar seus direitos de cidadão que de fato lhe é negado na vida real. Dessa forma, também atua no sentido de construir, no imaginário do indivíduo, a percepção de que as ações do telejornalismo local podem possibilitar a construção de uma comunidade ideal, sem problemas, principalmente de infraestrutura, elemento reforçado (ainda que de forma indireta) pelo próprio telejornalismo e por outros conteúdos televisivos. Essa estrutura é reforçada pela ideia de que o telejornalismo não se afasta do real, ocultando, assim, que, ao apresentar os problemas como algo simples ou solucionável a partir de intervenções pontuais do telejornalismo, ele também se constrói a partir da noção (não totalmente verdadeira) de que, mesmo no interior das contradições e desigualdades sociais que caracterizam o Brasil, é possível a existência de comunidades ideais construídas a partir do pleno respeito à cidadania.

Esses elementos, no entanto, entram em conflito com aspectos já analisados por outros pesquisadores. Influenciado pelos trabalhos de Marx e de Weber, o sociólogo e pesquisador norte americano Charles W. Mills elaborou a obra 'Imaginação sociológica', onde ele aborda as ligações existentes entre o ambiente social pessoal imediato e o mundo social impessoal que está a nossa volta e colabora para moldar o indivíduo e que é acolhido em nosso trabalho no que diz respeito a uma sociedade desumanizada, mas que encontra a possibilidade de humanização e comunidade a partir da informação.

Para Mills (1982, p. 9), "[...] tudo aquilo de que os homens comuns têm consciência direta e tudo que tentam fazer está limitado pelas órbitas privadas em que vivem". Segundo o autor, a imaginação sociológica "[...] vai além da informação que precisamos e que domina com frequências a atenção do indivíduo e esmaga até mesmo a capacidade de assimilá-la" (MILLS, 1982, p. 11). Ele afirma que a imaginação sociológica é justamente uma qualidade de espírito que ajuda o indivíduo a usar a informação e desenvolver a razão a fim de perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e dentro dele mesmo. Para ele a imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo e seu significado para vida íntima e para vida de outros indivíduos. Diz ainda que a ansiedade pessoal dos indivíduos é focalizada sobre fatos explícitos e a indiferença do público se transforma em participação nas questões públicas (MILLS, 1982). Compreende-se, assim, que essa lacuna da participação é então preenchida pela informação dos noticiários e, no caso da abordagem desta pesquisa, é 'vendida' pela TV.

Mills (1982) também afirma que o primeiro fruto da imaginação sociológica é justamente a compreensão, por parte do indivíduo, de que ele só pode compreender suas experiências e avaliar seu destino localizando-se dentro do seu período, reconhecendo e tomando consciência das possibilidades de todas as pessoas nas mesmas circunstâncias (comunidade). Ainda segundo Mills (1982), um assunto público é um valor estimado pelo público que está ameaçado.

> Com frequência há um debate sobre o que esse valor realmente representa e sobre o que realmente ameaça. O debate frequentemente é impreciso, quando menos não seja porque é da própria natureza de uma questão que, ao contrário do que ocorre até mesmo com os problemas generalizados, não pode ser bem definida em termos dos ambientes imediatos e cotidianos do homem comum. A questão, na verdade, envolve quase sempre uma crise nas disposições institucionais e com frequência também aquilo que os marxistas chamam de "contradições" ou "antagonismos". (MILLS, 1982, p. 15).

Com esse pensamento Mills (1982) apresenta dois exemplos considerando a metrópole, classificada por ele como horrível, bela, feia, magnífica, cidade grande. O autor apresenta exemplos de residências ricas, que podem ser adquiridas por pessoas da classe superior. São ambientes perfeitamente controlados, que podem resolver muitos problemas dentro do contexto de moradia nas cidades, entretanto, não resolvem questões públicas que remetem à realidade estrutural que a cidade cria. Para enfrentar as questões estruturais é necessário considerar questões políticas e econômicas que afetam numerosos ambientes, diz o autor. Dessa forma, ainda que a estrutura econômica provoque depressões e fuja à solução pessoal e a riqueza particular, a percepção deste aspecto nas sociedades nas quais os meios de comunicação tem grande alcance é turva.

Musse e Pernisa (2011) afirmam que a televisão (e aqui destaca-se o telejornal) ainda tem um papel importante na vida contemporânea e na elaboração do imaginário sobre nação, cidade e a comunidade, por mais forte que seja o processo de globalização. As autoras destacam, ainda, o importante papel social da televisão diante da nova reconfiguração das comunidades, especialmente com o advento das novas tecnologias, e concorda com França (2010) quando esta afirma que, no Brasil, a televisão, em especial, exerce a função de criar um 'imaginário nacional'. Para as autoras, nesse sentido, "[...] a televisão é capaz de absorver as transformações sociais e tecnológicas intensas do mundo contemporâneo e devolvê-las sob a forma de produtos de fácil consumo, mantendo o equilíbrio do sistema como um todo" (MUSSE; PERNISA, 2011, p. 5).

Levando em conta o novo cenário sociocultural que surge em uma sociedade cada vez mais marcada pela economia e cultura globalizada, ressalta-se o que Canclini (1999) chama de redefinição do senso de pertencimento e identidade, ou seja, os laços sociais já não são mais marcados pelo contato dos indivíduos na escola ou na vizinhança do bairro ou pelo lazer e consumo no centro das cidades. Canclini (1999) diz que:

> A expansão territorial e a massificação da cidade que reduziram as interações entre os bairros ocorreram junto com a reinvenção de laços sociais e culturais que passam através do rádio e da televisão. Atualmente, são estes meios que com sua lógica vertical e anônima diagramam os novos vínculos invisíveis da cidade. (CANCLINI, 1999, p. 102).

Destaca-se, entretanto, dentro desse contexto de Canclini (1999), que a televisão e o telejornalismo local se esforçam para manter as pautas de uma cidadania imaginada – que, na verdade, não é a real e muito menos a perfeita – vivenciada nos grandes centros urbanos, mas que ainda resiste, pelo menos no imaginário de uma sociedade marcada por indivíduos unidos em uma situação de vizinhança, e que tenta diminuir a desigualdade dos espaços urbanos e a consequente desigualdade no acesso aos serviços públicos – que, a princípio, é direito de todo cidadão.

Sobre comunidades imaginadas Anderson (2008) faz uma distinção entre comunidade real e imaginada. Para ele a comunidade imaginada não se baseia na interação face a face entre seus integrantes. O autor defende que comunidade imaginada se refere, inicialmente, ao conceito de nação.

> A ideia de um organismo sociológico atravessando cronologicamente um tempo vazio e homogêneo é uma analogia exata da ideia de nação, que também é concebida como uma comunidade sólida percorrendo constantemente a história seja em sentido ascendente ou descendente. Um americano nunca vai conhecer, e nem sequer saber o nome, da imensa maioria de seus 240 milhões de compatriotas. Ele não tem ideia do que estão fazendo a cada momento. Mas tem plena confiança na atividade constante, anônima e simultânea deles. (ANDERSON, 2008, p. 56-57).

Para Anderson (2008) a mídia (jornal, rádio, TV, internet) cria e mantém comunidades imaginadas e, normalmente, faz isso pensando em sua audiência como se estivesse se referindo aos cidadãos de um País.

A cidade imaginada deveria acolher a todos e trazer, para todos, os seus benefícios, mas, na prática, trata diferente os bairros e o acesso aos serviços públicos, em um reflexo direto das diferenças sociais e/ou econômica dos diferentes setores da população. O crescimento urbano,

portanto, não diminui a geração de tensões entre indivíduo e Estado e, em certos aspectos, até mesmo cria novas tensões.

4.5 A Subcidadania

Para falar do telejornalismo autodenominado 'comunitário' da Rede Globo é preciso apresentar reflexões sobre subcidadania, uma vez que nesse trabalho enxerga-se o falante da reportagem – aquele que reclama de uma situação em sua rua e sua vizinhança – como um sujeito que está em posição de desigualdade e que busca, na mediação da televisão e do telejornal, espaço para as suas demandas. Em princípio, trata-se de indivíduos ou grupos que não têm plenitude de acesso aos serviços e condições de vida previstas em uma sociedade imaginada vista como igualitária e acolhedora.

O conceito de subcidadania foi desenvolvido por Jessé de Souza, que faz uma análise sobre a construção social da subcidadania e a questão da modernidade periférica. Para o autor a subcidadania é um processo relacionado às desigualdades sociais construído ao longo da história e que envolve outras divisões além da classe social, como, por exemplo, cor e religião. O conceito de subcidadania, portanto, diz respeito ao não reconhecimento do indivíduo enquanto cidadão e vai além do imaginário social dominante, que enxerga o brasileiro como aquele sujeito boa praça com características quase sempre associadas à emocionalidade. O autor acrescenta que, no Brasil, o progresso econômico e a prosperidade do mercado não estão ligados diretamente à redução das taxas de marginalização, desigualdade e subcidadania (SOUZA, 2003).

Souza (2003) destaca que a construção social da subcidadania no Brasil é permeada de complexidades que envolvem aspectos culturais, coletivos morais e políticos. Dessa maneira, forma-se um abismo material e valorativo entre as classes e as 'raças' que compõem nossa sociedade.

A esta pesquisa interessa a relação entre subcidadania e uma parte menos favorecida da sociedade em termos de localização geográfica, classe social e educação, mas pertencente a um conceito global de cidadania. Trata-se do indivíduo que habita em uma região periférica, distante dos bairros nobres, de condomínios fechados e de regiões mais centrais, portanto, menos privilegiado no acesso aos serviços, ao transporte urbano, à educação e a outros aspectos essenciais para a cidadania; e, consequentemente, um indivíduo a ser considerado subcidadão.

Jessé de Souza busca, nas reflexões de Charles Taylor, sobre as questões culturais, morais e simbólicas no mundo moderno. Seu ponto de partida é comunitarista, entendimento

para “[...] um tipo específico de hierarquia social e uma também singular noção de reconhecimento social baseada nela” (SOUZA, 2003, p. 53). Ele também ancora seu pensamento no conceito de *habitus* e capital simbólico de Pierre Bourdieu para desenvolver o conceito de subcidadania:

> [...] creio encontrar, nesses dois autores, uma complementaridade fundamental de modo a unir a percepção de configurações valorativas implícitas e transparentes à consciência cotidiana, e ancoradas de modo opaco e inarticulado à eficácia de algumas instituições do mundo moderno como mercado e Estado, com a percepção de signos sociais visíveis que permitam mostrar o íntimo vínculo entre uma hierarquia valorativa, que se traveste de universal e neutra, com a produção de uma desigualdade social que tende a se naturalizar tanto no centro quanto na periferia do sistema (SOUZA, 2003, p. 53).

Dessa forma, Souza (2003) afirma que existe uma ordem competitiva que também tem sua hierarquia, mesmo que não transparente aos atores, e é baseada nessa ordem e não em um ‘resíduo’ social de épocas passadas. Uma ordem em que tanto brancos quanto negros sem qualificação adequada são desclassificados e marginalizados de forma permanente.

Nesta pesquisa pode-se avançar nessas colocações de Souza (2003) no aspecto da subalternidade dos atores (ou falantes-povo) que tem espaço nas reportagens do autodenominado jornalismo ‘comunitário’ da Rede Globo. A população se coloca como alguém que precisa da mediação da televisão para resolver seus problemas mais básicos. É notório que a emissora de televisão tem papel de protagonista na história, ocupando o lugar do próprio reclamante. Dessa forma, se não há a presença da televisão os indivíduos não se organizam para reivindicar seus direitos, dependem da participação da mídia e, assim, acabam por legitimar as desigualdades a partir do processo reivindicatório de direitos. É oferecido, ao cidadão, um telejornalismo acrítico e assistencialista, que cobra políticas públicas e responsabilidades, mas não oferece capacidade de reflexão, posicionamento e participação cidadã.

5 O CAMINHO PERCORRIDO PARA ENCONTRAR AS RESPOSTAS

5.1 A pesquisa e o método

De acordo com Booth (2005), pesquisar é "[...] reunir informações necessárias para encontrar uma resposta para uma pergunta e assim chegar à solução de um problema". Já Sousa (2008) afirma que a pesquisa científica em comunicação é uma forma de conhecimento científico, uma relação que se estabelece entre sujeito e objeto, ou seja, entre sujeito e realidade. Nessa perspectiva, a realidade pode ser penetrada até certo ponto e podem ser constituídas representações dessa realidade.

Sobre a pesquisa científica na comunicação, Machado (2010, p. 15) entende que pesquisar é "[...] fazer vir à tona o que muitas vezes se encontra, muitas vezes, na superfície do vivido". Para o autor o trabalho do pesquisador não parece diferente do trabalho do escritor ou de qualquer artista e acrescenta:

> O cronista pode ser definido como aquele que levanta o véu do cotidiano, trazendo à tona aquilo que estava escondido pelo excesso de familiaridade. O cronista desvela, revela, descobre, desencobre. O escultor, de certa maneira, faz o mesmo arrancando da matéria bruta uma forma. [...]. O pesquisador é o cronista do imaginário. (MACHADO, 2000, p. 14-15).

Já Epstein (2005) diz que, dentre os recursos metodológicos, os procedimentos analíticos devem ser escolhidos de acordo com sua capacidade de resolver as questões propostas e de acordo com os objetivos do pesquisador ou do operador. Ele diz ainda que os procedimentos analíticos estruturam a transformação de um discurso em outro.

Buscando amparo nas considerações de Martino (2019), acredita-se ser esse um trabalho que se enquadra no que o autor classifica com pesquisa quantitativa/qualitativa onde números de unidades jornalísticas e minutos de duração de cada matéria são importantes, mas também existe espaço para os significados presentes nas ações humanas, ou seja, o rigor dos números não é abandonado e encontra espaço nas tabelas e gráficos que foram produzidos, mas, por outro lado, o conteúdo de cada reportagem também foi analisado criteriosamente, já que a pesquisa qualitativa "[...] lida com o universo da subjetividade, das motivações e elementos pessoais de alguém que , naquele momento participa da pesquisa" (MARTINO, 2019, p. 99).

Nesta pesquisa foram usados, particularmente, a análise de conteúdo e o método comparativo, conceituado por Lakatos e Marconi (1985) como:

> Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo- conhecimentos válidos e verdadeiros- traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (LAKATOS; MARCONI, 1985, p. 81).

Ainda segundo Lakatos e Marconi (1985), o método comparativo considera que o estudo das semelhanças e das diferenças entre diversos tipos de grupos, sociedades ou povos contribui para uma melhor compreensão do comportamento através das comparações: verificar semelhanças e explicar diferenças. As autoras também afirmam que o método pode ser usado para comparações tanto do presente quanto do passado ou de diferentes estágios de desenvolvimento. "O método comparativo permite analisar o dado concreto, deduzindo do mesmo os elementos constantes, abstratos e gerais" (LAKATOS; MARCONI, 1985, p. 103). No caso desta pesquisa o método comparativo foi adaptado a uma tabela de categorização com os principais tópicos observados pela pesquisadora dentro das reportagens veiculadas.

5.2 MÉTODO JORNALISMO COMPARADO

De acordo com Feliciano (2003), o método do jornalismo comparado surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, a partir de uma iniciativa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) de contratar especialistas para dimensionar o panorama informacional em períodos subsequentes. Foram criados cinco centros de estudos no mundo. Um dos primeiros especialistas a ser convidado pela Unesco foi Jacques Kayser, que desenvolveu um estudo pioneiro sobre o jornal Le Monde. O Centro Internacional de Estudos Superiores em Periodismo da América Latina (CIESPAL) difundiu as ideias do pesquisador francês Jacques Kayser na América Latina, publicando estudos e dando espaço para a ministração de cursos sobre a metodologia. Sobre o jornalismo comparado, José Marques de Melo afirma que:

> Partindo do princípio de que os estudos sobre a imprensa já vinham sendo realizados por sociólogos, psicólogos e educadores, com visíveis contribuições para as ciências sociais, Jacques Kayser preocupou-se com a realização de pesquisas que pudessem comparações não somente no plano internacional, mas também no quadro nacional, colocando em evidência, por exemplo, as características estruturais dos servir aos profissionais da própria imprensa, em sua atividade noticiosa Sua preocupação fundamental era a de que a metodologia concebida para a pesquisa de jornais de diferentes países pudesse servir de base a estudos ulteriores que permitam estabelecer diários de línguas diferentes publicados em um mesmo país. (MELO, 1972, p. 18-19).

Ainda de acordo com Feliciano (2003), no Brasil coube, à equipe liderada pelo professor Luís Beltrão, da Universidade Católica de Pernambuco (UCP), supervisionar os primeiros estudos de caráter científico no campo da Comunicação, inspirado pelos trabalhos de Jacques Kayser e pela linha de estudos do CIESPAL.

José Marques de Melo, aluno de Luís Beltrão, iniciou pesquisas seguindo a abordagem de Jacques Kayser ainda em Pernambuco, já prevendo o sorteio de datas para recolhimento do material jornalístico para análise e início do projeto, mensuração do espaço físico das matérias e conclusões. Como exemplo do método, Feliciano (2003) cita o estudo 'De Belém a Bagé', desenvolvido pela equipe de José Marques de Melo, que relata a forma como o Natal é visto na imprensa do Brasil.

Vidal (2013) afirma que o estudo comparado se propõe a oferecer respostas a questões sociais a partir da comparação e estabelecendo semelhanças e diferenças. Prodanov e Freitas (2013) defendem que, além de verificar as semelhanças, o método tem o objetivo de explicar principalmente divergências dos fenômenos, analisando o dado concreto, deduzindo elementos constantes, abstratos ou gerais. Dessa forma, com o uso do estudo comparado adaptado ao jornalismo, esta pesquisa teve o objetivo de apresentar a conclusão de como as praças de uma mesma emissora-mãe desenvolvem as práticas do autodenominado jornalismo 'comunitário' analisando afastamentos e aproximações.

5.3 Análise de conteúdo

Outro método utilizado nesta pesquisa se baseia também na análise de conteúdo, que, segundo Temer (2011), é hoje uma das técnicas ou métodos mais comuns na investigação empírica realizada pelas ciências humanas e sociais. A finalidade da análise de conteúdo é a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo veiculado. O estudo sistemático busca dados objetivos e trabalha com regras definidas. De acordo com Temer (2011), o ponto central do método está justamente na definição dos conceitos, categorias, tipos, gêneros ou formatos adotados para qualificar, selecionar e mensurar o conteúdo da comunicação.

Bardin (2011) afirma que existem diversas possibilidades de aplicação da análise de conteúdo: pode evidenciar um comportamento, encontrar ou medir parâmetros, além de refletir e compreender determinada ação. A autora acredita ainda que "[...] qualquer comunicação, ou seja, qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor, controlado ou não por este, deveria poder ser descrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo" (BARDIN, 2011, p. 38).

Para Bardin (2011), em uma primeira fase a sistematização de um conjunto dos tipos de comunicações atende dois critérios: a quantidade de pessoas implicadas na comunicação e a natureza do código e do suporte da mensagem.

No quadro de possíveis aplicações da análise de conteúdo elaborado por Bardin (2011) encontram-se pelo menos duas aplicações que se relacionam com esta pesquisa: com o código e suporte oral onde acontecem – discussões, entrevistas, conversas de grupo de qualquer natureza e que acontece em veículos como rádio, televisão, cinema e outros. O outro código de suporte é o icônico, que envolve sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes e outros; e onde a televisão também aparece.

Ao mencionar a descrição analítica Bardin (2011) afirma que:

> A descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Trata-se portanto de um tratamento da informação contida nas mensagens, É conveniente, no entanto, precisar de imediato que em muitos casos a análise, como já foi referido, não se limita ao conteúdo, embora tome em consideração o "continente". A análise de conteúdo pode ser a análise dos "significados" (exemplo a análise temática), embora possa ser também uma análise dos "significantes" (análise lexical, análise dos procedimentos) Por outro lado, o *tratamento descritivo* constitui uma primeira fase do procedimento, mas não é exclusivo da análise de conteúdo. (BARDIN, 2011, p. 41, grifos da autora).

Seguindo essa linha de raciocínio, Bardin (2011) destaca ainda que a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção). A inferência recorre a indicadores que podem ser quantitativos ou não. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo se desenvolve em três fases, a saber: a) a pré-análise; b) a exploração do material; c) o tratamento dos dados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise é a fase da organização. O objetivo é operacionalizar e sistematizar as ideias. Essa fase tem três missões: escolher os documentos, formular as hipóteses e elaborar indicadores que fundamentem a interpretação final. A primeira atividade é a leitura flutuante seguida da escolha dos documentos. A fase da exploração do material geralmente é mais longa e consiste em operações de codificação, decomposição ou enumeração, tudo em função de regras. A fase do tratamento dos dados, inferência e interpretação tem o objetivo de tornar os dados válidos e significativos. Nessa fase normalmente são usados procedimentos estatísticos que possibilitam a elaboração de diagramas, quadros e outras figuras que sintetizem as informações obtidas. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, recorrendo a indicadores. Sobre essa verificação Bardin (2011) acrescenta que:

> O analista é como um arqueólogo. Trabalha com *vestígios*: os "documentos" que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles. Tal como a etnografia necessita da etnologia para interpretar as suas descrições minuciosas, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio, por exemplo. (BARDIN, 2011, p. 44-45).

A análise de conteúdo proporciona a compreensão do fenômeno como um todo e, nesta pesquisa a descrição envolve, além dos textos das reportagens, o tempo de duração da reportagem, quem são os falantes (jornalistas, moradores, autoridades), as imagens usadas e outros recursos de edição, como tabelas e gráficos. Seguindo o método descrito por Bardin (2011), para proceder a análise é preciso partir da unidade de registro, que, segundo a autora, é:

> É a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando categorização e a contagem frequencial. A unidade de registro pode ser de natureza e dimensões muito variáveis. Reina certa ambiguidade no que diz respeito aos critérios de distinção das unidades de registro. (BARDIN, 2011, p. 134).

No caso desta pesquisa entende-se que essa unidade de registro é o enfoque comunitário. As hipóteses formuladas são:

a) O jornalismo autodenominado 'comunitário' da Rede Globo se resume a retratar problemas de infraestrutura em bairros periféricos das grandes cidades.
b) O jornalismo autodenominado 'comunitário' da Rede Globo se apresenta como mediador entre o cidadão e a autoridade.

Foram escolhidos, previamente, cinco assuntos mais frequentes, de acordo com a pesquisa flutuante inicial, ligados ao viés do jornalismo comunitário que predominantemente envolve infraestrutura nos bairros da periferia.

Sobre a análise, acrescenta-se ainda observação inicial de que, em 2020, ano da coleta dos dados, durante o período da pandemia do novo coronavírus, percebeu-se que as emissoras da Rede Matogrossense buscaram alternativas para seguir as recomendações das autoridades sanitárias evitando aglomerações, mas permaneceram dando espaço para o jornalismo comunitário. Já a TV Anhanguera, de Goiânia, seguiu rotinas produtivas diferentes e se afastou do formato do telejornalismo autodenominado 'comunitário'. Mesmo sendo uma observação

inicial, percebeu-se, no processo de coleta de dados, que existe uma clara preferência pelos temas policiais em detrimento de outros assuntos que também interessam ao cidadão.

5.4 Os procedimentos (coleta, categorização, codificação)

Para auxiliar a pesquisadora a responder a questão problema deste trabalho foram empregados vários recursos metodológicos e técnicas de pesquisa; e, nesse sentido, para viabilizar este estudo, foram reunidas as seguintes informações: em primeiro lugar foi feito um levantamento bibliográfico com o objetivo de identificar, localizar, analisar e interpretar os conceitos relacionados ao tema escolhido, construindo, assim, a base teórica da pesquisa. Posteriormente foi elaborada a revisão bibliográfica, reunindo os autores que abordam o tema em livros, artigos e repositórios de universidades federais do Centro-Oeste buscando atualização sobre o assunto.

A delimitação da amostragem passou por uma pesquisa com observação preliminar, iniciada depois do ingresso no curso de doutorado do PPGCOM, em 2019. Posteriormente foi feita uma coleta de material jornalístico pelo período de dois meses (junho e julho de 2020) – os quais foram delimitados de forma proposital por se tratar de um mês de movimento normal de escola e trabalho e o outro ser mês de férias – onde foram colhidas reportagens dos telejornais que apresentavam, de alguma forma, o viés comunitário (explícito ou não) das emissoras afiliadas da Rede Globo de Televisão nas capitais da região Centro-Oeste. A amostragem total de dois meses de coleta foi definida com base no trabalho de Jacques Kayser, que se refere à amostragem recolhida em uma semana simples, uma semana composta ou duas semanas. Para melhor aproveitamento dos telejornais, foram observados dois meses de material, o que equivale a oito semanas de coleta de cada emissora.

Das reportagens coletadas foram destacados os seguintes assuntos:

a) Transporte coletivo (que afeta os bairros das regiões periféricas);

b) Água / esgoto;

c) Iluminação pública/ energia;

d) Trânsito;

e) Buraco/ asfalto;

f) Outros (obras, lotes baldios, queimadas urbanas e outros).

Os telejornais são exibidos de segunda a sábado. No entanto, ressalta-se que aos sábados o telejornal possui um caráter mais voltado para o entretenimento.

A ferramenta usada para coletar o material foi a plataforma Globoplay, de livre acesso, que armazena os telejornais veiculados diariamente em várias praças. Não foi feita nenhuma coleta de material nas emissoras, apenas via Globoplay. Essa escolha não está relacionada às restrições sanitárias impostas pela pandemia de Covid-19 e sim à praticidade técnica da coleta. Para coletar as reportagens foram assistidos todos os VTs disponíveis naquele dia e selecionados os que mais se adequam às categorias delimitadas para a pesquisa.

Em relação à coleta é importante destacar que, mesmo sendo uma plataforma única para todos os produtos jornalísticos da Rede Globo, o modo de exibição dos telejornais varia. A TV Anhanguera não disponibiliza todos os VTs veiculados no telejornal e o faz de maneira individual. A TV Morena também disponibiliza os VTs individualmente e em menor quantidade que a TV Anhanguera. A TV Centro América é a única que disponibiliza o telejornal em blocos. Dessa forma, foi necessário assistir todo o bloco para identificar o material de interesse da pesquisa. No total foram recolhidas e analisadas 86 unidades jornalísticas. Há, ainda, outras variações na coleta. Na TV Morena, por exemplo, o repórter Alexandre Cabral normalmente entra em mais de um bloco e em cada uma das entradas ele apresenta assuntos que podem ser iguais, diferentes e também agradecimentos de telespectadores pela intermediação do telejornal para resolver determinado problema. Na pesquisa foi considerada como unidade jornalística cada entrada do repórter.

Da TV Anhanguera foram coletadas 32 unidades jornalísticas (reportagens ou ao vivo), sendo que no mês de junho foram 20 unidades. Em alguns dias, como 02/06/2020, 06/06/2020, 10/06/2020 e 24/06/2020, foram exibidas duas reportagens ligadas aos assuntos inseridos na tabela de categorização. No dia 29/06/2020 foram registradas duas participações do repórter sobre o mesmo assunto. No mês de julho foram coletadas 12 unidades (reportagens ou ao vivo), sendo que apenas no dia 03/07/2020 houve a veiculação de dois assuntos contidos na tabela de categorização.

Na TV Centro América foram coletadas, no total, 21 unidades jornalísticas, sendo 11 no mês de junho e 10 no mês de julho, resultando em 1 hora e 26 minutos de duração. Da TV Morena foram coletadas 33 unidades jornalísticas, sendo 16 no mês de junho e 17 no mês de julho. Nos dias 07/07/2020, 09/07/2020, 10/07/2020, 23/07/2020, e 24/07/2020 foram registradas duas participações do autodenominado jornalismo ‘comunitário’.

Os tempos de cada unidade jornalística já são informados na plataforma Globoplay, sendo assim, no caso das TVs Anhanguera e Morena não foi preciso fazer a contagem dos minutos de cada unidade. Na TV Centro América foi necessário fazer a contagem dos minutos porque, como já mencionado, o telejornal era disponibilizado em blocos. É importante destacar

que, para fins deste estudo, foram desprezados os *teasers* que muitas vezes são inseridos na escalada e no primeiro bloco do telejornal, pois não apresentam relevância para a pesquisa.

Depois de coletado o material (vídeos) e feita a transcrição (ANEXOS A,B,C), procedeu-se à análise das reportagens enquadradas na tabela de categorização (elaborada pela autora) a fim de se verificar a frequência quantitativa. Para fins de codificação do material levou-se em consideração os seguintes aspectos:

a) Número de unidades para identificar a quantidade de material veiculado;
b) Tempo para identificar qual espaço/tempo era destinado ao bairro;
c) Falantes - para identificar quem são as vozes da unidade jornalística (jornalistas, população, autoridades, especialistas);
d) Formato jornalístico - reportagem com uma adaptação ao telejornal que seria o ao vivo;
e) Resposta - para identificar se o assunto abordado teve alguma resposta em nota ou gravada ou ainda uma solução por parte do poder público.

Como procedimento metodológico de coleta de material, visando compreender melhor o objeto, foi elaborado um pequeno questionário com questões abertas contendo perguntas sobre o percurso histórico da criação do telejornalismo comunitário da TV Anhanguera (utilizando o critério de proximidade). O questionário foi distribuído, via e-mail, a ex-funcionários que trabalharam na emissora exercendo diversas funções nas décadas de 1980 e 2000 (APÊNDICE A). Dos 10 questionários enviados apenas 3 jornalistas deram retorno com as respostas. Esse procedimento foi importante para fazer o resgate histórico desse momento no telejornalismo goianiense, já que não existe bibliografia sobre o assunto. Nessa etapa foi incluído um breve questionário para a chefe de redação da Rede Globo Recife, Jô Mazarollo, (APÊNDICE E) sobre jornalismo comunitário na emissora, já que ela é uma das pioneiras no desenvolvimento desse tipo de jornalismo e a Globo Recife se destaca no *ranking* de afiliadas com a adoção do jornalismo autodenominado 'comunitário'.

É importante deixar claro que o método utilizado não inclui a análise de todo o telejornal e sim das reportagens que foram pré-selecionadas – a partir de um critério de seleção das amostras, por serem exemplares do modelo adotado pelo telejornalismo autodenominado 'comunitário' desenvolvido pela Rede Globo.

O procedimento metodológico incluiu ainda a coleta de opinião de jornalistas da redação das três emissoras sobre o telejornalismo comunitário. O questionário foi distribuído via e-mail com autorização da chefia imediata dos profissionais (TV Anhanguera - Brenda Freitas, TV

Morena e Centro América - Orlando Loureiro) e buscou captar a percepção sobre jornalismo comunitário, cidadania e audiência dos profissionais da redação com o compromisso de que nenhum dos entrevistados seriam identificados (APÊNDICE B). Foram distribuídos questionários para 10 profissionais de cada uma das redações (totalizando 30 profissionais), entretanto dez jornalistas das três emissoras enviaram as respostas. Apesar do pequeno retorno, as respostas contribuíram para o desenvolvimento do trabalho e acredita-se que se não fosse o período de pandemia a contribuição teria sido maior. Sobre este procedimento, foi decidido, junto com a orientadora, não identificar os respondentes e as emissoras de TV na etapa dos resultados como forma de resguardar a identidade dos participantes.

Outro procedimento adotado na pesquisa foi o uso do *software* Iramuteq como forma de melhorar a visualização textual. A nuvem de palavras foi usada para dar melhor visibilidade às palavras mais usadas nas unidades jornalísticas coletadas. E, visando analisar a viabilidade do trabalho, foi realizado, na fase de qualificação, um pré-teste, cujos resultados foram, em princípio, incorporados ao trabalho final.

5.5 A análise

De acordo com Martino (2018), o contato inicial com o conteúdo encontrado e a primeira leitura do material podem ser um verdadeiro caos. Ele recomenda olhar para o material buscando predominância de temas, palavras em posição de destaque ou imagens que se repetem. Dessa forma o material pode ser separado de acordo com as características mais visíveis. É preciso ainda fazer uma descrição das mensagens, que podem ser de diversos tipos. O autor diz que é preciso, por exemplo, identificar data, local de publicação, tema, suas divisões principais, imagens, autoria e demais elementos.

Na obra ‘Manual de investigação em Ciências Sociais’, Quivy e Campenhoudt (2005) afirmam que a análise, além de responder à pergunta inicial, deve também interpretar os fatos inesperados e rever os afirmar hipóteses para que nas conclusões o pesquisador esteja em condições de sugerir aperfeiçoamento do seu método de análise e propor pistas de reflexão e investigação para o futuro (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005). Os autores ponderam que, dependendo do assunto, a criação de uma tabela em formato de quadro comparativo pode revelar índices e indicadores interessantes que, ao serem combinados com outros elementos (variáveis), resultam em respostas simples, mas ilustrativas, dependendo do objetivo que se quer analisar. No caso específico desta pesquisa, para auxiliar na interpretação dos dados coletados usou-se um *software* específico.

De acordo com Salviati (2017), a análise textual é um tipo específico de análise de dados e que trata de material verbal transcrito, produzido em vários contextos. Dessa forma, para analisar o volume de textos gerados nesta pesquisa foi utilizado o *software* específico de análise textual Iramuteq. O *software* Iramuteq foi criado em 2009 pelo francês Pierre Ratinaud, é de uso gratuito e aberto, mas para utilizá-lo é necessária a instalação do pacote R, que possibilita o trabalho com os dados. Salviati (2017) diz ainda que o funcionamento do Iramuteq consiste em preparar os dados para escrever *scripts* que são analisados pelo *software* estatístico, além de produzir diagramas. Assim, o Iramuteq foi útil para auxiliar na interpretação e dar visibilidade às palavras encontradas nos textos. Dentre as opções de análise textual oferecidas pelo *software* foi usada a nuvem de palavras. Antes de submeter o conjunto de textos de unidades jornalísticas ao *software* foi necessário fazer uma limpeza nos textos, retirando diálogos desnecessários entre apresentador e repórter e cumprimentos.

5.6 O texto, a imagem e o som

Bauer e Gaskell (2008) afirmam que a pesquisa social se apoia em dados sociais – dados sobre o mundo social – que são o resultado e que são construídos nos processos de comunicação. Na obra 'Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som' os autores apresentam esses três meios, que estão presentes em dois tipos de comunicação: formal e informal. A comunicação informal possui poucas regras explícitas, "[...] as pessoas podem falar, desenhar ou cantar como queiram" (BAUER; GASKELL, 2008, p. 21). Por outro lado, existem comunicações altamente formais "[...] no sentido de que a competência exige conhecimento especializado" (BAUER; GASKELL, 2008, p. 21). Para os autores na pesquisa social o interesse gira "[..] na maneira em que espontaneamente as pessoas se expressam e falam sobre o que é importante para elas e o que elas pensam sobre suas ações e a dos outros" (BAUER; GASKELL, 2008, p. 21). Os autores acrescentam ainda que os dados formais reconstroem a maneira pela qual a realidade social é representada por um grupo social. Um jornal, por exemplo, representa, até certo ponto, o mundo para um determinado grupo de pessoas, caso contrário elas não o comprariam.

Fazendo uma crítica à automatização das pesquisas quantitativas, muitas vezes reduzidas a rotinas mecânicas de formulação de questionários, os autores ressaltam a necessidade de uma visão mais holística do processo de pesquisa social para que ele possa incluir a definição e a revisão de um problema, sua teorização, a coleta de dados, a análise dos dados e a apresentação dos resultados.

Ao falar sobre filme, fotografia e vídeos como documentos de pesquisa, Loizos (2008) apresenta três razões para abordar o tema: a primeira é que "[...] a imagem com ou sem acompanhamento do som oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e os acontecimentos reais – concretos, materiais". A segunda razão é que, embora a pesquisa social esteja tipicamente a serviço de complexas questões teóricas e abstratas, ela pode "[...] empregar, como dados primários, informação visual que não necessita ser em forma de palavra escrita e nem em forma de números" (LOIZOS, 2008, p. 137-138). E a terceira razão está ligada ao fato de que "[...] o mundo em que vivemos está crescentemente influenciado pelos meios de comunicação cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais" (LOIZOS, 2008 p. 137-138). E dessa forma o 'visual' e a 'mídia' desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica. Eles se tornaram 'fatos sociais', no sentido de Émile Durkheim[21]. Eles não podem ser ignorados (LOIZOS, 2008).

Loizos (2008) destaca que no 'visual' usamos os olhos para ler, ou seja, não é a leitura em si, mas situações nas quais as imagens são apoiadas em textos escritos e em palavras gravadas em som. O autor cita, como exemplo:

> O estudo pioneiro do psicólogo social Siegfried Kracauer (1947) do cinema alemão de 1918 até 1933, que defende que os filmes produzidos para, e consumidos por uma nação, permitem uma boa percepção das "profundas disposições psicológicas". Kracauer identificou temas e imagens que trouxeram intuições sobre ideias referentes à sorte e ao destino e sobre líderes e seguidores, sobre humilhação, sobre corpo sadio e doente e muito mais. Ele incluiu um estudo, uma análise de um filme de propaganda nazista que se tornou um padrão e um modelo para análises subsequentes de conteúdo de filmes. (LOIZOS, 2008, p. 138).

Loizos (2008) chama atenção ainda para o que ele classifica como falácia sobre registros visuais, a de que a 'câmera não pode mentir'. O autor afirma que aquele que maneja a câmera pode mentir e de fato mente e pode distorcer registros visuais tanto quanto as palavras escritas. Em um filme ou vídeo "[...] uma edição habilidosa pode remover palavras faladas de uma frase e remover pessoas ou traços de um contexto mais amplo" (LOIZOS, 2008, p. 140).

Sobre a pesquisa em vídeos, Loizos (2008) considera que o pesquisador deve dar conta de diversas tarefas: exame sistemático do *corpus* de pesquisa; criação de um sistema de

[21] O fato social, segundo Émile Durkheim, consiste em maneiras de agir, de pensar e de sentir que exercem determinada força sobre os indivíduos, obrigando-os a se adaptar às regras da sociedade onde vivem. Fonte: Disponível em: http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=167#:~:text=e%20Anomia-,Fatos%20sociais,regras%20da%20sociedade%20onde%20vivem. Acesso em: 20 set. 2020.

anotações que deixe claro porque certas ações ou sequências devem ser categorizadas e o processamento analítico da informação colhida.

Com base nos resultados de pesquisas iniciadas em 1992 e nos processos de ensino e orientação de trabalhos de conclusão do curso de Jornalismo, de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Becker (2012) propõe uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalística audiovisuais. A autora considera a hipótese de que "[...] a compreensão das dinâmicas combinações e associações entre palavras, sons, imagens, gestos, gráficos e outros elementos do texto audiovisual contribui para uma melhor percepção da construção dos sentidos da notícia" (BECKER, 2012, p. 233).

Becker (2012) descreve que o percurso é formado por três etapas: a descrição do objeto de estudo, a análise televisual e a interpretação dos resultados encontrados. Citando Motta (2004 *apud* BECKER, 2012), a autora afirma que os relatos jornalísticos são impregnados de subjetividade e construídos sob determinados interesses econômicos, políticos e sociais.

A autora também pondera que a cultura da participação evidenciada na produção de notícias e as novas relações entre jornais, fontes e leitores também contribuem para o questionamento do *status* do jornalismo e sua mediação na atualidade. Com base em Fisher (2002), Becker (2012) destaca que é possível estudar as imagens, texto e sons, especialmente da TV, partindo do pressuposto de que não se pode extrair representações acabadas, mas possibilidades de significação, ou seja, possibilidades de leitura dos enunciados e das visibilidades de constituem o espaço da mídia.

Para Becker (2012), ao contrário da linguagem verbal, as imagens são difíceis de serem classificadas, não existe um dicionário e elas são compostas por comportamentos, atitudes, gestos, formas, cores, em uma fluidez que as torna difícil descrever e interpretar.

Na opinião de Becker (2012), estudar a linguagem televisiva é importante por quê:

> [...] significa analisar o modo como a televisão produz sentido combinando imagens, palavras e outros elementos da narrativa audiovisual assim como regras estabelecidas no texto para relação entre produtores e receptores. (BECKER, 2012, p. 242).

A metodologia descrita por Becker (2012), cuja leitura resultou no Quadro 2, elege princípios e categorias que funcionam como referência metodológica para auxiliar a leitura crítica da complexidade do texto audiovisual e do contexto onde esse texto é produzido. A metodologia é expressa em três fases: de descrição, da análise televisual e da interpretação dos

resultados e enunciados midiáticos. A fase da análise televisual envolve seis categorias que são: estrutura de texto, temática, enunciadores, visualidade, som e edição.

De acordo com as informações dispostas no Quadro 2, e com base no estudo de Becker (2012), pôde-se concluir, na fase de análise, que existe um padrão no item visualidade com cenários, planos e enquadramentos usados pelos três telejornais de 1ª edição no Centro-Oeste e que são resultado das diretrizes impostas pela Rede Globo em relação às praças. O padrão se estende à forma de condução da reportagem com viés comunitário, com um texto simples e informativo que se preocupa apenas em relatar o problema.

Quadro 2 - Leitura baseada em Becker (2012)

CATEGORIA	APLICAÇÃO
Estrutura do texto	Texto informativo, muitas vezes descritivo, com uso de linguagem coloquial, objetiva e acessível, com períodos curtos e ordem direta. Logo no início do texto é informado o problema principal e, na sequência, são apresentadas informações secundárias. O texto é sempre casado com as imagens. Nas participações ao vivo muitas vezes o repórter lança mão do improviso para relatar o fato.
Temática	Temas previamente escolhidos que abordam problemas de infraestrutura em bairros periféricos nas capitais da região Centro-Oeste, sendo: transporte coletivo, água/esgoto, iluminação/energia, trânsito, buraco/asfalto, outros.
Enunciadores	Na maioria das vezes os falantes são os jornalistas: apresentador, repórter. Poucas vezes são os falantes da comunidade e com um espaço de fala bem menor do que os profissionais da emissora e autoridades. Raramente falam especialistas no assunto que possam contribuir mais e aprofundar discussões.
Visualidades	Uso de imagens de arquivo para ilustrar melhor as unidades jornalísticas, mesmo no caso das entradas ao vivo; 2 telões no estúdio como elemento interativo entre o apresentador e os repórteres e entrevistando autoridades. Apenas um apresentador que se movimenta no cenário, alternando os planos de enquadramento. Plano geral- aberto, mostrando todo estúdio; plano médio, enquadrando o apresentador na altura da cintura. Os cenários das afiliadas são esteticamente muito parecidos.
Som	Valorização do som ambiente e uso de entrevistas.
Edição	Edição simples da estrutura de reportagem: *off,* passagem, sonora. Em destaque, uso do formato ao vivo. Uso de vídeos curtos enviados pelos telespectadores (alguns com pouca qualidade de som e imagem) via aplicativo ou redes sociais. Uso de imagens de câmeras de monitoramento. Pouco uso de recursos infográficos como mapas, cartas, e selos.

Fonte: Elaboração própria (2022).

Existe também um padrão de abordagem e estruturação dos textos em relação às demandas apresentadas. Os enunciadores se resumem praticamente ao apresentador que faz a

chamada (ou cabeça da matéria), introduzindo o assunto, o repórter que narra o problema no local do acontecimento e entrevista os moradores que reclamam do problema. Em raríssimos casos existe um especialista que fala sobre o assunto. A voz da autoridade é expressa, na maioria das vezes, em uma nota lida pelo apresentador, sem direito a maiores questionamentos.

6 UM OLHAR SOBRE OS RESULTADOS

6.1 Análise quantitativa

A análise quantitativa consiste em uma categorização dos assuntos trabalhados conforme uma observação sistemática dos telejornais na plataforma Globoplay e aponta a quantidade de assuntos trabalhados por cada emissora de acordo com temas escolhidos previamente. A Tabela 1 mostra as 21 unidades jornalísticas do telejornal MTTV da TV Centro América de Mato Grosso.

Nota-se que o assunto com maior destaque quando se menciona o jornalismo comunitário é buraco/asfalto (8 unidades jornalísticas) seguido de água/esgoto (4 unidades jornalísticas). Essa presença reflete os dois problemas recorrentes nas regiões periféricas das grandes cidades e remete à questão da ausência de infraestrutura urbana nos bairros menos centrais ou periféricos. Nestas regiões o asfalto é o coroamento de outros aspectos infraestruturais, como a presença de água e esgoto; e a sua manutenção se mantém como elemento importante, pois garante a circulação do transporte público e do acesso a serviços como o recolhimento do lixo urbano. Não é surpreendente, portanto, que o tempo dado ao assunto buraco/ asfalto seja de 32 minutos, inclusive superior à soma do tempo do assunto classificado como ‘outros’, que contempla diferentes temas, e que foi de 18 minutos.

Quando analisadas as matérias sobre buracos/asfaltos em relação aos falantes, observou-se a posição privilegiada dos apresentadores e repórteres. Privilegiada principalmente por parte dos repórteres que estão no local do acontecimento, porque normalmente têm mais tempo de fala que o morador (popular) e dominam melhor as técnicas de comunicação. Isso significa dizer que muitas vezes o repórter até explica a fala do entrevistado para que o assunto fique mais claro. Repórter e apresentador se alternam falando sobre o problema e o falante (popular) fica em segundo plano. Dentro das rotinas jornalísticas das emissoras de TV é importante ressaltar aqui que, quando o repórter vai fazer uma participação ao vivo ele se prepara de modo a não repetir informações que já serão dadas pelo entrevistado, reduzindo o tempo de fala do entrevistado, que normalmente apenas confirma o problema.

Tabela 1 - Tabela Quantitativa: TV Centro América

ANÁLISE QUANTITATIVA Período: junho/julho 2020	
MT1 - TV Centro América	
Codificação	**Assunto: Transporte**
Quant. Unidade Jornalística	1
Tempo	6 min
Falantes	4 (3 Jornalistas, 1 popular)
Formato	Reportagem
Resposta	1 Nota
MT1 - TV Centro América	
Codificação	**Assunto: Água/Esgoto**
Quant. Unidade Jornalística	4
Tempo	17 min
Falantes	5 (3 Jornalistas, 3 populares 1 autoridade)
Formato	Reportagem + Ao Vivo
Resposta	1 Resposta gravada (Águas Cuiabá)
MT1 - TV Centro América	
Codificação	**Assunto: Iluminação/Energia**
Quant. Unidade Jornalística	-
Tempo	-
Falantes	-
Formato	-
Resposta	-
MT1 - TV Centro América	
Codificação	**Assunto: Trânsito**
Quant. Unidade Jornalística	2
Tempo	8 min
Falantes	3 (2 Jornalistas, 1 popular)
Formato	Reportagem + Ao Vivo
Resposta	1 Nota (SEMOB)
MT1 - TV Centro América	
Codificação	**Assunto: Buraco/Asfalto**
Quant. Unidade Jornalística	8
Tempo	25 min
Falantes	9 (4 Jornalistas, 3 Populares, 1Autoridade)
Formato	Reportagem + Ao Vivo
Resposta	5 Notas e 1 Entrevista
MT1 - TV Centro América	
Codificação	**Assunto: Outros**
Quant. Unidade Jornalística	6
Tempo	18 min
Falantes	4 (3 Jornalistas, 1 popular)
Formato	Ao Vivo
Resposta	4 Notas

Fonte: Elaboração própria (2022).

Ainda no caso da TV Centro América percebeu-se que o repórter cita o nome do morador que fez a reclamação e algumas vezes se refere a eles de forma genérica, dizendo apenas “conversamos com moradores”, mas eles (os moradores) não aparecem. E quando o

morador aparece, essa participação se resume a um vídeo curto, muitas vezes sem qualidade de áudio e vídeo.

Para fins de registro na tabela, nas unidades observadas, decidiu-se considerar apenas uma vez, em cada categoria de assunto, a aparição de jornalistas (repórteres e apresentadores). Isso significa dizer que, se no total foram analisadas 4 unidades jornalísticas, contou-se a participação dos jornalistas como falantes apenas uma vez e não oito vezes. Quando há referência ao formato reportagem ao vivo é porque é o que mais se enquadra dentro da classificação de José Marques de Melo. Observa-se que a estrutura da participação ao vivo é praticamente a mesma de uma reportagem gravada. Do estúdio o apresentador chama o/a repórter, que faz uma participação – que inclui um *off*, que é a narração do texto feito pelo/a repórter, muitas vezes de maneira improvisada, e coberto com imagens do local, e, na sequência a participação do popular ou a menção de existência do mesmo.

As respostas foram dadas por meio de nota na maioria das unidades observadas, uma situação que também pode estar relacionada à pandemia de Covid-19 e à dificuldade de deslocamento de equipes para gravação com autoridades. Entretanto, registra-se que, assim como os moradores fazem a participação por meio de vídeo gravado e enviado via WhatsApp, o mesmo poderia ser feito com a autoridade.

A Tabela 2 apresenta os resultados da observação do telejornal MSTV da TV Morena de Mato Grosso do Sul. Foram coletadas e transcritas 33 unidades jornalísticas. Nota-se uma abordagem mais uniforme das unidades jornalísticas, bem semelhante no que diz respeito à quantidade. Sobre o tema buraco/asfalto e trânsito, por exemplo, a quantidade de unidades é a mesma, cada um com 4 unidades. O tempo destinado a cada um também é muito próximo, sendo 15 minutos para buraco/asfalto e 18 minutos para trânsito. Os assuntos água/esgoto e iluminação/energia tiveram a mesma quantidade de unidades jornalísticas, mas com destaque para água/esgoto, que teve 14 minutos de abordagem contra 8 minutos de iluminação/energia.

Pode-se inferir que as tabelas ressaltam um privilégio de abordagem de certos assuntos em detrimento a outros. Essa variável pode estar ligada às condições diferenciadas de infraestrutura de cada capital do Centro-Oeste, mas esse não é o objeto deste trabalho. Destaca-se, assim, que os problemas de infraestrutura dos bairros periféricos estão relacionados, na maioria das vezes, à facilidade de cobertura. É mais fácil cobrir o problema de uma rua esburacada, que pode ser resolvido com uma operação tapa buracos, do que abordar a falta de saneamento básico em uma determinada região da cidade, que envolve prioridades no orçamento e no investimento no índice desenvolvimento humano de uma cidade.

Tabela 2 - Tabela Quantitativa: TV Morena

ANÁLISE QUANTITATIVA Período: junho/julho 2020	
MS1 - TV Morena	
Codificação	**Assunto: Transporte**
Quant. Unidade Jornalística	-
Tempo	-
Falantes	-
Formato	-
Resposta	-
MS1 - TV Morena	
Codificação	**Assunto: Água/Esgoto**
Quant. Unidade Jornalística	3
Tempo	11 min
Falantes	6 (3 Popular, 3 Jornalistas)
Formato	Reportagem + Ao Vivo
Resposta	2 Notas
MS1 - TV Morena	
Codificação	**Assunto: Iluminação/Energia**
Quant. Unidade Jornalística	4
Tempo	8 min
Falantes	7 (2 Jornalistas, 5 Populares)
Formato	Reportagem + Ao Vivo, vídeo de celular
Resposta	3 Notas
MS1 - TV Morena	
Codificação	**Assunto: Trânsito**
Quant. Unidade Jornalística	4
Tempo	16 min
Falantes	8 (3 Jornalistas, 5 Populares)
Formato	Reportagem + Ao Vivo, 2 vídeos de celular
Resposta	3 Notas
MS1 - TV Morena	
Codificação	**Assunto: Buraco/Asfalto**
Quant. Unidade Jornalística	3
Tempo	15 min
Falantes	5 (2 Jornalistas, 1 Popular, 2 Autoridades)
Formato	Nota Coberta , Reportagem,2 vídeos celular
Resposta	3 Notas
MS1 - TV Morena	
Codificação	**Assunto: Outros**
Quant. Unidade Jornalística	19
Tempo	1h30 min
Falantes	29 (4 Jornalistas, 22 Moradores, 3 Autoridades)
Formato	Nota Coberta e Reportagem, ao vivo
Resposta	12 Notas

Fonte: Elaboração própria (2022).

Na TV Morena percebe-se os jornalistas em destaque na codificação falantes. Isso porque o repórter Alexandre Cabral faz a medição de casa, de todas as unidades jornalísticas, auxiliado pela apresentadora Bruna Mendes. Praticamente não existe outro repórter e os dois

juntos têm um maior tempo de fala. Na emissora foi desenvolvido um formato que chama a atenção, uma vez que em quase todas as unidades existe um falante (popular) e em alguns casos é feita até entrevista via chamada de vídeo com o morador. Esses moradores, mesmo sem ter conhecimento do uso de ferramentas jornalísticas, como construção do *off*, sonora e passagem, procuram colaborar de forma amadora e espontânea, ainda que formalmente as emissoras incentivem e valorizem essas participações, mas sem qualidade.

As notas com o retorno das autoridades estão presentes em quase todas as unidades jornalísticas e são lidas pelo repórter Alexandre Cabral; percebe-se um bom relacionamento, principalmente com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano (SEMADUR), a AGETRAN e a Secretaria Municipal de Infraestrutura e Serviços Públicos de Campo Grande, que sempre respondem as demandas apresentadas.

A Tabela 3 mostra os resultados encontrados na TV Anhanguera. Nas amostras observadas e transcritas a emissora não utiliza o termo jornalismo comunitário e as reportagens gravadas e entradas ao vivo são feitas sem esse apelo. Embora seja cedo para buscar uma explicação sobre um possível afastamento da emissora dessa proposta, é interessante destacar que a TV Anhanguera tem enfrentado baixos índices de audiência; posteriormente, vale buscar entender se esse aspecto tem relação direta com esse afastamento e aproximação dos assuntos policiais.

Nota-se também a abordagem de vários assuntos que dizem respeito ao dia a dia da comunidade. Um assunto que ganha destaque no telejornal JA 1ª edição é transporte, item que aparece com 11 unidades jornalísticas apresentadas. Observa-se que, apesar de ser um assunto importante, que interfere na vida da comunidade que usa o transporte coletivo nas grandes cidades, no período de observação o destaque do assunto está principalmente vinculado à pandemia provocada pela Covid-19 e os decretos que regulamentavam o transporte coletivo na grande Goiânia. O total do tempo destinado ao assunto transporte foi de 29 minutos – que é mais ou menos o tempo que o assunto buraco/ asfalto obteve na TV Centro América, que foi de 25 minutos. Vale ressaltar aqui que os falantes desse assunto são populares e jornalistas; estes últimos, apesar de serem em menor número, detêm maior espaço de fala em apenas uma unidade jornalística. Há, dentre o material, uma entrevista gravada com um representante da Companhia Metropolitana de Transporte Coletivo (CMTC). No restante das 10 unidades jornalísticas a resposta às reclamações dos usuários e questionamentos dos jornalistas foi dada por meio de nota lida pelo apresentador, recurso utilizado nos telejornais nacionais da Rede. A partir da análise é possível inferir que, em determinados assuntos, mesmo com a medição do jornalismo, o cidadão tem uma posição de invisibilidade para o poder público.

Tabela 3 - Tabela Quantitativa: TV Anhanguera

ANÁLISE QUANTITATIVA Período: junho/julho 2020	
JA1 - TV Anhanguera	
Codificação	**Assunto: Transporte**
Quant. Unidade Jornalística	11
Tempo	29 min
Falantes	20 (2 Jornalistas, 17 Populares, 1 Autoridade)
Formato	Reportagem + Ao Vivo
Resposta	10 Notas e 1 Resposta Gravada
JA1 - TV Anhanguera	
Codificação	**Assunto: Água/Esgoto**
Quant. Unidade Jornalística	-
Tempo	-
Falantes	-
Formato	-
Resposta	-
JA1 - TV Anhanguera	
Codificação	**Assunto: Iluminação/Energia**
Quant. Unidade Jornalística	1
Tempo	4 min
Falantes	3 (2 Jornalistas, 1 Popular)
Formato	Reportagem + Ao Vivo
Resposta	1 Nota
JA1 - TV Anhanguera	
Codificação	**Assunto: Trânsito**
Quant. Unidade Jornalística	5
Tempo	17 min
Falantes	8 (2 Jornalistas, 1 Popular, 2 Autoridades)
Formato	Reportagem + Ao Vivo
Resposta	4 Notas
JA1 - TV Anhanguera	
Codificação	**Assunto: Buraco/Asfalto**
Quant. Unidade Jornalística	-
Tempo	-
Falantes	-
Formato	-
Resposta	-
JA1 - TV Anhanguera	
Codificação	**Assunto: Outros**
Quant. Unidade Jornalística	15
Tempo	41 min
Falantes	36 (2 Jornalistas, 24 Populares, 2 Autoridades, 2 Especialistas)
Formato	Nota Coberta e Reportagem
Resposta	11 Notas e 1 Entrevista Gravada

Fonte: Elaboração própria (2022).

Outro assunto em destaque é o trânsito, com um tempo de abordagem de 17 minutos. Os temas água/esgoto e buraco/ asfalto, comuns em bairros da periferia, não são abordados pela emissora. Também se registra apenas uma unidade jornalística relativa ao assunto iluminação/ energia, com um tempo de 4 minutos.

A Tabela 4 apresenta uma comparação dos assuntos das unidades jornalísticas e demais itens de codificação entre as três emissoras. Percebe-se que, apesar de dar mais tempo para o assunto transporte, a TV Anhanguera não faz nenhuma abordagem sobre os temas buraco/ asfalto e água /esgoto, que também são importantes no dia a dia de uma comunidade. O espaço também é reduzido para os falantes, privilegiando jornalistas e autoridades. Outro assunto que se destacou foi o trânsito, com 5 unidades jornalísticas. Uma explicação possível para este destaque é o fato de Goiânia possuir, proporcionalmente, uma das maiores frotas de carros do País e ter, ainda, uma frota recorde de motocicletas.

Na TV Morena o único assunto que não teve destaque durante o período de observação foi transporte, justamente o contrário da TV Anhanguera. O que revela uma menor quantidade de reclamações ou um assunto tratado com menos prioridade. No restante dos assuntos existe uma variedade de abordagens. Nota-se ainda maior quantidade de falantes, mesmo que em menor tempo. Também é perceptível uma maior resolução dos problemas, apesar de ser comunicado através de notas.

Na TV Centro América predomina o assunto buraco/asfalto, com 8 unidades, seguido de água/esgoto, com 4 unidades. Em relação aos falantes, o maior número é de jornalistas e o retorno em relação aos problemas mostrados se dá em forma de nota, assim como nas outras emissoras pesquisadas. As notas de retorno nem sempre apresentam uma solução eficaz.

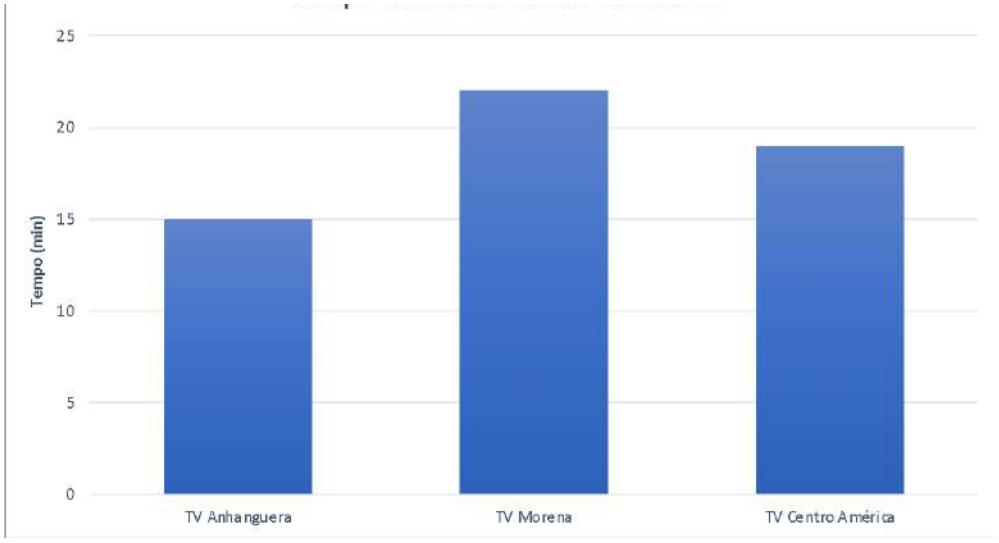
Tabela 4 - Tabela Comparativa

Análise de Conteúdo no período de junho a julho 2020			
Codificação	**Assunto: Transporte**		
	TV Anhanguera	**TV Morena**	**TV Centro América**
Quant. Unidade Jornalística	**11**	0	1
Tempo	**29 min**	0	6min
Falantes	**2 jornalistas, 17 populares, 1 autoridade**	0	4 (3 jornalistas, 1 popular)
Formato	**Reportagem + ao vivo**	0	Reportagem, ao vivo
Respostas	**10 notas, 1 resposta gravada**	0	1 nota
Categorias	**Assunto: Água e Esgoto**		
	TV Anhanguera	**TV Morena**	**TV Centro América**
Quant. Unidade Jornalística	0	**3**	**4**
Tempo	0	**11 min**	**17 min**
Falantes	0	**3 jornalistas, 3 populares**	**5 (3 jornalistas,1 popular,1 autoridade**
Formato	0	**Vído Celular, reportagem, ao vivo**	**Ao Vivo**
Respostas	0	**2 notas**	**Em nota**
Categorias	**Assunto: Iluminação/ Energia**		
	TV Anhanguera	**TV Morena**	**TV Centro América**
Quant. Unidade Jornalística	**1**	**4**	0
Tempo	**4 min**	**8 min**	0
Falantes	**2 jornalista, 1 popular**	**2 jornalistas, 5 populares**	0
Formato	**Ao Vivo**	**Reportagem, ao vivo, vídeo de celular**	0
Respostas	**2 Notas**	**3 notas**	0
Categorias	**Assunto: Trânsito**		
	TV Anhanguera	**TV Morena**	**TV Centro América**
Quant. Unidade Jornalística	**5**	4	2
Tempo	**17 min**	16 min	8
Falantes	**2 jornalistas, 1 popular ,2 autoridades**	3 jornalistas, 5 populares	2 jornalistas, 1 morador
Formato	**Reportagem + ao Vivo**	Reportagem , ao vivo, 2 vídeos de celular	Reportagem + ao vivo
Respostas	**4 notas**	3 notas	1 nota
Categorias	**Assunto: Buraco/Asfalto**		
	TV Anhanguera	**TV Morena**	**TV Centro América**
Quant. Unidade Jornalística	0	**3**	**8**
Tempo	0	**15 min**	**25 min**
Falantes	0	**2 jornalistas, 1 popular , 2 autoridades**	**4 jornalistas, 3 populares, 1 autoridade**
Formato	0	**Nota coberta, reportagem, 2 vídeos celular**	**Reportagem + ao vivo**
Respostas	0	**3 notas**	**Nota**
Categorias	**Assunto: Outros (Obras, lixo, entulho, queimadas urbanas, entre outros)**		
	TV Anhanguera	**TV Morena**	**TV Centro América**
Quant. Unidade Jornalística	**15**	19	**6**
Tempo	**41 min**	1h30 min	**15 min**
Falantes	**2 jornalistas, 24 populares, 2 autoridades, 2 especialista**	4 jornalistas, 22 populares, 3 autoridades	**4 jornalista, 3 populares**
Formato	**Nota coberta + Reportagem**	Nota coberta, reportagem, ao vivo	**Ao vivo**
Respostas	11 Notas e 1 Entrevista gravada	14 Notas e 2 Entrevistas Gravadas	12 notas

Fonte: Elaboração própria (2022).

A Figura 12 mostra o tempo destinado ao jornalismo autodenominado ‘comunitário’ nas três emissoras de televisão das capitais do Centro-Oeste. Nota-se que a TV Morena é a emissora que, mesmo durante a pandemia, continuou dando espaço para o chamado jornalismo comunitário e, conforme a descrição das reportagens, tem, inclusive, um repórter especial para este tipo de assunto. Na sequência vem a TV Centro América e, por último, a TV Anhanguera.

Figura 12 - Tempo destinado ao jornalismo nos bairros

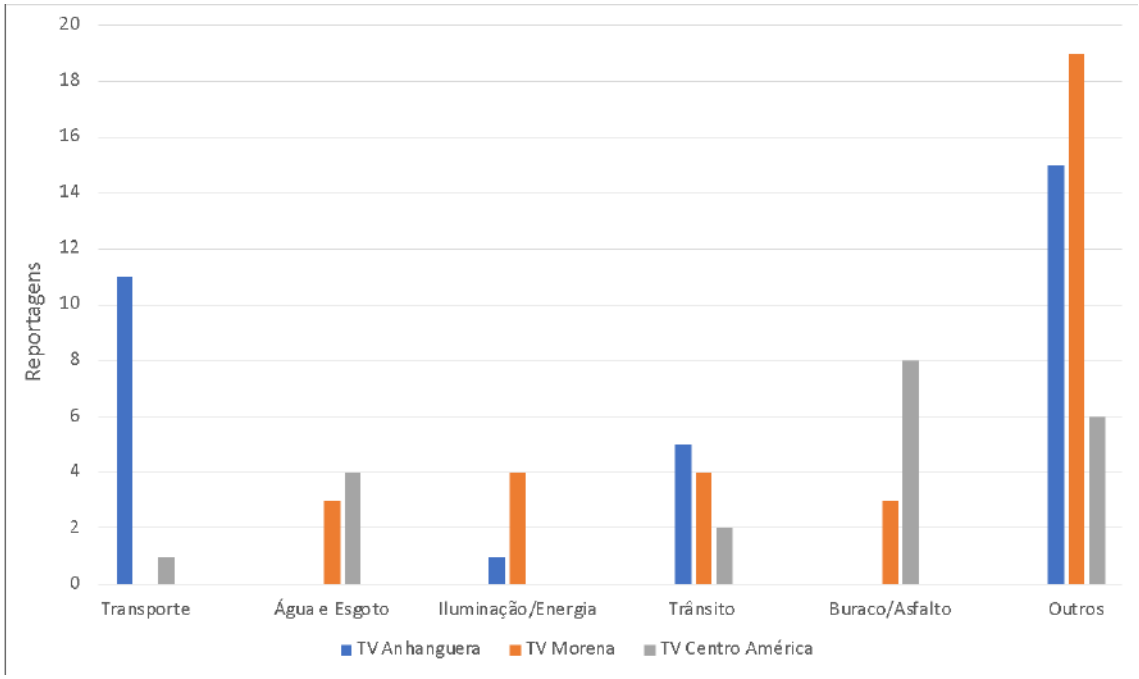


Fonte: Elaboração própria (2022).

A Figura 13 mostra a divisão de abordagens por assunto. Nota-se que a TV Anhanguera, mesmo não tendo assumido o termo telejornalismo comunitário ainda, apresenta assuntos que envolvem os bairros e o dia a dia das pessoas.

Na TV Centro América, que assume de forma mais direta que se trata de jornalismo comunitário, os assuntos giram em torno de asfalto, água e esgoto. Problemas ligados à infraestrutura da cidade e, portanto, na maioria das vezes, de responsabilidade do poder público – principalmente da prefeitura da cidade – e, de certa forma, mais fáceis de serem resolvidos. Entre as três emissoras a TV Morena se destaca porque aborda, com maior frequência, assuntos como: iluminação/ energia elétrica – muito ligado ao aspecto da segurança pública também; água/ esgoto e outros temas, como terrenos abandonados com entulho e lixo.

Figura 13 - Abordagem por assuntos



Fonte: Elaboração própria (2022).

6.2 Análise qualitativa do corpus

De acordo com Camargo e Justo (2013), os *softwares* específicos para análise de dados textuais têm sido usados com frequência em estudos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, principalmente quando o corpus a ser analisado é volumoso. A análise textual consiste na verificação de material verbal transcritos, como no caso desta pesquisa, relativos a unidades jornalísticas veiculadas em televisão das emissoras afiliadas a Rede Globo no Centro-Oeste

A organização desses dados facilita a análise de conteúdo identificando e relacionando palavras encontradas na produção textual. Nesse caso foi utilizado o *software* gratuito Iramuteq, que faz desde análises mais simples, como o cálculo de frequência das palavras, até análises multivariadas.

Para fazer a análise textual utilizou-se a nuvem de palavras, que é uma análise lexical mais simples. Ela agrupa e organiza graficamente as palavras em função da sua frequência no texto. A nuvem de palavras possibilita uma rápida identificação das palavras-chaves de um corpus. Cada palavra tem seu tamanho de acordo com a relevância no corpus do texto. A palavra que aparece mais vezes tem seu tamanho proporcionalmente maior que uma que é citada menos vezes.

A Figura 14 mostra a nuvem de palavras gerada pelo *software* ao analisar o conjunto de textos transcritos das unidades jornalísticas da TV Centro América, de Cuiabá.

Figura 14 - Nuvem de Palavras - TV Centro América

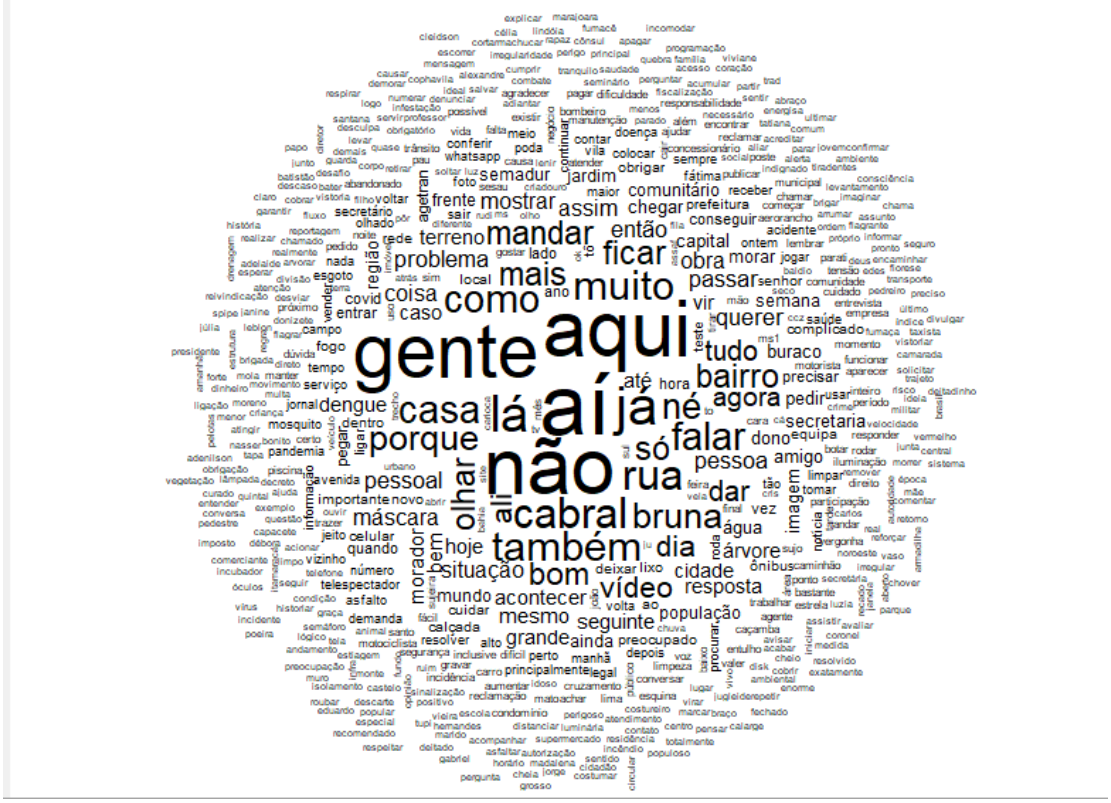
Fonte: Elaboração própria (2022).

A nuvem de palavras evidencia as palavras ‘gente’ e ‘aqui’, como uma demarcação de espaço onde o telejornalismo transita. Mas a escolha do termo é interessante: primeiro porque remete ao uso mais popular – não é ser humano, ou cidadão, o que levaria a uma leitura mais elitizada ou até técnica, com uma quase aproximação com a linguagem jurídica. Também não é indivíduo, que poderia ser entendido como despersonalização. Gente é um genérico amigável, é a fala das ruas, mas com um certo nível de acolhimento ou simpatia.

Outras palavras de destaque perto do núcleo são ‘morador’, ‘rua’, ‘avenida’, ‘bairro’, ‘esgoto’ e ‘buraco’, mostrando o que já foi notabilizado na tabela de categorização com o destaque de assuntos girando em torno de problemas de infraestrutura nos bairros periféricos. Os verbos ‘mostrar’, ‘contar’ e 'olhar', verbos que denotam ação, também estão em posição de centralidade no núcleo indicando grande incidência nos textos. A palavra ‘comunitário’ aparece sem grande destaque, longe do núcleo central, no canto direito da figura.

A Figura 15 representa a nuvem de palavras geradas das unidades jornalísticas da TV Morena, de Campo Grande.

Figura 15 - Nuvem de Palavras - TV Morena



Fonte: Elaboração própria (2022).

Na nuvem fica evidenciada a repetição dos nomes dos dois jornalistas que se destacam no jornalismo autodenominado ‘comunitário’ de TV Morena, Bruna Mendes e Alexandre Cabral. Essa posição de proximidade do telespectador se aproxima muito da reflexão feita por Temer e Tuzzo (2020), citando Coutinho (2009), no que diz respeito à vedetização do jornalista. Bruna e Cabral conversam sobre assuntos ligados à unidade jornalística, mas também colocam em discussão temas como a decoração do quintal de onde Cabral faz as participações, preparação do almoço, temperatura, consumo de chimarrão no final da tarde, com um claro apelo emocional. Junto com os dois nomes, próximos ao núcleo da nuvem, observa-se, novamente, como no caso da TV Centro América, a frequência das palavras, ‘aqui’ (proximidade), ‘gente’ (intimidade), ‘casa’ (local onde se mora com sentido de afeto) e ainda as palavras ‘problema’, ‘bairro’ e ‘rua’ (indicando vizinhança). Destaque também para ‘buraco’, ‘vídeo’, ‘aí’, ‘agora’ – este termo leva a uma alusão acerca do fato de o jornalismo comunitário da TV Morena incentivar o envio de vídeos para mostrar o que está acontecendo agora em seu bairro. No canto inferior direito percebe-se, sem muito destaque, as palavras ‘população’ e ‘resposta’. Na parte superior direita nota-se a palavra comunitário com um pouco mais de destaque do que na nuvem da TV Centro América.

A Figura 16 mostra a nuvem de palavras gerada no *software* Iramuteq a partir dos textos das unidades jornalísticas da TV Anhanguera, Goiânia.

Figura 16 - Nuvem de Palavras - TV Anhanguera

Fonte: Elaboração própria (2022).

Na análise da nuvem de palavras da TV Anhanguera fica evidenciada a preferência por assuntos ligados ao transporte coletivo, com uma incidência maior das palavras ‘terminal’, ‘ônibus’, ‘transporte’, ‘aglomeração’ e ‘passageiro’. Como nas outras emissoras, o destaque no núcleo da nuvem é para as palavras ‘gente’, ‘não’, ‘aqui’ e ‘agora’.

Um pouco mais distante do núcleo encontram-se os verbos ‘ficar’, ‘continuar’, ‘entrar’, ‘precisar’ e ‘mostrar’, também relativos ao transporte coletivo. Em relação ao verbo mostrar é importante ressaltar que ‘mostrar’ é uma função do jornalismo. O jornalismo mostra desigualdades sociais, mostra situações do dia a dia, mostra as mazelas a que estão sujeitos os menos favorecidos e, com maior sutileza, mostra jogos e disputas de poder.

Não se consegue evidenciar, mais próximo do núcleo, palavras relacionadas a comunitário, comunidade ou cidadania. Significa dizer que estas palavras são ditas com menor frequência, evidenciando, assim, um distanciamento do jornalismo autodenominado ‘comunitário’.

Nota-se que, nas três nuvens de palavras geradas, a grande incidência é das palavras ‘gente’ e ‘aqui’. No caso da primeira, analisa-se que ela remete ao fato de que o telejornalismo se coloca próximo à população, a gente, a grande quantidade de pessoas. E, no segundo caso, está ligada à presença do telejornal. Aqui, advérbio de lugar, indica lugar no espaço. É como se o telejornal se autopromovesse dizendo: “Aqui você tem visibilidade para seu problema”; “Nós estamos aqui para te ajudar”; “Nós estamos aqui, no local do acontecimento, ao seu lado”. Ou, ainda, mostrar aqui no telejornalismo o seu problema.

6.3 Análise quantitativa dos questionários

Passa-se agora à análise dos questionários distribuídos aos jornalistas das redações das três emissoras. Lembrando que os questionários foram enviados via e-mail com o consentimento do chefe imediato dos jornalistas. Também ficou acordado que os jornalistas não seriam identificados na pesquisa.

O questionário é composto por 10 perguntas de múltipla escolha (APÊNDICE B), com espaço para os entrevistados fazerem considerações em algumas perguntas. Sendo assim, comenta-se, a seguir, algumas dessas considerações que se julga serem pertinentes à pesquisa. O objetivo dessa etapa é justamente avaliar a forma como os jornalistas de redação percebem o telejornalismo autodenominado ‘comunitário’ da Rede Globo. Foram enviados 10 questionários a cada emissora, e posteriormente o TCLE (APÊNDICE C) e recebeu-se 10 respostas de jornalistas das três emissoras. Acredita-se que o número é razoável e poderia ser maior caso pudesse ser aplicado presencialmente, o que não foi possível em função da pandemia.

De uma emissora, que vamos chamar de emissora A, obteve-se duas respostas. Da emissora B, seis respostas, e da emissora C, duas respostas. A primeira pergunta feita foi sobre o conceito de cidadania, fundamental para esta pesquisa.

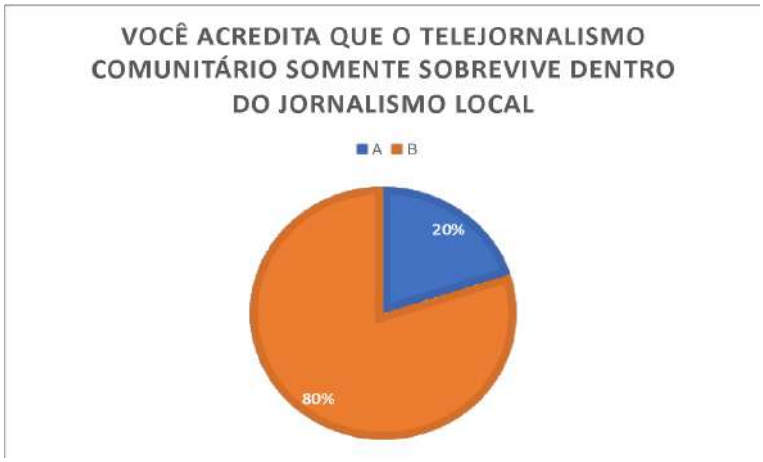
O gráfico, na Figura 17, mostra que 90% dos entrevistados entendem que cidadania está relacionada a “um conjunto de direitos e deveres civis, políticos e sociais do cidadão em relação a todos os setores da sociedade e tem impacto sobre a desigualdade social”. E 10% acreditam que cidadania é “um conjunto de direitos políticos e sociais do cidadão em relação ao Estado". Este é um conceito limitado de cidadania e atrelado ao Estado, logo, considera-se que ele é incompleto. E é preocupante saber que, embora em percentual pequeno, jornalistas de redação não saibam ao certo o que é cidadania.

Figura 17 - Questionário: Pergunta 1

Fonte: Elaboração própria (2022).

A segunda pergunta, que está relacionada a uma das hipóteses do trabalho, consistia em saber se os entrevistados acreditam que o jornalismo comunitário sobrevive apenas dentro do telejornalismo local. Dos jornalistas que responderam ao questionário, 80% acreditam que não e 20% acreditam que sim (FIGURA 18).

Figura 18 - Questionário: Pergunta 2



Fonte: Elaboração própria (2022).

Um dos jornalistas que respondeu positivamente justificou a resposta afirmando que:

> Jornalista 1 emissora A. “O jornalismo comunitário existe para valorizar uma tendência cada vez maior que é o localismo. As pessoas querem se identificar na televisão, querem ver sua rua e seu bairro e principalmente querem ter seus direitos respeitados. O trabalho do jornalismo comunitário é justamente o de encurtar as distâncias entre o poder público e a população”.

Esta resposta parece bem pertinente uma vez que se entende ‘local’ como o lugar onde acontecem mais proximamente as relações sociais e é onde a vida pulsa.

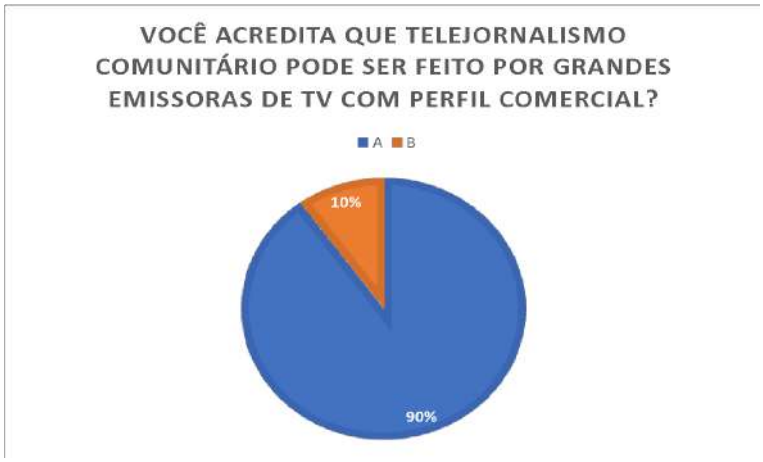
Um jornalista que respondeu negativamente à questão justificou a resposta alegando que:

> Jornalista 1 emissora C: “Ainda que em menor escala, há diversas reportagens em rede nacional que se enquadram no conceito de jornalismo comunitário. Principalmente se é um problema visto em outros estados”.

Analisando esta justificativa, acredita-se que ela demonstra um equívoco no conceito de jornalismo comunitário, que, no caso, é confundido com regional e até mesmo com jornalismo nacional. Não se percebeu, em um jornalismo nacional, o destaque para questões de infraestrutura que atingem regiões periféricas, como buracos nas ruas dos bairros ou problemas de recolhimento de lixo, mato alto ou lotes com entulho. O jornalismo nacional é notadamente voltado a outras questões.

A terceira pergunta indaga sobre o fato de o jornalismo comunitário ser feito por grandes empresas com perfil comercial. Dos entrevistados, 90% disseram que sim, é possível fazer jornalismo comunitário em grandes conglomerados de comunicação, e 10% disseram que não, não é possível essa conciliação (FIGURA 19).

Figura 19 - Questionário: Pergunta 3



Fonte: Elaboração própria (2022).

Em relação a esta pergunta, destaca-se aqui o comentário de dois jornalistas. A jornalista 1 da emissora C toca em um aspecto interessante.

> Jornalista 1 Emissora C: “Deve ser feito, pode ser também uma estratégia de conquista de público”.

Nota-se que existe sim a intenção de promover o jornalismo comunitário nas grandes empresas, entretanto, ele é visto com uma estratégia de conquista de público. Sendo assim, o ‘interesse’ não é de graça.

O jornalista 2 da mesma emissora (C) tem uma visão semelhante, que remete à questão da audiência e proximidade com o telespectador.

> Jornalista 2 Emissora C: “A aproximação da comunidade é algo de extrema relevância para todos os veículos de comunicação, trazer esse público para próximo a emissora é um objetivo muito buscado hoje pelas emissoras comerciais. Através do jornalismo comunitário, essas pessoas têm voz e isso acaba se tornando uma via de mão dupla”.

As justificativas dos outros jornalistas ouvidos seguem a mesma linha e, assim, percebe-se que, para os profissionais, a aproximação da comunidade é uma estratégia importante para cativar a audiência disfarçada em interesse pelos problemas que afligem a comunidade. Vem à tona, ainda, o velho argumento de ‘dar voz’ à população.

A questão quatro está diretamente ligada à terceira pergunta do questionário quando se pergunta se o interesse das emissoras é apenas na audiência. Dos entrevistados 40% responderam que sim, o interesse é na audiência; e 60% disseram que não (FIGURA 20).

Figura 20 - Questionário: Pergunta 4

Fonte: Elaboração própria (2022).

A jornalista 1 da emissora B justificou a resposta positiva afirmando que o interesse é na audiência, mas também está relacionado à resolução dos problemas dos cidadãos e ao papel social do jornalismo.

> Jornalista 1 Emissora B: “O interesse é também na audiência. O jornalismo comunitário é de interesse popular, as pessoas se envolvem, registram fatos, querem se ver na televisão e, principalmente, querem ter os problemas do bairro delas resolvidos. O desafio de desenvolver um bom trabalho no jornalismo comunitário, consequentemente, vai resultar em audiência e melhorias para a população. É audiência somada com o papel social que o jornalismo desempenha nesses casos”.

Esta resposta demonstra que o jornalista não quer se afastar do seu papel social, mas precisa ceder às pressões de mercado; e nesse dilema tenta desenvolver o jornalismo comunitário até mesmo como uma resposta à sua consciência profissional.

O jornalista 2 da mesma emissora (B) foi mais realista na resposta sobre o interesse na audiência.

> Jornalista 2 Emissora B: “Sim. Tanto é que quando um programa não tem o alcance desejado é retirado do ar. Digo das grandes emissoras comerciais. Elas poderiam manter programas educativos, com temáticas sociais sem se preocupar com a audiência, como ocorre com algumas, no caso a Globo faz isso em relação a alguns programas. Deveria oferecer mais opções”.

Esta é uma resposta bem coerente, uma vez que o jornalista menciona, inclusive, a retirada do ar de programas que não dão audiência. Nesta pesquisa sobre o autodenominado jornalismo ‘comunitário’ resgatou-se quadros como: O bairro que eu tenho o bairro que eu quero, a redação móvel e o próprio quadro do Zé do Bairro, que desapareceram assim como foram criados, muito provavelmente em uma relação de retorno de audiência.

Mesmo quem respondeu que o interesse não é apenas em audiência, ponderou sobre a relativização do assunto e fez uma ligação com a sobrevivência da empresa.

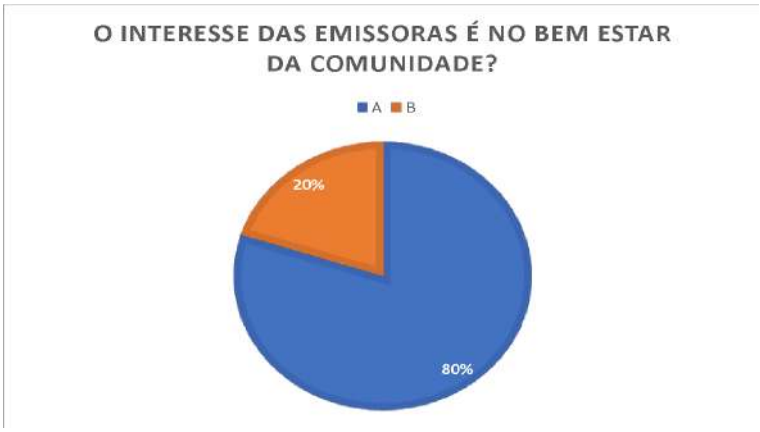
> Jornalista 3 Emissora B: “Não acredito que seja APENAS na audiência. Porém, o mesmo é um ‘termômetro’ é fator determinante para que uma empresa de comunicação se mantenha”.

Outro jornalista da emissora C, que respondeu negativamente, justificou a resposta relacionando audiência à proximidade e credibilidade; aspectos que estão diretamente ligados à audiência do programa jornalístico. O jornalista também menciona o bom manual do jornalismo (?) e a possibilidade de fazer “algo por aqueles que acreditam na nossa força”. Esse posicionamento remete a Sodré (2009) e ao capital simbólico do jornalismo, que é a credibilidade. Percebe-se ainda que os termos credibilidade, confiança e proximidade são usados sem uma maior reflexão teórica.

> Jornalista 2 Emissora C: “Ainda seguindo o bom manual do jornalismo, fazer algo relevante para uma comunidade, para um público sem dúvida é o objetivo que a emissora para o qual eu trabalho tem. Além de claro, buscar a audiência a gente busca também fazer algo por aqueles que acreditam na nossa força e que podemos de alguma forma ajudá-los com algum problema sem solução. Isso nos faz ganhar mais confiança e credibilidade”.

Interessante fazer a comparação do gráfico da questão quatro com o da pergunta cinco. Apesar de a maioria dos entrevistados (60%) ter afirmado que o interesse não é audiência, na questão seguinte, quando indagados se a preocupação da emissora é com o bem-estar da comunidade, os resultados foram diferentes: 80% disseram que sim e 20% disseram que não (FIGURA 21). Esperava-se aqui o mesmo percentual. Isso mostra que os próprios jornalistas não conseguem identificar diferenças entre preocupação com a audiência e bem-estar da comunidade.

Figura 21 - Questionário: Pergunta 5



Fonte: Elaboração própria (2022).

Sobre essa pergunta o jornalista 1 da emissora C justifica a resposta positiva baseado no interesse social, mas não explica que interesse social seria este. Também menciona a fiscalização do poder público, uma situação que dificilmente ocorre no jornalismo comunitário, que se resume, na maioria das vezes, à cobrança de obras e prestação de serviços.

> Jornalista 1 Emissora C: “O interesse social está presente na fiscalização do poder público, no espaço dado a pessoas menos favorecidas, na tentativa de uma melhor organização da sociedade”.

Nesta resposta aparece a expressão ‘pessoa menos favorecida', o que, nesta pesquisa, é classificado com subcidadão a partir da conceituação de Souza (2003). O menos favorecido é o cidadão que está em condições de desigualdade social e econômica e cujos direitos como

cidadão são negligenciados. Para os jornalistas de redação o menos favorecido não é subcidadão.

Destaca-se também a visão de outro jornalista que deu uma resposta negativa:

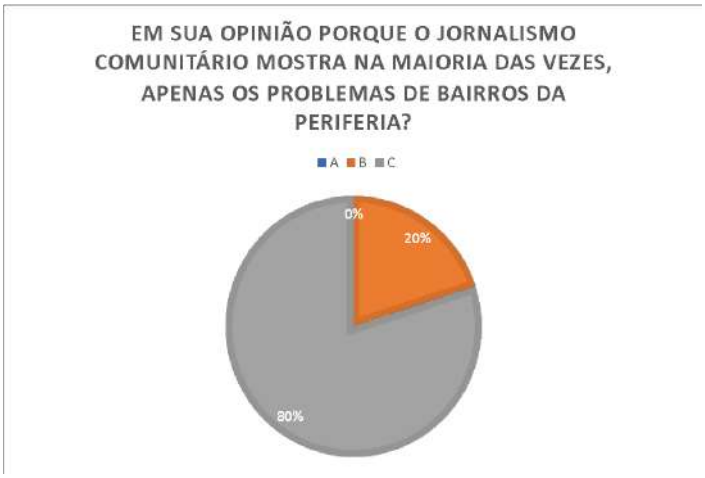
> Jornalista 1 Emissora A: “Dizer que todas as emissoras estão preocupadas com o bem-estar da comunidade e praticam um jornalismo que ajude a chegar a esse fim seria de certa forma ingenuidade. Vemos que algumas emissoras buscam audiência justamente nas mazelas sociais, sobretudo a violência pública. São as emissoras que praticam o jornalismo essencialmente policialesco”.

Analisa-se, assim, que esta resposta retrata verdadeiramente a relação audiência/comunidade, revelando que as empresas visam, em primeiro lugar, audiência, e, consequentemente, lucro.

A pergunta número seis questiona os profissionais de redação sobre a abordagem dos temas ligados ao jornalismo autodenominado ‘comunitário’, uma vez que são mostrados apenas problemas de infraestrutura. A questão diz: Porque na maioria das vezes esse tipo de jornalismo mostra apenas problemas em bairros da periferia? Foram apresentadas três alternativas. Porque é a região menos favorecida foi a resposta da maioria dos entrevistados, 80%, os outros 20% disseram que é porque são problemas mais fáceis de serem abordados (FIGURA 22). Nenhum entrevistado escolheu a alternativa A - Porque é a linha editorial da empresa.

Infere-se que o modelo que inclui a abordagem de problemas de infraestrutura em bairros periféricos é uma determinação da Rede Globo e que é imediatamente ligada a bairros menos favorecidos. A opção A, ao que parece, nem foi muito considerada pelos entrevistados, mas tem ligação com o conteúdo veiculado pela emissora em suas praças.

Figura 22 - Questionário: Pergunta 6



Fonte: Elaboração própria (2022).

O gráfico na Figura 23 evidencia as respostas dadas para a pergunta de número sete do questionário e que diz respeito ao papel mediador do jornalismo. A resposta dos entrevistados, de certa forma, não apresentou surpresa. A maioria esmagadora, 100%, respondeu que sim ao ser questionado se o jornalismo é o mediador de questões básicas entre a população e o Estado. O jornalista 2 da emissora B apresentou uma resposta bem simples.

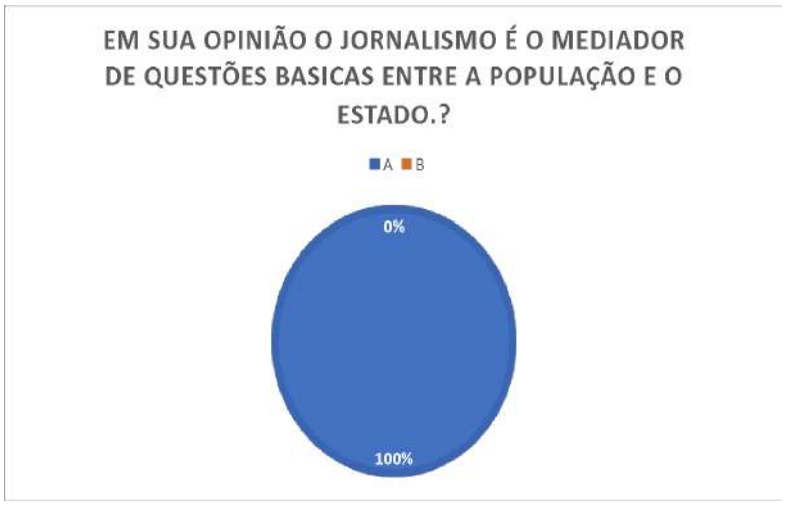
> Jornalista 2 Emissora B: "Sim, porque em geral quando uma denúncia de mau atendimento numa unidade de saúde, ou outra demanda de falta de segurança são divulgados o estado resolve o problema porque foi provocado".

O jornalista 4 da emissora B também apresentou uma justificativa bem simples.

> Jornalista 4 Emissora B: "Ligar a população ao estado é uma das atitudes do jornalismo comunitário. Como os problemas ou demandas surgem com a população e a resposta está com os setores ligados ao Estado, conclui-se que o jornalismo é mediador".

Entretanto, pondera-se aqui sobre qual seria esse papel de mediação entre o cidadão e o Estado? Apenas mostrar um problema de uma rua, um bairro, às vezes até de um morador? Essa mediação não envolveria outros aspectos? Entende-se que mediar requer muito mais que apenas dar visibilidade a um problema, mostrar na televisão e buscar uma solução e que seja rápida. Mediar exige empenho, dedicação, interesse, diligência e, além de tudo, comprometimento com uma sociedade melhor; e não é isso que se observa no telejornalismo autodenominado 'comunitário' da Rede Globo.

Figura 23 - Questionário: Pergunta 7

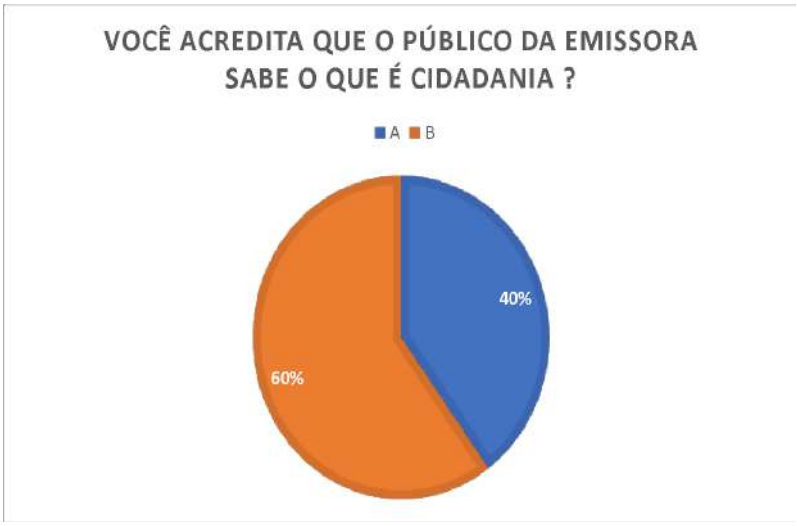


Fonte: Elaboração própria (2022).

O gráfico na Figura 24 reflete as respostas da questão oito da pesquisa e diz respeito à percepção dos jornalistas de redação ao conhecimento ou não do que é cidadania por parte do público. Dos entrevistados, 40% disseram que sim, o público sabe o que é cidadania; e 60% disseram que não. Acredita-se que aqui houve um excesso de otimismo por parte dos entrevistados. Vale lembrar que na primeira pergunta do questionário 20% dos próprios jornalistas não tinham um conceito completo de cidadania.

Acredita-se que, apesar de a palavra ser muito difundida, o conceito em si de cidadania como um leque de direitos civis, políticos e sociais, mas atrelada à visão de Marshall (1967) – que diz respeito a uma sociedade moderna capitalista com desejo por direitos iguais, envolvendo conflitos e divisão de classes apresentados neste trabalho –, está bem longe de ser apresentada ao telespectador dos telejornais observados. A cidadania que se consegue observar está mais ligada ao conceito cidadania passiva de Benevides (2016), outorgada pelo Estado com a moral da tutela e do favor. Dessa forma, cidadão é aquele que paga impostos e, sendo assim, tem direito às benfeitorias promovidas pelo Estado.

Figura 24 - Questionário: Pergunta 8



Fonte: Elaboração própria (2022).

O gráfico na Figura 25 mostra o percentual de respostas em relação à pergunta de número nove do questionário. A maior parte dos entrevistados, 70%, não acredita que o público da emissora saiba quais são seus direitos e deveres. É bem comum o jornalismo comunitário estar vinculado aos direitos de cidadão. Direito a saneamento básico, transporte de qualidade e outros, mas quando se fala em deveres eles praticamente se diluem nas abordagens do

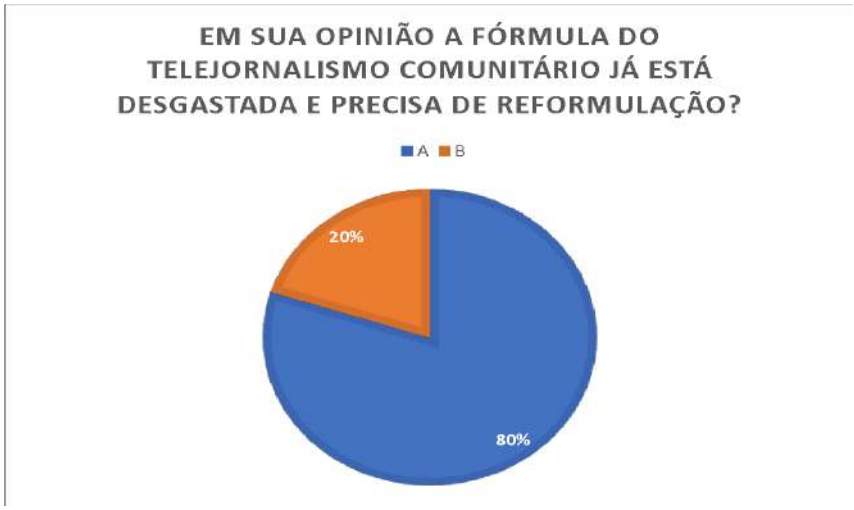
jornalismo comunitário. Pode-se tomar como exemplo os casos de lançamento de esgoto na rua, denunciados no caso do vídeo enviado ao MSTV, do esgoto escorrendo a céu aberto no Setor Nova Lima, em Campo Grande (MS). Quando não há rede de esgoto o morador precisa construir uma fossa para recolher os dejetos. Isso é um dever do cidadão e que poucos cumprem.

Figura 25 - Questionário: Pergunta 9

Fonte: Elaboração própria (2022).

E, por fim, a última pergunta do questionário diz respeito à fórmula do jornalismo comunitário desenvolvido pelas afiliadas da Rede Globo. Em relação a essa pergunta, 80% disseram que sim, que a fórmula está desgastada e precisa de inovação; 20% disseram que não, que tem um bom formato (FIGURA 26).

Figura 26 - Questionário: Pergunta 10



Fonte: Elaboração própria (2022).

O jornalista 5 da emissora B reconhece o desgaste da fórmula, mas diz que é preciso insistir.

> Jornalista 5 Emissora B: “Já é fórmula batida mostrar a rua esburacada, ouvir as reclamações dos moradores e terminar o assunto com um retorno dos governantes. é preciso mais. É preciso resolver de fato. Tem que insistir no problema até que ele seja resolvido”.

O Jornalista 2 da emissora C também critica a fórmula que vem sendo desenvolvida e acredita em mudanças.

> Jornalista 2 Emissora C: “Acho que a fórmula que vem, ou vinha sendo aplicada se desgastou, mas é possível já notar mudanças na forma de fazer o jornalismo comunitário. Acho que a televisão precisa viver mais a realidade daquele morador, mostrar para autoridades como isso afeta na vida dele e de que maneira aquilo precisa ser resolvido. Cobrança com responsabilidade”.

O jornalista 4 da emissora B apresenta uma resposta bem coerente sobre o desgaste da fórmula atual.

> Jornalista 4 Emissora B: “Conexões maiores devem passar a existir. Hoje, as fontes não são mais tratadas com o interesse somente do jornalista, elas também possuem suas vontades e demandas. O jornalismo comunitário tem que ser reformulado no sentido de ampliar o atendimento à população, não é apenas buraco na rua, são muitas outras coisas. O formato, quadrado também, a ligação em resolver o problema sem um questionamento ou desdobramento, a meu ver, diminui o processo comunitário”.

O jornalista 1 da Emissora C não acredita que a fórmula esteja desgastada e justifica:

> Jornalista 1 Emissora C: “É claro que toda fórmula acaba se desgastando com o tempo, independente de ser um programa, um quadro, uma linha editorial... mas assim como as editorias (política, economia, cidades etc.) permanecem mesmo depois de anos se adaptando às mudanças da sociedade, o jornalismo comunitário vai permanecer também. É sempre interessante, até mesmo para oxigenar o formato, trazer novidades, evitar um olhar viciado, mas não acho que a fórmula esteja desgastada”.

Considera-se valiosas as opiniões dos jornalistas de redação que lidam, dia a dia, com as pautas do jornalismo comunitário. Acredita-se que a fórmula precisa de ajustes, mas o assunto deve ser pauta contínua dos telejornais locais. Entretanto, é necessário que seja feito um trabalho mais complexo em relação, principalmente, aos direitos e deveres do cidadão em todas as esferas da sociedade de forma a incentivar a sua participação na esfera pública e na tomada de decisões.

6.4 Análise qualitativa das unidades jornalísticas

Inicia-se este tópico abordando as características da TV Anhanguera, sediada em Goiânia e inaugurada em 1963. A emissora faz parte da Rede Anhanguera, que conta ainda com sete praças distribuídas nas principais cidades do interior do Estado e outras três emissoras no estado do Tocantins, todas afiliadas à Rede Globo. A TV Anhanguera exibe, atualmente, quatro programas jornalísticos locais diários, são eles: Bom dia Goiás, JA 1ª edição, o programa esportivo Globo Esporte GO e JA 2ª edição. Além desses programas, nos sábados à tarde a emissora também exibe o programa de variedades No Balaio, e, aos domingos, leva ao ar o programa Jornal do Campo, voltado para o agronegócio.

No período de observação desta pesquisa o JA 1ª edição apresentou algumas alterações, provocadas pela pandemia de Covid-19. O telejornal, que era apresentado pela jornalista Lilian Lynch, passou a ser comandado também pelo jornalista Fábio Castro. Dessa forma os dois se revezavam na apresentação.

O cenário de telejornal segue basicamente o modelo determinado pela Rede Globo. O estúdio possui uma pequena bancada com um notebook, é amplo e permite a movimentação do apresentador. Dois telões colocados de lados opostos são um recurso bastante usado pelos apresentadores para interagir com repórteres e outros entrevistados. A diferença básica do estúdio das outras duas emissoras, do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul, é que o cenário do JA 1ª edição aparenta ser mais amplo e tem ainda duas poltronas, que são usadas para entrevistas ao vivo com convidados.

Figura 27 - Apresentador JA Fábio Castro

Fonte: Disponível em globplay.globo.com/ja-1ª-edicao. Acesso em: 10 ago. 2021.

As TVs Morena e Centro América estão sediadas, respectivamente, nas capitais dos estados do Mato Grosso do Sul (Campo Grande) e Mato Grosso (Cuiabá). Ambas pertencem aos mesmos proprietários: os irmãos Eduardo, Nagib e Ueze Zahran e formam, juntas, a Rede Matogrossense de Comunicação, que se filiou à Rede Globo em 1976, um ano antes da divisão do estado. A TV Morena tem 56 anos de fundação e três emissoras no Estado. A sede é localizada em Campo Grande e as demais emissoras nas cidades de Ponta Porã e Corumbá.

A TV Centro América foi fundada em 13 de fevereiro de 1967 e tem 55 anos. Além da emissora sede em Corumbá, tem praças em Rondonópolis, Sinop e Tangará da Serra. É importante observar, nesta pesquisa, que, apesar de as emissoras serem do mesmo proprietário e formarem um mesmo grupo, existem diferenças entre as duas, como se discorre a seguir. Sobre a programação das duas emissoras, observa-se que ambas dedicam espaço para a programação local.

A TV Morena exibe, regularmente, em sua grade, os telejornais Bom Dia MS, MSTV 1ª edição, Globo Esporte MS e MS TV 2ª edição. Além dos jornalísticos, a emissora ainda exibe o programa de variedades Meu MS, que vai ao ar aos sábados, depois do Jornal Hoje. O outro programa que compõe a grade é Mais Agro, programa jornalístico sobre agronegócios, exibido às sextas-feiras, das 6 às 6h30 da manhã. Além do MS Rural, que vai ao ar aos domingos. Percebe-se, assim, que a emissora segue o padrão da Rede Globo em sua programação jornalística, com pequenas lacunas ocupadas pela programação local. Com exceção do Meu MS, os demais programas têm cunho jornalístico.

Na TV Centro América a grade de programação é bem semelhante à da emissora irmã e afiliada da Rede Globo. A emissora exibe os programas Bom Dia MT, MTTV 1ª edição, Globo Esporte MT, MTTV 2ª edição. O programa de variedades, de nome, É Bem Mato Grosso, é exibido aos sábados após o Jornal Hoje. Voltado para o agronegócio, a emissora exibe, aos domingos, o programa MT Rural. Em agosto de 2021, às 6 horas da manhã, estreou, na TV Centro América, o programa Mais Agro MT, também voltado para o agronegócio. Percebe-se que existe um padrão na programação das emissoras que é determinado pela Rede Globo. Os programas têm, inclusive nomes semelhantes, mudando apenas a sigla do estado.

No caso do programa Mais Agro, percebe-se fortemente essa semelhança, sendo que até mesmo o estúdio dos dois programas segue o mesmo modelo (FIGURAS 28 e 29).

Nesta pesquisa o objeto de análise é o telejornal primeira edição exibido na hora do almoço nas duas emissoras. E já no nome do programa existe um padrão, sugerido pela Rede Globo: MSTV 1ª edição e MTTV 1ª edição. A comparação entre os dois programas do mesmo grupo começa pelo cenário do estúdio.

Figura 28 - Cenário Mais Agro TV Morena

Fonte: Disponível em: globoplay.globo.com. Acesso em: 10 ago. 2021.

Figura 29- Cenário Mais Agro TV Centro América

Fonte: Disponível em: g1.globo.com/mt/mato-grosso. Acesso em: 10 ago. 2021.

No período da observação do objeto de pesquisa o telejornal MSTV 1ª edição era apresentado pela jornalista Bruna Mendes em um cenário amplo, que sugere haver dois ambientes. Em cada ambiente existe uma pequena bancada e telões usados, geralmente, para que a apresentadora possa interagir com repórteres e entrevistados. A apresentadora tem a possibilidade de transitar nos dois ambientes, dando uma sensação de movimento ao programa. Percebe-se que no estúdio há pelo menos três câmeras – duas com enquadramento mais fechado e outra com enquadramento mais aberto. Estes elementos favorecem a mobilidade. Bruna é uma apresentadora que se mostra simpática, descontraída, que domina bem o improviso e está

sempre buscando se conectar ao telespectador, demonstrando, certa intimidade (diálogo simulado), como no caso em que chamou a telespectadora Jugleide, que mandou um vídeo para o programa, de Ju.

Figura 30 - Apresentadora MSTV Bruna Mendes

Fonte: Disponível em: youtube.com. Acesso em: 10 ago. 2021.

O estúdio da TV Centro América tem uma arquitetura mais simples. Apesar de ser menor que o da emissora irmã, também possui dois ambientes, com uma bancada maior no ambiente principal, onde fica o *tablet* e a caneca do apresentador; o segundo ambiente tem uma bancada menor. Os estúdios também têm dois telões, usados para interagir com os repórteres e entrevistados. No período da observação o telejornal era apresentado pelo jornalista Leandro Trindade, que posteriormente se desligou da emissora.

Figura 31 - Apresentador TV Centro América Leandro Trindade

Fonte: Disponível em: folhamax.com/entrelinhas. Acesso em: 10 ago. 2021.

Leandro Trindade era uma figura carismática que buscava dialogar com o telespectador durante a apresentação do programa. Logo no início do programa ele dava as boas-vindas aos telespectadores de maneira singular: “Bom dia! Tudo bem com o senhor? Tudo bem com a senhora? MT1 na tela da TV Centro América, muito obrigado pelo carinho da sua audiência em todo estado do Mato Grosso. Cento e quarenta e um municípios ligadinhos aqui na tela da TV Centro América”. Às segundas-feiras o apresentador costumava também desejar uma semana abençoada para o telespectador e sua família. De forma descontraída, o apresentador, inclusive, bebia água em uma caneca durante a apresentação do programa.

No segundo bloco do programa o apresentador dividia o estúdio com a jornalista Kátia Krüger, apresentando as vagas de emprego em todo o Estado. Este é um diferencial do MT 1ª edição em relação aos outros telejornais observados, uma vez que todos os dias eram anunciadas as ofertas de emprego e sempre no segundo bloco do programa. Considera-se ser esta uma prestação de serviço importante quando se fala em promoção da cidadania, mesmo não estando no âmbito desta pesquisa, uma vez que o direito ao trabalho está incluído no rol dos direitos civis, de acordo com Marshall (1967).

O quarto e último bloco do programa conta com a participação do jornalista esportivo Flávio Santos, que comenta com Trindade algumas notícias do esporte e, na maioria das vezes, apresenta vídeos com a participação do telespectador. Como o período de observação compreende o período de isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19, muitos vídeos mostravam os telespectadores praticando atividades físicas em casa e até mesmo participando dos desafios (brincadeiras e atividades diversas) lançados pelo jornalista esportivo, que na sequência da programação apresenta do Globo Esporte MT.

Como descrito, nas duas emissoras da Rede Matogrossense de Comunicação existem diferenças e aproximações, sendo que muitas aproximações são determinadas pelo padrão Globo de jornalismo. Uma vez que se acompanhou os telejornais durante os meses de junho e julho de 2020, período que corresponde à pandemia de Covid-19, observa-se, no material, um maior espaço, nos telejornais, para discussão de temas sobre a doença e números sobre o avanço da pandemia. Mesmo assim percebe-se também a inserção de outros temas dentro dos dois telejornais. O tema mais marcante é segurança, com a veiculação de reportagens sobre prisões, crimes e operações das polícias civil, militar e federal.

Uma vez que os telejornais reduziram o número de matérias editadas, mas procuraram manter o ritmo e o movimento com as entradas ao vivo para prender a atenção do telespectador, de fato os dados revelam que as duas emissoras passaram a lançar mão de um maior número de entradas ao vivo. Esta estratégia reduziu a circulação do repórter nos ambientes e evitou o

contato com um grande número de pessoas. Em alguns casos o mesmo repórter participava até duas vezes do telejornal, falando sobre um assunto em diferentes blocos do telejornal ou sobre assuntos diferentes, mudando apenas o enquadramento da câmera e, é claro, os entrevistados. Mas em muitas ocasiões era feita apenas a participação do repórter no local do acontecimento, o que é chamado de *stand up*.

Diante dessa realidade também houve uma queda no número de reportagens denominadas de jornalismo comunitário. Longe da população em função da pandemia, ficou mais difícil garantir a participação popular.

Na TV Centro América o chamado jornalismo comunitário ficou restrito principalmente à participação de três repórteres: Ismael Prates e Bruna Ficagna e também Leonardo Zamignani. Mas os três também cobriam outros assuntos. O próprio apresentador Leandro Trindade já anunciava que era a hora do comunitário, como na edição dos dias 18/06/2020 e 19/06/2020.

> **Estúdio Leandro Trindade**: Onze horas e 46 minutos vem pra cá porque é hora do jornalismo comunitário Israel Prates está agora no centro sul de Cuiabá e mostra agora obras na Avenida Comandante Costa.

> **Estúdio Leandro Trindade**: Vem pra cá, onze horas e 53 minutos cadê o Israel Prates com o jornalismo comunitário no bairro Santa Amália e agora fim do mistério Israel.

No caso desta participação, o fim do mistério era revelar a existência de um buraco que completava quatro anos em uma rua e nenhuma solução, como mostra a Figura 32.

Figura 32 - Buraco Bairro Santa Amália

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mttv-1ª-edição-cuiaba. Acesso em: 10 ago. 2021.

Muitas vezes os repórteres respondiam ao chamado do apresentador, reforçando o caráter comunitário do telejornal, como na edição do dia 09/06/2020, que mostra os buracos em uma rua no Parque Atalaia.

> **Entra Israel Prates**: É isso mesmo Trindade, jornalismo comunitário na veia é assim que a gente é no MT1. A gente recebeu uma sugestão de uma moradora aqui do Parque Atalaia, né. Ela disse que tem muitos buracos na avenida J principal Avenida do bairro Atalaia a gente veio aqui conferir de perto claro.

Nesta edição o repórter até menciona que a reclamação foi feita por uma telespectadora, mas faz todo o relato do problema sozinho, como mostra a Figura 33.

Figura 33 - Buracos Parque Atalaia

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mttv-1ª-edição-cuiaba Acesso em: 10 ago. 2021.

Na edição de 26/06/2020 mais uma vez é o apresentador que chama o telejornalismo comunitário no MT1, que já tinha entrado em um *teaser* no telejornal. O mesmo problema já tinha sido mostrado no MT1 e o apresentador ressalta que nada foi feito, mesmo diante do compromisso da prefeitura de fazer o conserto. O tom é de cobrança das autoridades quanto ao prejuízo causado pelo acidente.

> **Estúdio Leandro Trindade**: Imagens da Avenida das Torres, jornalismo comunitário no MT1. Nós mostramos que a tampa do bueiro cedeu e o buraco abriu. É uma das avenidas mais movimentadas da capital. Terça feira o Israel Prates foi até aí olha a imagem em tela

dividida. A prefeitura ficou de arrumar, nada foi feito até agora, nada e um motociclista caiu na manhã desta sexta-feira. Depois de bater num carro que foi se desviar do buraco. Quem vai pagar o conserto, quem vai pagar o tratamento médico. O que diz agora a prefeitura municipal de Cuiabá.

Na edição do dia 02/07/2020 percebe-se, mais uma vez, a preocupação em ressaltar o jornalismo comunitário no encerramento de uma participação ao vivo; bem como o tom de cobrança das autoridades em relação à resolução do problema, que o jornalista no estúdio chega a chamar de 'drama'. O apresentador reforça que o papel do telejornal é cobrar e que vai continuar fazendo isso até que haja uma solução. Da mesma forma percebe-se ainda um tom de sensacionalismo com a rua esburacada, já que os buracos são chamados de crateras e o apresentador chega a perguntar ao repórter se ele está na Lua. O comentário final do apresentador se resume apenas a isso. Não há qualquer menção ou discussão acerca do sistema de implementação de obras pelo poder público, como licitação ou calendário com prazos.

Estúdio Leandro Trindade: Muito obrigado Israel Prates pela participação ao vivo no jornalismo comunitário do MT1. Bela participação. Isso é um drama né? Drama pra quem mora aí ter que passar com o carro ou bicicleta que seja por essa rua totalmente inadequada, esburacada, e aí né meu filho tem que ter paciência, tem que ter calma se bobear o para choque fica ali, a suspensão fica ali, o amortecedor fica ali. Por isso é que eu brinquei se ele tava na lua. São quase que crateras. e olha que eu não tô exagerando não e tenho certeza de que essa é a mesma opinião de quem mora na região que espera por uma atitude da prefeitura municipal de Cuiabá por exemplo da secretaria municipal de obras. Hoje e amanhã nada. Já falaram que estão esperando o material chegar, chegando a gente fica de olho pra ver se eles vão lá, se não forem aí até a semana que vem mandem o vídeo mande foto aqui no nosso *WhatsApp* 65 993001 que a gente mostra o problema de novo, sem problemas algum.

Na edição do dia 29/06/2020 percebe-se, novamente, o apelo do telejornalismo comunitário voltado para os bairros da cidade.

Estúdio Leandro Trindade: Tem jornalismo comunitário na tela do MT1 e por isso eu vou conversar com a Bruna. Bom dia Bruna!

Nesta edição a repórter está em uma rua movimentada do bairro Jardim da Palmeiras e relata que só no último ano foram registrados 20 acidentes porque os motoristas desenvolvem alta velocidade no local. No âmbito da pesquisa entende-se que esta seria uma oportunidade para desenvolver o tema voltado para os deveres que o cidadão/ motorista tem. Dever de

cumprir a legislação de trânsito e de respeitar os limites de velocidade, a sinalização, os direitos de pedestres e dos outros motoristas. Entretanto, o que acontece, mais uma vez, é a cobrança da instalação de lombadas eletrônicas e quebra-molas. Esta, inclusive, foi uma das poucas reportagens em que houve a participação popular no local do acontecimento, como mostra a Figura 34.

Figura 34 - Acidentes: Jardim das Palmeiras

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mttv-1ª-edição-cuiaba. Acesso em: 10 ago. 2021.

> **Repórter**: A gente agora vai conversar com um morador do bairro que convive com toda essa situação que vem assustando todos os moradores, o Flúvio Figueiredo. Flúvio como é que é conviver com esse problema, desde 2014 vocês passam por esse problema. Boa tarde!

Nessa mesma edição a própria resposta do morador evidencia o desconhecimento dos deveres do cidadão e dos trâmites para a implantação da obra reivindicada.

> **Entra morador:** Pois é, é simples e toda vez que nunca tem recurso, que pessoal tá escasso, que a demanda é reduzida e até hoje. Até quando vai ficar isso daí. Até perder uma vida? Uma vida não vale mais que três quatro mil reais para se fazer um quebra-molas. A vida vale mais que isso. Só pra por um no nosso bairro porque tem vários vídeos lá que comprovam isso. (Parte da entrevista coberta com imagem dos acidentes).

Ainda analisando esta unidade jornalística, é possível perceber o papel de subalternidade do morador quando ele afirma que já procurou diversas autoridades e ninguém resolve o problema. O telejornal entra em cena como mediador de conflitos junto ao poder público.

Morador: Nós estamos reivindicando. Falamos com o secretário Antenor Figueiredo, com o prefeito, já falamos com vários vereadores pra que tomasse alguma atitude e até agora nada. (Parte da entrevista coberta com imagens dos acidentes).

Outro registro de unidade jornalística com a participação do telespectador aconteceu na edição do dia 07/07/2020. Foi feito um *link* do Parque Residencial Coxipó, onde os moradores registraram imagens de um caminhão da coleta de lixo atolado em um buraco aberto pelo esgoto que corre pela rua e enviaram para o telejornal. A moradora que mandou o vídeo, identificada como dona Cimeire, é entrevistada pela repórter, enquanto outros poucos moradores aparecem ao fundo durante a entrevista. A moradora relata as dificuldades de conviver com a situação e acrescenta que o problema da falta de esgoto já dura 30 anos, tempo que ela mora no bairro. Como mostra a Figura 35.

Figura 35 - Esgoto Residencial Coxipó

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mttv-1ª-edição-cuiaba Acesso em: 10 ago. 2021.

Entra moradora: Bom dia! Muito obrigado pela presença de vocês. Infelizmente é muito triste viver essa realidade que a gente vive hoje aqui, né, falta de pavimentação, esgoto aqui a céu aberto, né. Chega a tarde a gente não tem nem como ficar na porta da rua porque o mau cheiro é intenso né. Então é muito triste pra mim ver esse tipo de situação porque eu já moro aqui há 30 anos. E agora criando meus netos aqui e convivendo com essa mesma realidade.

A repórter trata a entrevistada com certo grau de intimidade e a chama de dona Meire. Durante o *link* a repórter também dá a resposta da Secretaria de Obras Públicas, que prevê somente o patrolamento da via. A empresa Águas Cuiabá informou que a rede de esgoto, que resolveria o problema em definitivo, deve ser implantada até 2024. A partir dessas informações

o apresentador Leandro Trindade, ao contrário de dona Meire, que reclama calmamente, mostra-se indignado e questiona o tempo em que a moradora vive no local sem a infraestrutura mínima. E pergunta se em três décadas não deu tempo de construir a rede de esgoto no bairro

Apresentador Leandro Trindade: Enquanto isso vai ficar assim? Enquanto isso nada no residencial será feito? Enquanto isso os moradores que pagam os impostos, que pagam o IPTU, vão continuar convivendo com o esgoto correndo a céu aberto porque não há rede de esgoto na região? É essa a resposta se eu bem entendi? Eu quero questionar essa posição. Não dá pra esperar quatro anos.

Visivelmente irritado com a situação, o apresentador completa que se for só tomada a medida paliativa de patrolar a rua será 'dinheiro jogado fora'. Inconformado com a resposta da empresa Águas Cuiabá, o apresentador quer saber de onde vem o esgoto. Pergunta sobre quem é o responsável e promete voltar a abordar o assunto no telejornal.

Apresentador Leandro Trindade: A gente vai continuar nessa história. A gente vai continuar nessa história. Nós vamos entrar novamente em contato com a Águas Cuiabá pra entender como que funciona ai no bairro de uma maneira melhor. Se tiver que voltar no assunto com reportagem, com participação ao vivo a gente volta. De quem é a responsabilidade, de onde vem esse esgoto? A gente vai voltar nesse assunto porque ele é complexo. Ele é complexo. Eu não posso pensar como resposta a população que a rede vai ser feita daqui há quatro anos e enquanto isso vai ficar assim? Opa! Pera aí! Se alguém é responsável pelo serviço a gente vai atrás de entender os detalhezinhos de tudo isso pra explicar melhor pra você de casa. Vamos continuar nessa história, pode ter certeza. São trinta anos de espera, não dá. E se o esgoto continuar correndo ali o trabalho vai ser todo jogado fora. Muito obrigado, nosso repórter cinematográfico pelas imagens mostrou bem o drama dos moradores dessa região do residencial Coxipó. Vamos voltar nessa história se possível ainda essa semana porque eu quero entender tudo isso.

Na edição do dia 18/07/2020 o assunto volta a ser esgoto, só que dessa vez na Rua 36 do Jardim Industriário. A unidade jornalística conta com a participação de um morador, que enviou um vídeo, narrado por ele mesmo, via WhatsApp da emissora, caracterizando, assim, outra forma de participação do morador de bairros periféricos.

Entra morador (não identificado): Bom dia Trindade, olha aí. Eu queria pedir pra vocês para pedir para a autoridade vir aqui ó, rua 36 do Jardim Industriário. Olha como que tá isso aqui de água de esgoto. Olha só dos lados ó. Não tem condições isso daqui. Isso já tem uns quatro ou cinco anos desse jeito e ninguém faz nada.

Nessa unidade jornalística não foi registrada uma participação efetiva da empresa responsável pelo assunto, no caso a empresa Águas Cuiabá (concessionária de serviço público). A resposta para reclamação se dá por uma nota lida pelo apresentador. O curioso é que, apesar de ser o mesmo assunto da edição de 07/07/2020, no Parque Residencial Coxipó, a falta de rede de esgoto não gerou a mesma reação de indignação no apresentador Leandro Trindade.

Na unidade jornalística do dia 21/07/2020 mais um registro de participação popular direta, mas acredita-se que, em função das restrições sanitárias, foi resumida a uma só moradora. Ela relata a dificuldade de entrar e sair de casa em função dos buracos abertos no asfalto para implantação da rede de esgoto, como mostra a Figura 36.

Figura 36 - Obras Dom Bosco

Fonte: globoplay.com/mttv-1ª-edição-cuiaba Acesso em:2021

Entra sonora moradora: Que tá assim insuportável tem 60 dias. Que eles furou esse outro buraco para passar o dreno tem trinta dias. Eles ficaram um dia e meio aqui com as máquinas e não voltaram mais.

O repórter pergunta para a moradora se já foram cobradas providências.

Entra repórter: E aí a senhora já procurou a prefeitura, a secretaria de obras.

A resposta dada pela moradora à pergunta formulada pelo repórter explicita o descaso e a falta de compromisso do poder público com o cidadão que mora em bairros periféricos.

Entra moradora: Já, pediram quinze dias. Eles pediram a secretaria de obras, quinze dias estaria tudo arrumado aqui. Tá fazendo amanhã quinze dias. Nada.

Em nota o repórter dá razão à reclamação de dona Maria e apresenta o posicionamento da prefeitura em relação ao caso em nota. A resposta revela o velho jogo de empurra-empurra das responsabilidades e da falta de respeito com o cidadão.

Entra repórter: Tá certo dona Maria. Agora a resposta da prefeitura. A prefeitura disse o seguinte. O bairro está incluído no programa "minha rua é asfaltada" e deve ganhar até novembro cinco quilômetros de pavimentação e também drenagem. E quanto a essa rua a secretaria de obras informou que já procurou a empresa responsável pela obra pra que conserte tudo isso daqui e que ontem o engenheiro responsável pela obra veio até ao local e voltou a cobrar a empresa. A empresa por sua vez disse que até o final da semana vem aqui pra tomar uma providência e arrumar tudo isso. A gente vai continuar acompanhando isso aqui Trindade porque a situação não é nada fácil pra quem mora aqui.

Entretanto, constatou-se que participações diretas da população não eram comuns, na maioria das vezes os repórteres participavam sozinhos do telejornal, com entradas ao vivo que mostravam problemas em determinados bairros da capital. As unidades jornalísticas se resumiam a mostrar o problema, como no caso dos buracos abertos em ruas do bairro Santa Luzia, em Várzea Grande, para implantação das galerias de águas pluviais como preparação para a pavimentação asfáltica.

Na edição de 06/07/2020 a repórter Bruna Ficagna faz uma participação ao vivo mostrando as valetas que foram abertas ao longo da rua e que impediam os moradores de colocar os carros na garagem. A repórter descreve a situação sozinha, sem nenhuma participação de moradores que pudessem contar como é vivenciar o problema. Assim, os protagonistas da história, que são os moradores, não tiveram voz (FIGURA 37).

Figura 37 - Obras Santa Luzia

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mttv-1ª-edição-cuiaba. Acesso em: 10 ago. 2021.

Repórter: É isso mesmo Trindade. Não conseguem nem sair de casa. Há um mês os moradores do bairro Santa Luzia aqui em Várzea Grande receberam uma ótima notícia. Que as ruas aqui do bairro seriam pavimentadas, seriam asfaltadas. Só que eles não imaginavam que teriam tanto problema viu. Olha eu vou mostrar aqui pedir pro nosso cinegrafista o Sérgio Gouveia mostrar como é que ta a situação. Foram abertas valetas e por isso alguns moradores não estão conseguindo sair de casa com os carros. Muitos estão estacionando os carros como podem. Fora da casa mesmo aqui na rua do lado de fora. Olha só o tamanho dessa valeta que foi aberta há mais de 15 dias.

A participação tem um total de 4 minutos e, durante o *link*, a repórter também repassa as informações prestadas pela secretaria de obras de Várzea Grande. O apresentador também faz comentários sobre o andamento da obra e promete continuar falando sobre o assunto em outras reportagens. É importante pontuar aqui que essa falta de voz efetiva do telespectador acontece na maioria das participações do autodenominado jornalismo 'comunitário' na TV Centro América. Na edição do dia 02/07/2020 o repórter Israel Prates mostra o problema dos buracos na rua F14 no Jardim Fortaleza. Novamente o repórter participa sozinho e não tem a colaboração da população que sofre com a situação. A fórmula reclamação/ cobrança das autoridades se repete.

Observou-se ainda, no jornalismo comunitário da TV Centro América, que existe um estigma de este tipo de jornalismo estar ligado a um determinado problema de infraestrutura em um bairro na periferia da cidade: buracos nas ruas, ausência de asfalto, deficiência na iluminação pública, falta de rede de esgoto e outros. Estes são os problemas mais comuns relatados.

Na edição do dia 22/06/2020 percebeu-se uma variação no assunto abordado. Essa foi a única vez, durante o período de observação, que o tema transporte público foi abordado e relacionado ao tema contaminação por Covid-19. Notou-se ainda que o tema foi apresentado em um formato diferente. O repórter do jornalismo comunitário, Israel Prates, chamou uma entrevista feita pelo repórter Leonardo Zamignani. A reportagem conta com a contribuição de um vídeo enviado por uma telespectadora do jornal, que registra o ônibus cheio.

Entra reportagem: Esse registro do ônibus lotado é da linha que atende o bairro Osmar Cabral. Segundo a Karine que enviou o vídeo todos os dias é assim.

A reportagem também conta com a participação de um repórter da rádio Centro América FM (do mesmo grupo de comunicação), que estava no terminal de ônibus e fez o registro.

Entra o sobe som com imagens do repórter da rádio Centro América FM: Nesse local que é frequentado por quem precisa pegar ônibus para ir pro trabalho ou voltar pra casa a quantidade de pessoas. O que chama atenção é que não existe nenhum respeito às normas da Organização Mundial de Saúde sobre o distanciamento social, nem mesmo dentro do ônibus. Como você vê nas imagens as pessoas estão próximas, juntas praticamente, porque não tem espaço, ou seja, ônibus cheio aqui no terminal André Mardi em Várzea Grande, durante cerca de 40 minutos que eu fiquei aqui parado eu acompanhei assim vários ônibus que chegaram muitos lotados e as pessoas amontoadas sem distanciamento social.

Além dessa participação do radialista não há nenhuma entrevista com usuários do transporte coletivo. Também chama a atenção o uso de cartela para melhor ilustrar a informação sobre a classificação de risco dos municípios em relação à Covid-19 e taxas de contágio, no entanto, a cartela é confusa e pouco esclarecedora. Depois da reportagem Israel Prates volta a participar do telejornal e dá a nota retorno do caso.

Entra repórter: A prefeitura de Cuiabá disse inclusive que está ciente desses problemas existentes na reportagem, que vai se reunir com as empresas responsáveis pelo transporte público aqui na capital para tentar sanar esses problemas. A gente sabe que é uma queda de braço né, entre usuários e as empresas que transportam as pessoas aqui na capital e em Várzea Grande. Os usuários dizem que não há ônibus suficientes, as empresas dizem que os usuários é que tem essa aglomeração dentro dos ônibus. Enquanto isso fica essa guerra, essa queda de braço e quem é prejudicado claro são as pessoas que estão arriscando a saúde.

Chama a atenção o repórter mencionar uma entrevista do prefeito Ronan Pinheiro, que, no entanto, não foi exibida. Em relação à nota da prefeitura, o próprio repórter reconhece que não é satisfatória e que configura, novamente, um jogo de empurra-empurra de responsabilidades.

Na edição do dia 30/07/2020 mais uma vez o assunto foi o saneamento básico, dessa vez no Bairro Santa Helena, em Cuiabá, em uma região próxima ao centro da cidade.

Estúdio Leandro Trindade: Eu vou conversar agora com o Leo que está agora no bairro Santa Helena. É jornalismo comunitário na tela do MT1, Leo explica pra gente o que está acontecendo por aí.

O repórter entra descrevendo o problema, como mostra a Figura 38.

Figura 38 - Esgoto Bairro Santa Helena

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mttv-1ª-edição-cuiaba. Acesso em: 21 set. 2021.

Entra repórter Leo Zamignani: A gente pensa muitas vezes que isso tá longe da gente, mas tá perto o Luiz Cláudio vai mostrar aqui. Olha só esse esgoto Trindade, tudo a céu aberto. Muito lixo, o cheiro aqui não é nada bom e segundo moradores que eu conversei esse esgoto quando desce da parte alta do bairro ele vem parar aqui e fica nessa situação. Muito mato o que também os moradores se preocupam com ratos e caramujos que aparecem frequentemente nas casas.

O repórter apresenta números desfavoráveis sobre o saneamento básico em Cuiabá e chama uma reportagem de outra jornalista da emissora, Lorena Segala.

Entra repórter Leo Zamignani: Segundo um levantamento do IBGE, sete de cada dez casas de Mato Grosso não tem rede de coleta de esgoto. E pra falar um pouco mais sobre esses dados, a Lorena Segala preparou uma reportagem especial que a gente vai ver agora.

Um vídeo enviado por um telespectador abre a reportagem de Lorena Segala.

Entra vídeo morador: Eu tô no bairro Santa Helena bem no centro da cidade e tem esgoto a céu aberto aqui. Nós já fizemos reclamações à prefeitura até agora sem resposta.

A reportagem conta ainda com a participação de outro telespectador, que conversa com a repórter por meio de uma videochamada. Aqui o telespectador não é um morador do local e sim uma pessoa que trabalha bem em frente onde está o problema (FIGURA 39).

Figura 39 - Gravação videochamada

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mttv-1ª-edição-cuiaba. Acesso em: 10 ago. 2021.

Entrevista engenheiro Alessandro Matsubara: Devido à falta de manutenção, as grades serem pequenas, estão constantemente entupidos, principalmente após a construção de um prédio aqui próximo. Isso aí a água do esgoto sai da terra, gera buraco e fica escorrendo essa água. Crianças aqui da rua fica brincando aqui no meio disso aí. Um mau cheiro entendeu? Ontem a prefeitura teve aqui e constatou inclusive o lançamento de grande quantidade de detergente na água.

A repórter apresenta dados sobre a rede de esgoto no estado.

***Off* repórter**: A reclamação do Alessandro é bem comum em Mato Grosso, uma pesquisa mostrou que vazamento de esgoto é a principal reclamação em oito cidades do estado. Uma

das cidades que tem maior cobertura em saneamento básico, água e esgoto é Rondonópolis com 90,7% da rede de esgoto liberada pra uso. Já na capital a abrangência é de 64% com cronograma de expansão.

E, pela primeira vez, depois de três reportagens sobre falta da rede esgoto, apenas com nota retorno da empresa concessionária Águas Cuiabá, o diretor geral da empresa aparece em uma entrevista feita por videochamada (FIGURA 40).

Figura 40 - Gravação resposta videochamada

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mttv-1ª-edição-cuiaba. Acesso em: 10 ago. 2021.

Sonora Figueiredo Willian diretor geral Águas Cuiabá: Em 2017 entrou uma empresa atual que é Águas Cuiabá e anunciou um investimento em saneamento básico que vai até 2024. Então de 2017 até agora foram investidos aproximadamente 500 milhões em saneamento básico na capital e até 2024 serão investidos 1,2 bilhão. Então o saneamento básico de Cuiabá vem crescendo em média 7% de cobertura ao ano. Hoje estamos com 64% de cobertura na capital e até 2014 vamos chegar a 91% de cobertura.

A fala do representante da empresa não é questionada, nem é feita qualquer reflexão mais aprofundada sobre a falta de saneamento básico para a população. A reportagem novamente dá voz ao cidadão que trabalha próximo ao local sem rede de esgoto.

Sonora Alessandro Matsubara: Esse esgoto aí além do mau cheiro a água fica parada gera a proliferação de mosquitos, entendeu? É uma coisa que a prefeitura devia olhar porque ela economiza de uma forma e ela vai gastar três vezes mais em hospital e outras coisas.

O repórter que estava ao vivo volta com outras informações sobre saneamento básico no estado do Mato Grosso, onde apenas 50 dos 141 municípios têm rede de esgoto. No estúdio o apresentador se conforma com a explicação dada pelo diretor da empresa, não faz maiores questionamentos e generaliza o problema.

Estúdio Leandro Trindade: Muito obrigada Léo pelas informações. Infelizmente a falta de saneamento básico ainda é uma realidade na grande maioria das cidades do Brasil

Constata-se também que outras questões – como educação, saúde e segurança pública – ficam em segundo plano e quase nunca estão relacionadas ao jornalismo comunitário no MT1. A impressão que fica é que o jornalismo comunitário, como é desenvolvido pela afiliada da Rede Globo em Cuiabá, está desconectado do restante da vida na cidade.

Apesar de ter sido citada neste trabalho a existência do aplicativo Bem na Hora como forma de incentivar a participação dos telespectadores, tanto na TV Morena quanto na TV Centro América, durante o período de observação para esta pesquisa os apresentadores não fazem qualquer referência ao mesmo. A ferramenta utilizada pelos telejornais é o WhatsApp. Os números das emissoras aparecem na tela em uma tarja sempre que se fala em participação do telespectador. Na TV Morena a apresentadora Bruna Mendes ensina, inclusive, como o telespectador pode gravar sua demanda e enviar para o programa: “Grava com o celular deitadinho”, diz ela.

Passa-se agora à análise qualitativa do telejornal de primeira edição da TV Morena. Na emissora percebe-se uma abordagem diferente do jornalismo comunitário, a começar com a designação de um repórter exclusivo para fazer esse tipo de reportagem.

Na TV Morena cabe ao repórter Alexandre Cabral fazer a ponte entre o morador/ telespectador e o jornalismo da emissora, dando ênfase ao viés comunitário. Cabral já desenvolvia o chamado jornalismo comunitário antes da pandemia. Durante o período de isolamento social o repórter, por questões de saúde, não podia se expor saindo de casa, a solução foi fazer o jornalismo comunitário da casa do repórter, mais precisamente do quintal da casa dele. Assim, o jornalista Alexandre Cabral participava quase todos os dias do noticiário e, às vezes, até com mais de uma entrada durante o noticiário. A Figura 41 mostra os dois jornalistas no estúdio da emissora.

Figura 41 - Alexandre Cabral e Bruna Mendes

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em: 13 set. 2021.

Durante a observação preliminar observa-se que o repórter Alexandre Cabral se transformou no repórter do comunitário do MSTV a partir de 2017. No começo da coleta dos dados durante a pandemia, aparentemente o repórter estava de férias e voltou a fazer as participações no dia 10/06/2020. Entretanto, antes da volta de Cabral foi possível identificar algumas unidades jornalísticas com o viés do autodenominado 'comunitário' da Rede Globo. Deve-se chamar atenção para o tempo das unidades jornalísticas observadas. Na plataforma Globoplay aparece, no canto inferior esquerdo, o total de cada vídeo que, muitas vezes, apresenta mais de uma participação do repórter Alexandre Cabral e mais de um assunto. Dessa forma, foi preciso fazer a separação por assunto e dividir, de modo aproximado, os minutos entre os assuntos abordados. Vale ressaltar que, no caso do MSTV da TV Morena, os vídeos não são disponibilizados em blocos como da TV Centro América.

A observação começou com a edição do dia 04/06/2020, na qual tem uma participação sobre os buracos que começam a aparecer na cidade com o período chuvoso. No estúdio a apresentadora Bruna Mendes incentiva a participação do telespectador através do envio de vídeos para a redação do telejornal.

Estúdio Bruna Mendes: Você sabe que com o celular na mão você consegue gravar imagens da cidade, aí no seu bairro mandar pra gente pelo WhatsApp 99650101 assim como fez gente a Jugleide que flagrou um incidente na rua das Balsas, lá no bairro Estrela do Sul essa manhã. O asfalto cedeu com a passagem de um ônibus do transporte coletivo. Olha o vídeo que ela mandou pra gente. Aparece no telão a imagem enviada pela telespectadora.

A telespectadora mandou um vídeo curto com uma narração bem simples do fato. Na Figura 42 é possível observar o momento do acidente e na tarja é colocado, inclusive, o nome da moradora, valorizando a participação.

Figura 42- Buraco Estrela do Sul

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em: 13 set. 2021.

***Off* da telespectadora** - Só que dessa vez o ônibus não passou né? Da outra vez o ônibus passou e deixou o buraco dessa vez não. Está feio ó. E agora é na calçada aqui tá desmoronando olha lá. O outro ônibus tá tentando tirar ele, mas eu acho que o buraco vai aumentar mais.

A apresentadora demonstra certa proximidade e até mesmo intimidade com a telespectadora e a chama de Ju.

Estúdio Bruna Mendes: Até sua calçada vai ter que ser consertada viu Ju, você que mandou o vídeo aí pra gente.

A apresentadora ainda mostra o vídeo de outro telespectador sobre o mesmo assunto, valorizando, assim, a participação do público.

Estúdio Bruna Mendes: Elias obrigado pela sua participação. Madrugando com a gente flagrando essa situação aí ó chuvarada, o buraco abriu lá na rua das balsas.

A apresentadora segue do estúdio usando cenas externas de buracos feitas pelas equipes de reportagem. Ela mostra ainda o problema nos bairros Itamaracá, Nossa Senhora das Graças,

Parque dos Laranjais, Vilas Boas. Do estúdio a apresentadora chama a sonora gravada com o secretário de Infraestrutura, Rudi Fiorese, explicando sobre a operação tapa buracos.

Entra sonora gravada do secretário - Rudi Fiorese: As equipes de tapa buracos ficaram paradas por 15 dias no período de início das medidas de restrição e combate ao Covid19. Após esse período continuamos nosso trabalho de tapa buracos. Nós temos dez equipes em todas as regiões da cidade fazendo rotineiramente esse serviço de tapa buracos. A população pode passar as demandas pra secretaria elas vão chegar até nós na secretaria através do fala campo grande ou 156 ou telefonando diretamente pra secretaria no 33 14 36 00 esses são os canais para atender as demandas da população e com isso a gente faz a programação de atendimento e execução desse tapa buraco.

A apresentadora volta ao estúdio enfatizando a necessidade da prestação desse tipo de serviço.

Estúdio Bruna Mendes: mas esses serviços de manutenção não podem parar gente. Não podem parar. A população está solicitando, tá pedindo, buracos eles são um problema histórico aqui na capital. Muitos voltaram a abrir com as chuvas, ou seja, dinheiro público que vai pelo ralo e vai pra boca de lobo ali que escorre mesmo pelas ruas e avenidas da capital

Na edição do dia 05/06/2020 o MSTV mostra, novamente, o buraco onde o ônibus caiu no dia anterior. É utilizado um vídeo feito pela telespectadora mostrando que o problema foi resolvido e até a calçada refeita. E recebe boas vindas calorosas da apresentadora. Trata-se de um processo de diálogo simulado, já que em nenhum momento efetivamente a apresentadora conversa com a telespectadora. No entanto, ações similares induzem a ideia de diálogo, objetivando um sentimento de acolhimento.

Estúdio Bruna Mendes: A Jugleide mandou um vídeo esta manhã. É o olhar dela de uma situação que começa a ser resolvida. Ju bem vinda de volta ao MST1

Entra vídeo com narração da moradora: Oi Bruna. Ontem eles trabalharam aqui até tarde até as 10 horas da noite. Tão bem rápido a obra e vão arrumar minha calçada dessa vez. E tão quase terminando aqui já.

Na edição do dia 09/06/2020 o telejornal mostra um problema de um morador relacionado à retirada de uma árvore. A apresentadora reforça o caráter de intermediário entre o jornalismo da emissora e o poder público na resolução de problemas dos moradores. Na Figura 43 tem-se o registro do problema do morador, que é uma árvore morta em frente a sua casa e próximo à rede de energia elétrica.

Figura 43 - Árvore Coophavila 2

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em: 13 set. 2021.

Estúdio Bruna Mendes: O que está acontecendo aí no seu bairro que o MST1 pode te ajudar? Um morador lá do Coophavila 2 está preocupado com a situação de uma árvore ao lado da casa dele. Adenilson conta pra gente.

O vídeo, feito pelo celular, é todo narrado pelo próprio morador. Apesar de ser apresentado na íntegra, o vídeo demonstra a falta de intimidade do morador com a linguagem jornalística, o que já era esperado.

Entra vídeo do morador: Eu estou falando aqui do Coophavila 2 e aqui tem uma árvore ao lado da minha residência e já faz um bom tempo que essa árvore morreu, mas os galhos da árvore... ta toda seca a árvore, o bombeiro veio aqui, me atendeu muito bem o bombeiro. Eles vieram aqui e constataram que é uma árvore que pode cair em cima da residência. Eles me encaminharam para emergência, mas eu tô cansado de pedir pra eles vir aqui pra vim ver esse serviço aqui pra solicitar o corte dessa árvore. Os bombeiros disseram que não podem mexer porque ela tá dentro da rede de alta tensão. Vocês podem ver que tem um transformador ó. Os gaios já tá pegando ó lá em cima na rede de alta tensão. Então se der um vento muito forte vai cair essa árvore, vai cair em cima da minha casa, ó o prejuízo. Eu tô falando aqui do Coophavila 2 Rua da ilha lote 561 falou? Eu te agradeço muito se você puder me dar essa força aí Bruna, Valeu!

Demonstrando eficiência e bom trânsito junto ao poder público, a apresentadora dá uma resposta imediata para o problema. A Figura 44 abaixo mostra a árvore já cortada e o problema parcialmente resolvido.

Figura 44 - Árvore podada no Coophavila 2

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em: 13 set. 2021.

Estúdio Bruna Mendes: Valeu Adenilson, obrigado pelo seu vídeo perfeito aí e nós acionamos a concessionária de energia elétrica e essas são as imagens aí da equipe (mostra as imagens do telão da árvore já sendo cortada) que tava trabalhando por lá. Eles fizeram uma poda emergencial e a ENERGISA informou que para retirar a árvore é preciso uma autorização da prefeitura tá. Nesse caso o próprio morador precisa fazer um requerimento pra SEMATUR e tem mais informações no 40421323 pra informações pro Adenilson e outras que passam por isso.

Na edição do dia 10/06/2020 o destaque é a volta do repórter do jornalismo comunitário, Alexandre Cabral, que estava de férias.

Estúdio Bruna Mendes: Nesse momento eu com muita alegria vou te contar quem está de volta hoje 10 de junho. Meu amigo Alexandre Cabral que estava de férias, as férias acabaram e agora ele desembarca aqui na casa preferida dele que é o MS1. Não é meu amigo, por enquanto a nossa conversa vai ser assim pela nossa janela de interatividade. Você é eu aqui e o público em casa.

Entra Cabral: Só na janelinha. Tudo bom Bruna. Nossa que legal! Que saudade! É minha casa o MS1, casa do comunitário. Casa da Bruna, casa do Cabral, casa de todo mundo.

A volta de Cabral é marcada pela participação de uma moradora do bairro Itamaracá, que gravou um vídeo e mandou para a redação. Curioso é que no vídeo a moradora fala diretamente com o repórter. Como aconteceu com o morador do bairro Coophavila 2, a

moradora também demonstra falta de intimidade com o fazer jornalístico, com uma narração de texto confusa. A Figura 45 mostra parte do vídeo enviado pela moradora.

Figura 45 - Esgoto Itamaracá

Fonte: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em :2021

Entra o vídeo da moradora: Bom dia Cabral que bom que você está voltando pro jornal. Eu vim fazer uma reclamação aqui no meu bairro Itamaracá na Rua Jorge Calil Dualib. Tá vendo essa água aqui ó escorre o dia inteirinho aqui na rua. Olha só. Isso aqui tem mais de mês. Já liguei na saúde. Já pedi ajuda. Já falei com agente de saúde daqui da rua. É um condomínio ó de casas. Eu não sei de onde que é essa água. Têm idosos ó aqui nessa casa. Ali tem criança pequenininha que mora está com medo. Tem um comércio bem aqui na frente. Os clientes reclama. Olha a distância dessa água onde ela vai. Ela vai longe. Os vizinhos já pediram, já conversaram. Ninguém fala o que é. Eu já fui lá, já pedi um vizinho fala que não é. Outro fala que não é. Dá uma olhada a distância dessa água. Então o jornal faz a reportagem aqui pra vocês vê pra vocês fala. Ó vai até lá em baixo ó. É insuportável o cheiro. Então eu peço pra vocês tá bom. Urgentemente dá uma olhada nessa rua aqui. Muito obrigado!

O caráter de proximidade dos jornalistas com o público é reforçado com comentários sobre a volta do repórter e até envio de foto em homenagem ao repórter.

Estúdio Bruna Mendes: Dona Adelaide muito top com o celular na mão, dando as boas vindas pra você meu amigo. E tem muita gente comentando sua volta no WhatsApp sua volta depois das férias, o descanso. A Manuela lá do residencial Búzios, tá tirando uma foto do lado da televisão dizendo que você tava fazendo muita falta e que tava sentindo saudade de você.

Novamente a resposta em relação à demanda da moradora é rápida e vai até mais a fundo na questão do asfaltamento da rua. Essa participação levanta um aspecto interessante. A água do esgoto que corre a céu aberto pela rua deveria ser coletada em uma fossa. O repórter lembra que isso é responsabilidade do morador, mas fica no aspecto superficial em relação à discussão de deveres do cidadão. Destaca-se a seguir um trecho da resposta.

Entra Cabral: ...Aí ligamos para SEMADUR. Questão de dez minutos a SEMADUR já deu resposta, vai mandar uma equipe hoje lá pra ver qual é o problema e como pode ser resolvido isso. E aí a gente foi um pouquinho mais a fundo né Bruna pra dar aquela resposta legal pra comunidade que tá mandando vídeo. Manda vídeo pra nós que a gente dá a resposta. Ligamos também pro secretário de obras perguntando quando vai passar o esgoto lá. O Rudi Fiorese ficou de me ligar, ligar pra nossa produção pra dizer como é que ta a situação de passar a rede de esgoto lá ou talvez o asfaltamento que parece que já estava tudo engatilhado pra asfaltar o Quintal Vieira que é uma parte ali que passa ali. No Itamaracá com Quinta Vieira fica essa rua da dona Adelaide. Então daí assim que a gente tiver a resposta a gente já dá aqui Bruna. E é isso o comunitário agora é assim, você sempre que fez. É sempre eu que ia lá. Agora você faz o vídeo pronto e eu tô aqui respondendo.

Ao final da participação do repórter Alexandre Cabral a apresentadora Bruna Mendes incentiva a participação do telespectador com o uso do celular, enviando os problemas do bairro; e reforça o caráter comunitário do telejornal.

Estúdio Bruna Mendes: Pega o celular, faz vídeo, faz foto, narra pra gente qual é a situação, manda pro WhatsApp 9998650101 vai chegar lá pro Cabral e ele vai trazer pra gente as demandas da comunidade.

Na edição do dia 15/06/2020 o assunto abordado foi a falta de iluminação pública relacionada à questão da segurança dos moradores de dois bairros de Campo Grande. O repórter mostra a reclamação de um morador, que enviou um vídeo feito à noite narrando o problema em frente à casa dele, como mostra a Figura 46.

Entra gravação por celular do morador- Edes Leopoldina Lemes- aposentado: Cabral eu moro aqui na rua Cássia número 40 essa luminária tá apagada faz dias. O rapaz deixou o caminhão aqui na frente porque aqui é perigoso malandragem, né? Na frente do caminhão tem uns três vizinhos que botaram lâmpada no muro para poder clarear a rua, entendeu?

Figura 46 - Reclamação Falta de iluminação pública

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em: 13 set. 2021.

Na mesma participação o repórter Alexandre Cabral mostra um problema semelhante, que acontece em outro bairro da cidade. Dessa vez na Rua Adriano Medelo, no Jardim Imperial.

Entra gravação feita pelo celular com a moradora: Bom dia Bruna eu sou a Débora aqui do Jardim Imperial mora aqui na Rua Adriano Medelo nº 893 e o poste aqui da esquina como você pode ver já tem um dois meses está com a luz queimada. Então tô te mandando esse vídeo pra você ver como que fica uma escuridão aqui na nossa rua. E já foi gente assaltada muitas vezes aqui na esquina.

O repórter se coloca como mediador entre o poder público e o telespectador e apresenta a resposta gravada pelo secretário de Obras de Campo Grande (FIGURA 47).

Figura 47 - Resposta gravada do secretário de obras

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em: 13 set. 2021.

Entra sonora Rudi Fiorese: Secretário de obras de Campo Grande. Essas demandas de iluminação pública na rua Cássia e da rua Adriano Medelo já foram passadas para nossas equipes e no máximo até amanhã isso será resolvido.

O repórter comemora e valoriza a mediação feita pelo telejornal e a resposta dada pela autoridade.

Entra Cabral: Aí que maravilha isso! Que coisa boa! Vamos lá, nós vamos cobrar isso aí também da secretaria pra ver se eles tão indo lá. Aí seu Edes e Débora assim que a rua resolver tudo faz um videozinho à noite com a lâmpada funcionando que é muito importante isso. Bruna aqui no comunitário é assim a gente mostra e tem que dar a resposta e a gente vai cobrar em cima hein. Já têm algumas aí que eu já tô de olho hein?

A edição do dia 18/06/2020 mostra um problema que revela a falta de noção de deveres do cidadão. A unidade jornalística é referente ao despejo de entulho em calçadas e lotes baldios. Apesar de não fazer parte da tabela da categorização, chama-se a atenção para a questão do dever do cidadão em contribuir para a manutenção da cidade limpa.

Estúdio Bruna Mendes: Chegou a hora do nosso comunitário Cabralzinho já tá pronto no quintal de casa que ele já mostrou aqui muitas vezes. Já teve até de bermudão, pra no final já deitar nessa rede. Cabral fiquei sabendo que chegaram uns vídeos de um pessoal que não tem assim muita vergonha não né? Explica pra gente.

Entra Cabral: Olha boa tarde a todos! E olha eu queria dizer uma coisa, é gente mais cara de pau do que essa tabinha que eu tenho aqui pra cortar legume aqui em casa, tempero, aqui

oh. É mais cara de pau que ela. Olha só dá uma olhada nesses vídeos mandado pelo seu Roberto que mora na Rua Cabo Verde com Dinamarca lá no Batistão. Confere aí.

Um morador enviou o vídeo narrando o problema.

Entra vídeo do Morador Roberto com sobe som do morador: mais um ai ó jogando mato na Avenida O morador manda um vídeo em que a calçada está cheia de galhos de árvores de entulho.

O repórter apresenta a resposta das autoridades em relação ao caso.

Entra Cabral: A gente pegou a resposta com a SIGEPE que já mandou todas as informações aí pro setor responsável para averiguação de perto e também a SEMADUR. Tá vendo se esse terreno aí é da prefeitura. e já tem uma soluçãozinha pro finalzinho dessa semana ou pro começo do outro a gente traz aqui a informação.

O repórter apresenta outro vídeo, bem curto, enviado por uma telespectadora.

Entra Cabral: E tá achando que cara de pau é só lá no Batistão, não tem uma moradora lá do Marajoara que também está preocupada com isso. Olha como foi esse flagrante aí.

Entra outro vídeo que mostra um homem com carrinho de mão jogando entulho de construção em frente à calçada: Olha lá o lixo que ele jogou.

O repórter destaca que jogar lixo em local público é crime ambiental. Fica evidenciado aqui, mais uma vez, a postura displicente de alguns cidadãos em relação aos seus deveres na comunidade, mas isso não é aprofundado no telejornal.

Entra Cabral: É cara de pau mesmo é entulho de obra na frente da calçada. Não se pode fazer isso é crime ambiental. Já passamos também pra SEMADUR que diz o seguinte pra gente. Olha só (ele lê as informações no celular) mandaram já as duas situações já pra fiscalização. Vão verificar se é possível identificar o autor do descarte. Caso seja flagrado realizando descarte irregular responderá por crime ambiental, autuado e multado. Dependendo do volume, da situação que ele causou ali de dois mil a nove mil reais que é a multa. E é o seguinte quem quiser denunciar é 165 ou também na DECAT que é a delegacia de crimes ambientais

Ao final a apresentadora Bruna Mendes reforça o comprometimento que o cidadão deve ter com o bem-estar de toda comunidade, mas não há uma cobrança efetiva quanto aos deveres do cidadão.

Estúdio Bruna Mendes: Eu teria vergonha de fazer isso. Eu acho que quem preza por sua própria vida e pela vida do vizinho teria vergonha de fazer o que muitos ainda insistem em fazer pela cidade. Com epidemia de dengue, dengue que matou 39 pessoas hoje e aquela falsa sensação de que o poder público tem que fazer tudo, né tem que fazer tudo. Vou aqui jogar porque depois passa pra limpar. Não meu amigo, você é responsável pelo lixo que produz.

Na edição do dia 19/06/2020 o assunto é trânsito. Os moradores de três locais diferentes participaram enviando vídeos e, posteriormente, o repórter Alexandre Cabral conversou, pelo celular, com os mesmos personagens falando sobre o assunto. A unidade jornalística, que tem duração de oito minutos, começa com a apresentadora enfatizando o comunitário.

Estúdio Bruma Mendes: Vamos de jornalismo comunitário – meu amigo Alexandre Cabral fez uma entrevista pelo celular mesmo porque é assim que ele tá fazendo daqui pra frente nosso comunitário, em casa se cuidando e conversando com os moradores dos bairros em especial hoje morador do bairro Parati vamos ver:

Entra Cabral deitado na rede: Já dá pra ver aí que eu tô na minha rede aqui né, pra mais uma entrevista virtual com o Cabral. Hoje vai ser com o professor Saldanha que mora lá na região do Parati e tá muito preocupado. Professor o quê que tá acontecendo aí hein?

Entra sonora com Leonardo Saldanha: O nosso problema é o trânsito aqui no Jardim Parati. Tem um cruzamento conflituoso, cruzamento da Rua da Divisão com Ezentel Ferreira Lima que é um cruzamento semafórico onde o motorista principalmente motociclistas não obedecem o sinal vermelho.

A apresentadora e o repórter destacam o formato diferente de apresentação do jornalismo autodenominado ‘comunitário’ com as entrevistas pelo celular.

Estúdio Bruna Mendes: É a gente tem que se adaptar. É um momento de adaptação pra todo mundo e não seria diferente pro comunitário.

O repórter apresenta a resposta do órgão responsável pelo caso, enviada em nota.

Entra Cabral: Nós falamos hoje pela manhã com o Janine de Lima Bruno o diretor presidente AGETRAN ele já deu uma resposta pro professor Saldanha. Professor é o seguinte: a partir da semana que vem vai ter uma fiscalização da AGETRAN mais em cima lá viu, pra ver esse negócio que o senhor falou de alta velocidade, do pessoal não respeitar o semáforo. Isso aí tá sério e também vai ter um estudo para reordenar a sinalização lá na Rua da Divisão ok? Essa é a resposta da AGETRAN.

A outra participação é de um morador da Rua das Gardênias, em outro bairro (FIGURA 48).

Entra Cabral: É um outro problema lá na Rua das Gardênias. Seu José tá indignado lá porque o pessoal tá pisando fundo. Confere o vídeo dele aí:

Entra o vídeo com senhor José na rua. Cabral essa rua eu acho o seguinte ela não tem travessa. É uma rua ela tem um lado que divide com o muro de um condomínio, então eu acredito que é por isso que as pessoas passam aqui com velocidade. É uma rua curta, eu acredito que dois, três quebra-molas seria o suficiente para pessoa passar numa velocidade menor. Muito perigoso a gente que tem neto, cachorro, animais. Muito obrigado Cabral a vocês todos da TV Morena.

Figura 48 - Reclamação trânsito

Fonte: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em: 13 set. 2021.

A resposta é dada em nota.

Entra Cabral :Vamos lá também acionamos a AGETRAN e o Janine falou que vai fazer um trabalho de viabilidade técnica pra ver se vale ou não esse quebra-molas aí

Na sequência entra outra reclamação de trânsito, dessa vez na região do Lago do Amor.

Entra Cabral: Mas tem também ali perto da região do Lago do Amor, ali bem pertinho até mesmo do Parati. A Júlia mandou um vídeo pra gente aí. Fala Júlia

Entra vídeo feito pela moradora Júlia Chrominski Estamos aqui na Avenida Gabriel Elades com cruzamento da João Hernandes. Aqui é um ponto que precisa urgentemente de um semáforo. Vários acidentes já aconteceram aqui. A João Hernandes dá acesso a vários

bairros como Parati, Aerorancho e outros, ela não tem nenhum quebra-molas nenhuma sinalização. Estamos pedindo mais uma vez,

A resposta também é dada em nota.

Entra Cabral: Júlia tenho uma resposta legal do pessoal da AGETRAN. O semáforo aí já está aprovado. Eles vão fazer agora um levantamento do que precisa de sinalização. Mas o Janine da AGETRAN falou pra gente também que tudo depende de verba, que a AGETRAN não tem dinheiro agora pra fazer isso, mas em breve vão colocar o semáforo aí a pedido da população. É assim que se faz mesmo. Bruna na verdade a gente nem devia tá falando de trânsito porque devia tá um movimento muito menor do que esse.

Na edição do dia 24/06/2020 o problema mostrado novamente foi o trânsito da cidade. Na chamada da participação do repórter Alexandre Cabral, a apresentadora Bruna Mendes reforça o apelo de mostrar o problema dos bairros.

Estúdio Bruna Mendes: Hora de visitar mais uma vez a casa do Cabral. O pessoal tá mandando vídeo Cabral de vários pedidos pela cidade porque durante a pandemia os problemas continuam também nos bairro né?

O repórter Alexandre Cabral entra explicando o problema no cruzamento das ruas Eduardo Pereira com Brasil contando com ajuda de fotos enviadas por telespectadores para ilustrar o problema. Depois chama a participação de uma moradora e reforça o aspecto do comunitário afirmando que a moradora é a voz e o olho da emissora no bairro.

Entra Cabral: O nosso assunto agora é transito Bruna. Eu gostaria de pedir pra rodar umas fotos que chegaram pra gente. Tá rodando aí? Essas fotos é o seguinte: tem um acidente que aconteceu dia 19 no cruzamento da Assis Pereira com a Brasil. Só que o problema da população ali, eles estão muito preocupados porque toda semana, a cada dois três dias tem um acidente. Graças a Deus ninguém se machucou nesse acidente, não tem gente se machucando só que o pessoal tá muito preocupado e a Viviane que é a nossa voz o nosso olho lá no bairro manda pra gente, roda aí.

A Figura 49 destaca a participação da moradora, que grava no cruzamento onde o trânsito é perigoso.

Figura 49 - Reclamação trânsito

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em: 13 set. 2021.

Entra vídeo da moradora Viviane: Olha lá o Cabral, no mesmo ponto de novo. Olha lá dois carros no mesmo ponto ó. Eu estou gravando aqui da Rua Brasil esquina com a Eduardo Afonso Pereira. Como eu te mostrei tá tendo acidente aqui e isso tudo por conta de obras que está acontecendo na rua Bahia. O fluxo de carros, de ônibus, de caminhão tá sendo intenso por aqui. Eu acredito que seja bom dar uma olhadinha aqui né? Não tá bom por aqui principalmente horário de pico. Tem três quatro acidentes aqui. Então, nós tamos pedindo. Eu sou moradora desse prédio, a gente está sempre presenciando uma hora dessa pode pegar um pedestre.

O repórter volta com a resposta para a moradora. A resposta é uma espécie de reafirmação do poder que a emissora e o jornalismo têm de resolver o problema do cidadão, que não goza do mesmo prestígio junto à autoridade.

Entra Cabral: Já falamos hoje de manhã com o pessoal da AGETRAN, falamos com o diretor presidente o Janine que me garantiu: hoje atenção aí hein, pessoal aí Viviane hein. Hoje a partir das cinco horas da tarde quando começa aquela muvucona toda ali já vai ter agente da AGETRAN ali vendo como é que segura um pouco o fluxo porque é realmente é isso é uma obra na Bahia que desvia pra lá né e aí realmente incomoda bastante, mas já ta dentro da programação hoje já vai pra lá. Bruna é assim que a gente quer. A gente fala mostra aqui e o poder público toma uma iniciativa né?

A apresentadora Bruna Mendes entra, mais uma vez valorizando o papel de mediador do telejornal MSTV.

Estúdio Bruna Mendes: Isso é o que a população tá esperando na verdade né Cabral. Na semana passada nós inclusive mostramos algumas reivindicações de sinalização em algumas ruas. O telespectador foi atendido.

O repórter confirma o atendimento da solicitação diante da intervenção do telejornal. Percebe-se que essa situação é algo recorrente e destaca-se um duplo movimento: muitas vezes a emissora de televisão é chamada antes mesmo das autoridades, o que mostra que o telespectador confia mais no telejornalismo do que no Estado, mas, ao reafirmar que o problema foi resolvido 'em função do telejornalismo' isso também empodera e aumenta a importância simbólica do jornalismo comunitário. Aliás, o telejornalismo passa a integrar o imaginário do telespectador, em particular daquele mais carente ou mais frágil em relação ao Estado, como uma espécie de super herói que é acionado quando nada é feito pelas 'autoridades'.

Entra Cabral: Opa, opa, notícia boa é Gabriel Spipe Calarge com João Hernandes perto do Parati. Olha só. Olha o que aconteceu. Roda aí.

A Figura 50 mostra o vídeo de agradecimento feito pela telespectadora.

Figura 50 - Agradecimento moradora

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em: 13 set. 2021.

Essa é uma reclamação que afeta o dia a dia de toda comunidade próxima àquele local – como moradores, comerciantes, motoristas, pedestres, mas não houve nenhum aprofundamento do assunto.

Entra vídeo com a moradora Ivaneide Almeida- comerciante: Estamos aqui novamente na Rua Gabriel Spipe Calarge com João Hernandes para agradecer o pessoal da AGETRAN e todas as autoridades competentes. Agradecer a você Cabral e toda sua equipe por esse trabalho maravilhoso, o semáforo está semi pronto daqui uns dias vai estar funcionando. Então é isso agradecemos também o quebra mola e a sinalização da Rua João Hernandes porque nós temos certeza que vai acontecer também. Muito obrigado valeu!

O repórter Alexandre Cabral reafirma o compromisso do que é comunitário para a emissora.

Entra Cabral: Bruna a gente sabe. Vou chegar mais perto aqui. Mas mostrando assim fica melhor. Então a população aí nós aqui e a autoridade resolvendo esse é o gancho do comunitário. O comunitário tá aqui pra isso.

A apresentadora aproveita para reforçar a autopromoção do jornalismo comunitário da emissora. E lembra que, muitas vezes, é difícil, para o cidadão, resolver o problema sem a mediação do telejornal.

Estúdio Bruna Mendes: Comunitário é a fonte né, Cabral. Esse microfone que você está segurando na sua mão ele vai pra mão da população. A população tem voz, chama pede. É difícil às vezes você abrir um chamado na AGETRAN, demora um pouco, mas quando a gente mostra o problema. Telespectador tá aqui. Olha na minha rua tá acontecendo o acidente, tá filmando o acidente que tá acontecendo. Não tem como não atender né?

Na edição do dia 30/06/2020 mais uma vez o assunto foi o esgoto. A apresentadora reforça o aspecto de abordagem de problemas em bairros da capital e o repórter chama a participação de dois telespectadores que mandaram vídeos para redação do telejornal.

Estúdio Bruna Mendes: Já tá na hora Cabral de você receber a agente por aí. Tá né? A partir do meio dia você tem vários momentos aqui no jornal. Hoje tá sentando no banquinho que eu adoro. Qual bairro da capital que você destaca pra gente meu amigo. Bom dia!

O primeiro bairro é o Estrela do Sul e a moradora narra, de forma pouco esclarecedora, o problema.

Entra vídeo feito pela moradora: o vídeo curto mostra calçadão. Isso aqui guariroba, caiu um caminhão aqui e veio tipo um caminhão vieram e tamparam o buraco. Ó não tem nem condições de passar, aqui é o muro aqui é o buraco. Da uma olhada nisso. E assim segue o calçadão inteiro. Água acumulada. Nas casas laterais escorpião, bicho fora a dengue que tá tomando conta de tudo. Então a gente precisa de uma ajuda de uma posição.

O segundo local é na Santana, próximo à emissora de TV, e o vídeo foi gravado por um comerciante.

Entra vídeo feito pelo comerciante: Cabral estamos precisando aqui da sua ajuda. Olha o estado que ficou aqui da rua, esgoto a céu aberto. É na Santana com a Zahran. Isso aqui é esgoto. Isso sempre acontece. Isso tá uma vergonha. Ajuda nós aqui.

Passa-se, agora, à análise das unidades jornalísticas do mês de julho de 2020. A análise começa com a edição do dia 03/07/2020, onde um morador faz uma reclamação sobre uma obra de asfaltamento que não foi concluída. Novamente a participação do comunitário é introduzida pela apresentadora, que chama o repórter Alexandre Cabral.

Estúdio Bruna Mendes: Vamos para a casa do Cabral agora meu amigo que tá aqui ao vivo com a gente do quintal de casa. Que bairro está em destaque no comunitário de hoje para a gente encerrar a semana Cabral Bom dia!

Entra Cabral: Bom dia Bruna bom dia para todo mundo. Olha na verdade é a Grande Vila Nasser na verdade o Santa Luzia a gente já mostrou aqui Bruna aqui a cidade ela continua né... Ela continua pulsando, então tem obras, as obras estão acontecendo, só que o seu Donizete que mora no cruzamento da Rua Santa Madalena com a São Carlos lá no Grande Vila Nasser da indignado e mandou vídeo.

No vídeo o morador se identifica e narra o problema em um vídeo feito com o celular, como mostra a Figura 51.

Figura 51 - Reclamação buraco asfalto

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em: 13 set. 2021.

Entra vídeo enviado por morador mostrando o bairro. Bom dia Bruna eu sou o Donizete Lima. Vou mostrar as condições que está aqui o cruzamento da Santa Madalena com a São Carlos. Prometeram asfaltar aqui mais de ano. Vieram afofaram a terra, tamparam de novo e deixa o povo sofrendo no meio da lama e da poeira. Depois de um ano voltaram e fizeram a mesma coisa. Asfaltaram próximo aqui tudo e menos essa rua aqui onde tem muitas casas, muitas famílias, crianças que vão pro colégio, pessoas que pegam ônibus e tá nesse sofrimento quando não é lama é poeira e tá complicado. (Final inaudível)

Na resposta o repórter lembra que já são 30 anos lutando pelo asfaltamento e o compromisso dos contribuintes de pagar impostos como forma de garantir as melhorias no bairro.

Entra repórter Cabral: É não é fácil não seu Donizete. A gente sabe são mais de 30 anos tentando essa melhoria. Vocês pagam impostos aí todo mundo paga na Grande Vila Nasser Santa Luzia na verdade a obra é no Santa Luzia e para responder o seu Donizete o secretário de obra o Rudi Fiorese de obras mandou um vídeo pra gente. Mostra aí.

Na sequência é exibido o vídeo com a resposta gravada do secretário de obras (FIGURA 52).

Figura 52 - Resposta gravada secretário de obras

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em: 13 set. 2021.

Entra sonora Rudi Fiorese, Secretário de Obras de Campo Grande: Essa planta mostra a área que será pavimentada na região do Complexo Nasser. Essa obra já está em andamento algumas vias já receberam inclusive pavimentação asfáltica, as outras receberam em seguida, só estamos aguardando a implantação da rede de esgoto, e na sequência a prefeitura vem implantando a drenagem de águas fluviais e a pavimentação asfáltica.

O repórter destaca o prazo da obra.

Entra Cabral: Lembrando que essas obras estão prometidas, seu Donizete, até o final desse ano, que dizer, vamos aguardar aí né para ver como é que tá o andamento.

Na edição do dia 06/07/2020 mais uma vez o comunitário é relacionado a esgoto, um problema recorrente nos bairros da cidade.

Entra Cabral: Bom dia pra ti Bruna, bom dia pra todos. Olha é o seguinte vem lá do Nova Lima da Avenida Cândido Garcia uma das principais lá. A situação não tá boa lá não, principalmente essa hora olha aí.

A participação conta com um vídeo enviado pelo telespectador.

Entra vídeo feito pelo morador: Ó dá uma olhada nisso aqui. Olha só, tem condições? Esgoto puro, tá, ó esgoto puro. Ó a água entendeu, água de esgoto que vem do asfalto e escorre aqui pra rua de chão. Olha só que bonito. Aí eu peço as autoridades que tomem providências, porque tá difícil.

O repórter prontamente apresenta a resposta enviada pela SEMADUR.

Entra Cabral: Eu imagino como tá difícil. A SEMADUR disse que vai aí essa semana saber de onde tá saindo esse esgoto todo aí pra resolver esse problema de uma vez por todas, viu?

A edição do dia 07/07/2020 aborda um assunto que foi categorizado como Outros, por se tratar de roçagem de lote baldio. Chama-se a atenção para a forma como o repórter dá a resposta para a moradora, que reclama do mato alto ao lado da casa dela; mas em momento algum do vídeo ela aparece (FIGURA 53).

A moradora, Dona Fátima, relata, no vídeo enviado à redação, que o lote com mato alto gera insegurança. O repórter classifica dona Fátima como ‘a voz’ da comunidade.

Entra Cabral: Olha dona Fátima é uma simpatia viu? Eu quero te dizer o seguinte, pessoas como a dona Fátima, pessoa que manda vídeo fica sendo a voz da comunidade, porque as vezes ela pode reclamar de um problema dela, mas é na verdade da comunidade inteira.

Figura 53 - Reclamação mato insegurança

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em: 13 set. 2021.

Mais uma vez os jornalistas do telejornal têm a oportunidade de abordar o assunto de uma forma mais aprofundada, ressaltando os deveres que os cidadãos têm em relação ao bem-estar de toda comunidade, mas a abordagem é feita de forma superficial.

Estúdio Bruna Mendes: A gente sempre costuma dizer aqui que quem tem terreno e não tem construção obviamente que se você tem construção você tem que manter limpo também, mas não tem nada construído ali no terreno baldio é seu dever também meu amigo dono do terreno manter tudo limpo e em ordem por ali, esse é seu dever como cidadão tá bom.

Na edição do dia 10/07/2020 é apresentada a demanda de moradores em relação à iluminação pública, segundo o jornalista Alexandre Cabral, uma das principais reclamações da cidade. Usando uma linguagem informal, até mesmo com certo tom de brincadeira, com uma vela na mão, o repórter chama o vídeo feito pelo morador.

Entra Cabral: Nós vamos falar de uma demanda hoje que é uma das maiores aqui de Campo Grande que é a falta de iluminação pública. E lá se não tiver vela na mão, lá no bairro Jardim Ouro Preto, olha a coisa tá feita porque falta de iluminação pública é falta de segurança também, confere aí.

Alexandre Cabral é tratado pelo morador como o homem do bairro e não como o repórter do jornalismo comunitário.

Entra vídeo mandado pelo telespectador: Boa noite Cabral, tudo bem? Você que é o homem do bairro, aí da população eu tô fazendo o vídeo aqui em frente a minha residência,

olha bem a escuridão. Eu tive que colocar duas luzes, lâmpadas em frente minha casa aí ó, pra não ser roubado. Já fui roubado aqui quatro vezes já. Olha aí

A resposta vem em forma de nota e o repórter pede ao morador que fiscalize a solução do problema e envie o vídeo para o telejornal dando o retorno.

Entra Cabral: Seu Enoc eu sei que tá difícil aí. É o seguinte seu Enoc, a secretaria de obras avisou a gente que é o seguinte: que vai mandar uma equipe aí na sua rua já na semana que vem pra ver se tem a rede de baixa tensão, se tiver a rede de baixa tensão eles já vão colocar o braço, né que é onde fica a luminária e a luminária. Só que aí tem um negócio. Eu quero que o senhor fiscalize aí se chegou a luz se tá tudo certinho. Se chegar deu tudo certinho, faz um vídeo e manda pra gente.

A unidade jornalística tem, ainda, a participação de uma moradora do bairro Vila Jaci com uma reclamação semelhante. Destaca-se aqui o papel de subalternidade do cidadão, que tem que pedir 'ajuda' ao telejornal para resolver uma demanda.

Entra o vídeo enviado pela moradora: Queria pedir ajuda aí pra você por causa dessa iluminação pública aí ó, pra colocar um braço de luz aqui do poste, que foi arrancado da Rua Valparaíso 294 e também sobre essas árvores aqui pra pedir uma poda pra vocês porque as árvores... são cinco árvores no total que já tão invadindo já por cima da rede elétrica de energia. A gente já cansou de pedir essa poda.

A Figura 54 mostra a situação enfrentada pelos moradores.

Figura 54 - Reclamação iluminação pública

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em: 13 set. 2021.

Na sequência o repórter entra com a resposta em forma de nota.

Entra Cabral: E eu tenho uma resposta pra ela sim. É o seguinte: segundo a secretaria de obras vai também avaliar a situação e é a mesma coisa. Se tiver a rede de baixa tensão eles vão implantar o braço e a iluminação. São os equipamentos necessários ali. Aí se precisar poda também vai ser vistoriado pela secretaria de obras e aí vai dar andamento a esse pedido.

Ainda na unidade jornalística dessa edição o repórter Alexandre Cabral destaca o mesmo problema de iluminação pública em outro bairro da cidade, como mostra a Figura 55. O problema é o poste de iluminação escondido em meio às árvores.

Figura 55 - Reclamação iluminação pública

Fonte: Disponível em: globoplay.com/mstv-1ª-edicao-campo-grande. Acesso em: 13 set. 2021.

Entra Cabral: A lanterna Bruna porque Monte Castelo na Rua Pelotas só assim mesmo. Tem muita árvore e o morador reclama. Confere aí.

Entra o vídeo enviado pelo morador: Boa tarde Cabral, aqui é o Antônio Borges. Eu moro aqui no bairro Monte Castelo e a questão aqui na Rua Pelotas esquina com Rua do Ornamento. Nesse exato momento vou mostrar aqui pra você um poste aqui, agora vamos ver a luminária... está totalmente escondida e assim é com os demais três postes que existe aqui nessa quadra, alias quatro. A noite aqui é um breu meu amigo.

O repórter também apresenta a resposta em forma de nota para as duas situações relatadas pelo morador. E cobra uma solução.

Entra Cabral: Na Rua Pelotas duas situações: primeiro, a secretaria de obras disse que também vai fazer uma vistoria pra saber o seguinte o que ele pode fazer lá, se vai fazer a poda ou não e aí tem a resposta da ENERGISA. A ENERGISA vai no local também na semana que vem pra ver se toda essa situação está encostando no fio alta tensão e de baixa tensão, se tiver eles vão fazer a poda. Agora não pode Bruna é ficar esse jogo de empurra. Ou a secretaria de obras ou a ENERGISA, algum dos dois tem que fazer essa poda, porque desse jeito não dá pro morador ficar ali não.

Na edição do dia 28/07/2020 o assunto abordado foram os focos de dengue espalhados pela cidade em função dos lugares com água parada. A apresentadora diz que a produção do telejornal recebeu um vídeo de uma casa com um laguinho com água parada no bairro Amambaí e mostra as imagens. Bruna Mendes destaca que, segundo dados da secretaria municipal de saúde, o bairro tem 22% de índice de infestação. E faz um chamado para a responsabilidade de todos em relação ao combate à dengue.

Estúdio Bruna Mendes: pessoal nós temos que fazer o dever de casa aí no bairro, limpar o quintal, limpar o terreno baldio que é meu e eu não tô querendo vender.

Esta seria mais uma boa oportunidade para refletir sobre direitos e deveres do cidadão em relação ao bem-estar de todos, mas a responsabilidade do cidadão é tratada como ‘dever de casa’ e não como um compromisso mais sério. A unidade jornalística conta ainda com uma entrevista com a superintendente de vigilância e saúde, que também em momento algum chamou à responsabilidade os cidadãos, que devem cuidar de suas casas e evitar juntar locais com água parada que são, consequentemente, criadouros do mosquito.

Passa-se agora para a análise das unidades jornalísticas veiculadas no telejornal JA 1ª edição, exibido pela TV Anhanguera, Goiânia.

A observação começou com a edição do dia 01/06/2020, com uma unidade jornalística que aborda o assunto transporte. A chamada feita pelo apresentador Fábio Castro é curta e se resume a uma nota coberta.

Estúdio Fábio: A semana começou com mais uma semana de terminais cheios em Goiânia.

Entra nota coberta: Antes das seis da manhã com o movimento normal, os passageiros já garantiam um lugar na fila pra conseguir entrar no ônibus. A preocupação com o horário, a obrigação não espera. O passageiro enfrenta nos terminais um cenário repetido, igual aqui na Praça da Bíblia. Muito tempo aguardando o ônibus chegar e quando ele vem, nem cabe todo mundo. Era difícil não ver ônibus chegando ou saindo com gente em pé. Distanciamento social no transporte coletivo continua sendo só na promessa.

Percebe-se que não é dado espaço para o usuário do sistema se manifestar sobre o assunto. O espaço maior é dado para a nota-retorno da CMTC sobre a situação nos ônibus e terminais. O apresentador se restringe a fazer um pequeno comentário sobre o sofrimento enfrentado pelo usuário.

Estúdio Fábio: Pois é a CMTC informou que desde o começo do isolamento social determinou que todas frota seja colocada em operação nos horários de pico e ainda recomendou que os decretos municipal e estadual, sejam cumpridos. (Texto coberto com cenas da reportagem e com narração do apresentador do estúdio) O monitoramento do sistema é feito pela companhia com os fiscais em campo. Sobre o transporte de pessoas em pé a CMTC explica que essa atribuição é da Polícia Militar e da Guarda Civil Metropolitana. E ainda segundo a nota com a flexibilização de atividades do comércio a CMTC considera que é preciso revisar a determinação de só transportar pessoas sentadas. Já o sindicato de transporte das empresas informou que elas passam por uma crise financeira, o que dificulta a manutenção dos veículos e, além disso, tiveram que afastar muitos motoristas do grupo de risco, por isso só colocam em operação nos ônibus sem por cento seguros e também com equipe qualificada. Na verdade o que a gente está vendo aí nessas imagens é que a população, o passageiro continua sofrendo.

Ainda na edição do dia 01/06/2020 uma unidade jornalística chama a atenção. Não se trata necessariamente de um problema de bairro, mas de um problema de um cidadão pobre, que mora na periferia, no que Souza (2003) chama de condição de subcidadania. Um homem teve que provar duas vezes que não havia cometido um crime. A nota coberta, lida pelo apresentador, relata que agora ele quer uma indenização do estado.

Estúdio Fábio: Agora preste atenção nessa história. Um homem conseguiu provar pela segunda vez que foi acusado injustamente de um crime. O Eugênio Barbosa Filho tinha perdido a carteira de identidade encontrada por um bandido e durante uma abordagem policial ele foi confundido com o criminoso. Eugênio demorou oito anos pra provar sua inocência, mas ano passado ele recebeu outro mandado de prisão pelo mesmo crime e só em maio deste ano ele conseguiu ser inocentado de novo e agora ele quer uma indenização.

Entra sonora com Eugênio: Justiça depois de oito anos eu espero justiça, espero que entendam que hoje eu sou uma pessoa que estou doente, não tenho trabalho, então eu quero justiça.

O apresentador acrescenta ainda que agora Eugênio descobriu que tem uma doença degenerativa progressiva, que afeta o sistema nervoso central e leva à paralisia total. Mas na unidade jornalística não aparece nenhum especialista (advogado) que aborde o assunto e nem mesmo um representante do poder público para comentar o caso.

Na unidade jornalística do dia 02/06/2020 o assunto abordado é trânsito, com a liberação de um trecho da GO 070 que estava interditado desde janeiro por causa de uma erosão. O repórter faz o registro ao vivo, destacando a liberação do trecho que liga Goiânia à cidade de Goianira e é bastante movimentado. Entretanto, o repórter não aborda o assunto nem com motoristas, nem com moradores e comerciantes da região. Para valorizar o *link* foram usadas imagens de arquivo mostrando o tamanho da erosão e da obra que foi feita. Os falantes nessa unidade são apenas o apresentador e o repórter (FIGURA 56).

Figura 56 - Liberação trânsito GOINFRA

Fonte: Disponível em: globplay.globo.com/ja-1ª-edicao. Acesso em: 30 abr. 2021.

Edição do dia 06/06/2020 destaca-se a unidade jornalística que aborda o problema de iluminação pública próximo a um condomínio de prédios no Bairro Cardoso, na periferia da cidade, e que foi provocado depois que um caminhão derrubou um poste. Observa-se, ainda, que não há, na chamada feita pelo apresentador, qualquer referência a jornalismo comunitário. Esse tema seria facilmente enquadrado no perfil de comunitário nas outras emissoras, como TV Morena e TV Centro América.

Estúdio Fábio: E moradores do bairro Cardoso em Aparecida de Goiânia estão sem iluminação pública desde que um caminhão desgovernado derrubou um poste no anel viário. Assunto pro Henrique ramos que tá aqui porque a luz das casas até voltou, mas acabou e ainda não voltou né Henrique boa tarde!

O repórter faz a participação ao vivo com um morador, que é o síndico do condomínio, e durante a entrevista são usadas imagens do acidente gravadas pelo circuito interno de segurança do condomínio, como mostra a Figura 57.

Figura 57 - Reclamação energia/iluminação

Fonte: Disponível em: globplay.globo.com/ja-1ª-edicao. Acesso em: 30 abr. 2021.

A Figura 58 mostra parte das imagens capturadas por uma câmera de segurança do condomínio na hora do acidente e ajuda a ilustrar o problema.

Figura 58 - Uso de imagens de câmera de monitoramento

Fonte: Disponível em: globplay.globo.com/ja-1ª-edicao. Acesso em: 30 abr. 2021.

Entra repórter ao vivo: Pois é Fábio, boa tarde pra você e pra todos que nos acompanham! Eu tô aqui com os moradores sem acreditar que esse poste tá fazendo aniversário de uma semana caído aqui dentro do condomínio. Roberto que é síndico aqui do condomínio vai explicar pra gente o quê que aconteceu Roberto no domingo passado.

O síndico do condomínio reclama que já procurou as empresas de telefonia, a concessionária de energia elétrica, a prefeitura e ninguém toma uma providência, caracterizando, assim, o abandono das demandas dos bairros periféricos.

Entra sonora com o morador Roberto Kenedy, de máscara e com outro microfone na mão: Domingo por volta das cinco e meia um caminhão desgovernado perdeu a direção e bateu no muro. Nós ficamos todos assustados, derrubou esse poste aí, rebentou a grade da piscina como vocês podem ver aí. Nós ligamos na ENEL pra solicitar o reparo e ela falou que não é de competência dela e aí tamos jogados aí. Ligamos na OI ela falou que não é dela, ligamos na prefeitura também que a problemática não é competência deles. Então eu quero saber de quem é esse poste porque ninguém quer assumir a responsabilidade. Nós estamos aqui nessa situação faz uma semana.

O apresentador lê uma nota enviada pela concessionária de energia, a ENEL, que foi procurada pelo síndico do condomínio.

Entra estúdio Fábio Castro: Pois é a ENEL mandou uma resposta pra gente. Olha só vou ler aqui. Ela diz o seguinte. Diz que vai mandar uma equipe ao local pra verificar se o poste pertence à rede distribuidora. Em caso de postes que tem apenas estrutura de iluminação pública a responsabilidade de troca é da prefeitura. Essa é a resposta que a gente tem viu Henrique em relação à questão aí. Se a ENEL não tirar esse poste vai ter que chamar a prefeitura pra tirar esse poste. Olha aí a gente ta vendo de novo as imagens o estrago no muro que acabou derrubando o poste também né Henrique.

A nota que foi lida não é assinada por nenhum diretor. Fala-se apenas da empresa. Não há uma personificação da responsabilidade pela nota. Diante da falta de clareza da nota, o apresentador volta a intervir. E usa a expressão ‘tamo junto’ para reforçar a ideia de que o telejornal vai insistir em achar uma solução para o caso.

Entra estúdio Fábio Castro: E a gente vai acompanhar viu Henrique pode avisar os moradores aí que a gente vai acompanhar. Tamo junto aí pra ver se a ENEL ou a prefeitura possam aí resolver a questão desse poste porquê desse jeito que ta aí não pode continuar de jeito nenhum. Obrigada pelas informações.

A edição do dia 09/06/2020 divulga um estudo que mostra bairros periféricos como o novo epicentro da Covid-19. Entre os bairros mais afetados estão Jardim Guanabara, Jardim

Novo Mundo e Residencial Vale dos Sonhos. Novamente destaca-se o fato de que um assunto como este teria destaque com caráter comunitário nas outras duas emissoras pesquisadas, já que envolve a vida nos bairros. Durante a reportagem gravada são ouvidos dois moradores dos bairros atingidos, um pesquisador da Universidade Federal de Goiás (UFG), que atribui o crescimento da doença nos bairros da periferia à baixa adesão ao isolamento social e à necessidade de usar o transporte público.

Entra sonora com Edson Almeida – pesquisador da UFG: O número de casos está principalmente abaixo do isolamento social. As pessoas necessitavam então do transporte público pra realização de suas atividades de trabalho.

Na reportagem também é ouvido um motorista do transporte coletivo, mas o que chama a atenção, quando se fala em cidadania e reconhecimento de igualdade de direitos e desigualdade social, é a fala final do apresentador ao se referir à qualidade do transporte público durante a pandemia.

Estúdio Fábio Castro: É o trabalhador, o pobre da cidade já vinha alertando, protestando, reclamando das condições como, por exemplo, do transporte coletivo por conta das aglomerações. E agora essa doença que chegou aqui atingindo os bairros nobres da capital, agora chega atingindo a periferia os bairros onde a população mais humilde, que trabalha, acorda cedo, rala pra caramba sofre por conta disso. Por conta disso, não tem condições às vezes de ficar em casa, cumprindo o isolamento social e acaba sofrendo como a gente viu ali na reportagem.

A unidade jornalística em formato de reportagem gravada termina com uma nota da CMTC, que não reconhece a ligação entre a disseminação do vírus e o transporte coletivo.

Entra Estúdio Fábio Castro: A CMTC disse pra gente o seguinte: Que não há nenhum dado oficial que indique que a contaminação por Covid-19 tem relação direta com o transporte público, coletivo e que solicitou a secretaria municipal de saúde informações de pessoas confirmadas com a doença para que a companhia faça uma triagem com os dados aí que a companhia consegue reunir.

A edição do dia 10/06/2020 apresenta uma reportagem que poderia ser útil no sentido de oferecer, ao cidadão, informações importantes no caso de acidentes provocados por fios de empresas de telefonia que são arrebentados e ficam espalhados nas ruas. A nota coberta feita com ajuda de câmeras de segurança e flagrantes feitos por celulares, de moradores e transeuntes, mostra uma situação em que os fios no asfalto provocaram dois acidentes com motociclistas na rua C7 (FIGURA 59).

Figura 59 - Acidentes de trânsito

Fonte: Disponível em: globplay.globo.com/ja-1ª-edicao. Acesso em: 30 abr. 2021.

No estúdio o apresentador se limita a dar uma nota-retorno sobre o assunto.

> **Estúdio Fábio Castro**: Nossa que perigo! A gente pediu uma posição para operadora TIM sobre os fios soltos na rua e a empresa informou que está apurando se houve algum reparo de ali na região e se o equipamento envolvido no acidente citado pertence a companhia. A gente também aguarda uma confirmação por parte da empresa sobre esse assunto que eles vão apurar internamente também, pra gente poder explicar pra todo mundo que acompanha o jornal Anhanguera.

A outra unidade jornalística, exibida no dia 10/06/2020, é sobre transporte coletivo. Este é um problema que afeta vários bairros em Goiânia e se agravou com a pandemia e as restrições sanitárias. A unidade, em formato de nota coberta, narrada pelo apresentador, tem a colaboração de vídeos enviados por dois telespectadores.

> **Estúdio Fábio Castro**: E não é de hoje que a gente recebe denúncias de passageiros reclamando dos ônibus em toda região metropolitana. A Maria mandou pra gente.

> **Estúdio Fábio**: Aglomeração também em Goiânia em outro vídeo que mandaram pra gente. Quem mandou foi a Caroline. Ela mandou hoje cedo.

A nota lida pelo apresentador, ao final da unidade jornalística, tem um tom brando de cobrança e não apresenta maiores questionamentos. Novamente a unidade não traz entrevistas com usuários do sistema de transporte coletivo. Dessa forma, o maior interessado no problema

não foi ouvido. A velha máxima que o telejornalismo é a voz do cidadão cai por terra. Em relação à nota que foi lida pela apresentadora, o órgão responsável praticamente põe a culpa da aglomeração no próprio usuário.

Entra Estúdio Fábio Castro: A CMTC disse que o fluxo de passageiros nos terminais vem aumentando por causa da flexibilização das atividades do comércio. Flexibilização tomada dia 20 de abril segundo essa nota que a gente recebeu. E disse que a determinação de que os ônibus só circulem com os passageiros sentados também provoca aglomeração, é o que eu tava falando aqui agora, mas que higieniza as frotas de ônibus e os terminais todos os dias. Mas o que a população quer, o que o passageiro quer é o ônibus ali na hora que a gente precisa. E isso não acontece.

Na edição do dia 12/06/2020 o assunto volta a ser transporte coletivo. A unidade jornalística foi feita a partir de um vídeo enviado por uma telespectadora (FIGURA 60).

Figura 60 - Reclamação transporte

Fonte: Disponível em: globplay.globo.com/ja-1ª-edicao. Acesso em: 30 abr. 2021.

Entra Estúdio Fábio Castro: A sexta feira começou com mais aglomeração no terminal da Praça da Bíblia em Goiânia. A Maria que é de Senador Canedo, ela mandou pra gente um vídeo onde bem cedinho a quantidade de pessoas esperando pelo ônibus nas plataformas do terminal, bem apertado. O pessoal fica muito pertinho mesmo. Pessoas muito próximas umas das outras. Isso impressiona todo mundo que estava ali. Olha aí gente a quantidade de pessoas ao redor do ônibus. E quando o ônibus chegou mais aglomeração na porta. Essa que a gente tá vendo. Todo mundo querendo entrar pra poder ir trabalhar.

Na sequência, o apresentador chama o repórter João Vitor Guedes, que está do lado de fora de um terminal de ônibus e atualiza o assunto com uma nota da CMTC, que não acrescenta

nenhuma novidade em relação ao que já foi dito em outras reportagens feitas pela emissora (FIGURA 61).

Figura 61 - Reclamação transporte

Fonte: Disponível em: globplay.globo.com/ja-1ª-edicao. Acesso em: 30 abr. 2021.

Entra o repórter João Vitor Guedes ao vivo: A CMTC informou pra gente que o fluxo de usuários nos terminais aumentou desde a flexibilização do comércio e que essa demanda é acompanhada diariamente por fiscais da CMTC que são deslocados para esses locais e também pra central de controle operacional que reúne dados desse sistema. Esse fluxo aliado a determinação de só realizar o transporte de passageiros sentados conforme prevê o decreto estadual, provoca a aglomeração. Então, quem tá sentindo na pele é o usuário mesmo.

No estúdio o apresentador arremata a participação do repórter lembrando que os mais prejudicados são os trabalhadores pobres que moram nos bairros periféricos; ele chega a usar o termo ‘população desassistida', ‘desamparada’ em relação ao transporte público.

Entra estúdio Fábio Castro: A gente sabe que os casos de Covid-19 eles se espalharam pela cidade. Antes ficavam concentrados nos setores Bueno, Oeste, agora estão em todas as regiões. Regiões onde grande parte da população, a população que é humilde, levanta todo dia muito cedo pra ir trabalhar, buscar seu sustento, em muitas situações não têm condições de fazer o isolamento social e essa população está desassistida, desamparada esperando uma autoridade corajosa que possa apresentar solução e evitar esse tipo de perigo que a população, esse passageiro, vivencia todos os dias nos horários de pico aqui no transporte coletivo da região metropolitana.

A edição do telejornal que foi ao ar dia 23/06/2020 se destacou na pesquisa não em função do problema no bairro, a Vila Santa Rita, e sim por causa de um gesto espontâneo de solidariedade de uma mulher que tenta melhorar a vida das pessoas na comunidade onde mora.

Estúdio Fábio: E agora você vai conhecer a história de uma dona de casa na vila Santa Rita em Goiânia que está fazendo a diferença na comunidade onde ela mora durante essa pandemia. Ela está cozinhando e oferecendo um prato de comida pra quem está passando por dificuldade.

A dona de casa Marilda Silva Alecrim, de 63 anos, prepara comida para 180 pessoas entre crianças e idosos (FIGURA 62). A repórter dá os detalhes que tornam a história ainda mais interessante.

Figura 62 - Distribuição de comida dona Marilda

Fonte: Disponível em: globplay.globo.com/ja-1ª-edicao. Acesso em: 30 abr. 2021.

Entra passagem da repórter Terciane Fernandes: E sabe o que é mais curioso nessa história? É que dona Marilda que já foi lavradora, gari, cozinheira, hoje está desempregada e mora numa casa muito humilde dentro de uma invasão e sequer tem luz e água tratada.

A reportagem ressalta o caráter solidário da ação de dona Marilda, que conta com ajuda de uma ONG para fornecer a comida. Não há dados sobre a fome no Estado ou no Brasil e nenhuma reflexão sobre o impacto na comunidade ou sobre cidadania. A reportagem é tratada apenas como um gesto de generosidade com visível apelo para o aspecto emocional. E, ao final, o apresentador Fábio Castro dá uma nota da ENEL e da SANEAGO sobre a instalação da rede de água e luz na casa de dona Marilda. E as notícias não são boas.

Estúdio Fábio: Que generosidade né? Nossa é de tocar o coração. Opa! Como você viu na reportagem, a casa da Marilda ainda não tem luz e água tratada né e tanto a ENEL quando a SANEAGO disseram que vão mandar uma equipe hoje até a casa dela pra ver o que pode ser

feito. Com certeza cada um pode fazer um pouquinho para ajudar. Mas adiantaram que só podem instalar água e luz em áreas regularizadas. Nós também entramos em contato com a prefeitura pra saber se tem uma previsão pra essa região do Parque Santa Rita ser regularizada, mas a gente não teve retorno em relação a esse questionamento.

Na edição do dia 24/06/2020 o jornal Anhanguera primeira edição voltou a abordar o tema transporte público. Novamente a cena de aglomerações em ônibus e terminais se repete.

Estúdio Fábio Castro: E como a gente já mostrou o comércio não essencial em Goiânia está de portas novamente abertas desde ontem, aí nós ficamos curiosos para saber como é que tá o transporte coletivo. Como o transporte coletivo se comportaria com esse retorno. Nas ruas o que vimos foi muita aglomeração e desrespeito às regras do decreto.

A reportagem, gravada, mostra a movimentação nos ônibus e em três grandes terminais: Bandeiras, Praça da Bíblia e Padre Pelágio. Uma telespectadora mandou, para redação do telejornal, uma foto de como estava a situação dentro do ônibus, como mostra a Figura 63.

Figura 63 - Transporte aglomeração

Fonte: Disponível em: globplay.globo.com/ja-1ª-edicao. Acesso em: 30 abr. 2021.

***Off* repórter**: De ponta a ponta o que se viu no segundo dia da reabertura do comércio em Goiânia foram ônibus e terminais cheios. A fila a espera do ônibus já estava assim as 5:40 da manhã no terminal padre Pelágio. Todo mundo junto. Quando Arlete vieira que mandou o vídeo pra gente conseguiu entrar no ônibus da linha 009 foi espremida no meio de muitas pessoas. Mais um dia também de aglomeração no terminal Bandeiras. Filas e mais filas de pessoas tentando chegar ao trabalho. E olha só como estava para entrar no ônibus do terminal Praça da Bíblia também nessa manhã. Um tumulto como se não estivéssemos vivendo uma pandemia com perigo real de transmissão do vírus.

Para compor a reportagem foram ouvidos cinco usuários do sistema de transporte coletivo (FIGURA 64).

Figura 64 - Transporte reclamação de usuário

Fonte: Disponível em: globplay.globo.com/ja-1ª-edicao. Acesso em: 30 abr. 2021.

Ao final da reportagem, no estúdio, o apresentador novamente apresenta uma nota da CMTC e outros órgãos envolvidos no assunto. Praticamente não há evolução na resposta.

> **Entra Fábio**: A CMTC esclareceu pra gente o seguinte. Que tem feito a fiscalização do transporte todos os dias e que pra cumprir o decreto estadual e da prefeitura de Goiânia de só transportar passageiros sentados teria que colocar mais de mil ônibus na frota em operação e que vai mandar para prefeitura de Goiânia e o governo do estado uma nova proposta para a melhoria do transporte coletivo. Isso deve ser feito nos próximos dias. A população aguarda hein, ansiosa em relação a essa proposta. E nós entramos em contato também com a central de fiscalização de covid19 criada pela prefeitura de Goiânia justamente pra ver de perto as ações de combate a doença e também com a REDEMOB, mas ainda aguardamos as respostas. O espaço está aberto aqui também pra todos se manifestarem e trazerem uma resposta não pra gente, pra mim que estou no estúdio, mas pra população pro passageiro que tem que enfrentar toda essa dificuldade que a gente acabou de acompanhar na reportagem.

Também na edição do dia 24/06/2020 foi veiculada outra unidade jornalística relacionada a um bairro da capital, o setor Pedro Ludovico, onde fica o terminal Isidória, que faz parte das obras de implantação do BRT na capital.

Estúdio Fábio Castro: E um trecho da primeira radial foi interditado para construção do terminal Isidória no setor Pedro Ludovico. A obra lá faz parte do projeto do BRT, o motorista que passar por lá ele precisa redobrar a atenção, vamos ver:

A repórter Renata Costa mostra, na reportagem gravada, os desvios que foram feitos para orientar os motoristas que passam pelo local (FIGURA 65).

Figura 65 - Mudanças trânsito

Fonte: Disponível em: globplay.globo.com/ja-1ª-edicao. Acesso em: 30 abr. 2021.

***Off* repórter**: A placa na primeira radial para quem vem da avenida 90 aponta um desvio para quem quer seguir para o sul até a rodovia. O caminho é pela avenida circular que em 700 metros te coloca de volta na rota. A mudança é pra diminuir o fluxo de veículos em torno do terminal que começou a ser reconstruído. Agora máquinas pesadas estão dividindo parte da pista da 4ª radial com os carros. A via ficou bem mais estreita

A reportagem conta com a participação do secretário municipal de Trânsito, Fernando Santana, e do secretário de Infraestrutura, Dolzonan Matos. O que chama a atenção é que apenas um morador é ouvido sobre a obra, e, mesmo assim, fala muito rapidamente, sendo que o final da entrevista é inaudível.

Entra sonora Adriel Caixeta – advogado (morador): Por enquanto a gente tá com essa pandemia tá (inaudível) vai complicar – a máscara abafou a resposta mas tudo indica que ele reclama.

A repórter faz uma participação ao vivo em frente ao terminal Isidória falando sobre o trânsito na região naquele horário. A repórter participa sozinha. Nem comerciantes, nem

moradores são ouvidos, mesmo comentando que o trânsito não foi totalmente interrompido para não atrapalhar o movimento local do bairro.

Entra Repórter Renata Costa ao vivo: Mas a gente pode ver que tá passando carro atrás de mim, moto, é porque o trânsito não foi totalmente interrompido, na verdade diminuiu o fluxo aqui até porque a prefeitura tem tentado fazer sempre essas intervenções pensando no comércio local, existe supermercado, tem açougue aqui, tem farmácia tem um série de coisas que continuam funcionando. Então quem tá aqui pode ficar tranquilo que pode circular por aqui de boa, fazer suas compras e ir embora pra casa.

A repórter faz um histórico da obra, que começou em 2015 e foi interrompida algumas vezes por causa de divergências em relação aos recursos, mas não faz maiores comentários e encerra a participação.

Na edição do dia 25/06/2020 o assunto abordado é novamente o transporte coletivo na grande Goiânia.

Estúdio Fábio Castro: E mais um dia de sofrimento para os trabalhadores que precisam pegar ônibus. Muita gente reclama que o escalonamento do comércio ainda não mudou em nada a realidade deles, principalmente na volta pra casa.

Apesar de ser tratada de maneira repetitiva, dessa vez a reportagem apresenta um diferencial: mostra a situação de um passageiro que não sai para trabalhar, mas sim para fazer um tratamento de saúde e se arrisca pegando ônibus.

***Off* repórter**: Risco enorme pro Samuel de 66 anos que depende de ônibus para sair do Garavelo e vir pro Hugo tratar de uma arritmia cardíaca.

Entra sonora passageiro Samuel –Aí quando o ônibus sai do terminal o quê que acontece, ele sai cheio e vai lotando de pessoas, descendo e subindo.

Além dos usuários do sistema de transporte coletivo, a reportagem também ouviu o gerente de transporte da METROBUS, que fala sobre a higienização dos ônibus. Na sequência o apresentador encerra com mais uma nota da CMTC, que é muito parecida com a nota dada na edição do dia 24/06/2020.

Estúdio Fábio Castro: Em nota a CMTC disse que fiscaliza os terminais, mas que agora com maior flexibilização do comércio, as empresas não conseguem cumprir a regra de transportar os passageiros apenas sentados. Pra isso teria que ter um incremento de mil ônibus na frota e por isso a CMTC defende que esse ponto de decreto deveria ser revisto porque na prática né,

gente faz uma aspas aqui, um parêntese na verdade, isso nunca existiu, nunca aconteceu na verdade. E nos próximos dias, continuando a nota, uma nova proposta pra melhoria da qualidade do transporte será levada à prefeitura de Goiânia e ao governo do estado e a gente aguarda ansiosamente por essa proposta.

No dia 01/07/2020 o assunto abordado volta a ser o transporte coletivo na região metropolitana de Goiânia.

Estúdio Fábio Castro: E desde cedo a gente está acompanhando a movimentação nos terminais de ônibus do transporte coletivo nesse primeiro dia de comércio não essencial fechado e é grande a movimentação de passageiros. Parece que isso não muda de jeito nenhum.

A reportagem começa com flagrantes enviados por telespectadores de dentro do ônibus lotado (FIGURA 66).

Figura 66 - Transporte flagrantes de telespectadores

Fonte: Disponível em: globplay.globo.com/ja-1ª-edicao. Acesso em: 30 abr. 2021.

***Off* repórter**: Dentro do ônibus mais flagrantes de superlotação. Passageiros em pé, sem condições de manter distância segura. Este outro passageiro registrou de dentro do ônibus a movimentação no terminal Isidória antes das sete da manhã.

Na sequência entra um vídeo narrado pelo usuário do transporte de dentro do ônibus.

Entra vídeo narrado pelo usuário: Aqui agora eu vou pegar o 263. Daqui em vou passar em frente ao CRER. Mais um aperto aí. Aí é o último. Aí daqui... isso aqui eu não pego mais ônibus hoje não.

A reportagem mostra, ainda, imagens de aglomerações nas plataformas de ônibus e ouve três usuários. Depois o apresentador encerra com mais uma nota da CMTC.

Estúdio Fábio Castro: Olha, em nota a Companhia Metropolitana de Transporte Coletivo solicita que o uso do transporte público seja feito somente por quem precisa trabalhar em serviço essencial. Disse também que isso não foi cumprido pelos passageiros. E sobre aglomeração a CMTC disse que cada pessoa deve manter a distância segura de um metro e meio entre as pessoas nesse momento de pandemia.

A reportagem da TV Anhanguera volta aos terminais e ônibus lotados na edição do dia 03/07/2020.

Estúdio Fábio Castro: E os terminais de ônibus mais uma vez lotados. Ônibus cheios, pessoas viajando em pé e o ônibus com a porta aberta. É, o passageiro diz que se sente jogado.

A abordagem desta vez é sobre a confusão gerada pela suspensão da liminar que permitia o retorno às atividades não essenciais.

Entra passagem do repórter Vitor Hugo Araújo: A confusão fez muita gente acordar bem cedo pra ir trabalhar, voltar a enfrentar condições como esta de ônibus lotados sem saber que uma nova decisão havia suspendido a liminar que permitia o retorno do comércio.

A Figura 67 mostra que uma frase dita por uma passageira é usada como ponto de destaque da reportagem.

Figura 67 - Transporte terminais cheios

Fonte: Disponível em: globplay.globo.com/ja-1ª-edicao. Acesso em: 30 abr. 2021.

Entra sonora passageira (não identificada): Ficam jogando a gente de um lado para o outro.

Essa é uma fala interessante, uma vez que evidencia o papel do subcidadão. Aquele sujeito que não tem direitos e vive à margem da sociedade. No estúdio o apresentador finaliza a reportagem com uma nota da METROBUS sobre o defeito no ônibus, que estava rodando com a porta aberta.

Estúdio Fábio Castro: E sobre o defeito da porta que ficou aberta ali que a gente viu a reportagem, a METROBUS disse que abriu uma sindicância para apurar o que aconteceu. A METROBUS disse que a manutenção dos ônibus, essa manutenção está em dia. Os motoristas são orientados a não rodarem com ônibus com defeito e isso ele deve ir para garagem.

Nessa edição não tem nota da CMTC, mas tem um posicionamento curioso do apresentador. Pela primeira vez, durante o período de observação, o telejornal fala abertamente de respeito ao cidadão com o oferecimento de um transporte público de qualidade.

Estúdio Fábio Castro: A gente continua sempre acompanhando aqui no Jornal Anhanguera. Vamos sempre bater na tecla que o passageiro ele precisa ser respeitado. O cidadão precisa ser respeitado e isso é prioridade nossa aqui no Jornal Anhanguera e a gente vai estar sempre acompanhando essas discussões, porque a gente sonha um dia ter o transporte coletivo de qualidade e que respeite o cidadão.

A edição do dia 06/07/2020 novamente aborda o problema da lotação do transporte coletivo na Grande Goiânia. A unidade jornalística faz parte de um vídeo mandado por um telespectador que é usuário da linha 026.

Estúdio Fábio Castro: E os flagrantes de aglomeração continuam dentro do transporte coletivo. Carlos Henrique de Andrade que é nosso telespectador, ele mostrou a situação da linha 026 hoje pela manhã. Vamos ver:

E segue a narração do apresentador sobre a aglomeração dentro e fora do ônibus.

***Off* nota coberta apresentador**: De acordo com o Carlos todos os dias o ônibus tá assim, lotado. Gente em pé e muito próximas umas das outras. Isso foi hoje viu gente, por volta das sete horas da manhã. E a pergunta que fica é: onde está a fiscalização para evitar que isso aconteça. Olha a gente vai sempre continuar mostrando aqui no jornal Anhanguera a situação difícil que os nossos passageiros vêm enfrentando aqui no transporte coletivo aqui da capital.

O apresentador encerra a unidade jornalística mais uma vez com a nota da CMTC e do sindicato das empresas.

Estúdio Fábio Castro: E nós fomos atrás de respostas para quem faz uso dessa linha de ônibus a 026. A CMTC disse que a fiscalização é feita diariamente e para que o decreto seja cumprido em sua totalidade, ou seja, para que cenas como essa não se repitam,seria necessário o incremento de mil ônibus na frota, o que só é possível com a criação de um fundo para o transporte. O sindicato que representa as empresas de transporte disse que os motoristas são orientados a conversarem com os passageiros e que não deveriam abrir as portas quando o veículo já estiver cheio. Esse procedimento segundo o sindicato vai ser alinhado com a empresa responsável pela linha de ônibus. E por fim o sindicato também disse que tem solicitado apoio para os órgãos de fiscalização como a polícia militar que não respondeu aos nossos questionamentos.

Na edição do dia 15/07/2020 um telespectador usou o aplicativo QVT para denunciar dezenas de ônibus parados na garagem de uma empresa de ônibus. A unidade jornalística começa com a denúncia. Percebe-se que a fórmula de denúncias e reclamações do usuário se repete à exaustão; por outro lado, o poder público ignora solenemente as reclamações, repetindo praticamente a mesma nota a cada edição.

Estúdio Fábio Castro-Mensagem chegando para gente aqui no telão interativo do QVT o Júlio que mandou para gente, ‘’ Do meu apartamento vejo muitos ônibus parados na garagem da empresa de ônibus que fica na Vila União’’.
Essa mensagem que ele mandou aqui para a gente. Tem até uma foto né? Olha só essa imagem aqui quantos ônibus, aí a gente faz aquela pergunta sobre porque eles não estão circulando? Por que esses ônibus estão parados e a população se espremendo parecendo a lata de sardinha nesses ônibus circulando pela Região Metropolitana, e com um monte de veículos. Veículos que estão parados ali na garagem esse registro que o Júlio mandou pra gente.

Em nota a CMTC e o sindicato das empresas tentaram explicar a situação.

Estúdio Fábio Castro: A CMTC informou que tem feito o levantamento diário da demanda por ônibus, estão levantando dados para reforçar linhas mais carregadas e segundo eles, eles vão fazer esse levantamento e devem repassar isso para gente.
Nós também entramos em contato com o sindicato das empresas de ônibus. O sindicato das empresas de transporte público e passageiros de Goiânia e região metropolitana disse em nota que é normal ter dentro das empresas que parte da frota não esteja em operação, os ônibus precisam passar por manutenção e outros permanecem no pátio porque estão a venda e já foram substituídos por ônibus mais novos que já estão nas ruas.

Na edição do dia 16/07/2020 do jornal Anhanguera primeira edição voltou a abordar o tema transporte coletivo.

Estúdio Fábio Castro: E a gente acompanhou novamente o embarque de passageiros aqui em Goiânia. Pois é vamos falar de transporte coletivo aqui no Jornal Anhanguera. O Gabriel Garcia foi até dois terminais de ônibus e viu muita gente reunida.

O repórter percorre os terminais Praça da Bíblia e Praça A e encontra situações de aglomeração. O que chama a atenção nesse vídeo é que, pela primeira vez, depois de oito reportagens sobre o assunto em dois meses de observação, o presidente da CMTC apareceu em uma entrevista.

Entra sonora presidente da CMTC Benjamin Kennedy Machado da Costa: Com abertura do comércio agora nós fizemos um incremento da frota que tá operando então a aglomeração continua mas em menor escala do que nós tínhamos antes na semana passada e também com a proposta que teremos a colocação de linhas realmente diretas em várias regiões da cidade.

Depois da entrevista do presidente da CMTC o apresentador encerra a unidade jornalística afirmando que o telejornal vai continuar acompanhando o assunto.

Estúdio Fábio: Pois é, o Jornal Anhanguera continua acompanhando de perto passo a passo sobre as discussões pra melhorar o transporte coletivo aqui da região metropolitana principalmente nesse período de pandemia.

Na edição do dia 17/07/2020 o assunto foi o fechamento do CIAMS do setor Pedro Ludovico, que atende boa parte da população que mora nos bairros da região sul da cidade. O assunto não foi tratado como jornalismo comunitário, apesar de impactar a vida de moradores de vários bairros periféricos.

Entra estúdio Fábio Castro: A reforma de unidade de saúde aqui da capital que deveria ser motivo de comemoração né para todo mundo tá deixando muita gente preocupada e com medo de ficar sem atendimento uma delas uma dessas unidades é o CIAMS Pedro Ludovico.

A reportagem acompanha a preocupação com a suspensão do atendimento de funcionários da unidade e os usuários do sistema preocupados com o atendimento.

Entra sonora Júlio César do Brasil, autônomo: Trabalho na Chácara do Governador, o Cais de lá fechou, eu precisei de um clínico geral e me mandaram aqui para o setor Pedro porque o lugar mais próximo seria na Vila Redenção mas lá também não tinha o atendimento que eu precisava devido a falta de vagas, fechando aqui vão me levar para aonde se eu precisar pro Novo Mundo? Oliveiras?

Entra sonora com profissionais que foram gravados em contra luz para não serem identificados e legenda para a voz que foi distorcida: Recebemos o comunicado ontem, ao final da tarde, pela direção da unidade, falando que a unidade estará fechada até sexta-feira. A partir de segunda já não estaremos aqui e sem um documento oficial da lotação de cada servidor, apenas uma comunicação verbal.

No estúdio o apresentador conversa com o superintendente de gestão de redes da secretaria municipal de saúde (no telão), que explica como será a suspensão do atendimento e a relocação de funcionários.

Entra sonora Silvio Jose de Queiroz, superintendente de gestão de redes: Boa tarde Fábio, boa tarde a todos que assistem o programa, na verdade desde o dia 23 de março, houve a publicação de um decreto do prefeito, o serviço de atendimento lá do CIAMS já estavam suspensos em 95% porque é uma unidade de consulta especializada. Nesse momento tínhamos em atendimento na unidade, em atividade 3 ginecologistas e 2 clínicos, esses profissionais foram distribuídos nas unidades próximas ao Pedro Ludovico, como por exemplo o Centro de Saúde do Parque Amazônia, e centro de saúde da Vila Redenção. Os atendimentos não serão prejudicados, tendo em vista que não era uma unidade de referência para o atendimento de Covid. As unidades são as 10 unidades de urgência que nós temos CAIS, CIAMS e também as UPAS e temos ampliado esse trabalho. Estávamos com 14 unidades da atenção básica fazendo ali o atendimento a partir da próxima semana teremos 63 unidades da atenção básica também fazendo e reforçando o atendimento. Esses profissionais eles serão realocados hoje, todos tomarão conhecimento para onde, quais as unidades eles irão e vão reforçar o atendimento para os pacientes com Covid nas outras unidades da secretaria municipal de saúde.

Percebe-se que o representante da secretaria de saúde se refere ao atendimento da unidade apenas como local de atendimento de casos de Covid e não cita outros procedimentos que são feitos ali. A resposta é incompleta à medida em que ele não dá prazo para realização da obra e para a unidade voltar a funcionar normalmente. O apresentador não faz questionamentos nesse sentido. Mais uma vez a fórmula é somente mostrar o problema, sem maiores reflexões.

Na edição do dia 29/07/2020 o assunto abordado é trânsito e as obras de construção do viaduto da Avenida Leste Oeste. A obra interfere na rotina da população de vários bairros da região e reflete diretamente no trânsito da cidade, no entanto, o assunto não é tratado como jornalismo comunitário.

Entra estúdio Lilian Lynch: Olha começaram hoje as obras do viaduto da Avenida Goiás Norte mais uma obra aqui na capital que deve mexer com o trânsito, agora o trânsito da região norte aqui de Goiânia. Bora conversar com a Giovana Dourado que tem informações para gente hoje o Giovana previsão de duração dessa obra até dezembro agora né previsão. Vamos

falar sobre o trânsito então aí na região enquanto esse trabalho estiver acontecendo aí boa tarde!

A repórter faz uma extensa participação ao vivo do local, explicando como vai ser a obra, as etapas, o momento de interdição do trânsito e o orçamento de 10 milhões de reais sem ouvir ninguém sobre o fato, como mostra a Figura 68. Selecionou-se aqui apenas um trecho.

Figura 68- Trânsito obras viaduto

Fonte: Disponível em: globplay.globo.com/ja-1ª-edicao. Acesso em: 30 abr. 2021.

Entra repórter Giovana Dourado: Eu tô bem no local onde vai acontecer a obra mesmo né no cruzamento da Perimetral Norte com a Goiás. Nós vamos mostrar para vocês que vai acontecer a interligação. Tem a pista sendo feita do lado de cá da Goiás Norte e do lado de lá também. Para interligar tudo isso vai ser feito um viaduto e ele vai terminar bem ali nesse terminal que é o terminal Perimetral que está em obra. Também a gente consegue ver a extensão dele ali, o tamanho. Já tem a armação já é possível de se enxergar. Ele vai terminar ali. Vai ter quatro pistas, duas delas para os ônibus do BRT e duas para os demais veículos. O projeto é que as pistas de ônibus sejam elevadas e passem por cima para dar uma fluidez maior, uma velocidade maior para o transporte coletivo que deve ser priorizado...

A edição do dia 30/07/2020 do jornal Anhanguera 1ª edição finaliza o mês de junho da forma como começou, abordando o assunto transporte coletivo. O telejornal exibe exaustivamente os vídeos enviados por dois telespectadores.

Entra estúdio Lilian Lynch - Jornal Anhanguera tá de olho também é muito tempo na situação do transporte coletivo vários telespectadores que usam os ônibus para poder trabalhar mandaram vídeos para gente com muitos flagrantes de aglomeração.

Entra nota coberta Lilian Lynch :O Fagundes Oliveira filmou aglomeração dentro do ônibus do terminal Praça A. Os passageiros estão de máscara, mas um encostado no outro. Prato cheio para o coronavírus. Agora dá uma olhada na fila no terminal praça da Bíblia é de perder de vista, mas não é só do lado de fora do ônibus que tem aglomeração dentro mal dá para se mexer. No Terminal Padre Pelágio a situação tá igual, filas intermináveis. É tanta gente que não tem como cumprir um distanciamento seguro.

A unidade jornalística tem, ainda, a colaboração de outro telespectador.

Entra nota coberta Lilian Lynch: O Rafael que é de São Paulo e mora há um mês aqui em Goiânia também manda o vídeo do ônibus lotado. Ele disse que todo dia a situação é a mesma. Os passageiros também reclamam que tá demorando muito para os ônibus saírem dos terminais, cerca de 45 minutos.

E mais uma vez em nota, a CMTC se manifestou sobre o assunto.

Entra Estúdio Lilian Lynch: Olha a CMTC disse que faz a fiscalização todos os dias nos ônibus e nos terminais e que vai começar a monitorar essas linhas que nós mostramos aqui no Jornal Anhanguera mas a gente sabe que não são apenas essas linhas que estão com problemas. Mostramos hoje porque foram denúncias que chegaram para gente aqui, reclamações através de vídeos.

Buscando responder às hipóteses formuladas na análise de conteúdo das unidades jornalísticas:

a) O jornalismo autodenominado ‘comunitário’ da Rede Globo se resume a retratar problemas de infraestrutura em bairros periféricos das grandes cidades? Pode-se afirmar que sim. Grande parte das unidades jornalísticas analisadas neste trabalho apontam para essa direção. O telejornalismo comunitário da Rede Globo se limita a mostrar, relatar, evidenciar, dar visibilidade a um determinado problema, denunciado, muitas vezes, por um único morador. Percebe-se que a situação reclamada envolve ações do poder público que deixaram de ser feitas como, por exemplo, a manutenção da rede de iluminação pública ou mesmo do sistema viário da cidade. No caso das unidades jornalísticas das TVs Morena e Centro América essa situação é bem evidente. Na TV Anhanguera a situação é diferente. Não há um apelo formal de telejornalismo comunitário;
b) O jornalismo autodenominado ‘comunitário’ da Rede Globo se apresenta como mediador entre o cidadão e a autoridade? Pode-se responder afirmativamente que sim, nas duas hipóteses, no caso das duas emissoras da Rede Matogrossense de Televisão. Tanto a TV Morena quanto a Centro América fazem questão de

reafirmar esse papel mediador de telejornalismo, inclusive com vídeos de autopromoção, onde o telespectador dá o retorno quando o problema é resolvido. Nota-se, no caso da TV Morena, um maior ‘prestígio’ entre os órgãos da administração municipal, com gravações de respostas e notas mais completas em termos de resolução do problema. Em várias ocasiões a resposta é praticamente imediata, o que aumenta o valor simbólico do telejornal da emissora. Na TV Centro América a mediação também existe, porém de forma mais tímida, geralmente em forma de notas que não apresentam grandes avanços. Na TV Anhanguera também se percebe a ideia de mediação, mas o retorno das autoridades é pequeno em termos de solução dos problemas apresentados.

7 CONCLUSÕES

7.1 Jornalismo de Vizinhança: a proposta de um conceito

Com base nos conceitos e nas reflexões vistas ao longo deste trabalho, apresentou-se o que, nesta pesquisa, mais se aproxima do conceito de jornalismo autodenominado 'comunitário' promovido pela Rede Globo nas afiliadas do Centro-Oeste. Trata-se do que aqui se chama de jornalismo de vizinhança. De acordo com o Dicionário *Online* de Português, vizinhança é um substantivo feminino que significa qualidade ou estado de estar próximo de algo ou alguém, proximidade (VIZINHANÇA, c2022). Abordando a comunicação comunitária, este termo já foi usado por Peruzzo (2009) com base nas ideias de Tönnies (1977) e Camponez (2002),

Para Tönnies (1977), por exemplo, entende-se por vizinhança o caráter geral da vida comum. É onde a aproximação das habitações, o limite, a linha divisória de terras determina os contatos das pessoas. É onde "[...] o hábito de conviver e o conhecimento confiante e mútuo necessitam do trabalho, da ordem e da administração comum" (TÖNNIES, 1977, p. 109).

Entretanto, esse conceito não foi devidamente explorado levando em conta as novas configurações em que se apresentam a sociedade e o próprio jornalismo, principalmente com as evoluções tecnológicas. Dessa forma, torna-se importante delinear melhor o que seria um conceito de jornalismo de vizinhança a partir do telejornalismo autodenominado 'comunitário' desenvolvido pela Rede Globo nas três praças do Centro-Oeste analisadas na pesquisa.

Segundo Farias e Pinheiro (2013), as vizinhanças são espaços geralmente escolhidos para o estudo sobre comunidades e, além disso, a maioria dos estudos caracteriza comunidade e vizinhança de acordo com grau de sentimento de comunidade – que apresentam um conceito que se refere ao sentimento de pertença a uma rede social em que há suporte social mútuo. E, assim, o conceito de comunidade traz características que podem se apresentar no contexto de vizinhança.

O pesquisador português Camponez (2002) denomina, como jornalismo de proximidade, o modelo de jornalismo que assume o caráter de proximidade sob múltiplas formas. Para o autor, a imprensa local é apresentada a partir de vários aspectos e não somente o geográfico. O conceito de Carlos Camponez está diretamente ligado ao processo de globalização, o local e o regional. Assim como se noticia a fusão de grandes empresas mundiais existe também o desejo de se encontrar com o próximo, de falar de gestão local, de políticas locais, da ligação do político com os seus eleitores, de mercados locais e outras particularidades que se refletem nos fenômenos da comunicação local e regional. Dessa forma, o jornalismo de

proximidade de Camponez (2002) incide em pelo menos quatro dimensões: geográfica, cultural, social e psicoafetiva. Para Camponez (2002) é preciso garantir o direito à informação local, que é também o direito dos grupos em menor dimensão – como é o caso da família, da comunidade de vizinhos, das unidades regionais, dos grupos sociais ou étnicos, das minorias, das comunidades profissionais, da classe social, dos sindicatos, das associações livres ou, ainda que estranhamente, dos partidos políticos. Na concepção de Camponez (2002) a vizinhança faz parte desses grupos, aos quais deve ser garantido o direito à informação. Assim, a comunicação tem a função de permitir uma identidade aos indivíduos e às culturas na sociedade de massa, seguindo o princípio de que não faz sentido pensar comunidades locais sem comunicação e sem informação local.

Com base na visão de Camponez (2002), depois da família, infere-se que a vizinhança de rua seria, então, o primeiro estágio da comunidade. Dessa forma, a vizinhança se constitui primeiro pelo compartilhamento de espaço em uma mesma rua, depois em um mesmo bairro e, posteriormente, em uma mesma região da cidade. Nessa vizinhança de bairro, mais ampla, inclui-se outros atores sociais além dos moradores, ampliando o laço de pertencimento a outras categorias – como, empresários, pequenos comerciantes, líderes religiosos (Igrejas), organizações não governamentais, escolas e pessoas que circulam e trabalham no bairro. É esse conjunto de pessoas articuladas a partir da vizinhança de rua que formam a comunidade que faz parte das relações sociais.

Pode-se dar aqui um exemplo: é mais fácil para pessoas de uma mesma rua se mobilizarem em torno de um buraco na rua ou da falta de iluminação pública naquele espaço, entretanto, é necessário mais que moradores de uma mesma rua para se considerar uma reivindicação da comunidade acerca de melhorias na pracinha do bairro; de mais vagas em creches da região ou de melhorias no transporte público e outros assuntos que trazem impacto no dia a dia de um bairro periférico. Acredita-se, assim, que o jornalismo autodenominado ‘comunitário’ da Rede Globo nas afiliadas do Centro-Oeste se resume a resolver questões pontuais que envolvem a vizinhança e problemas de infraestrutura das cidades. O comunitário aparece a partir da partilha de interesses comuns em um mesmo espaço. É nesse espaço e no imaginário dos indivíduos que a vizinhança se torna um lugar melhor e mais agradável para se viver. O bem-estar da comunidade começa na minha rua e se estende ao meu bairro. Os vizinhos nas grandes metrópoles não partilham mais da xícara de açúcar emprestada para terminar a receita do bolo. Eles partilham a realidade social percebida a partir do local onde habitam.

Na sociedade atual, permeada por muitas mídias, o sentido de comunidade mudou, e partilhar o mesmo espaço é, sobretudo, formar uma vizinhança – e não uma comunidade. Isso

dificulta uma ação comum dessa vizinhança no sentido de resolver problemas. Nesse cenário o telejornalismo aparece, então, como um dispositivo de intermediação necessário. O telejornalismo de vizinhança encontra espaço específico para atuar e busca, nesse espaço/ nessa relação, uma audiência que garanta a sua continuidade.

Isso não torna esse jornalismo menos importante, mas aponta como ele reage/age em função de novas estruturas sociais, novas formas de organização e convivência, e também das novas necessidades – de serviço (e, portanto, de elementos sólidos ou reais), mas também de novas formas de reconhecimento social dos moradores das regiões menos centrais.

O jornalismo autodenominado 'comunitário' da Rede Globo é construído a partir de uma reclamação ou denúncia de um indivíduo incomodado com uma situação próxima à sua realidade social e, portanto, encaixa-se nesse modelo de jornalismo de vizinhança. Normalmente esse tipo de jornalismo contempla um reclamante, que acaba por mobilizar outros indivíduos em torno de uma causa que 'ele' considera comum. O assunto dificilmente é discutido com a comunidade como um todo. Na realidade, o cidadão reclamante pensa em resolver o problema 'dele' e, no máximo, beneficiar a vizinhança onde mora.

A emissora de televisão, por sua vez, não busca outros atores sociais para reforçar a reclamação e ampliar a discussão sobre o tema. Ampara-se no indivíduo reclamante praticamente como única fonte das reportagens. Tem-se aqui um novo exemplo: até que ponto a mudança de trajeto de uma linha de ônibus ou retirada de uma linha de um determinado bairro interfere no cotidiano da comunidade? Em primeiro lugar no jornalismo autodenominado 'comunitário' da Rede Globo esse tipo de pauta muito raramente tem espaço. Em segundo lugar, é mais fácil para empresa jornalística mostrar problemas de resolução menos complexos que discutir, de maneira mais aprofundada, questões ligadas ao transporte público e à mobilidade do cidadão; por exemplo, abordando a própria conscientização do cidadão enquanto sujeito atuante da sociedade e com direitos e deveres.

A abordagem do problema se resume apenas a mostrar e cobrar uma providência e não em questionar profundamente os impactos de um determinado problema no cotidiano de uma comunidade. Pautas como saúde pública e transporte urbano e educação lamentavelmente não fazem parte do autodenominado jornalismo 'comunitário' da Rede Globo. O telespectador não é incentivado a pensar, por exemplo, o que são políticas públicas de desenvolvimento social, discutir o orçamento do município, mecanismos de fiscalização de obras e denúncias de desvio de dinheiro público. Essas são pautas impensáveis dentro do jornalismo autodenominado 'comunitário' da Rede Globo.

Além disso, o modelo de jornalismo autodenominado ‘comunitário’/jornalismo de vizinhança adotado pelas emissoras do Centro-Oeste carrega consigo alguns elementos característicos, que são, ao mesmo tempo, construtivos e delimitadores desse modelo:

a) A linguagem descontraída e popular, facilitando as ideias de diálogo simulado com o telespectador, dando uma impressão de proximidade e de cobrança com a autoridade. É certo que nesse tipo de jornalismo o profissional de jornalismo está quase sempre ao lado da população, empenhado em resolver suas demandas;
b) A personalização e até mesmo a vedetização dos repórteres e apresentadores, elemento reforçado pela inserção do que se pode chamar de autopromoção, quando a TV mostra que o problema foi resolvido. O morador não tem acesso à autoridade, mas o repórter tem. O apresentador conversa com o secretário e o morador não. Existe um reforço claro de que a resolução só foi possível com a intermediação do repórter e do jornalismo;
c) A construção da imagem de um estado incapaz (desumano ou excessivamente burocratizado, com uma máquina administrativa pesada) e eventualmente corrupto, mas sobretudo distante dos interesses e das necessidades da população – o que, por sua vez, justifica e torna necessária a presença da televisão para ajudar essa população e até mesmo fiscalizar os atos do estado.

7.2 Considerações

Peço licença para usar aqui uma analogia feita por minha orientadora durante um de nossos encontros em relação a esta pesquisa. A professora Ana Carolina Pessôa Temer comparou a pesquisa em busca de uma resposta sobre o jornalismo autodenominado ‘comunitário’ da Rede Globo a um daqueles brinquedos de peças de encaixar com os quais as crianças passam horas brincando. Tenho em minhas mãos a pecinha que é a pergunta de partida, é preciso encaixá-la em um grande bloco de possibilidades. Esse tipo de jornalismo é realmente comunitário? Não seria sensacionalista? Popular? Cívico? De proximidade? Na rotina diária da redação, muitas vezes, na roda vida que é a busca pela informação, não nos atentamos ao peso que essas duas palavras adquirem na vida social: ‘jornalismo comunitário’ e, como diz Otre (2020), o sentido se esvazia.

Buscando amparo nas reflexões de Peruzzo (2003) compartilhadas por Marcondes Filho (1989) e por Melo (2006), encontra-se um conceito de jornalismo comunitário feito pela comunidade e para a comunidade. E é justamente no ‘feito pela comunidade’ que a pecinha não

se encaixa. A comunidade retratada no telejornal não possui, mesmo com as facilidades proporcionadas pela internet, as ferramentas necessárias para produção da informação, nem as condições de veiculação que a grande mídia tem. Não existe, assim como destaca Benevides (2016), uma cidadania ativa com o sujeito/ cidadão inserido na esfera das políticas públicas. Tal situação leva a pensar: Como um grande conglomerado de comunicação, com suas demandas e interesses próprios, pode se preocupar em dar voz ao cidadão? Parece contraditório. E assim, com essa questão incomodando, que a pesquisa proposta foi levada à frente neste trabalho, procurando entender com maior profundidade como se dá essa relação.

Encontrou-se, em Sodré (2009), um indicativo que conduz à primeira resposta para as perguntas formuladas para esta pesquisa. A demonstração de interesse pela vida da comunidade – e aqui se entende por comunidade as populações que moram em bairros mais afastados e são menos beneficiadas pelo poder público – pode render para a emissora o que é chamado por Sodré (2009) de capital simbólico. Esse valor se traduz em audiência e audiência se transforma em poder e poder se traduz em novas formas de trocas com os detentores do poder (político e econômico), formando, assim, um *looping* em busca da preferência do público e de mais poder. Ainda que há muito se questione os limites das empresas privadas de mídia na atuação em nome do interesse da população, mais uma vez evidencia-se o processo e os interesses envolvidos nesta relação.

Tentando encaixar a peça, buscou-se saber então que tipo de jornalismo é esse feito pela Rede Globo. Os indivíduos que estão em cena nas reportagens de rua são, como define Marcondes Filho , atores de um grande circo apresentando um espetáculo, um show de notícias; e isso não é comunitário. Mas são também atores de um novo tempo, ou uma nova organização social, no qual a mídia (as mídias) têm um papel fundamental na percepção do ‘como agir’ para garantir seus interesses. No entanto, esse agir é fragilizado pela própria percepção pontual do que seriam esses direitos, visto apenas como uma resposta imediata em serviços e não por uma percepção mais ampla da relação entre o cidadão e o Estado.

Ainda buscando entender melhor esse telejornalismo autodenominado ‘comunitário’, buscou-se respostas na conceituação de Amaral (2006) sobre jornalismo sensacionalista. Percebeu-se, então, que, em alguns casos, o buraco na rua e a falta de iluminação ganham um tom sensacionalista – exagerado por parte dos repórteres que fazem a cobertura e dos apresentadores que comandam o telejornal do estúdio. Existe toda uma estratégia no que diz respeito à rotinização mencionada por Vizeu (2003) para dar, àquele assunto, uma importância maior do que muitas vezes ele realmente tem, mas não é completamente sensacionalista.

A resposta para o questionamento proposto foi buscada também no jornalismo popular, mas também não se encontrou aí terra fértil para crescer, já que o jornalismo popular, como define Amaral (2006), é baseado na notícia superficial, com preferência para casos envolvendo celebridades e distribuição de prêmios. Também se buscou respostas para a indagação no jornalismo cívico.

O jornalismo cívico até se assemelha com o comunitário em certos pontos, mas tem claramente um viés político. No jornalismo cívico a intenção é buscar soluções que envolvam uma parcela política e as propostas que ela tem para a comunidade. Dito isso, aponta-se que ali também a peça do jornalismo comunitário, nos moldes que é desenvolvido pela Rede Globo, não se encaixou.

O objetivo do jornalismo cívico é conscientizar a comunidade quanto aos seus direitos e isso não acontece no jornalismo autodenominado 'comunitário' da Rede Globo. Por mais que as queixas da população e suas reivindicações sejam mostradas, não há um viés político ou uma discussão mais aprofundada sobre temas importantes que envolvam o desenvolvimento de políticas públicas para a resolução de problemas também importantes – como educação, saúde e segurança pública. Dito de outra forma, o jornalismo cívico teria, como princípio, ajudar a superar os limites impostos pelo desenvolvimento histórico e a dinâmica adotada pelo Estado brasileiro, que não formou, de maneira adequada, a totalidade de seus cidadãos. E o telejornalismo autodenominado 'comunitário', ainda que aparentemente busque atender a esses indivíduos, não contribui para superar esse vácuo. Evidentemente compreende-se que o telejornalismo não pode substituir o Estado, mas o estudo aponta que o telejornalismo autodenominado 'comunitário' também não atua na formação de cidadãos ativos e capazes de exercer uma cidadania ativa.

Encontrou-se, por fim, um formato onde a pecinha relativamente se encaixa no grande bloco de montar e que foi classificado como jornalismo de vizinhança. Nesse tipo de jornalismo a intenção é mostrar os problemas de uma parte da comunidade. Moradores de uma rua, ou, às vezes, de algumas casas, reúnem-se para compartilhar, no telejornal, os problemas que enfrentam. No jornalismo de vizinhança não há, necessariamente, a noção de pertencimento por laços de sangue nem de amizade. São vizinhos que, em um determinado momento e em um determinado espaço, unem-se em torno de uma causa comum, mas isso não é necessariamente uma comunidade. Algumas vezes o clamor da comunidade dá lugar a apenas uma voz. Um único morador reclamando de uma situação, sem apoio de outros membros da comunidade. É um vizinho incomodado com alguma situação que decidiu reclamar na televisão. Considera-se, assim, que o telejornalismo comunitário atua como agente que aparentemente destaca a

importância do comunitário no dia a dia do indivíduo, dando voz às reclamações do cidadão. No entanto, isso é feito de uma forma que não aprofunda as questões políticas e econômicas que envolvem a relação do Estado com os seus cidadãos e particularmente com os moradores dos bairros não centrais; tampouco questiona verdadeiramente os aspectos desiguais desta relação.

Respondendo às questões iniciais desta pesquisa, pode-se, então, considerar que, apesar de ser uma diretriz da Rede Globo, cada emissora afiliada do Centro-Oeste desenvolve de maneira diferente o autodenominado jornalismo 'comunitário'. Percebeu-se, primeiramente, que não há uma constância na abordagem do tema nas emissoras TV Centro América e TV Anhanguera – esta última, inclusive, durante o período da pesquisa, nem citava a expressão 'jornalismo comunitário'. Essa relação de comunitário para TV Anhanguera está visivelmente ligada à participação do telespectador no telejornal e para isso o aplicativo QVT é a principal ferramenta usada. É através do QVT que o telespectador se vê na TV e enxerga suas demandas serem contempladas.

Na TV Morena existe uma abordagem mais cuidadosa do assunto, inclusive explicitamente, com o apelo comunitário, e que foi observado mesmo antes da pandemia. Durante a crise sanitária a emissora encontrou uma fórmula para falar de comunitário mesmo em tempos de altas taxas de contaminação e isolamento social, lançando mão de vídeos narrados pelos próprios telespectadores para abordar assuntos ligados às demandas de infraestrutura de bairros periféricos. A emissora também utilizou entrevistas feitas por videochamadas para conversar com os telespectadores sobre seus problemas. É importante lembrar, ainda, que a emissora faz entradas mais regulares sobre o assunto e o repórter exclusivo do comunitário, Alexandre Cabral, faz até duas entradas por edição do programa com o assunto comunitário.

Avançando na análise e respondendo às hipóteses secundárias, percebe-se que, no contexto de globalização, há um interesse em conquistar a audiência com a abordagem desse tipo de assunto. Os próprios jornalistas entrevistados não negaram a importância da audiência para a emissora. A ideia é desenvolver estratégias de aproximação da audiência e, para isso, lança-se mão de um jornalismo mais próximo, que se importa em mostrar os problemas do bairro e, como alguns jornalistas ressaltaram, 'dar voz' à população menos favorecida. Um dos jornalistas entrevistados reconheceu, inclusive, que esta é uma via de mão dupla. Fica claro também que, até mesmo por uma questão ética, muitos profissionais de redação não atribuem esse tipo de jornalismo apenas à relação com a audiência, já que o que se espera, pelo menos a princípio, do jornalismo, é uma preocupação em retratar e refletir sobre as causas sociais.

Prosseguindo em responder aos questionamentos iniciais, a outra hipótese formulada diz respeito ao papel mediador do jornalismo entre cidadão e poder público para a resolução de problemas, mas sem abrir espaços para debates mais aprofundados. A partir da pesquisa, conclui-se que essa hipótese é verdadeira. A fórmula usada pelo jornalismo comunitário é de apenas mostrar, evidenciar, dar visibilidade a um determinado problema, geralmente fácil de ser resolvido – como tapar um buraco, limpar um lote baldio, fazer a roçagem de um matagal ou trocar a lâmpada de um poste. Nesse sentido, o jornalismo se coloca como 'a voz do cidadão'. Mas essa voz só tem força para mostrar e não consegue fazer mais que isso. Em alguns casos, como foi evidenciado na análise qualitativa das unidades jornalísticas, o poder público se limita a enviar uma nota para a redação, que é lida pelo apresentador ou pelo repórter durante a entrada ao vivo. Um exemplo de caso mais complexo mostrado pela TV Anhanguera é o do desempregado Eugênio Barbosa Filho, que foi preso duas vezes por um erro da justiça e que não teve nenhuma resposta concreta quanto à indenização que ele pleiteava. Outro exemplo, também veiculado na TV Anhanguera, foi o de dona Marilda da Silva Alecrim, moradora da Vila Santa Rita, em Goiânia, que distribui marmitas na comunidade onde mora. A casa de dona Marilda não tem água encanada nem energia elétrica e, como se trata de uma área de invasão, não houve resposta para esta demanda por parte da prefeitura.

A TV Morena, por sua vez, demonstra força e prestígio junto a órgãos do poder municipal de Campo Grande à medida que consegue resoluções mais rápidas para demandas simples da população. Até mesmo em um caso mais complexo, denunciado por uma moradora (Dona Adelaide), que envolvia o vazamento de esgoto no bairro Itamaracá. Além de buscar a resposta na concessionária do serviço, o repórter também procurou saber o prazo de implantação da rede de esgoto e de asfaltamento do bairro. Ou seja, foi além de simplesmente mostrar o problema, mesmo não apresentando uma discussão mais aprofundada sobre o salto de qualidade de vida proporcionado pelo saneamento básico. Percebeu-se, ainda, que, talvez em função desse empenho em resolver problemas, não são raros os vídeos enviados pelos telespectadores agradecendo pela resolução do problema e isso, para a emissora, é uma propaganda positiva. Uma autopromoção.

Acredita-se, assim, que esta pesquisa colabora com as discussões na academia à medida que se fez uma comparação entre três diferentes praças da Rede Globo na região Centro-Oeste no que diz respeito ao jornalismo autodenominado 'comunitário'. Entende-se que a pesquisa amplia as discussões e enriquece o debate em torno do que é jornalismo comunitário e como ele se apresenta em uma grande empresa de comunicação.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo, São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4839571/mod_resource/content/1/ANDERSON%2C%20Benedict.%20Comunidades%20imaginadas%20%28Caps.%201%20e%202%29.pdf. Acesso em: 7 maio 2022.

BARBOSA, Marialva; ENNE, Ana Lucia Silva. O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional. **Revista ECO-PÓS**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 67-87, 2005. DOI 10.29146/eco-pos.v8i2.1109. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1109. Acesso em: 20 abr. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa em texto imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton de Oliveira. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. São Paulo: Summus, 1986.

BENEVIDES, Maria Vitória de Mesquita. Cidadania ativa e democracia no Brasil. **Parlamento e Sociedade**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 21-31, 2016. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/22728_arquivo.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

BOOTH, Wayne C. **A arte da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1977.

BOURDIN, Alan. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O uso da internet, televisão e celular no Brasil. **Educa IBGE**, Rio de Janeiro, c2022. Matérias especiais. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html#:~:text=De%20todos%20os%20domic%C3%ADlios%20pesquisados,indicador%20(97%2C7%25. Acesso em: 24 abr. 2022.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. DOI http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n2/v21n2a16.pdf. Acesso em: 24 abr. 2020.

CAMPONEZ, Carlos**. Jornalismo de proximidade**: rituais de comunicação na imprensa regional. Coimbra: Minerva Coimbra, 2002.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 4.ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTRO, Thell. Em 1966, a Globo saiu do último lugar no IBOPE ao cobrir a tragédia que devastou o Rio. **Notícias na TV**, 27 jan. 2019. Memória da TV. Disponível em: https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/em-1966-globo-saiu-do-ultimo-lugar-no-ibope-ao-cobrir-tragedia-que-devastou-o-rio-24579#:~:text=Em%20janeiro%20de%201966%2C%20o,televis%C3%A3o%20da%20%C3%A9poca%20estava%20acostumada. Acesso em: 11 maio 2022.

COMUNIDADE. *In*: **DICIO**: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, c2022. Disponível em: https://www.dicio.com.br/comunidade/. Acesso em: 28 nov. 2020.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

COUTINHO, Iluska. Lógicas de produção do real no telejornal: a incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários. *In*: GOMES, Itania Maria Mota (org.) **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009. *E-book*. p. 105-123. Disponível em https://books.scielo.org/id/b3jpx/pdf/gomes-9788523208806-08.pdf. Acesso em: 7 maio 20 22.

COUTINHO, Iluska. Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento. *In*: VIZEU, Alfredo org.). **A sociedade do telejornalismo**. São Paulo: Vozes, 2008. p. 91-107.

COUTINHO, Iluska; MARTINS, Simone. Identidade no telejornalismo local: a construção de laços de pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu público. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL TELEVISÃO E REALIDADE, 1., 2008, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: UFBA, 2008. Disponível em: http://www.tverealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Simone%20Martins%20e%20Iluska%20Coutinho.pdf. Acesso em: 12 jun. 2022.

DIB, Camila. **A humanização da narrativa jornalística**: a linguagem textual que aproxima o telespectador da notícia. O caso MSTV 1ª edição – TV Morena. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/1961/1/Camila%20Dib.pdf. Acesso em: 20 mar. 2022.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma releitura. 4. ed. ampl. e atual. com a questão do diploma. São Paulo: Summus, 1986.

EMERIM, Cárlida. Telejornalismo e semiótica discursiva. *In*: VIZEU Alfredo *et al.* (org.). **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014. (Coleção Jornalismo Audiovisual, 3). p. 93-119.

EPSTEIN, Isaac. Ciência, poder e comunicação. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 15-31.

FARIAS, Tadeu Mattos; PINHEIRO, José Q. Vivendo a vizinhança: interfaces pessoa-ambiente na produção de vizinhanças "Vivas". **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 1, p. 27-36, jan./mar. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/tcv8y5WHx8xq5sKLQ8TJMhF/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 22 maio 2022.

FELICIANO, Fátima. Iniciação científica no jornalismo: trabalho pioneiro de José Marques de Melo. **Idade Mídia**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 137-143, jun. 2003. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/mem_137-143_im3.pdf. Acesso em: 23 abr. 2022.

FLAUSINO, Cristina V. Uma proposta comunitária: a Rede Globo pode ter uma? *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: INTERCOM, 2002. Disponível em: http://portcom.intercom.org.br/pdfs/167027594241574778187311220538222056074.pdf. Acesso em: 23 abr. 2022.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação: a comunicação como objeto. *In*: HOHLFELDT, Antonio *et al.* (org.). **Teorias da comunicação**: trajetórias investigativas. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. p. 39-60.

GODINHO, Iuri Rincon. **História da TV em Goiás**. Goiânia: Contato Comunicação, 2008.

HÁ 10 ANOS a Globo iniciava reformulação do seu jornalismo local a partir do Recife. **Na telinha UOL**, São Paulo, 11 abr. 2019. História. Disponível em: /natelinha.uol.com.br/televisao/2019/04/11/ha-10-anos-globo-iniciava-reformulacao-do-seu-jornalismo-local-a-partir-do-recife-127265.php. Acesso em: 17 fev. 2022.

JORNAL Nacional: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

KEYSER, Jacques. **Dos semanas en la prensa de América Latina**. Quito: Ciespal, 1967.

KEHL, Maria Rita. **Um país no ar**: história da TV brasileira em três canais. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Cidadania e audiência no telejornalismo comunitário da Rede Globo. *In*: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, 1., 2006, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: COMPOLÍTICA, 2006. Disponível em: http://compolitica.org/novo/anais2/anais-2006. Acesso em: 28 jul. 2020.

LAZARSFELD, Paul F.; MERTON, Robert K. Mass communication, popular taste and organized social action. *In*: COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1978. p. 229-253.

LIMA, Marcus A. Assis (org.). **Afinal, o que é jornalismo cívico?** Conceitos, teorias, práticas e análise cívica. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017.

LIMA, Venício A. de. **Mídia**: teoria e política. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

LIVINGSTONE, Sonia. On the mediation of everything: ICA Presidential Address 2008. **Journal of Communication**, [*s. l.*], v. 59, n. 1, 2009. DOI 10.1111/j.1460-2466.2008.01401.x. Disponível em: https://academic.oup.com/joc/article-abstract/59/1/1/4098519?redirectedFrom=fulltext&login=false. Acesso em: 14 abr. 2021.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografia como documentos de pesquisa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa em texto imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 137-155.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

MACHADO, Juremir da Silva. **O que pesquisar quer dizer**: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. 2. ed. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1989. (Ensaios, 121).

MARCONDES FILHO, Ciro. **O rosto e a máquina**: o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico. São Paulo: Paulus, 2013. (Nova Teoria da Comunicação, 1).

MARSHALL, Thomas. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MARTINO, Luís Mauro de Sá. Rumo a uma teoria da midiatização: exercício conceitual e metodológico de sistematização. **Intexto**, Porto Alegre, n. 45, p. 16-30, maio/ago. 2019. DOI 10.19132/1807-858320190.16-34. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/77889/50501. Acesso em: 10 jan. 2020.

MARTINO, Luís Mauro de Sá. **Teoria das mídias digitais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Fazenda. **Governo do Estado promove resgate histórico da televisão em Mato Grosso**. Cuiabá, 2 ago. 2007. Disponível em: http://www5.sefaz.mt.gov.br/-/governo-do-Estado-promove-resgate-histórico-da-televisão-em-mato-grosso. Acesso em: 10 mar. 2022.

MATTOS, Sérgio. A evolução histórica da televisão brasileira. *In*: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010. p. 23-55.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1975.

MELO, José Marques de. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

MELO, José Marques de. Indústria cultural, jornalismo e jornalistas. **Intercom:** Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, v. 14, n. 65, p. 20-29, jul./dez. 1991. DOI 10.1590/rbcc.v14i65.1320. Disponível em: https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/1320. Acesso em: 23 maio 2022.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, José Marques de. **Teorias do jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MELO, José Marques de. **Teoria da comunicação**: paradigmas latino-americanos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MELLO, Edna. **Telejornalismo e comunidade**: o bairro como espaço de cena e o olhar vigilante no SPTV 1ª edição. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-22072009-175924/publico/3202310_1.pdf. Acesso em: 5 dez. 2019.

MERRITT, Davis. **Public journalism and public life**: why telling the news is not enough. 2nd ed. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

Mills, Charles Wright. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MORAES, Adriana Teixeira de. **Participação popular e os valores da notícia no telejornalismo**: interação e cidadania. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3644. Acesso em: 17 jan. 2021.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: neurose. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. 4. reimp. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. (O espírito do tempo, 1).

MTTV 1ª EDIÇÃO. TV Centro América. [*S. l.*: *s. n.*], [2022]. Disponível em: https://negocios8.redeglobo.com.br/Programas/Paginas/mttv1edicao.aspx.

MUNHOZ, Eliane Regina. **A Rede Globo de televisão no território**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04112009-151837/publico/ELIANE_REGINA_MUNHOZ.pdf. Acesso em: 17 jan. 2020.

MUSSE, Christina F. Cultura, televisão e imaginário urbano. **Matrizes**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 223-234, jan./jun. 2013. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/56655. Acesso em: 20 jan. 2022.

MUSSE, Christina Ferraz; PERNISA, Mila Barbosa. Telejornalismo: novos formatos no cenário de crise da TV aberta. **Alterjor**: Grupo de Estudos Jornalismo Popular e Alternativo, São Paulo, ano 2, v. 1, 3 ed., jan./jun. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277728832_Telejornalismo_novos_formatos_no_cenario_de_crise_da_TV_aberta. Acesso em: 20 jan. 2022.

OLIGOPÓLIOS de mídia controlados por poucas famílias: a Repórteres sem Fronteiras e o Intervozes lançam o monitoramento da Propriedade da Mídia no Brasil. **Repórteres sem Fronteiras**, [*S. l.*], 2017. Notícia. Disponível em: https://rsf.org/pt-br/oligop%C3%B3lios-de-m%C3%ADdia-controlados-por-poucas-fam%C3%ADlias-rep%C3%B3rteres-sem-fronteiras-e-o-intervozes-0. Acesso em: 2 dez. 2022.

OLIVEIRA, Danielle. TV Anhanguera lança novo aplicativo QVT para interação com público. **G1 Goiás**, Goiânia, 25 mar. 2020. Notícia. Disponível em: https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/03/25/tv-anhanguera-lanca-novo-aplicativo-qvt-para-interacao-com-publico.ghtml. Acesso em: 5 dez. 2019

OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio. Proximidade no telejornalismo local e regional: uma proposta de sistematização. **Fronteiras**: Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 21, n. 2, p. 102-115, maio/ago. 2019. DOI 10.4013/fem.2019.212.10. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2019.212.10. Acesso em: 20 jan. 2020.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. O telespectador frente à televisão: uma exploração do processo de recepção televisiva. **Communicare**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 27-42, 1º sem. 2005. Disponível em: https://julas.files.wordpress.com/2020/08/o-telespectador-frente-a-televisao-guillermo-orozco-gomez.pdf. Acesso em: 5 dez. 2020.

OTRE, Maria Alice Campagnoli. Jornalismo comunitário como experiência popular e democrática. *In*: CARVALHO, Guilherme (org.). **Jornalismo e cidadania**: iniciativas colaborativas, alternativas, comunitárias, populares e sindicais no Brasil. Curitiba: Intersaberes, 2020. p. 115-125.

PAIVA, Raquel. Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático). **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n. 30, p. 62-70, ago. 2006. DOI 10.15448/1980-3729.2006.30.3376. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3376. Acesso em: 5 dez. 2019.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PERUZZO, Cicília. **A comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a.

PERUZZO, Cicília. Mídia comunitária, liberdade de comunicação e desenvolvimento. *In*: PERUZZO, Cicília; ALMEIDA, Fernando Ferreira (org.). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: Intercom; Salvador: UNEB, 2003. p. 245-264.

PERUZZO, Cicília. **Televisão comunitária**: dimensão pública e participação cidadã na mídia local. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

PERUZZO, Cicília. Televisão comunitária: mobilização social para democratizar a comunicação no Brasil. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 177-189, jul./dez. 2008. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/5944/4728. Acesso em: 7 out. 2022.

PERUZZO, Cicília. TV comunitária no Brasil: histórico e participação popular na gestão e na programação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais eletrônicos** [...]. Porto Alegre: Intercom/PUC-RS, 2004b. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/94571464366380554943183365277298249025.pdf. Acesso em: 7 out. 2022.

PERUZZO, Cicília; VOLPATO, Marcelo de O. Conceitos de comunidade local e região **Líbero**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. 2009. Disponível em: https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/508/482. Acesso em: 7 mar. 2022.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013. Disponível em: https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao. Acesso em 15 set. 2020.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 2005

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação.** 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

REBOUÇAS, Edgard. Estratégia retórica dos "donos" da mídia como escudo ao controle social. **Líbero**, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 41-49, 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/43226070/Estrat%C3%A9gia_ret%C3%B3rica_dos_donos_da_m%C3%ADdia_como_escudo_ao_controle_social. Acesso em: 5 abr. 2022.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). **História da televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010.

ROCHA, Jordânia B. **O telejornal "a serviço" do cidadão**: um estudo do Jornal Anhanguera 1ª edição. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8412. Acesso em: 20 abr. 2020.

ROCHA, Vinícius Oliveira. As (in)visibilidades regionais nas afiliadas da Rede Globo: os casos da TV Bahia e TV Sergipe. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019. Belém. **Anais eletrônicos** [...]. Belém: Intercom, 2019. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0804-1.pdf. Acesso em: 20 ago. 2021.

ROMANO, André. O mais caro da Globo: confira quanto custa para anunciar no intervalo do Jornal Nacional. **UOL**, São Paulo, 21 jul. 2021. Colunas. Disponível em: https://observatoriodatv.uol.com.br/colunas/andre-romano/o-mais-caro-da-globo-confira-quanto-custa-para-anunciar-no-intervalo-do-jornal-nacional. Acesso em: 6 maio 2022.

SALVIATI, Maria Elisabeth. **Manual aplicativo do Iramuteq**. Planaltina: [*s. n.*], 2017. Disponível em http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati. Acesso em: 17 mar. 2021.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos Olhares**, São Paulo, n. 2, p. 37-49, 2º sem. 1998. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51315/55382. Acesso em: 14 abr. 2021.

SOARES, Marcelo Vicente Cancio. Saga televisiva: história das televisões de Mato Grosso do Sul. *In*: ENCONTRO CENTRO-OESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 3., 2016, Campo Grande. **Anais eletrônicos** [...]. Campo Grande: UFMS, 2016. Disponível em: https://docplayer.com.br/143588584-Saga-televisiva-historia-das-televisoes-de-mato-grosso-do-sul-1.html. Acesso em: 5 dez. 2019.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. Comunicação regional e local na Europa Ocidental: situação geral e os casos português e galego. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 8., 2003, Marília. **Anais eletrônicos** [...]. Marília: Universidade Metodista de São Paulo, 2003. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-comunicacao-regional-na-europa-ocidental.pdf. Acesso em: 7 maio 2019.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma breve história do jornalismo no Ocidente. *In*: SOUSA, Jorge Pedro. **Jornalismo**: história, teoria e metodologia: perspectivas luso-brasileiras. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008. p. 12-93. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf. Acesso em: 25 ago. 2020.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006. (Coleção Origem).

SOUZA, Jessé. (Não) Reconhecimento e subcidadania, ou o que é "ser gente". **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 59, p. 51-74, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ln/a/p4F65RZgPJHSGXn4BTkvPyr/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

SPTV. **Memória Globo**, Rio de Janeiro, 28 out. 2021. Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/sptv/noticia/sptv.ghtml#ancora_2. Acesso em: 20 out. 2022).

TARGINO, Maria das Graças. **Jornalismo cidadão**: informa ou deforma? Brasília: Ibict: UNESCO, 2009.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. De tudo um pouco: o telejornalismo e a mistura de gêneros. **Anuário UNESCO/ Metodista de Comunicação Regional**, [*s. l.*], v. 13, n. 13, p. 97-111, jan./dez. 2009a. DOI 10.15603/2176-0934/aum.v13n13p97-111. Disponível em: https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/AUM/article/view/2194. Acesso em: 20 ago. 2020.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Desconstruindo o telejornal. *In*: VIZEU, Alfredo *et al.* (org.). **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014a. (Coleção Jornalismo Audiovisual, v. 3).

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Flertando com o caos**: comunicação, jornalismo e televisão. Goiânia: FIC/UFG, 2014b.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa (org.). **Mídia, cidadania e poder**. Goiânia: Facomb/Funape, 2011.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. O telejornalismo entre o fato e as suas representações: ver o telejornal ou ver no telejornal. **Communicare**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 35-50, 2003. Disponível em: https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/o-telejornalismo.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Telejornalismo: um espaço socialmente construído. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 238 -247, 2006. DOI 105216/c&i v9i2. Disponível em: https://revistas.ufg.br/ci/article/view/25253. Acesso em: 20 ago. 2020.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Televisão e internet: interatividade entre as duas mídias e a abertura de um novo espaço para a cidadania. *In*: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio Antônio Camargo; COUTINHO, Iluska (org.). **40 anos de telejornalismo em rede nacional**: olhares críticos. Florianópolis: Insular, 2009b. p. 173-180

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; TUZZO, Simone Antoniaci. Jornalismo, cidadania e questões sociais em uma perspectiva midiática. **Cambiassu**: Estudos em Comunicação, São Luís, v. 15, n. 25, p. 5-20, jan./jun. 2020. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/19929/3/Artigo%20%20-%20Ana%20Carolina%20Rocha%20Pessoa%20Temer%20%20-%202020.pdf. Acesso em: 23 ago. 2020.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade. *In*: BIRNBAUM, Pierre; CHAZEL, François. **Teoria sociológica**. São Paulo: Editora da USP, 1977.

TRAQUINA, Nelson. Jornalismo cívico. *In*: PEIXINHO, Ana Teresa *et al*. **20 anos do jornalismo contra a indiferença**. Coimbra; Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 293-306. DOI 10.14195/978-989-26-0873-0. Disponível em: https://ucdigitalis.uc.pt/pombalina/item/69757. Acesso em: 23 ago. 2020.

VIANA, Nildo. **Estado**, **democracia e cidadania**: a dinâmica da política institucional no capitalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.

VIDAL, Josep P. Metodologia comparativa e estudo de caso. **Papers do NAEA**, Belém, n. 308, p. 1-33, ago. 2013. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/viewFile/11320/7790. Acesso em: 20 ago. 2020.

VIZEU, Alfredo (org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. *In*: VIZEU, Alfredo (org.). **A sociedade do telejornalismo**. São Paulo: Vozes, 2008. p. 11-28.

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio Antônio Camargo; MOTA, Célia Ladeira (org.). **Telejornalismo**: a nova praça pública. Florianópolis: Insular, 2006.

VIZINHANÇA. *In*: **DICIO**: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, c2022. Disponível em: https://www.dicio.com.br/vizinhanca/. Acesso em: 20 set. 2022.

ANEXOS

ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DAS UNIDADES JORNALÍSTICAS DA TV ANHANGUERA – MESES DE JUNHO E JULHO DE 2020

Observação: Para selecionar as reportagens a serem analisadas foi usado como parâmetro o jornalismo nos bairros que é o viés utilizado pelas outras emissoras e também sugerido pela Rede Globo já que a afiliada de Goiânia não utiliza o termo jornalismo comunitário. Passou-se então a considerar para pesquisa reportagens feitas nos bairros mesmo não tendo originalmente a participação da comunidade.
A coleta das amostras da pesquisa começou no dia 1º de junho pela plataforma Globoplay.

****
MÊS DE JUNHO

01 de junho passageiros enfrentam terminais cheios durante o período da pandemia.
Assunto: Transporte
Tempo de duração: 1 minuto
Estúdio Fábio Castro: a semana começou com mais uma semana de terminais cheios em Goiânia
Reportagem *off-* Antes das seis da manhã com o movimento normal, os passageiros já garantiam um lugar na fila pra conseguir entrar no ônibus. A preocupação com o horário, a obrigação não espera. O passageiro enfrenta nos terminais um cenário repetido, igual aqui na Praça da Bíblia. Muito tempo aguardando o ônibus chegar e quando ele vem, nem cabe todo mundo. Era difícil não ver ônibus chegando ao saindo com gente em pé. Distanciamento social no transporte coletivo continua sendo só na promessa.
Estúdio Fábio Castro : Pois é a CMTC informou que desde o começo do isolamento social determinou que todas frota seja colocada em operação nos horários de pico e ainda recomendou que os decretos municipal e estadual, sejam cumpridos. (Texto coberto com cenas da reportagem e com narração do apresentador do estúdio) O monitoramento do sistema é feito pela companhia com os fiscais em campo. Sobre o transporte de pessoas em pé a CMTC explica que essa atribuição é da Polícia Militar e da Guarda Civil Metropolitana. E ainda segundo a nota com a flexibilização de atividades do comércio a CMTC considera que é preciso revisar a determinação de só transportar pessoas sentadas. Já o sindicato de transporte das empresas informou que elas passam por uma crise financeira, o que dificulta a manutenção dos veículos e, além disso, tiveram que afastar muitos motoristas do grupo de risco, por isso só colocam em operação nos ônibus sem por cento seguros e também com equipe qualificada. Na verdade, o que a gente está vendo aí nessas imagens é que a população, o passageiro continua sofrendo.
****

01 de junho Homem precisa provar duas vezes que não cometeu crime em Goiânia
Assunto: Outros
Tempo de duração 1 minuto
Estúdio Fábio Castro: Agora preste atenção nessa história. Um homem conseguiu provar pela segunda vez que foi acusado injustamente de um crime o Eugênio Barbosa Filho tinha perdido a carteira de identidade encontrada por um bandido e durante uma abordagem policial ele foi confundido com o criminoso. Eugênio demorou dois anos pra provar sua inocência mas ano passado ele recebeu outro mandado de prisão pelo mesmo crime e só em maio deste ano ele conseguiu ser inocentado de nova e agora ele quer uma indenização

Entra sonora com Eugênio – Justiça depois de oito anos eu espero justiça espero que entendam que hoje eu sou uma pessoa que estou doente, não tenho trabalho então eu quero justiça.
Estúdio Fábio Castro: Você ouviu aí que o Eugenio além de tudo ele ta doente viu gente. É uma doença gravíssima. Ele descobriu que sofre de ELA, que é aquela esclerose lateral amiotrófica que afeta o sistema nervoso de forma degenerativa e progressiva provocando paralisia.
****

02 de junho
Goinfra libera trânsito em trecho da GO-070, em Goiânia
Assunto: Trânsito
Tempo de duração 3 minutos
Estúdio Fábio Castro: A GOINFRA liberou hoje o trânsito no trecho da GO-070. Parte da rodovia estava interditada desde janeiro por conta de uma grande erosão e quem tá acompanhando esse assunto pra gente agora é o Henrique Ramos. E aí Henrique, o que está liberado aí então, Bom Tarde!
Entra repórter ao vivo da rodovia. Finalmente liberada Fábio. Uma boa tarde pra você e uma boa tarde pra todo mundo que está nos acompanhando. A gente percebe que o asfalto tá novinho, mas também dá pra perceber que há alguns cones aqui avisando os motoristas. Ali mais pra baixo tem uma barreira de proteção, de concreto também, isso porque ainda falta instalar o *guardrail*. Essas barreiras são dois lados da pista então o motorista que então o motorista que passa por aqui ele tem que ter algum nível de atenção. Esta pista estava interditada desde o final de janeiro quando caíram fortes chuvas aqui na cidade de Goiânia. A gente fez o registro de várias árvores que foram derrubadas também e esta erosão que apareceu por aqui. A gente lembra que a erosão ela comeu realmente metade da pista (imagens de arquivo fotos) então não tinha como o motorista passar por aqui e isso impactou fortemente o trânsito aqui na região. Quem passa por aqui sabe que é uma região bastante movimentada principalmente no horário de pico, então o trânsito não foi completamente bloqueado. A pista aqui nesse ponto ela é duplicada então pronto ali mesmo na rotatória do HUGOL pra quem passa pela região perto tem a rotatória do HUGOL o motorista já não vinha aqui nessa pista ele normal sentido Goianira, ele desviava pela pista contrária que ficou em mão dupla . era sentido único a outra pista ela ficou em sentido duplo. Então o motorista passava por aqui e já no próximo retorno ele voltava. Agora qual que era a intenção aqui tanto é que as obras não demorassem muito que a empresa contratada ela fizesse uma parede de proteção uma parede de pedra pra que depois que o asfalto, a pista fosse refeita não caísse novamente na próxima chuva forte, então foi isso que foi feito, vários caminhões trouxeram o camburão pra cá, vou até pedir para o cinegrafista Sebastião ferreira foca do outro lado aqui pra gente, da pra ver ali embaixo que a parede de pedra foi feita a uma medida para evitar que novas erosões aconteçam e traga mais segurança para o motorista. Então essas são as informações que a gente traz agora finalmente a pista da GO070 sentido Goianira ela foi liberada. O motorista que passar por aqui vai perceber essas máquinas, um pouquinho de bagunça aqui, mas tá preparando as laterais da pista para instalar o *guardrail* para trazer mais segurança para o motorista. A previsão era entregar essa obra antes, mas segundo a GOINFRA por conta das fortes chuvas que foram por tantos meses do aparecimento dessa erosão parte do material que foi feito foi levado pela chuva, mas então agora a pista está liberada.
****

02 de junho
Obras da praça do trabalhador em Goiânia são adiadas
Assunto: Outros

Tempo de duração 2 minutos
Estúdio Fábio Castro: No próximo dia 17 completa um ano que as obras da praça do trabalhador começaram. A revitalização era pra ter sido entregue no final de 2019 aí o prazo foi prorrogado pra julho. Agora adiado mais uma vez. Hoje a nossa equipe foi até lá pra conferir pra gente, levar até você amigo telespectador do jornal Anhanguera, como estão os trabalhos.
Entra reportagem- Do alto dá pra ver o tamanho da obra. Antes da pandemia os feirantes dividiam os espaços das mercadorias com poeira em dias de sol e enxurrada durante a chuva. As vendas já não eram as mesmas com a praça em obras, hoje há três meses parados por conta do coronavírus eles olham a revitalização da praça do trabalhador com desânimo e indignação. A praça onde acontece a feira hippie e feira da madrugada era pra ser entregue em novembro do ano passado
Entra sonora Vânia Ribeiro Silva. – tesoureira da associação dos feirantes de feira hippie- Vai pra um ano essa reforma e o feirante já não se encontra mais em condições de se manter.
***Off* repórter** ---Segundo a secretaria de infraestrutura 70% dos serviços já foram concluídos e o que falta é porque de junho do ano passado pra cá muita coisa aconteceu no meio do caminho.
Sonora secretário-Dolzonan Mattos- Nós oferecemos várias alternativas para relocação dos feirantes, mas eles não aceitaram pra se manter no mesmo lugar, isso demandou um determinado tempo e também outro fator foi das vendas de final de ano que o pessoal pediu para que nós desacelerássemos a obra e também a questão do piso porque os feirantes queriam que fosse um piso de concreto.
Passagem repórter **Terciane Fernandes**, Vieram as chuvas, o coronavírus e no dia 17 de junho encerraria o prazo contratual da empresa responsável pela obra, mas como se pode ver ainda há muito o que fazer e o prazo pra conclusão foi prorrogado mais uma vez. A previsão agora ficou pra outubro.
***Off* repórter**- orçada inicialmente em mais de 6 milhões e 800 mil reais o valor caiu pra menos de 6 milhões de acordo com a SEINFRA e parte do dinheiro já foi paga a empreiteira.
Entra sonora secretário Agora faltam os arremates finais e com isso a empresa necessitou desse prazo de mais 90 dias e nós fizemos a concessão.
***Off r*epórter** -Aos feirantes que tanto querem a praça pronta o que resta é esperar.
Sonora feirante-Viviane Rosa. Se eles fizeram a programação era pra ter concluído naquele tempo. Gente, a gente tá com dificuldade
Sonora feirante- Valdeci Silva Já era pra ter saído há muito tempo a gente já tá até desesperado né. Ainda vem essa epidemia tá colando mais ainda.
Estúdio Fábio Castro:É, mais um transtorno né? Pros feirantes pra população.
****

05 de junho
Vigilância sanitária fiscaliza medidas de prevenção no Ceasa, em Goiânia
Assunto: Outros
Tempo de duração 2 minutos
Estúdio Fábio Castro: E sete trabalhadores da CEASA, testaram positivo pra Covid 19 veja na reportagem (não fala o bairro)
***Off* repórter** – Parece uma cidade cerca de 3 mil funcionários, mas o fluxo de pessoas chega a 15 mil por dia. E com tanta gente é difícil manter o distanciamento. Sete casos de Covide- 19 entre os trabalhadores foram confirmados, uma pessoa morreu.
Entra sonora Rogério Martins – pres. interino do CEASA – Foram identificados entre os próprios usuários, se direcionaram aos postos de saúde e foi feito o diagnóstico e evidentemente tomadas as providências de isolamento em suas casas conforme a orientação da secretaria de saúde.

Entra sonora Dagoberto Costa- Diretor de Vigilância Sanitária- hoje nós vamos fazer a fiscalização nos blocos, que são os permissionários que cada uma tem sua banca. Então a gente vai observar se dentro também dos boxes está tendo esse devido cuidado.
***Off* repórter** Os fiscais passaram por todos os produtores. Verificaram a disponibilidade de álcool gel e o uso de máscaras. A nossa equipe flagrou funcionários que não estavam se protegendo.
Entra sonora repórter entrevistando rapaz sem máscara- Cadê sua máscara? Ia por agora (sem identificação)
Entra sonora entrevistando rapaz sem máscara- Ia pegar ali, esqueci no carro (sem identificação)
***Off* repórter:** Pra manter o controle da doença a CEASA adotou medidas como a medição de temperatura e a distribuição de álcool gel logo na entrada
Passagem repórter- Uma outra medida adotada aqui na CEASA pra manter a higienização dos trabalhadores são pias como essa aqui ó. Quinze pias foram distribuídas em locais estratégicos. Aqui do lado tem um sabão e a água já tá aqui ó todo mundo pode higienizar as mãos quantas vezes foram necessárias por dia. E o pessoal tem usado bastante. Cuidados pra não ficar doente ou levar o coronavírus pra casa.
Entra sonora- funcionário Pedro Alexandre Supervisor de vendas. Um pouco de alívio, A gente fica apreensivo né? Mas não ter sintomas, não tá passando mal, a gente chega um pouco mais aliviado em casa
Entra sonora Anderson Valdivino Pereira. Carregador - A gente vive de serviço não pode parar né? Aí a empresa está mantendo tudo certinho, nós tamos trabalhando.
Estúdio Fábio Castro comenta: Todos têm que se cuidar né, gente?
****

06 de junho
Guarda civil descobre vendedor de pó de vidro e cerol, em Goiânia
Assunto Outros
Duração 47 segundos
Estúdio Fábio Castro: A guarda civil metropolitana descobriu um vendedor de pó de vidro e cerol que é um material cortante usado pra fazer guerrinha de pipas. O suspeito foi levado pra delegacia.
Entra nota coberta lida pelo apresentador coberta com imagens de fotos da apreensão
***Off* nota coberta**: Conselheiros tutelares da região norte da capital receberam a denúncia e chamaram a Guarda Civil. Foi encontrado um grande número de linhas, colas, vidros e pipas. O suspeito tinha acabado de vender linhas chilenas para as crianças.
Entra sonora da criança (com enquadramento da cintura pra baixo para não ser identificado.) Entra também legenda do que a criança diz. Tenho 12 anos e comprei linha chilena lá no Marcinho.
Outro menino fala: eu tenho nove anos e comprei uma rabiola – também com legenda
Outro menino fala – eu tenho 13 anos e comprei só uma pipa.
Uma voz perguta- quanto você pagou na linha Chilena. Com legenda
A criança responde- cinco reais – com legenda
***Off* nota coberta** –O suspeito foi levado para delegacia e as crianças entregues aos pais
***

6 de junho
Moradores reclamam da escuridão no Bairro Cardoso em Aparecida de Goiânia
Assunto: Iluminação/energia
Duração de 4 minutos

Estúdio Fábio Castro :E moradores do bairro Cardoso em Aparecida de Goiânia estão sem iluminação pública desde que um caminhão desgovernado derrubou um poste no anel viário. Assunto pro Henrique ramos que tá aqui porque a luz das casas até voltou, mas acabou e ainda não voltou né Henrique boa tarde.
Entra repórter ao vivo – Pois é Fábio, boa tarde pra você e pra todos que nos acompanham! Eu to aqui com os moradores sem acreditar que esse poste tá fazendo aniversário de uma semana caído aqui dentro do condomínio. Roberto que é síndico aqui do condomínio vai explicar pra gente o quê que aconteceu Roberto no domingo passado.
Entra sonora com morador Roberto Kenedy- de máscara e com outro microfone na mão. - Domingo por volta das cinco e meia um caminhão desgovernado perdeu a direção e bateu no muro. Nós ficamos todos assustados, derrubou esse poste aí, rebentou a grade da piscina como vocês podem vem aí. Nós ligamos na ENEL pra solicitar o reparo e ela falou que não é de competência dela e aí tamos jogados aí. Ligamos na OI ela falou que não é dela, ligamos na prefeitura também que a problemática não é competência deles. Então eu quero saber de quem é esse poste porque ninguém quer assumir a responsabilidade. Nós estamos aqui nessa situação faz uma semana
Entra repórter - A gente tá num condomínio que fica no bairro Cardoso em Aparecida de Goiânia às margens do anel viário, inclusive vocês tiveram um prejuízo aqui também né?
Entra morador- Prejuízo, as câmeras de segurança parou de funcionar, nós tamos sem imagens aqui estamos correndo o risco por esse muro pode entrar pessoas por aqui, né?
Entra repórter - Vamos pedir pro cinegrafista mostra aqui pra gente olha só a situação depois que o caminhão bateu nesse poste, os fios quase caíram na piscina.
Entra morador- isso Os fios estão expostos aí na piscina, pode causar mais prejuízo pra gente trazendo risco pra gente aí .
Entra repórter. O anel viário que já era uma via movimentada muito perigosa agora deve tá pior porque deve estar completamente escuro.
Entra morador– imagens de arquivo do local do acidente- tá escuro. Nós tamos na escuridão total aí ó. Na hora de fazer uma caminhada na calçada, as pessoas estão correndo risco por causa da escuridão.
Entra repórter E ninguém dá uma resposta.
Entra morador – ninguém dá uma resposta, nós estamos aqui à mercê. Aqui ninguém fala nada pra gente.
Entra repórter- A gente tá mostrando aqui a situação, o poste está do lado de dentro do condomínio. Inclusive os moradores tiveram que colocar alguns tapumes ali porque derrubou o muro também. Não dá pra fazer o reparo enquanto esses postes e esses fios não forem retirados daqui e eles estão sem resposta. Será que a gente já tem alguma resposta da ENEL ou de alguém aí que pode ajudar a resolver essa situação.
Estúdio Fábio Castro: Pois é a ENEL mandou uma resposta pra gente. Olha só vou ler aqui. Ela diz o seguinte. Diz que vai mandar uma equipe ao local pra verificar se o poste pertence à rede distribuidora. Em caso de postes que tem apenas estrutura de iluminação pública a responsabilidade de troca é da prefeitura. Essa é a resposta que a gente tem, viu Henrique em relação à questão aí. Se a ENEL não tirar esse poste vai ter que chamar a prefeitura pra tirar esse poste. Olha aí a gente tá vendo de novo as imagens o estrago no muro que acabou derrubando o poste também né Henrique
Entra repórter- Vamos falar aqui com o Roberto. Roberto você falou que fez um caminho imenso pra tentar resolver, a ENEL mandou resposta ali dizendo que vai depender muito da estrutura. Você foi na ENEL e também na prefeitura...
Entra morador- justamente nenhum dos dois nem a ENEL, nem a prefeitura e nem a OI também né que é telefonia não assumiu nada, nenhuma responsabilidade.
Entra repórter. Pois é, é isso que eles tão querendo, já faz uma semana que esse poste tá aqui.

Estúdio Fábio Castro: E a gente vai acompanhar viu Henrique pode avisar os moradores aí que a gente vai acompanhar. Tamo junto aí pra ver se a ENEL ou a prefeitura possam aí resolver a questão desse poste porque desse jeito que tá aí não pode continuar de jeito nenhum. Obrigada pelas informações
****

09 de junho
Estudo indica que periferia já é o epicentro de Covid 19 em Goiânia
Assunto: Outros
Tempo de duração 4 minutos
Estúdio Fábio Castro :E a Covid-19 avança na periferia da capital. De acordo com pesquisadores da UFG esse já é o epicentro da doença em Goiânia e o baixo índice de isolamento é a principal causa do aumento do número de casos
Entra *off*- na região norte da capital uma preocupante constatação. Pessoas circulam pelas ruas e avenidas sem máscara, ou desrespeitando a distância mínima de segurança.
Entra passagem repórter Adriano Reges. Um estudo da Universidade Federal de Goiás aponta que cinco dos dez bairros que registraram o maior número de casos de Covid-19 do dia 4 de junho pra cá ficam nas periferias. Nesse cenário, um dos que mais preocupam é o Jardim Guanabara pela proximidade da Avenida Perimetral Norte de daqui da BR 153. E para os pesquisadores não é só isso.
Entra *off* do repórter o trânsito pesado confirma o movimento intenso em avenidas comerciais como exemplo da Vera Cruz. O jardim Guanabara (79) segundo estudo da UFG é o primeiro em número de mortes e está entre os três bairros mais afetados pelo novo coronavírus. Em bairros mais afastados da região central como o Jardim Novo Mundo (52) e residencial Vale dos Sonhos (33) os números também estão crescendo. (Aparece uma cartela com o número de casos em cada local)
Entra sonora moradora Sebastiana Dias – dona de casa- enquanto não acontecer com um da família eles não vão acreditar
Sonora morador – Marcio Mariano – engenheiro agrônomo- É triste porque aqui é um lugar bom de se viver
Entra *Off* – segundo a UFG cerca de 57% dos óbitos de Covid- 19 são de moradores de bairros da periferia de Goiânia. A flexibilização das medidas restritivas associadas às aglomerações no transporte público justificariam o novo epicentro da doença na capital
Entra sonora com Edson Almeida – pesquisador da UFG – O números de casos estão principalmente abaixo do isolamento social. as pessoas necessitavam então do transporte público pra realização de suas atividades de trabalho.
***Off* repórter**- para este motorista do transporte público cada dia de trabalho é também uma batalha pela saúde.
Entra sonora motorista Rodnel Martins.A gente tem que ir pro serviço se protegendo né? com máscara né? não pode ficar sem.
Estúdio Fábio Castro: É o trabalhador, o pobre da cidade já vinha alertando, protestando reclamando das condições como, por exemplo, do transporte coletivo por conta das aglomerações. E agora essa doença que chegou aqui atingindo os bairros nobres da capital, agora chega atingindo a periferia os bairros onde a população mais humilde, que trabalha, acorda cedo, rala pra caramba sofre por conta disso. Por conta disso, não tem condições às vezes de ficar em casa cumprindo o isolamento social e acaba sofrendo como a gente viu ali na reportagem.
A CMTC disse pra gente o seguinte: Que não há nenhum dado oficial que indique que a contaminação por covid19 tem relação direta com o transporte público, coletivo e que solicitou a secretaria municipal de saúde de pessoas confirmadas com a doença para que a companhia

faça uma triagem com os dados aí que a companhia consegue reunir. Mas segundo as autoridades do mundo inteiro, aglomeração é um fator, importante fator de contaminação do coronavírus e se a gente tem o transporte coletivo ,o ponto de ônibus o terminal de ônibus, dentro do ônibus muita gente aglomeração óbvio segundo as autoridades de saúde que assim acaba sendo um ponto de contaminação de proliferação da Covid- 19
****

10 de junho
Motociclistas caem devido a fios espalhados na rua, em Goiânia.
Assunto: Trânsito
Duração 1 minuto
Estúdio Fábio Castro: Olha, dois motociclistas tombaram na mesma rua em um curto espaço de tempo. Os moradores disseram que fios espalhados naquela rua causaram as quedas.
Nota coberta com narração do apresentador – Os acidentes aconteceram na avenida C7(não fala o bairro) em Goiânia. Essas imagens das câmeras de segurança mostram o momento em que a primeira motociclista cai. É uma mulher que nesse outro vídeo aparece no chão enquanto aguarda socorro. Logo depois a mesma situação se repete na mesma rua. Outro motociclista tomba e desta vez o veículo parece ter estragado. Ele senta no meio fio como se estivesse esperando ajuda e também aparece falando ao telefone enquanto verifica os estragos. Nenhum dos condutores se feriu com gravidade. Testemunhas disseram que as quedas foram causadas por fios de telefonia que ficaram espalhados na rua depois de um reparo técnico que foi realizado.
Estúdio Fábio Castro: Nossa que perigo! A gente pediu uma posição para a operadora TIM sobre os fios soltos na rua e a empresa informou que está apurando se houve algum reparo de ali na região e se o equipamento envolvido no acidente citado pertence a companhia. A gente também aguarda uma confirmação por parte da empresa sobre esse assunto que eles vão apurar internamente também, pra gente poder explicar pra todo mundo que acompanha o jornal Anhanguera.
****

10 de junho
Passageiros reclamam de terminais de ônibus lotados na grande Goiânia
Assunto: transporte
Tempo de duração 2 minutos
Estúdio Fábio Castro: E não é de hoje que a gente recebe denúncias de passageiros reclamando dos ônibus em toda região metropolitana. A Maria mandou pra gente
Entra vídeo mandado por telespectador - Esse vídeo aqui (aparece na tela) com filas intermináveis e aglomeração no terminal de ônibus de Senador Canedo (região metropolitana de Goiânia) a gente vê que o pessoal está de máscara, mas sem cumprir aquele distanciamento de dois metros.
Estúdio Fábio Castro - Tem que cumprir o distanciamento gente. A máscara é só um dos itens que nos ajuda nessa questão de nos proteger e ela não é 100% confiável pra proteger, ajuda mas não bloqueia 100%. Como acaba tendo aglomeração fica muito mais difícil se proteger utilizando só a máscara.
Estúdio Fábio - Aglomeração também em Goiânia em outro vídeo que mandaram pra gente. Quem mandou foi a Caroline. Ela mandou hoje cedo.
Entra vídeo mandado por telespectador Esse vídeo foi gravado no terminal Padre Pelágio. Filas enormes também ali. A Carol disse que não parava de chegar gente no terminal, mas nada de chegar mais ônibus.

Estúdio Fábio Castro -É um problema. Desde o início das medidas que foram anunciadas de isolamento, a gente tem noticiado, mostrado muito aqui no Jornal Anhanguera, batido nessa tecla de aglomeração do transporte coletivo. Disseram que só podia andar gente sentada no ônibus aí chegou aglomeração nos pontos e nos terminais porque não tem ônibus suficiente. Enfim esse problema tá se arrastando já desde o início da pandemia. A CMTC disse que o fluxo de passageiros nos terminais vem aumentando por causa da flexibilização das atividades do comércio. Flexibilização tomada dia 20 de abril segundo essa nota que a gente recebeu. E disse que a determinação de que os ônibus só circulem com os passageiros sentados também provoca aglomeração, é o que eu tava falando aqui agora, mas que higieniza as frotas de ônibus e os terminais todos os dias. Mas o que a população quer, o que o passageiro quer é o ônibus ali, na hora que a gente precisa. E isso não acontece.

.

****

Dia 11 de junho. 32 vídeos estão disponíveis na plataforma Globoplay, mas nenhum deles diz respeito a bairros da grande Goiânia.

****

12 de junho

Passageiros sofrem com aglomerações em terminais de ônibus (decidimos a partir daqui em nossa pesquisa dar espaço para essas reportagens mesmo não se tratando de bairros específicos mas como assunto que interfere diretamente no dia a dia do cidadão)

Assunto: Transporte

Tempo de duração 5 minutos

Estúdio Fábio Castro- nota coberta com imagens feitas pelo celular enviada por uma telespectadora, - A sexta feira começou com mais aglomeração no terminal da Praça da Bíblia em Goiânia. A Maria que é de Senador Canedo, ela mandou pra gente um vídeo onde bem cedinho a quantidade de pessoas esperando pelo ônibus nas plataformas do terminal, bem apertado. O pessoal fica muito pertinho mesmo. Pessoas muito próximas uma das outras. Isso impressiona todo mundo que estava ali. Olha aí gente a quantidade de pessoas ao redor do ônibus. E quando o ônibus chegou mais aglomeração na porta. Essa que a gente tá vendo. Todo mundo querendo entrar pra poder ir trabalhar.

Estúdio Fábio Castro - E desde quando pediram para as pessoas respeitarem o distanciamento social é só essa cena que a gente vê que a Maria acabou de mandar, que a gente acabou de exibir, né? Essa cena tá se repetindo todos os dias, ônibus e terminais lotados. Será que a gente nunca vai poder ver acontecer na prática o respeito ao passageiro, público, hein, João Vitor Guedes. Boa tarde.

Entra ao vivo o repórter João Vitor Guedes de um terminal de ônibus. Boa tarde Fabio, Boa tarde a todos! É isso que a gente questiona e cobra, afinal esse passageiro está pagando por esse serviço e é uma situação que infelizmente não acontece só agora na época da pandemia, mas também antes da pandemia há muitos anos que a gente mostra isso. E não só a Maria que manda esse tipo de denúncia pra gente, vários outros telespectadores denunciam aí essa precariedade do serviço de transporte coletivo na região metropolitana de Goiânia. Então nós entramos em contato com a CMTC pra questionar aí sobre essa situação agora na época da pandemia onde todo mundo tem que ficar em alerta por conta da Covid-19. A CMTC informou pra gente que o fluxo de usuários nos terminais aumentou desde a flexibilização do comércio e que essa demanda é acompanhada diariamente por fiscais da CMTC que são deslocados para esses locais e também pra central de controle operacional que reúne dados desse sistema. Esse fluxo aliado a determinação de só realizar o transporte de passageiros sentados conforme prevê o decreto estadual, provoca a aglomeração. Então, quem está sentindo na pele é o usuário mesmo. A

CMTC conta com o apoio da polícia militar e da guarda civil metropolitana para que o passageiro possa ser orientado a usar o transporte público com mais segurança e reforçou que é feita a higienização de terminais e da frota de ônibus que é feita diariamente seguindo as recomendações da área de saúde pública. Mas aí a gente lembra que também e sabe porque que usa o transporte coletivo aqui na região metropolitana de Goiânia que além desse decreto estadual que prevê que a pessoa só viaje sentada, nós temos o decreto aqui em Goiânia que escalonou o comércio. A abertura do comércio justamente para evitar esse tipo de situação, essas aglomerações no transporte coletivo. E como as imagens da Maria aí que mandou pra gente mostraram parece que não tá adiantando, então a gente vê uma nota dessas, a gente vê que o passageiro tá sofrendo e o passageiro continua passando por essa situação aí as autoridades cobram o empenho da população, pra todo mundo respeitar o distanciamento. As pessoas realmente precisam sair de casa para trabalhar. Essas pessoas continuam sofrendo e a gente Fábio continua aqui cobrando das autoridades um posicionamento, melhoria, claro, para todas essas pessoas que utilizam o transporte coletivo.
Estúdio Fábio Castro. Essa fiscalização para evitar aglomerações é uma fiscalização que tem que ser feita em todos os locais, inclusive no transporte coletivo que também precisa respeitar essas normas, decretos que já existem e foram publicados. Aí fica parecendo que é uma terra sem lei. O passageiro é bastante prejudicado. A gente sabe que os casos de Covid-19 eles se espalharam pela cidade. Antes ficavam concentrados nos setores Bueno, Oeste, agora estão em todas as regiões. Regiões onde grande parte da população, a população que é humilde, levanta todo dia muito cedo pra ir trabalhar, buscar seu sustento, em muitas situações não têm condições de fazer o isolamento social e essa população está desassistida, desamparada esperando uma autoridade corajosa que possa apresentar solução e evitar esse tipo de perigo que a população, esse passageiro, vivencia todos os dias nos horários de pico aqui no transporte coletivo da região metropolitana. Obrigado pelas informações.
****

12 de junho
Acidentes com linha de cerol são registrados próximo ao pipódromo da Aparecida de Goiânia.
Assunto: Outros
Tempo de duração 3 minutos
Estúdio Fábio Castro- Casos de ferimento com linha com cerol, estão sendo frequentes em Aparecida de Goiânia e há um local específico pra isso na cidade mas que não está sendo usado da maneira correta.
Off **repórter** os cortes começaram a cicatrizar só agora, quase uma semana depois, dói, arde, ele lembra o susto. Lindomar estava na moto e nem viu quando se enroscou numa linha de pipa.
Entra sonora Lindomar Rodrigues de Oliveira- cabeleireiro A linha veio e enrolou na moto. Ai do lado tinha carro passando, moto passando, aí eu pensei e vou cair. Aí eu coloquei a mão no pescoço falei vixe, tá saindo sangue aqui! Aí lembrei na hora, nossa é a tal da linha cortante.
Off **repórter** -Depois do trauma Lindomar instalou uma antena na moto, mas deve colocar mais uma do outro lado para se proteger já que falta consciência nos outros. Ele não foi o único a se machucar naquele dia
Entra sonora Lindomar um motoqueiro que estava atrás de mim cortou a testa, o outro cortou o braço
Entra passagem repórter Karla Izumi: Por sorte a linha da pipa não fez um estrago ainda maior. Tudo isso aconteceu aqui, no pipódromo de Aparecida de Goiânia, um lugar próprio pra isso, mas que vem sendo usado de forma errada com materiais proibidos, causando acidentes e estragando a brincadeira de muita gente.

***Off* repórter**- A guarda municipal de Aparecida fiscaliza e já apreendeu uma grande quantidade de linhas cortantes. A multa é de três mil e o responsável responde pelo crime. O pipódromo tem recebido muita gente todos os dias. Vídeos de telespectadores mostram que por aqui não há respeito ao decreto que proíbe aglomerações. O espaço inclusive deixou de ser só para brincadeira com pipas. Festas em plena pandemia e um festival de irregularidades que vão ainda além de linhas cortantes.
Entra sonora Lindomar. Até é legal lá, beleza, se eles respeitassem
Estúdio Fábio Castro. - A secretaria de mobilidade e defesa social de Aparecida de Goiânia informou que realiza uma campanha de conscientização chamada: "a vida por um fio" Isso acontece geralmente durante as férias escolares de julho, mas foi antecipada este ano em virtude da pandemia e, além disso, a prefeitura disse que a Guarda Civil de Aparecida atua na apreensão de pipas com linhas cortantes em cumprimento da legislação municipal que proíbe o uso e também a comercialização desse tipo de produto. Fica aqui o nosso apelo para evitar o cerol.
****

Dia 15 de junho foram postados 28 vídeos na plataforma Globoplay e nenhum relacionado a bairros da grande Goiânia
****

Dia 16 de junho foram postados 28 vídeos postados na plataforma Globoplay e nenhum referente a bairros da grande Goiânia.
***

Dia 17 de junho
UPA do bairro Itaipu é assaltada durante a madrugada em Goiânia.
Assunto: Outros
Duração do vídeo 02 minutos.
Estúdio Fábio Castro. Olha a gente segue agora para o Bairro Itaipu aqui em Goiânia porque na UPA do Bairro Itaipu os servidores reclamam da falta de segurança Victor Hugo Araújo traz os detalhes para a gente, o que que tá acontecendo aí na UPA boa tarde amigo.
Entra reportagem Victor Hugo Araújo - Pois é Fábio boa tarde para você também para todo mundo que tá assistindo a gente em todo estado. Aconteceu uma situação absurda que nós recebemos uma denúncia dizendo que havia acontecido um assalto aqui hoje bem cedinho e aí entramos em contato com a Secretaria Municipal de Saúde que confirmou o fato. Por volta de quatro e meia da manhã um homem chegou aqui na UPA do Jardim Itaipu como você disse a gente tá falando ao vivo daqui agora, esse homem chegou dizendo que tava precisando de ajuda de um médico, enquanto o funcionário da unidade foi fazer a ficha dele, o homem tirou a arma e anunciou o assalto acabou roubando alguns pertences deste funcionário da unidade. Os funcionários já são outros aqui agora, houve uma troca e ninguém conseguiu dar tantos detalhes assim, mas o que chamou atenção aqui a meia hora ou até 40 minutos uma viatura aqui da Guarda Municipal chegou aí tá aqui nesse momento fazendo a segurança. Porque que eu disse que chama atenção, porque na denúncia que a gente recebeu também foi dito que a Guarda Municipal tinha deixado de fazer a segurança das unidade de saúde em Goiânia nós entramos então em contato com a Guarda Municipal que negou que isso esteja acontecendo e enviou uma resposta aqui para gente
A resposta é a seguinte: A Guarda continua fazendo a segurança das unidades de saúde, porém durante a pandemia 15% dos guardas municipais tiveram que ser afastados por que fazem parte do grupo de risco, então menos contingente. A guarda recebeu também novas viaturas segundo a nota para otimizar o serviço Eles colocaram alguns guardas nessas viaturas para fazer então a ronda, e esses guardas ficaram responsáveis portanto por algumas áreas aqui da cidade de

Goiânia. Cada setor foi dividido dessa forma de acordo ainda com a Guarda a maioria dos guardas municipais seguem fazendo a segurança das unidades de saúde

Volta ao estúdio - Fábio Castro agradece e se despede.

****

Dia 18 de junho - disponíveis 31 vídeos na plataforma Globoplay e nenhum relativo a problemas em bairros da grande Goiânia.

****

19 de junho - 22 vídeos disponíveis na plataforma Globoplay e nenhum relativo a problemas em bairros da grande Goiânia

****

Dia 20 de junho - 25 vídeos postados na plataforma Globoplay e nenhum relativo a problemas em bairros da grande Goiânia. Destaque para 9 vídeos com conteúdo relativo à polícia em Goiânia e no estado.

****

Dia 22 de junho - 27 vídeos disponíveis no Globoplay nenhum relativo a problemas em bairros da grande Goiânia. Chama atenção 9 reportagens relativas à polícia.

****

Dia 23 de junho - 26 vídeos disponíveis no Globoplay apenas um vídeo relativo a bairro, entretanto o vídeo destaca o trabalho voluntário de uma senhora que distribui comida para pessoas carentes do bairro.

Assunto: Outros

Duração do vídeo 5 minutos

Estúdio Fábio Castro– E agora você vai conhecer a história de uma dona de casa na vila Santa Rita em Goiânia que está fazendo a diferença na comunidade onde ela mora durante essa pandemia. Ela está cozinhando e oferecendo um prato de comida pra quem está passando por dificuldade.

***Off* da repórter**. Fazer o bem sem olhar a quem, que nada, na ocupação Santa Rita, dona Marilda de 63 anos sabe o nome e conhece o rostinho de cada um que aparece por aqui. Entre crianças e idosos, cento e oitenta pra ser mais exato vem buscar comida pronta na casa dela todos os dias. Pra muitos a única refeição do dia. E foi a partir do olhar para comunidade que ela percebeu que nesse período de isolamento social, muitas famílias, principalmente crianças que se alimentavam na escola estavam passando necessidade em casa.

Entra sonora dona Marilda Silva Alecrim: Eu pedi ajuda, pedi socorro para poder tá fazendo a comida pelo menos pras crianças. Foi chegando, me perguntaram se eu faria. Eu falei faço sim pra isso eu tenho muito amor no meu coração e força de vontade.

***Off* repórter**- e para alimentar essa galerinha toda são mais de dez quilos de arroz e três de feijão todo dia. Verduras, legumes, carne o que tiver. É minha gente dona Marilda depende de doações para alimentar os necessitados e a ajuda vem, chega de todos os lados.

Entra sonora dona Marilda- Se eu tiver ajuda eu to fazendo. Deus vai abençoar, eu vou tá sempre disposta pra poder fazer

Entra passagem da repórter Terciane Fernandes- E sabe o que é mais curioso nessa história? É que dona Marilda que já foi lavradora, gari, cozinheira, hoje está desempregada e mora numa casa muito humilde dentro de uma invasão e sequer tem luz e água tratada. Mesmo assim dentro dela transborda algo que deveria transbordar dentro de cada um de nós, uma coisinha muito simples, mas muito poderosa: solidariedade.

***Off* repórter**- uma palavra só mas que nas mãos da dona Marilda se transforma
Entra sonora moradora Wellyane de Monteiro Lima- As pessoas vem, não sabe nem da onde aparece né? Deus incomoda as pessoas pra vim doar as coisas pra dona Marilda doar pra todas as pessoas aqui da favela, entendeu?
Entra sonora criança Mary Ketelem- estudante- eu acho a comida da dona Marilda muito boa sempre venho aqui buscar.
***Off* repórter** – E que tal deixar essa onda gostosa de fazer o bem olhando a quem, transbordar em você. É que é muita boa vontade pra pouca estrutura, pra que as crianças continuem pelo menos com essa única refeição do dia
Entra sonora com Marcela Valsecchi- fundadora da SOS dignidade. – Nós precisa de uma estrutura melhor, uma cozinha melhor e precisa cuidar dela mesma. A gente precisa continuar doando.
Entra sonora com Juliana Delamo Martinez- médica e voluntária- eu fiquei realmente impressionada com o que acontecia. Eu sou médica, eu sou formada há 17 anos, eu tenho 15 anos de SUS e eu nunca conheci e nem vi nada parecido. Uma pessoa nessas condições a fazer tudo que ela faz, merece nosso apoio.
Estúdio Fábio Castro :Que generosidade né? Nossa é de tocar o coração. Opa! Como você viu na reportagem, a casa da Marilda ainda não tem luz e água tratada né e tanto a ENEL quando a SANEAGO disseram que vão mandar uma equipe hoje até a casa dela pra ver o que pode ser feito. Com certeza cada um pode fazer um pouquinho para ajudar. Mas adiantaram que só podem instalar água e luz em áreas regularizadas. Nós também entramos em contato com a prefeitura pra saber se tem uma previsão pra essa região do Parque Santa Rita ser regularizada, mas a gente não teve retorno em relação a esse questionamento. Então se você quiser ajudar dona Marilda nessa grande corrente do bem é só ligar para ela. Esse é o telefone dela. 62 pra você que tá em alguma outra região acompanhando a gente aqui. e o número é esse 99339 1259.
****

24 de junho
Passageiros continuam em terminais cheios e ônibus lotados na grande Goiânia
Assunto: Transporte
Duração do vídeo 5 minutos
Estúdio Fábio Castro- E como a gente já mostrou que o comércio não essencial em Goiânia está de portas novamente abertas desde ontem, nós ficamos curiosos para saber como é que tá o transporte coletivo. Como o transporte coletivo se comportaria com esse retorno. Nas ruas o que vimos foi muita aglomeração e desrespeito às regras do decreto.
***Off* repórter** – de ponta a ponta o que se viu no segundo dia da reabertura do comércio em Goiânia foram ônibus e terminais cheios. A fila de espera do ônibus já estava assim às 5h40 da manhã no terminal padre Pelágio. Todo mundo junto. Quando Arlete Vieira que mandou o vídeo pra gente conseguiu entrar no ônibus da linha 009 foi espremida no meio de muitas pessoas. Mais um dia também de aglomeração no terminal bandeiras. Filas e mais filas de pessoas tentando chegar ao trabalho. E olha só como estava para entrar no ônibus do terminal praça da Bíblia também nessa manhã. um tumulto como se não estivéssemos vivendo uma pandemia com perigo real de transmissão do vírus.
Entra sonora passageira – Vanderlice Silva- Eu tô indo pro setor Jaó e já tô a quarenta minutos esperando o ônibus e não tem ônibus. Tô indo trabalhar. Vô chegar atrasada já. Todo dia tá a mesma coisa.
Entra sonora passageiro – Vagner Soares – auxiliar de escritório - nesse momento mesmo já tinha que estar no trabalho. Eu vou chegar às nove com ônibus lotado, uma quantidade imensa de gente nesse período da pandemia.

Entra passagem repórter Bruno Mendes – que o distanciamento social é a medida mais eficaz pra conter a pandemia, isso aí todo mundo já sabe, agora a pergunta que o passageiro faz é como manter a distância mínima de pelo menos um metro e meio quando os ônibus atrasam e as plataformas ficam cheias. Aí quando os veículos chegam tá todo mundo atrasado e ainda tem muito passageiro que não colabora e não usa máscara.
***Off* repórt**er- Flagramos várias pessoas na multidão andando de um lado para o outro sem máscara. Muita gente também com ela no queixo ou sem cobrir o nariz como esse motorista de ônibus por exemplo.
Entra sonora novamente com passageiro Vagner Soares- e aí a única regra é essa, usar máscara, álcool gel.
***Off* repórter** – quando o governador publicou o decreto estadual em março ficou determinado que nenhum passageiro poderia seguir viagem em pé nos ônibus. Na época alguns ônibus deixaram de sair até que todos os passageiros em pé descessem.
Entra sobe som policial – não pode pessoal em pé, por quê? Porque é o decreto estadual. Infelizmente, se vocês não descerem, os policiais vão ter que vir aqui e orientar vocês. (Arquivo)
***Off* repórter** – Mas hoje pelo menos no terminal da Praça da Bíblia nossa equipe não encontrou ninguém fiscalizando a entrada dos passageiros nos ônibus. Aí eles seguem lotados com gente sentada e em pé.
Entra sonora com passageira - sem identificação - Já tem meia hora que a gente tá aqui. Olha o tanto de gente e eles não colocam ônibus não.
***Off* repórter**- nessa linha por exemplo que segue de Goiânia para bela vista o trabalhador volta pra casa enfrentando a lotação e o medo de pegar o coronavírus
Sobe som inaudível
***Off* repórter**- a saída para o problema seria o escalonamento. A medida prevista no decreto municipal prevê entradas dos trabalhadores em horário alternados só que pelo jeito, tudo continua do mesmo jeito sem respeito algum.
Entra sonora passageira – Vitória Alves – vendedora- E aí era para entrar mais cedo e estou entrando mais tarde por causa do ônibus. Quando chega às quatro horas da tarde eles não param mais porque tá lotado.
Entra sonora passageira -Alessandra Araújo – auxiliar de limpeza- As pessoas que não precisam trabalhar, elas poderiam dar prioridade. Se for abrir o comércio agora, a gente pede pra pessoas ter uma compreensão com a gente que tem que trabalhar. Realmente tá lotado a gente fica com medo mas a gente precisa trabalhar.
Estúdio Fábio Castro - Lembrando que o ônibus, o transporte coletivo é considerado uma importante, um grande fonte de transmissão de casos de coronavírus segundo as autoridades. A companhia metropolitana de transporte coletivo. A CMTC esclareceu pra gente o seguinte. Que tem feito a fiscalização do transporte todos os dias e que pra cumprir o decreto estadual e da prefeitura de Goiânia de só transportar passageiros sentados teria que colocar mais de mil ônibus na frota em operação e que vai mandar para prefeitura de Goiânia e o governo do estado uma nova proposta para a melhoria do transporte coletivo. Isso deve ser feito nos próximos dias. A população aguarda hein, ansiosa em relação a essa proposta. E nós entramos em contato também com a central de fiscalização de covid19 criada pela prefeitura de Goiânia justamente pra ver de perto as ações de combate a doença e também com a REDEMOB, mas ainda aguardamos as respostas. O espaço está aberto aqui também pra todos se manifestarem e trazerem um resposta não pra gente, pra mim que estou no estúdio mas pra população pro passageiro que tem que enfrentar toda essa dificuldade que a gente acabou de acompanhar na reportagem.
***

24 de junho
Obra do BRT altera trânsito na avenida 1ª radial, em Goiânia
Assunto: Trânsito
Duração 8 minutos
Estúdio Fábio Castro. E um trecho da primeira radial foi interditado para construção do terminal Isidória no setor Pedro Ludovico. A obra lá faz parte do projeto do BRT, o motorista que passar por lá ele precisa redobrar a atenção, vamos ver.
***Off* repórter** A placa na primeira radial para quem vem da avenida 90 aponta um desvio para quem quer seguir para o sul até a rodovia. O caminho é pela avenida circular que em 700 metros te coloca de volta na rota. A mudança é pra diminuir o fluxo de veículos em torno do terminal que começou a ser reconstruído. Agora máquinas pesadas estão dividindo parte da pista da 4ª radial com os carros. A via ficou bem mais estreita
Entra sonora- Fernando Santana –**Sec. Municipal de Trânsito** - vamos passar com atenção redobrada. Vamos passar com o espírito né também assim de contribuição para sociedade entendendo o que Goiânia está recebendo hoje.
***Off* repórter**- Os operários começaram a levantar a estrutura de concreto, as plataformas de embarque, bilheterias, banheiros, lojas e até a caixa d'água. Toda a parte que irá sustentar a cobertura de metal do terminal. A obra é continuidade do projeto do BRT que corta Goiânia de norte a sul. A construção vinha em ritmo acelerado, só que o trecho da avenida Goiás na altura da rua 1 como a vizinhança tem patrimônio Art Déco nas construções o IPHAN pediu uma pausa para analisar o projeto.
Entra sonora Dolzonan Matos Sec. Municipal de infraestrutura - Tão logo eles liberem para nós a execução da parte concernente ao trecho da avenida Goiás e avenida independência e praça cívica aí nós reiniciaremos a obra e vamos tocar e aproveitar esse tempo de estiagem pra ver se conclui essa obra.
***Off* repórter** – Do terminal Recanto do Bosque ao Cruzeiro do Sul são 22 quilômetros de extensão e 67% da obra estão concluídos, mas junto com o terminal Isidória ainda há 37 frentes de trabalho do BRT em andamento na capital
Entra passagem repórter Renata Costa: O terminal Isidória teve que ser desalojado, trocar de lugar, em outubro passado e se o motorista que passa nesse local acha que está enfrentando algum transtorno imagina então para os moradores que vivem aqui em volta e o que eles sentem quando a gente diz que segundo a prefeitura pra acabar com essa confusão toda ainda vai levar quatro meses
Entra sonora Adriel Caixeta – advogado (morador)- Por enquanto a gente tá com essa pandemia tá (inaudível) vai complicar – a máscara abafou a resposta mas tudo indica que ele reclama.
Estúdio Fábio Castro: Pois é e a gente agora vai conversar com a repórter Renata Costa que agora tá ao vivo na região do terminal Isidória pra contar pra gente como é que tá a movimentação aí por conta desse desvio, essas mudanças, essas alterações Renata Boa Tarde!
Entra Renata ao vivo – Boa tarde Fábio, boa tarde pra todo mundo aí de casa, olha eu já morei aqui nessa região e posso dizer pra você que nesse momento aqui tá muito tranquilo. As pessoas já estão sabendo que teve essa intervenção aqui hoje, diminuiu até o fluxo. Nós estamos no horário de almoço. A gente pode ver os operários agora estão com as máquinas desligadas. Mas olha só, quem tá vindo ali daquela região da vila Redenção ali do Jardim Goiás, usava muito essa parte aqui do terminal Isidória, só de passagem. Aí você sai do círculo ali e continua seu trajeto até a Vila Brasília continua ali pra Aparecida de Goiânia, só que agora quê que aconteceu, tem uma placa no desvio lá também, então muita gente que vinha de lá o pessoal tá indo direto pra Avenida Circular que a gente mostrou aí na reportagem, então tá muito tranquilo. Quem tá subindo pra 90 que é um grande fluxo também já cai direto na Avenida Circular e diminui bastante esse movimento. Mas a gente pode ver que tá passando carro atrás de mim,

moto, é porque o trânsito não foi totalmente interrompido, na verdade diminuiu o fluxo aqui até porque a prefeitura tem tentado fazer sempre essas intervenções pensando no comércio local, existe supermercado, tem açougue aqui, tem farmácia tem um série de coisas que continuam funcionando. Então quem tá aqui pode ficar tranquilo que pode circular por aqui de boa, fazer suas compras e ir embora pra casa. O que tá acontecendo aqui agora é a terraplanagem por isso essas máquinas pesadas movimentando o lugar desse espaço maior que eles precisam pra fazer a parte de alvenaria que é a parte de concreto, mas segundo a secretaria de infraestrutura quando essa parte de chumbação foi concluída Fábio essas máquinas vão sair daqui e esse fluxo aqui vai ser liberado pra você fazer o contorno aqui direitinho do terminal Isidória. Falando do BRT agora, que novela né Fábio? Começou em 2015, março de 2015 aí teve uma confusão ali uma divergência entre a prefeitura e a Caixa Econômica Federal porque dos 400 milhões de reais dessa obra parte do dinheiro foi do FGTS aí houve essa divergência, a obra ficou paralisada, o ministério público entrou na história, fez com que se assinasse um termo de ajustamento de conduta. A obra foi retomada em 2018 e agora a previsão de conclusão é outubro desse ano, dia 31 de outubro (2020). Como a gente falou são 37 pontos de obra que estão acontecendo aqui, mas de 70% dessa obra já foi concluída e a última coisa que a gente vai ver prontinha desse BRT é aquele anel circular ali na Praça Cívica incluindo a outra parte é claro que a gente mostrou na reportagem que é a da rua 1. Ali onde foi paralisada a obra porque segundo o IPHAN deve ser feita uma análise mais aprofundada do projeto. Mas o fato é que a gente vê que a população tá colaborando, realmente diminuiu o fluxo aqui. E a gente pede muita atenção ao passar por aqui por que já que a avenida tá estreita, o que pode acontecer? Não dá pra entrar em alta velocidade aqui. A gente viu aqui o aperto de ônibus que abre demais pra fazer a curva e acaba que fica estreito e quase encosta naquelas estruturas de concreto que foram colocadas pra separar a via de onde o carro pode passar, então vindo por aqui gente reduz a velocidade, não dá pra passar rápido. Até agora tá tudo tranquilo, nenhum congestionamento. E vamos deixar esse momento aqui pro pessoal local, pra quem tá aqui pra quem vive aqui, pra quem mora aqui pra não ter confusão aqui né, Fábio?

Estúdio Fábio Castro: Renata agora me explica uma coisa. Porque não tem como você circular a área do terminal por completo. Acho até que tem um ponto aí ao seu lado desse desvio. Não tem como você circular todo anel da praça aí, desse terreno onde o terminal está sendo reconstruído.

Entra Renata: Exatamente, você compreendeu. Porque muita gente fazia. Muita gente às vezes errava o caminho, pra pegar a outra via dava a volta no terminal. Agora não dá mais. Em um canto ou em outro você vai cair ou na segunda radial, não vai conseguir terminar aqui, ou você vai ter que passar pela primeira radial, você não consegue fazer o contorno como um todo. Por isso que diminuiu a quantidade de carros que passam por aqui, por isso que ficou tranquilo. Então vamos privilegiar que precisa mesmo circular por essa área aqui porque tá bem estreito aqui onde a gente está.

Estúdio Fábio Castro: e o comércio aí tá funcionando normalmente? Eu fico feliz porque vou comprar ovo de vez enquanto aí perto.

Entra Renata: Tranquilo. Não é só você não, o pessoal da TV vem sempre comprar ovo aqui viu?

Entra Fábio: obrigada pelas informações. Renata então trazendo todo esse panorama pra gente

***

Dia 25 de junho
Passageiros se aglomeram em ônibus e terminais da Grande Goiânia
Assunto: Transporte
Duração: 2 minutos

Estúdio Fábio Castro: E mais um dia de sofrimento para os trabalhadores que precisam pegar ônibus. Muita gente reclama que o escalonamento do comércio ainda não mudou em nada a realidade deles, principalmente na volta pra casa.
***Off* Repórter:** Distância de um metro e meio, sem poder dar as mãos, parece que passou longe do terminal Praça da Bíblia. Hoje pela manhã quem precisava pegar a linha 027 ou embarcou no ônibus lotado ou teve que esperar pelo próximo no meio do tumulto. Parece cena repetida, mas não é. Quem estava no terminal Garavelo em Aparecida, também enfrentou aglomeração. A METROBUS que opera o eixo Anhanguera começou a fazer a higienização dos veículos com um produto especial e dobrou de dez para vinte os funcionários da limpeza.
Entra sonora com João de Castro – gerente de transportes. Com esse produto de última geração, ele tem se mostrado mais eficiente na desinfecção de superfícies como é o caso do nosso ônibus.
***Off* repórter:** medida importante mas que não resolve sozinha se os ônibus estiverem lotados.
Entra passagem repórter- Thais Luquesi: E mesmo quem tem oportunidade de trabalhar mais tarde fora do horário de pico, reclama que a demora para passar os ônibus é grande. O 015, por exemplo, que passava de dez em dez, de quinze em quinze minutos tá demorando mais de meia hora e pior na hora de voltar pra casa a situação é ainda pior do que na hora de chegar ao trabalho.
Entra sonora passageira (não identificada): eu venho do Maranata até aqui, aí chega aqui o ônibus já saiu, vou pra o Isidória chega lá já saiu. Aí você atrapalha a vida inteira, todo dia é assim, pra gente que trabalha fora é muito complicado
Entra sonora passageira (não identificada): tem que esperar. Às vezes espera meia hora no ponto e vem só um ônibus e aí fica aquele tumulto dentro do ônibus cheio demais e as pessoas tudo encostada uma na outra.
***Off* repórter**: Risco enorme pro Samuel de 66 anos que depende de ônibus para sair do Garavelo e vir pro Hugo tratar de uma arritmia cardíaca.
Entra sonora passageiro Samuel – Aí quando o ônibus sai do terminal o quê que acontece, ele sai cheio e vai lotando de pessoas, descendo e subindo.
***Off* repórter**- Desde o início da pandemia as empresas alegaram falta de passageiros para custear 100% dos ônibus circulando e que operavam com o máximo possível. A CMTC disse que não podia fiscalizar o cumprimento do contrato por ordem judicial, mas essa semana com a volta de quase todos os segmentos, o movimento de passageiros parece já ter voltado ao normal, mas a quantidade de ônibus que já era insuficiente parece que não.
Entra sonora passageira (não identificada): Muita espera né? A gente tem que esperar muito tempo nos terminais ou no ponto. É só eles colocarem mais ônibus nas linhas porque não tem como você ... a pessoa ir sentado porque não cabe nem em pé. Não tá cabendo imagina só sentado.
Estúdio Fábio Castro: Em nota a CMTC disse que fiscaliza os terminais, mas que agora com maior flexibilização do comércio, as empresas não conseguem cumprir a regra de transportar os passageiros apenas sentados. Pra isso teria que ter um incremento de mil ônibus na frota e por isso a CMTC defende que esse ponto de decreto deveria ser revisto porque na prática né, gente faz umas aspas aqui, um parêntese na verdade, isso nunca existiu, nunca aconteceu na verdade. E nos próximos dias, continuando a nota, uma nova proposta pra melhoria da qualidade do transporte será levada à prefeitura de Goiânia e ao governo do estado e a gente aguarda ansiosamente por essa proposta.
***

Dia 26 de junho
Moradores reclamam de barulho, rachaduras e poeira em obras da Avenida Leste- Oeste.
Assunto: Outros

Duração do vídeo 3 minutos.

Chamada no estúdio Fábio Castro: As obras da Avenida Leste-Oeste vem causando transtorno para quem vive em bairros perto da Marginal Botafogo rachaduras e muito barulho estão tirando o sono dos moradores

Entra reportagem Karina Azevedo: A maioria dos moradores da Avenida Maria Bernadete no setor Negrão de Lima vai ter que deixar as casas. Em dezembro do ano passado a prefeitura notificou vários moradores para que comprovasse a posse dos imóveis mas nunca mais entrou em contato agora com a obra perto do prazo final para ser entregue as pessoas estão com medo

Entra sonora Sandra Sueli Amaro- comerciante: Perguntar para você Prefeito qual que é o seu destino para você vai dar para nós você vai tirar nós aqui, vai levar para onde você vai indenizar nós com dinheiro você vai emprestar a indenização para casa, onde, quando porquê a leste oeste está chegando

***Off* repórter :**Segundo os moradores da Avenida eles pagaram pelas casas e dizem que tem até documentos que comprovam negócio mas a área é declarada de posse do município, pois boa parte eram leito da antiga estrada de ferro, como o último trem de carga passou pela região em 1987 área de Rede Ferroviária foi repassada para Município de Goiânia o que permite que a prefeitura exige a desapropriação para poder continuar a obra

Entra sonora com Arthur Rios Júnior- advogado especialista em direito imobiliário: Para que o poder público entre neste imóvel ele vai ter sim que indenizar esse titular do direito de posse seja amigavelmente ou via ação judicial

Passagem repórter, Karina Azevedo: Se quem vive no setor Negrão de Lima tem medo de perder a casa quem mora aqui no Bairro Feliz que também é afetado diretamente pela obra sofre muitos transtornos como poeira barulho e até rachaduras nas paredes são problemas diários

Moradora mostra rachaduras nas paredes de sua casa sem entrevista (sobe som) esse rachado aqui a máquina passou ali trepidou e deu esse rachado. Minha menina mora em cima eu mandei ela descer com medo de cair porque olha aqui os rachados.

Entra sonora Antônio Lima - desempregado: Nós não somos contra a obra mas a gente gostaria sim de um pouco mais de empenho. Um caminhão passando jogando água.

Estúdio Fábio Castro: A prefeitura de Goiânia retomou as obras da Avenida Leste-Oeste em julho do ano passado a previsão de entrega para o fim deste ano são mais de 8 km de extensão o trajeto liga a Rua 74 - Setor Central até Avenida das cerâmicas na GO-403 que dá acesso a Senador Canedo. Bom é uma importante via já esperar dar muito tempo que vai agilizar reduzir o tempo também das pessoas que circulam pela região metropolitana Sobre o barulho e a poeira no bairro feliz a SEINFRA diz que não tem como fazer obra sem mexer na terra e sem usar máquinas que fazem barulho. Sobre a rachadura nos imóveis a secretaria disse que se ficar comprovado que o estrago aconteceu por causa da obra, a empresa responsável vai reformar as paredes.

***

Dia 29 de junho

Moradores formam fila para buscar cestas básicas em Goiânia

Assunto: Outros

Duração 1 minuto

Estúdio Fábio Castro: E tem fila em Goiânia pra receber cesta básica. O Gabriel Garcia está ao vivo então acompanhando pra gente todos os detalhes sobre o motivo dessa fila. O que está acontecendo? Porque fila significa aglomeração Gabriel boa tarde!

Entra repórter ao vivo- Gabriel Garcia: Oi Fábio, muito boa tarde pra você e para todo mundo que nos acompanha os moradores disseram que começaram a formar essa fila por volta das cinco horas da manhã desta segunda feira para retirar as cestas básicas que vão ser distribuídas pela secretaria de assistência social . Olha só o tamanho da fila aqui , né? A gente

acha que terminou aqui é uma das entradas do CRAS. Olha ali o tamanho, a extensão dessa fila. Muitos moradores, idosos, crianças, gente sem máscara estão aqui esperando para conseguir tirar essas cestas. Os moradores estão reclamando que a demora no atendimento está provocando essa fila toda. Muita gente que diz que tinha se cadastrado diz que não conseguiu não conseguiu se cadastrar, não conseguiu ter o nome confirmado na lista mesmo tendo feito o cadastro e na hora de tentar retirar a cesta acabaram demorando porque acaba formando essa fila que já dura mais de cinco horas aqui no bairro Floresta. A gente tá no Centro de Referência a Assistência Social. A distribuição desta cesta começou hoje e segundo a secretaria vai até sexta feira. Cerca de cinco mil e quinhentas cestas devem ser entregues aqui e daqui a pouco eu volto, Fábio, com mais informações. Os moradores estão passando um aperto danado com esse sol do meio dia pra retirar essas cestas

Estúdio Fabio – Gabriel Garcia obrigado, explicando pra gente o motivo dessa fila aí. Muita gente interessada, precisando dessa cesta básica, essa fila, aglomeração também.

***

Dia 29 de junho
Pessoas se aglomeram em fila para receber cesta básica, em Goiás.
Assunto: Outros
Duração 2 minutos

Estúdio Fábio Castro: Vamos voltar a conversar com o repórter que tem informações para gente sobre a filha que está se formando aqui em Goiânia, o pessoal tá indo buscar a cesta básica. Gabriel quais são as informações que você tem

Entra repórter Gabriel Garcia: Fábio eu conversei agora há pouco com o secretário de Assistência Social daqui da capital para explicar o que tá acontecendo aqui. Primeiro moradores contaram pra gente que essa fila em frente ao CRAS no bairro Floresta começou a se formar por volta das 5 horas da manhã, agora é quase uma da tarde e ainda tem muita gente para retirar essa cesta básica. Os moradores disseram que a secretaria entrou em contato com eles para agendar essa entrega, mas muitas dessas pessoas foram informadas de que as cestas só seriam entregues aqui no bairro Floresta nesta segunda-feira. São cerca de 5 mil e 500 cestas que devem ser entregues só aqui mas o secretário me disse que não é verdade que as cestas vão ser entregues de segunda até sexta feira tanto aqui no CRAS do bairro Floresta quanto em outras unidades em outros bairros aqui da capital. Os moradores tiveram esse agendamento feito pelo CRAS e pela secretaria e todos acabarão vindo nesta segunda feira para retirar estas cestas, o que acaba provocando aglomerações, tem muita gente sem máscara, tem criança, tem idoso, tem gente doente e os moradores estão muito incomodados porque eles dizem que o atendimento tá demorando demais, eles não estão recebendo assistência. A secretaria de assistência social garantiu para a gente que todo mundo vai receber as cestas o atendimento vai ser feito com cada um desses moradores para que ninguém fique sem as cestas, que são uma importante ajuda neste momento de pandemia né Fábio

Volta estúdio Fábio Castro: e como, ajuda importantíssima muita gente ta passando fome, não tem o que comer em casa e conta muito com essa ajuda com estas cestas básicas, com a ajuda e caridade de outras pessoas, a gente sabe que muita gente unida para tentar juntar alimento, levar comida para as pessoas que estão sentindo a falta dessa comida por conta desse período de pandemia.

***

MÊS DE JULHO

Dia 01 de julho
Terminais lotados

Assunto: Transporte
Duração: 2 minutos

Estúdio Fábio Castro: E desde cedo a gente está acompanhando a movimentação nos terminais de ônibus do transporte coletivo nesse primeiro dia de comércio não essencial fechado e é grande a movimentação de passageiros. Parece que isso não muda de jeito nenhum.
Começa a reportagem com um vídeo mandado por telespectador onde aparece a legenda: continua lotado *"véi"*..
***Off* repórter**: Dentro do ônibus mais flagrantes de superlotação. Passageiros em pé, sem condições de manter distância segura. Este outro passageiro registrou de dentro do ônibus a movimentação no terminal Isidória antes das sete da manhã. No Veiga Jardim, situação semelhante fila pra entrar no ônibus já cheio. No terminal Praça da Bíblia a sensação que dá é que nada mudou, mesmo com o novo decreto em Goiânia.
Entra mais um vídeo feito pelo telespectador narrando: Aqui agora eu vou pegar o 263. Daqui em vou passar em frente ao CRER. Mais um aperto aí. Aí é o último. Aí daqui... isso aqui eu não pego mais ônibus hoje não.
Entra sonora com passageiro (não identificado): A epidemia, ela começa dentro do ônibus, né? A gente sai de máscara na rua, nos mercado, então a gente tem a distância segura de um pra outro, mas dentro do ônibus não tem como manter essa distância, entendeu?
***Off* repórter**: Patrícia saiu do Parque Itatiaia em Aparecida e desistiu de continuar a viagem de ônibus quando chegou no terminal Isidória.
Entra sonora passageira Patrícia (sem sobrenome): Daí pro centro eu tenho que esperar vinte minutos. Vou acabar pegando o Uber pra não me atrasar
Entra passagem repórter Terciane Fernandes: O fluxo de pessoas bastante atípico para o primeiro dia de fechamento do comércio aqui na capital. Agora são oito horas e trinta e sete minutos, portanto já passamos do horário de pico e aqui no terminal Isidória como a gente pode observar a movimentação de passageiros e ônibus ainda é grande.
***Off* repórter**: Com a nossa câmera também flagramos muita gente na plataforma. Quem tem comércio dentro dos terminais foi orientado pela polícia militar a fechar as portas.
Entra sonora com comerciante do terminal (não identificado) A gente fechou e só daqui a quatorze dias que a gente retorna. Ir embora pra casa agora.
Estúdio Fábio Castro: Olha, em nota a Companhia Metropolitana de Transporte Coletivo solicita que o uso do transporte público seja feito somente por que precisa trabalhar em serviço essencial. Disse também que isso não foi cumprido pelos passageiros. E sobre aglomeração a CMTC disse que cada pessoa deve manter a distância segura de um metro e meio entre as pessoas nesse momento de pandemia.
****

Dia 02 de julho
24 vídeos disponíveis na plataforma Globoplay.
Nenhum vídeo referente a problemas em bairros na região metropolitana de Goiânia.
****

Dia 03 de julho
Ônibus e terminais ficam lotados nesta sexta-feira, na Grande Goiânia
Assunto: Transporte
Duração 3 minutos
Estúdio Fábio Castro: E os terminais de ônibus mais uma vez lotados. Ônibus cheios, pessoas viajando em pé e o ônibus com a porta aberta. É, o passageiro diz que se sente jogado.
***Off* repórter** :A gente mostrou flagrantes ao vivo hoje no Bom Dia Goiás.

Entra arquivo com áudio:(Seis da manhã pra você que está com a gente e terminal da Praça A lotado. Aqui no terminal Praça da Bíblia que fica no setor Leste Universitário aqui em Goiânia, plataformas lotadas... se tá difícil você ficar na plataforma imagina você tentar entrar num ônibus como esse)
***Off* repórter**: Era o efeito da liminar de ontem que defendia a abertura do comércio não essencial. Só que uma nova decisão já tinha mudado tudo de novo.
Entra passagem do repórter Vitor Hugo Araújo: A confusão fez muita gente acordar bem cedo pra ir trabalhar, voltar a enfrentar condições como esta de ônibus lotados sem saber que uma nova decisão havia suspendido a liminar que permitia o retorno do comércio.
Entra sonora passageira (não identificada): Ficam jogando a gente de um lado para o outro.
***Off* repórter**: Quem trabalha nos terminais passou pela mesma situação, por isso porta aberta, porta fechada. Achando que podia voltar ao trabalho, muita gente inclusive se arriscou. O Thiago viajou do Terminal Vera Cruz até o Padre Pelágio assim com a porta do ônibus aberta. Já era por volta das nove da manhã e no Terminal Praça A em Campinas a dificuldade seguia, pela confusão entre as decisões sim mas também pela falta de espaço, de consideração para viajar com segurança. O jeito então foi ir em pé no aperto.
Entra sonora com passageiro (não identificado): Dificuldade miserável, entendeu? Tá difícil pra todo mundo, todo mundo.
Estúdio Fábio Castro: É tá difícil. Importante lembrar que por conta disso o ônibus, a gente sabe que o transporte coletivo acaba sendo um meio de proliferação para disseminar casos de coronavírus também. E sobre o defeito da porta que ficou aberta ali que a gente viu a reportagem, a METROBUS disse que abriu uma sindicância para apurar o que aconteceu. A METROBUS disse que a manutenção dos ônibus, essa manutenção está em dia. Os motoristas são orientados a não rodarem com ônibus com defeito e isso ele deve ir para garagem. O sindicato que representa as empresas de ônibus disse em nota que os horários dos ônibus em linhas estão disponíveis nos terminais, bem como nos aplicativos e dessa forma o passageiro pode ir para o ponto ou terminal, somente no horário de pegar o seu ônibus e evitar esperas desnecessárias. O sindicato disse ainda que a melhor solução seria o poder público interditar e fechar todos os terminais da RMTC. A gente continua sempre acompanhando aqui no Jornal Anhanguera. Vamos sempre bater na tecla que o passageiro, ele precisa ser respeitado. O cidadão precisa ser respeitado e isso é prioridade nossa aqui no Jornal Anhanguera e a gente vai estar sempre acompanhando essas discussões, porque a gente sonha um dia ter o transporte coletivo de qualidade e que respeite o cidadão.
****

Dia 03 de julho
Moradores denunciam quadras esportivas e aglomeração durante a pandemia em Goiânia.
Assunto: Outros
Duração 5 minutos
Estúdio Fábio Castro: E no meio dessa pandemia que não pode ter aglomeração, durante as últimas semanas a gente tem recebido muitas denúncias de quadras de esportes abertas em várias regiões da cidade e muita gente aglomerada de forma irregular em campos de futebol, vamos ver.
***Off* repórter**: Desde o início da pandemia este estabelecimento que aluga quadras no setor sudoeste em Goiânia não tirou o time de campo contrariando as recomendações previstas em decretos. Quem encaminhou o vídeo foi um telespectador pelo aplicativo QVT
Entra narração do telespectador. Essas quadras aqui elas não pararam e nunca fecharam em relação ao decreto de isolamento. Não para não. Não respeitou o decreto, impressionante.

***Off* repórter**: No setor Negrão de Lima outra telespectadora se diz indignada e revoltada. Teve mais registro encaminhado do setor Negrão de Lima. Este mostrando a aglomeração com uma visão do alto. No Parque Amendoeiras em Goiânia mais denúncia. Uma telespectadora contou que o estabelecimento fica com show ao vivo e inúmeros carros na porta, muito barulho e até canhão de luz. No parque Amazônia mais vídeos. Um mostrando aglomeração na Praça da Feira. Nesta outra gravação um grupo na quadra de vôlei de areia. Ainda do Parque Amazônia recebemos uma terceira denúncia.
Entra narração da telespectadora: Já tem pessoal ó, e eles continuam funcionando normalmente. Essa é a quantidade de carros que tem na porta. Oito pessoas jogando sem máscara nesse exato momento. Também recebemos um alerta sobre essa Arena de futevôlei no Jardim Presidente. No vídeo a telespectadora diz que o dono do espaço organiza campeonatos e reúne mais de cinquenta pessoas. Ela falou que os visitantes aproveitam para beber no bar da Arena, o que também não poderia acontecer.
Entra passagem do repórter Adriano Reges: Desde o início da pandemia está proibido o funcionamento de academias e quadras poliesportivas. Nessa semana foi publicado um novo decreto determinando uma quarentena alternada e mesmo quando estiver nos outros quatorze dias de flexibilização esses estabelecimentos não terão autorização para funcionar
Estúdio Fábio Castro: E a gente vai sempre mostrar aqui no Jornal Anhanguera, quem está descumprindo, quem não está dando o exemplo, a gente tem que mostrar cobrar para que todo mundo faça sua parte. Sabe porque que a gente tem que fazer isso? Pra gente sair dessa logo, o mais rápido possível. E olha esses campos e quadras não tem autorização pra funcionar. O Resenha Beach Bar diz que as denúncias não condizem com os fatos e que está trabalhando como qualquer comerciante com total prevenção e cuidado. E sobre o uso de máscaras, o dono da quadra disse que não consegue conter a desobediência de alguns clientes. O dono da quadra Pé na Areia disse que vai verificar o ocorrido e disse que tem comprometimento social na luta contra a pandemia. O dono do Bate Bola Gyn disse que a imagem é antiga e que agora a quadra não está abrindo mais. A gente espera que continue assim, porque como eu disse se todo mundo seguir direitinho, se a gente cobrar uns dos outros, a gente vai sair dessa o mais rápido possível. Olha mais aí a gente recebeu um vídeo ontem a noite pelo nosso QVT, depois que essa reportagem foi ao ar no Jornal Anhanguera segunda edição. Roda a imagem aí pra gente Marquinho. E a pessoa que não quis se identificar disse que essas imagens da quadra Bate Bola Gyn são de ontem a noite e que o lugar tem funcionado diariamente, além disso, ela disse que já denunciou o estabelecimento sete vezes no aplicativo da prefeitura. A gente procurou o dono da quadra novamente e ele não comentou sobre o vídeo que recebemos. Já a prefeitura da capital diz que faz fiscalizações primeiro no sentido de orientar e se o estabelecimento insistir pode ser autuado. A prefeitura reforçou ainda que as denúncias podem ser feitas no aplicativo prefeitura 24 horas. É importante fazer a denúncia mas importante também que vão lá cumprir e verificar o que tá acontecendo pra que tomem as devidas providências.
****

Dia 06 de julho
Passageiro registra ônibus lotado em Goiânia
Assunto: Transporte
Duração 1 minuto
Estúdio Fábio Castro: E os flagrantes de aglomeração continuam dentro do transporte coletivo. Carlos Henrique de Andrade que é nosso telespectador, ele mostrou a situação da linha 026 hoje pela manhã. Vamos ver:
***Off* nota coberta apresentador**. De acordo com o Carlos todos os dias o ônibus tá assim, lotado. Gente em pé e muito próximas umas das outras. Isso foi hoje viu gente, por volta das sete horas da manhã. E a pergunta que fica é: onde está a fiscalização para evitar que isso

aconteça. Olha a gente vai sempre continuar mostrando aqui no jornal Anhanguera a situação difícil que os nossos passageiros vem enfrentando aqui no transporte coletivo aqui da capital. E nós fomos atrás de respostas para quem faz uso dessa linha de ônibus a 026. A CMTC disse que a fiscalização é feita diariamente e para que o decreto seja cumprido em sua totalidade, ou seja, para que cenas como essa não se repitam, seria necessário o incremento de mil ônibus na frota, o que só é possível com a criação de um fundo para o transporte. O sindicato que representa as empresas de transporte disse que os motoristas são orientados a conversarem com os passageiros e que não deveriam abrir as portas quando o veículo já estiver cheio. Esse procedimento segundo o sindicato vai ser alinhado com a empresa responsável pela linha de ônibus. E por fim o sindicato também disse que tem solicitado apoio para os órgãos de fiscalização como a polícia militar que não respondeu aos nossos questionamentos.
****

Dia 07 de julho - 20 vídeos disponíveis na plataforma Globoplay e nenhum relativo a problemas em bairros da grande Goiânia.
****

Dia 08 de julho - 25 vídeos disponíveis na plataforma Globoplay e nenhum relativo a problemas em bairros da Grande Goiânia.
****

Dia 09 de julho - 32 vídeos disponíveis na plataforma Globoplay e nenhum relativo a problemas em bairros da Grande Goiânia
****

Dia 10 de julho - 29 vídeos disponíveis na plataforma Globoplay e nenhum relativo a problemas de bairros na Grande Goiânia. Chama atenção 8 vídeos relativos a casos de polícia.
****

Dia 11 de julho - 19 vídeos disponíveis na plataforma Globoplay e nenhum relativo a problemas de bairros na Grande Goiânia.
****

Dia 13 de julho - 19 vídeos disponíveis na plataforma Globoplay e nenhum relativo a problemas de bairros na Grande Goiânia.
****

Dia 14 de julho - 25 vídeos disponíveis na plataforma Globoplay e nenhum relativo a problemas de bairros na Grande Goiânia. Entretanto, um acidente que aconteceu na Marginal Botafogo próximo ao acesso a avenida Independência alterou o dia a dia de quem passa pelo local. O assunto foi registrado na categoria trânsito.
Acidente envolvendo dois caminhões deixa Av. Marginal Botafogo congestionada, em Goiânia.
Assunto: Trânsito
Duração 2 minutos
Estúdio Fábio Castro: Boa tarde para você muito obrigado pela sua companhia, meio-dia e 25 junto até por volta de 1:25 e tem notícia chegando para você aqui no Jornal Anhanguera imagens Botafogo ali pertinho da ponte da Avenida Independência, você tá vendo essa carreta aqui no canto do vídeo envolvendo dois caminhões Não houve feridos. O trânsito ele foi desviado e foi

ali embaixo da ponte que eu falei da Independência que dá acesso à rodoviária e também a Rua 44 agora você está vendo imagens que foram gravadas agora a pouco também pela nossa equipe de reportagem a gente tem imagens então feitas mais cedo pelo José Washington que mostram bem como ficou o local aí o trânsito sendo desviado isso deu uma dor de cabeça para quem estava impaciente ou com pressa passando ali pela marginal acabou encontrando esse problema por conta dessa batida envolvendo esses 2 caminhões na marginal botafogo bem no finalzinho da manhã.
****

Dia 15 de julho - 24 vídeos disponíveis na plataforma Globoplay. Um vídeo sobre ônibus em garagem da Vila União chamou atenção porque o telespectador usou o QVT para reclamar
Telespectador denuncia ônibus parados na garagem da empresa em Goiânia.
Assunto: Transporte
Duração do vídeo 2 minutos. (Usando inclusive uma vinheta do QVT)
Estúdio Fábio Castro: Mensagem chegando para gente aqui no telão interativo do QVT o Júlio que mandou para gente, '' Do meu apartamento vejo muitos ônibus parados na garagem da empresa de ônibus que fica na Vila União''
Essa mensagem que ele mandou aqui para a gente. Tem até uma foto né? Olha só essa imagem aqui quantos ônibus, aí a gente faz aquela pergunta sobre porque eles não estão circulando? Por que esses ônibus estão parados e a população se espremendo parecendo a lata de sardinha nesses ônibus circulando pela Região Metropolitana, e com um monte de veículos veículos que estão parados ali na garagem esse registro que o Júlio mandou pra gente. Pois bem Julio e para você que é passageiro sofre todo dia usando o transporte coletivo aqui da capital que olha essa imagem e fica indignado. A CMTC informou que tem feito o levantamento diário da demanda por ônibus, estão levantando dados para reforçar linhas mais carregadas e segundo eles, eles vão fazer esse levantamento e devem repassar isso para gente.
Nós também entramos em contato com o sindicato das empresas de ônibus. O sindicato das empresas de transporte público e passageiros de Goiânia e região metropolitana disse em nota que é normal ter dentro das empresas que parte da frota não esteja em operação, os ônibus precisam passar por manutenção e outros permanecem no pátio porque estão a venda e já foram substituídos por ônibus mais novos que já estão nas ruas.
****

15 de julho
Moradores reclamam de assaltos frequentes em condomínios e prédios em Goiânia.
Assunto: Outros
Duração 3 minutos
Estúdio Fábio Castro: E ontem depois que mostramos aqui no Jornal Anhanguera um homem levando uma bicicleta de dentro de um condomínio, mais vítimas entraram em contato com a gente falando de outros assaltos no Jardim América. O ladrão pode ser visto andando tranquilamente pela garagem. Vamos ver esse caso agora, rodou.

***Off* repórter**: As imagens de câmeras de vigilância mostram o homem entrando no condomínio durante a madrugada. Ele tenta abrir vários carros estacionados na garagem, pega um capacete e sai. Depois volta e pega uma carteira que estava no banco de um dos carros e vai embora. Segundo os moradores, não é a primeira vez que o condomínio é invadido e os moradores furtados.
Entra sonora morador Renato Borges- gerente. A gente aqui que mora em apartamento, mora em condomínio tem essa falsa sensação de segurança na verdade e por mais que você tente

fazer qualquer tipos de dificultar a vida desse indivíduo aparentemente é....não tem nada que de fato te deixe seguro.
Off **repórter**: O condomínio onde o crime aconteceu fica no Jardim América onde grande parte das casas e prédios são equipados com sistema de monitoramento e cerca. Neste outro condomínio a cena se repete. O homem pula o muro, entra na garagem, e minutos depois sai levando uma bicicleta. Nem a presença de outras pessoas na calçada, em plena luz do dia intimidou o ladrão.
Entra passagem repórter Marina Demori: Aqui neste outro condomínio o homem aproveitou essa parte do muro que não tem cerca elétrica para entrar e levar a bicicleta ele ainda conseguiu sair pelo portão da frente. Segundo os moradores vizinhos aqui do Jardim América, casos assim têm sido muito frequentes nos últimos meses. Os bandidos entram nas casas e prédios durante a madrugada ou até mesmo durante o dia quando não tem ninguém e levam aquilo que conseguem. Os moradores registram boletins de ocorrência. A Guarda Civil Metropolitana prendeu um homem e disse que foi o mesmo que entrou nos dois prédios, mas pra quem vive ali o sentimento de insegurança continua.
Entra sonora morador que não quis se identificar: (com a imagem escura) e cartela para ajudar a entender a fala: Já aconteceu de ter assalto aqui e a gente chamar policiamento e demora a vir. Então isso causa muito medo pra nós. Então a gente pede assim, policiamento que as pessoas possam tá vindo tá monitorando, porque não é fácil e muito difícil mesmo.
Estúdio Fábio Castro: Olha a polícia militar disse que repassou a reclamação dos moradores do Jardim América pro comandante responsável pelo policiamento no bairro. Já é feito um policiamento preventivo ali no Jardim América todos os dias, mas isso será intensificado. E quem conseguir ver alguma atitude suspeita ali no Jardim América pode ligar para o 190 e também tem o número do CPU ali da área que é um pessoal da polícia militar que tem um celular para receber a ligação, o número é esse aí que tá aparecendo aí na sua tela. Isso é importante viu o Jardim América, que é o maior bairro aqui da capital. Muita gente morando no Jardim América, então é importante você morador do Jardim América ter esse número aí. A polícia também contou o seguinte: que tá investigando os casos no Jardim América
****

Dia 16 de julho
Aglomerações são registradas em terminais de ônibus da Grande Goiânia
Assunto: Transporte
Duração 2 minutos
Estúdio Fábio Castro: E a gente acompanhou novamente o embarque de passageiros aqui em Goiânia. Pois é vamos falar de transporte coletivo aqui no Jornal Anhanguera. O Gabriel Garcia foi até dois terminais de ônibus e viu muita gente reunida
Off **repórter**: A quinta feira começou com o terminal da Praça A lotado. Várias pessoas aglomeradas, reunidas aí prontas para entrar nos ônibus. Na Praça da Bíblia também muita gente. Vamos ver se tem espaço. Vamos ver se consegue fechar a porta. Esse rapaz que entrou agora a porta vai fechar em cima dele, ônibus lotado. Várias janelas fechadas, os passageiros estão tentando abrir as janelas pra ver se ventila.

Entra sonora com passageira (não identificada): A gente tem medo, né? Mas a gente precisa trabalhar então não tem jeito.
Entra sonora passageira (não identificada): Os ônibus deveriam ter álcool em gel. Eu acho que deveria dar álcool em gel e eu acho um desaforo para as pessoas que pegam esses ônibus.
Off **repórter**: A CMTC que fiscaliza o transporte disse que tem como melhorar o serviço e apresentou propostas, entre elas estão: renovação de parte da frota. Trezentos novos ônibus de imediato e seiscentos até 2024, passar os terminais de integração, estações de embarque e

desembarque e abrigos dos pontos de ônibus para iniciativa privada. O presidente da CMTC deu uma entrevista ao Bom Dia Goiás e falou o que pode ser feito de imediato.
Entra sonora presidente da CMTC Benjamin Kennedy Machado da Costa: Com abertura do comércio agora nós fizemos um incremento da frota que tá operando então a aglomeração continua, mas em menor escala do que nós tínhamos antes na semana passada e também com a proposta que teremos a colocação de linhas realmente diretas em várias regiões da cidade.
Estúdio Fábio Castro: Pois é, o Jornal Anhanguera continua acompanhando de perto passo a passo sobre as discussões pra melhorar o transporte coletivo aqui da região metropolitana principalmente nesse período de pandemia.
****

Dia 17 de julho
O CIAMS Pedro Ludovico é fechado para reforma, em Goiânia.
Assunto: Outros
Duração do vídeo 4 minutos.
Entra estúdio Fábio Castro: A reforma de unidade de saúde aqui da capital que deveria ser motivo de comemoração né para todo mundo tá deixando muita gente preocupada e com medo de ficar sem atendimento uma delas uma dessas unidades é o CIAMS Pedro Ludovico
***Off* repórter Marina Demori:-** o Júlio veio para uma consulta no CIAMS do setor Pedro Ludovico e ficou preocupado quando ficou sabendo do fechamento da unidade para uma reforma
Entra sonora Júlio César do Brasil, autônomo: Trabalho na Chácara do Governador, o Cais de lá fechou, eu precisei de um clínico geral e me mandaram aqui para o setor Pedro porque o lugar mais próximo seria na Vila Redenção mas lá também não tinha o atendimento que eu precisava devido a falta de vagas, fechando aqui vão me levar para aonde se eu precisar pro Novo Mundo? Oliveiras?
***Off* repórter:** A notícia de que as atividades no CIAMS vão ser suspensas veio de uma hora para outra e pegou de surpresa também os funcionários da unidade
A funcionária demonstra sua insatisfação sem entrevista. (Não identificada) não vai abrir não vai atender. Em plena pandemia a unidade do setor Pedro Ludovico vai fechar.
Entra repórter Marina Demori: Segundo os funcionários as obras aqui começaram a cerca de duas semanas e o combinado inicial era de que a outra parte do prédio só seria fechada quando esse lado ficasse pronto, assim o atendimento à população não seria prejudicado.
Neste vídeo gravado por um funcionário ele mostra que o aonde a reforma já começou foi isolada para a segurança dos pacientes
Entra vídeo com narração do servidor: palete preto pra frente e a área de funcionamento pra cá. Quer dizer que está totalmente isolada, não teria por que tirar o pessoal, os servidores que estão em atendimento
***Off* repórter** :Esses profissionais que não querem aparecer nas imagens dizem que nada foi planejado e que estão tendo que encerrar os atendimentos às pressas e não sabem nem onde vão trabalhar a partir de segunda-feira.
Entra sonora com profissionais que foram gravados em contra luz para não serem identificados e legenda para a voz que foi distorcida: Recebemos o comunicado ontem, ao final da tarde, pela direção da unidade, falando que a unidade estará fechada até sexta-feira. A partir de segunda já não estaremos aqui e sem um documento oficial da lotação de cada servidor, apenas uma comunicação verbal.
Estúdio Fábio Castro: Bom eu estou aqui com o Silvio José de Queiroz que é superintendente de gestão de redes da secretaria municipal de saúde, para falar sobre esse fechamento do CIAMS. Muito obrigado Silvio por vir conversar com a gente, agora não teve critério para

fechar o CIAMS do Setor Pedro? Não houve preocupação em relação a esses pacientes. (no telão)
Entra sonora Silvio Jose de Queiroz, superintendente de gestão de redes-: Boa tarde Fábio, boa tarde a todos que assistem o programa, na verdade desde o dia 23 de março, houve a publicação de um decreto do prefeito, o serviço de atendimento lá do CIAMS já estavam suspensos em 95% porque é uma unidade de consulta especializada. Nesse momento tínhamos em atendimento na unidade, em atividade 3 ginecologistas e 2 clínicos, esses profissionais foram distribuídos nas unidades próximas ao Pedro Ludovico, como por exemplo o Centro de Saúde do Parque Amazônia, e centro de saúde da Vila Redenção. Os atendimentos não serão prejudicados, tendo em vista que não era uma unidade de referência para o atendimento de Covid. As unidades são as 10 unidades de urgência que nós temos CAIS, CIAMS e também as UPAS e temos ampliado esse trabalho. Estávamos com 14 unidades da atenção básica fazendo ali o atendimento a partir da próxima semana teremos 63 unidades da atenção básica também fazendo e reforçando o atendimento. Esses profissionais eles serão realocados hoje, todos tomarão conhecimento para onde, quais as unidades eles irão e vão reforçar o atendimento para os pacientes com Covid nas outras unidades da secretaria municipal de saúde.
Estúdio despede e agradece a participação.
***

Dia 18 de julho - 18 vídeos disponíveis na plataforma Globoplay nenhum relacionado a problemas em bairros da grande Goiânia.
***

Dia 20 de julho - 27 vídeos disponíveis na plataforma Globoplay nenhum relacionado a problemas em bairros da Grande Goiânia
***

Dia 21 de julho - 23 vídeos disponíveis na plataforma Globoplay nenhum relacionado a problemas em bairros da Grande Goiânia.

Dia 22 de julho
Moradores reclamam da demora nas reformas do Cais em Goiânia.
Assunto: Outros
Duração do vídeo 3 minutos
Entra estúdio Fábio Castro: Bom a gente segue aqui com Jornal Anhanguera agora a gente vai te falar o seguinte a repórter Renata Costa ela foi para rua descobrir que tá acontecendo com as obras dos CAIS Jardim América e também Chácara do Governador os moradores estão reclamando que tá tudo atrasado e eles nunca mais tiver informação de quando vão ter atendimento de saúde bem pertinho de casa de novo
Entra a repórter Renata Costa: Desde setembro de 2017 em obras do CAIS do Jardim América prometido para virar UPA Unidade de Pronto Atendimento segue com a reforma e a prefeitura descumprindo todo cronograma, a população assiste sacrificada na hora que tem que buscar atendimento.
Entra sonora José Junior Marques aposentado : Principalmente na época de vacinação no meu caso mesmo, eu vacinei aqui, a vacina do idoso agora eu tenho que vacinar lá perto do campo do Goiás.
Volta repórter Renata Costa : Tava demorando tanto eu acho que alguém vai se lembrar que a população aqui da região eles colocaram uma faixa que eu cobrando a entrega é claro foi retirada pelos operários e foram tantas interrupções ao longo do projeto primeiro a empresa abandonou a obra aqui em seguida acabou desistindo do serviço, e agora quem tá aqui é que

venceu a licitação em março pelo jeito a coisa tá saindo porque tem placa de entrega avisando olha a data 29 de setembro, quando CAIS fechou para reformas que o seu Augusto que mora no fim da rua a 52 anos sofreu muito não teve mais como continuar certinho e os efeitos do Parkinson aceleraram

Entra sonora Augusto Cavalcante aposentado: Eu sinto muita falta,um médico mais próximo.

Entra sonora Denes Ribeiro empresário: A pergunta que eu tenho eu peço para a secretária de saúde né e o mobiliário e os equipamentos desse local Aqui eles já estão sendo providenciados, qual é o cronograma né tem um cronograma

Volta repórter Renata Costa: O CAIS da Chácara do Governador está parado para reforma desde janeiro, está sendo preparado para atender pacientes de baixa e média complexidade, o Nilson vizinho está vigiando a obra e disse que já passou do prazo de entrega.

***Off* repórter-** Da sacada dona Carmem acompanha a reforma andando na rua, vê todos os dias pacientes desavisados que não sabiam da obra buscando atendimento locais, o CAIS tá fazendo falta.

Volta para o estúdio, encerra e despede.

***

Dia 29 de julho

Começam as obras de viaduto na avenida Goiás Norte, em Goiânia.

Assunto: Trânsito

Duração do vídeo 3 minutos.

Entra estúdio Lilian Lynch : Olha começaram hoje as obras do viaduto da Avenida Goiás Norte com atendimento ao norte mais uma obra aqui na capital que deve mexer com o trânsito agora o trânsito da região norte aqui de Goiânia Bora conversar com a Giovana dourado que tem informações para gente hoje o Giovana previsão de duração dessa obra até dezembro agora né previsão vamos falar sobre isso previsão e com mãe que ficam trânsito então aí na região enquanto esse trabalho estiver acontecendo aí boa tarde

Entra a repórter Giovana Dourado : boa tarde a previsão é até dezembro vamos torcer para que tudo ocorra como programado mesmo, até porque nesse primeiro momento não há previsão de interdição que já é um alívio aí para o motorista .É essa obra começou hoje estamos agora no horário de almoço então a gente não vê trabalhadores aqui mas eu já consigo a gente consegue mostrar para vocês as estacas brancas que são o comecinho, a demarcação desse viaduto Edvaldo dos Santos Mota mostra para gente, aí essa primeira etapa na segunda etapa já deve incluir aí a instalação dos pilares para o viaduto esse viaduto Eu também no local onde vai acontecer a obra mesmo né no cruzamento da Perimetral Norte Goiás nós vamos mostrar para vocês que vai acontecer a interligação tem a pista sendo feita do lado de cá da Goiás Norte e do lado de lá também interligar tudo isso vai ser feito um viaduto e ele vai terminar bem ali nesse terminal que eu terminal Perimetral que está em obra também a gente consegue ver a extensão dele ali o tamanho, já tem a armação já possível de se enxergar ele vai terminar Ali vai ter quatro pistas duas delas para os ônibus do BRT e duas para os demais veículos os ônibus ao projeto é que as pistas de ônibus que sejam elevadas passem por cima para dar uma fluidez maior uma velocidade maior para o transporte coletivo que deve ser priorizado aí né então por enquanto essa primeira etapa com as estacas não tem intenção de trânsito a segunda etapa também não tem previsão de interdição no trânsito pode acontecer se uma estreitamento alguma faixa pode ser ali reduzida em algum momento por conta da movimentação das máquinas e dos trabalhadores agora no terceiro momento a gente não sabe ainda em que mês Isso vai acontecer aí sim com o lançamento das vigas de é ver a intenção desse ponto que é um ponto muito importante aqui na capital a gente tá no mês de julho Ainda não temos escolas funcionando com aulas presenciais e o movimento é muito intenso Isso demonstra como esse é um ponto de

muito um fluxo muito intenso e que então não entendi estão aqui afeta bastante toda a região né região aqui que já vem acostumada né convivendo com essa obra há muito tempo agora vê a obra do BRT começar a ganhar forma com previsões daí novas previsões né de término e a torcida de quem enfrenta obras e sempre que os prazos sejam cumpridos Por que o transtorno enquanto a obra acontece ele é inevitável é grande né Aline então é isso a previsão até até dezembro essa conclusão e o orçamento para esse viaduto aqui é de 10 milhões de reais Lilian.
Volta para estúdio encerra
***

Dia 30 de julho
Passageiros denunciam aglomerações em ônibus de Goiânia.
Assunto: Transporte
Duração do vídeo 2 minutos.
Entra estúdio Lilian Lynch: Jornal Anhanguera tá de olho também é muito tempo na situação do transporte coletivo vários telespectadores que usam os ônibus para poder trabalhar mandar um vídeo para gente com muitos flagrantes de aglomeração
Off **repórter Lilian Lynch :** O Fagundes Oliveira filmou aglomeração dentro do ônibus do terminal para assar os passageiros estão de máscara mais um encostado no outro prato cheio para o coronavírus agora dá uma olhada na fila no terminal praça da Bíblia é de perder de vista mas não é só do lado de fora do ônibus que tem aglomeração dentro mal dá para se mexer no Terminal Padre Pelágio a situação tá igual filas intermináveis é tanta gente que não tem como cumprir Um distanciamento seguro o Rafael que é de São Paulo e mora há um mês aqui em Goiânia também manda o vídeo do ônibus lotado Ele disse que todo dia a situação é a mesma os passageiros também reclamam que tá demorando muito para os ônibus saírem dos terminais cerca de 45 minutos esse ônibus que saiu lotado do terminal praça da Bíblia em direção à Nerópolis na região metropolitana estragou no meio do o caminho
Olha a CMTC disse que faz a fiscalização todos os dias nos ônibus e nos terminais e que vai começar a monitorar essas linhas que nós mostramos aqui no Jornal Anhanguera mas a gente sabe que não são apenas essas linhas que estão com problemas mostramos hoje porque foram 1 denúncias que chegaram para gente aqui reclamações através de vídeos através de mensagem mensagens dessas linhas o que a gente sabe que o trabalhador que está no momento de crise crise mundial e que precisa sim colocar o pão o arroz e o feijão dentro de casa precisa sair para trabalhar depende do transporte coletivo e quer ter um mínimo um mínimo de segurança sanitária digamos até um mínimo de segurança de saber que não vai ser contaminado dentro do ônibus como é que evita aglomeração nesse tipo de serviço.

ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DAS UNIDADES JORNALÍSTICAS DA TV MORENA - MESES DE JUNHO E JULHO DE 2020

MÊS DE JUNHO

Dia 01 apenas 6 vídeos na plataforma nenhum de comunitário
***

Dia 02 de junho apenas 7 vídeos na plataforma nenhum de comunitário
***

Dia 03 de junho 7 vídeos na plataforma nenhum referente ao comunitário
***

Dia 4 de junho 6 vídeos na plataforma- um VT relativo a bairro
Fim de outono deixa ruas de campo grande cheias de buracos
Assunto: Buracos
Duração 9 minutos
Estúdio Bruna Mendes – estamos de volta com o MS1 pra você. Tem sido um fim de outono bem atípico aqui na capital e em muitas cidades do interior também bastante chuvoso. A chuva persiste desde o início da semana aqui na capital. Hoje já choveu forte de madrugada. Nesse momento 20 graus na capital (imagens externas da cidade). Temperatura bem amena também, olha que imagem bonita do alto da torre da TV morena ao vivo pra você hein? Agora com a chuva traz um transtorno aí que a gente sabe que acontece muito pela cidade. Preocupação com a saúde por causa da dengue, em especial também por conta da infraestrutura da nossa cidade. Os buracos voltaram a aparecer pela capital.
No estúdio - você sabe eu com o celular na mão você consegue gravar imagens da cidade, aí no seu bairro e mandar pra gente pelo Whatsapp 99650101 assim como fez gente a Zuleide que flagrou um incidente na rua das Balsas lá no bairro Estrela do Sul essa manhã. O asfalto cedeu com a passagem de um ônibus do transporte coletivo. Olha o vídeo que ela mandou pra gente. Aparece no telão a imagem enviada pela telespectadora.
***Off* da telespectadora**- só que dessa vez o ônibus não passou né? Da outra vez o ônibus passou e deixou o buraco dessa vez não. E ta feio ó. e agora é na calçada aqui tá desmoronando olha lá. O outro ônibus tá tentando tirar ele, mas eu acho que o buraco vai aumentar mais.
Estúdio Bruna Mendes. Impressionante né gente? Vamos rodar as imagens que a Jugleide fez pra gente com o celular na mão ta´. Ela flagrou mandou pro nosso Whatsapp e aí eu trago a resposta e ela também teve um prejuízo aí com a calçada. A secretaria de obras me disse que afundou a rede de água e que as equipes vão passar aí pra arrumar. Até sua calçada vai ter que ser consertada viu Ju você que mandou o vídeo aí pra gente. – tarja o que diz a SISEP? Antes de eu passar pro próximo local aí também falando dos buracos eu quero mostrar a foto que o Elias mandou pra gente do amanhecer do dia. A Ju fez o vídeo já depois do dia amanhecendo né. Mas às cinco horas da manhã nosso telespectador que madrugou, já flagrou também esse mesmo incidente do ônibus preso ali no Estrela do Sul. Elias obrigado pela sua participação. Madrugando com a gente flagrando essa situação aí ó chuvarada, o buraco abriu lá na rua das Balsas. Olha só o tamanho de outros viu pela cidade. Vou começar a mostrar uma série de imagens agora feitas pelas nossas equipes (imagens no telão) . Situação da rua João lemes de Resende bairro Itamaracá essa rua dá acesso a avenida Guaicurus uma das principais da região sul da nossa cidade e também e também da acesso de saída pra BR 163. Nessa rua aí alguns quarteirões a frente mais buracos. Os moradores já estão preocupados com essa chuvarada atípica e com esse problema que aparece em nossa cidade. Com a chuva os buracos ficam cheios

de água e se tornam verdadeiras armadilhas principalmente pros motociclistas, principalmente nesse trecho também você viu o caminhão passando ali. Há um fluxo muito grande de caminhões nesse trecho da cidade

Estúdio Bruna Mendes: No bairro Nossa Senhora das Graças, motorista, motociclista, atenção na hora de passar pela rua Conselheiro João Alfredo por lá os buracos viraram verdadeiras panelas como a gente costuma dizer aqui. (Coberto com imagens do local) Panelas no meio da rua. Situação que piora conforme vai escurecendo e os moradores tem que fica desviando dessa situação aí. Vocês já sabem no que isso pode dar né? Acidentes incidentes. Não quero nem pensar nisso. Perto dali também mais buracos na rua Miguel Vieira Ferreira uma rua que fica no Parque dos Laranjais, (coberto com imagens) com a água a gente vê também que o problema vai se agravando. Desse jeito aí não dá nem pra enxergar. Quando a água fica por cima é uma armadilha perigosa.

Estúdio Bruna Mendes: Não é diferente na região do vilas boas na rua tricordiano, uma rua que serve de rota pra quem vem da região de Tiradentes, grande Tiradentes. Quem passa por ali vê buracos. Alguns foram tampados, mas voltaram a abrir com as últimas chuvas. Ou seja, a população sempre diz: dinheiro que vai indo embora cada vez que chove. (Coberto com imagens) E quando você tem que desviar do buraco em cima da hora porque você não vê, às vezes até precisa ir pela contramão como o flagrante feito na rua Santana, ó pra desviar do buraco o motorista tem que sair da faixa dele pra escapar e é um perigo. Tem que ficar muito atento. E aí ó a sugestão é reduzir a velocidade não desviar pela outra via porque o acidente pode acontecer (imagens fracas)

Estúdio Bruna Mendes: E não é só em bairros, gente onde tem esse problema na avenida Ricardo Brandão região central da cidade perto do Pontilhão, ali da Ceará, os buracos também bem na pista que fica do lado do córrego prosa. Os motoristas deve ficar mais alertas por ali (coberto com imagens)

Estúdio Bruna Mendes: E o secretário de infraestrutura explicou como é que tá funcionando o trabalho de tapa buracos aqui na capital. Ele chegou a ficar parado por conta da pandemia. Mas e agora? Agora a população tá precisando aí de obras de infraestrutura e manutenção que não devem parar em tempos assim, não é? vamos ver

Entra sonora gravada do secretário- Rudi Fioresi - as equipes de tapa buracos ficaram paradas por 15 dias no período de início das medidas de restrição e combate ao Covid19. Após esse período continuamos nosso trabalho de tapa buracos. Nós temos dez equipes em todas as regiões da cidade fazendo rotineiramente esse serviço de tapa buracos. A população pode passar as demandas pra secretaria elas vão chegar até nós na secretaria através do fala campo grande ou 156 ou telefonando diretamente pra secretaria no 33 14 36 00 esses são os canais para atender as demandas da população e com isso a gente faz a programação de atendimento e execução desse tapa buraco.

Estúdio Bruna Mendes: É, nós até chegamos a mostrar aqui que depois da pandemia com uma organização entre as empresas terceirizadas e até com as próprias empresas da SISEP eles conseguiram retomar muitas obras. A gente tem visto obras acontecer pela região central o Revita Campo Grande tá continuando também, mas esses serviços de manutenção não podem parar gente. Não podem parar a população está solicitando, tá pedindo, buracos eles são um problema histórico aqui na capital. Muitos voltaram a abrir com as chuvas ou seja dinheiro público que vai pelo ralo e vai pra boca de lobo ali que escorre mesmo pelas ruas e avenidas da capital. Ruas que não tem asfalto também estão em situações caóticas. Esse tipo de manutenção tem que seguir pela cidade né? Os impostos estão sendo pagos, muitos deles estão sendo pagos, então a gente sabe que isso é um retorno pra população seguir adiante também. Sabemos da dificuldade da pandemia pra novas obras, obras gigantes, mas manutenção, manutenção tem que continuar pela cidade. Olha aí os buracos **(coberta com imagens)**

Estúdio Bruna Mendes: Além dos buracos, outro problema né meu amigo que eu sei que você que passa pelas ruas da capital já viu também. E quando são feitos vários remendos no asfalto? O piso fica naquela situação super irregular, o asfalto. Essa é a situação da avenida cônsul Assaf Trad no trecho que fica entre o terminal Nova Bahia e o bairro Morada Verde. Quem passa por lá sabe a dificuldade que é pra manter a estabilidade. Olha só a trepidação que dá dentro do veículo do nosso carro de reportagem. Tá vendo?
Estúdio Bruna Mendes: Segundo a prefeitura, já foi assinada a ordem de serviço da obra de drenagem da cônsul Assaf Trad e nesse pacote tá incluído o recapeamento da avenida. A drenagem começa em 30 dias e tudo ainda deve ser concluído ainda este ano. Trinta dias, então 4 de julho a deve voltar então pra ver se essa obra começou na cônsul Assaf Trad.
***

05 de junho
Buraco bairro Estrela do Sul
Assunto Buraco/ asfalto
Duração do vídeo 1 minuto
Estúdio Bruna Mendes: Um ônibus caiu num buraco depois de o asfalto cedeu no bairro estrela do sul aqui em campo grande você lembra? Ontem mesmo as equipes da concessionária de água e esgoto iniciaram esse conserto, mas é um trabalho mais demorado e aí e ainda hoje de manhã o pessoal tava em pleno vapor ali pro alívio da Jugleide que mora ali em frente teve até a calçada estragada porque o pavimento se soltou e estragou a calçada dela também. A Jugleide mandou um vídeo esta manhã. É o olhar dela de uma situação que começa a ser resolvida. Ju bem vinda de volta ao MST1
Entra vídeo com narração da moradora. Oi Bruna. Ontem eles trabalharam aqui até tarde até as 10 horas da noite. Tão bem rápido a obra e vão arrumar minha calçada dessa vez. E tão quase terminando aqui já. Valeu Jugleide obrigada, participe com o MST1 essa senhora também mandou fotos que o serviço continua por lá.
****

06 de junho 5 vídeos na plataforma- nenhum sobre bairros
***

08 de junho -9 vídeos na plataforma –nenhum sobre bairros
***

09 de junho 10 vídeos na plataforma- 01 sobre bairros
Morador do Coophavila 2 conta que está preocupado com a fiação.
Assunto: energia/ Iluminação
Duração do vídeo 2 minutos
Estúdio Bruna Mendes: O que está acontecendo aí no seu bairro que o MST1 pode te ajudar. Um morador lá do Coophavila 2 está preocupado com a situação de uma árvore ao lado da casa dele. Adenilson conta pra gente.
Entra vídeo do morador. Eu estou falando aqui do Coophavila 2 e aqui tem uma árvore ao lado da minha residência e já faz um bom tempo que essa árvore morreu. Mas os galhos da árvore... ta toda seca a árvore. o bombeiro veio aqui . Me atendeu muito bem o bombeiro. e eles vieram aqui e constataram que é um árvore que pode cair em cima da residência. Eles me encaminharam para emergência, mas eu to cansado de pedir pra eles vir aqui pra vim ver esse serviço aqui pra solicitar o corte dessa árvore. Os bombeiros disseram que não podem mexer porque ela está dentro da rede de alta tensão. Você pode ver que tem um transformador ó. Os *gaios* já tá pegando ó lá em cima na rede de alta tensão. Então se der um vento muito forte vai

cair essa árvore, vai cair em cima da minha casa, ó o prejuízo. Eu to falando aqui do Coophavila 2 Rua da ilha lote 561 falou? Eu te agradeço muito se você puder me dar essa força aí Bruna, valeu!

Estúdio Bruna Mendes: Valeu Adenilson, obrigado pelo seu vídeo perfeito aí e nós acionamos a concessionária de energia elétrica e essas são as imagens aí da equipe (mostra as imagens do telão da árvore já sendo cortada) que tava trabalhando por lá. eles fizeram uma poda emergencial e a ENERGISA informou que para retirar a árvore é preciso uma autorização da prefeitura ta . Nesse caso o próprio morador precisa fazer um requerimento pra SEMATUR e tem mais informações no 40421323 pra informações pro Adenilson e outras que passam por isso.

****

10 de junho – entra no ar o repórter do comunitário Alexandre Cabral
Moradores reclamam de esgoto a céu aberto
Assunto: água;/esgoto
Duração 6 minutos

Estúdio Bruna Mendes. Nesse momento eu com muita alegria vou te contar quem está de volta hoje 10 de junho. Meu amigo Alexandre Cabral que estava de férias, as férias acabaram e agora ele desembarca aqui na casa preferida dele que é o MS1. Não é meu amigo. Por enquanto a nossa conversa vai ser assim pela nossa janela de interatividade. Você aí eu aqui e o público em casa

Entra Cabral – só na janelinha. Tudo bom Bruna. Nossa que legal! Que saudade! É minha casa o MS1, casa do comunitário. Casa da Bruna, casa do Cabral, casa de todo mundo. E outra coisa tô em casa. Ta sem máscara aí o Cabral tá sem máscara, tá sem máscara. É porque eu estou em casa. Eu estou cumprindo tudo que deve ser cumprido por causa das comorbidades que a gente tem. Tenho um probleminha aí não dá pra ir pra rua. Se não dá pra ir pra rua, a rua vem pra cá. É como fez a dona Adelaide, viu o problema e mandou pra nós, confere aí.

Entra o vídeo da moradora Bom dia Cabral que bom que você está voltando pro jornal. Eu vim fazer uma reclamação aqui no meu bairro Itamaracá na rua Jorge Calil Dualib. Tá vendo essa água aqui ó escorre o dia inteirinho aqui na rua. Olha só. Isso aqui tem mais de mês, já liguei na saúde, já pedi ajuda. Já falei com agente de saúde daqui da rua. É um condomínio ó de casas. Eu não sei de onde que é essa água. Tem idosos ó aqui nessa casa. Ali tem criança pequenininha que mora estão com medo. Tem um comércio bem aqui na frente. Os clientes reclama. Olha a distância dessa água onde ela vai. Ela vai longe. Os vizinhos já pediram, já conversaram. Ninguém fala o que é. Eu já fui lá já pedi um vizinho fala que não é. Outro fala que não é. Dá uma olhada à distância dessa água. Então o jornal faz a reportagem aqui pra vocês vê pra vocês fala. Ó vai até lá embaixo ó. É insuportável o cheiro. Então eu peço pra vocês tá bom. Urgentemente dá uma olhada nessa rua aqui. Muito obrigada

Estúdio Bruna Mendes: Dona Adelaide muito top com o celular na mão, dando as boas vindas pra você meu amigo. E tem muita gente comentando sua volta no whatsapp sua volta depois das férias, o descanso. A Manuela lá do residencial Búzios, tá tirando uma foto do lado da televisão dizendo que você tava fazendo muita falta e que tava sentindo saudade de você. (Aparece a foto da telespectadora)

Estúdio Bruna Mendes: Agora põe o Cabral aí na tela mandando coração para Manuela que esse carinho do público é muito bom, mas tão bom quanto este carinho é a resposta para o telespectador. Dona Adelaide tala assistindo e quer saber sobre o problema lá do bairro dela o Itamaracá

Entra Cabral – vamos começar então Bruna. Seguinte, ligamos para a concessionária. A concessionária foi rapidinho lá na casa e disse o seguinte. Na rua não tem esgoto aí passa o problema não fica na concessionária, só que os técnicos da concessionária falaram que

realmente aquela água servida que tá saindo na rua não pode. Se não tem rede de esgoto, fossa. Responsabilidade do morador. Aí ligamos para SEMADUR. Questão de dez minutos a SEMADUR já deu resposta, vai mandar uma equipe hoje lá pra ver qual é o problema e como pode ser resolvido isso. E aí a gente foi um pouquinho mais a fundo né Bruna pra dar aquela resposta legal pra comunidade que tá mandando vídeo. Manda vídeo pra nós que a gente dá a resposta. Ligamos também pro secretário de obras perguntando quando vai passar o esgoto lá. O Rudi Fiorese ficou de me ligar, ligar pra nossa produção pra dizer como é que ta a situação de passar a rede de esgoto lá e ou talvez o asfaltamento que parece que já estava tudo engatilhado pra asfaltar o Quinta Vieira que é uma parte ali que passa ali. No Itamaracá com Quinta Vieira fica essa rua da dona Adelaide. Então daí assim que a gente tiver a resposta a gente já dá aqui Bruna. E é isso o comunitário agora é assim, você sempre que fez. É sempre eu que ia lá. Agora você faz o vídeo pronto e eu tô aqui respondendo. E ó como disse a Bruna só na janela, na janela.

Estúdio Bruna Mendes: Pega o celular, faz vídeo, faz foto, narra pra gente qual é a situação, manda pro Whatsapp 9998650101 vai chegar lá pro Cabral e ele vai trazer pra gente as demandas da comunidade. Ó Cabral já tão pedindo aqui alguma providência no jardim noroeste, muito lixo em terrenos baldios. A Daiane tá mandando. O pessoal de Água Clara tá falando aqui seja bem vindo de volta Cabral. Tem muita gente aqui já pedindo o comunitário.

****

Dia 1 5 de junho

Moradores reclamam da falta de iluminação da Vila Palmira

Assunto: energia/iluminação

Duração 4 minutos

Estúdio Bruna Mendes: Meio dia e 15 é a sua hora né Cabral (ele já está no telão) a hora do comunitário. Quem foi que te acionou hein meu amigo?

Entra Cabral: Tudo bom Bruna? Eu tô pronto desde as 11 desde a hora que entra o jornal eu já tô preparadinho aqui. Olha nossa situação tem muito a ver com o que você falou e com o que a Evelyn falou, segurança pública. Dá uma olhada na situação da rua do seu Edes do grande santo amaro na Vila Palmira.

Entra gravação por celular do morador- Edes Leopoldina Lemes- aposentado.

Cabral eu moro aqui na rua Cássia número 40 essa luminária tá parada faz dias. O rapaz deixou o caminhão aqui na frente porque aqui é perigoso malandragem, né? Na frente do caminhão tem uns três vizinhos que botaram lâmpada no muro para poder clarear a rua, entendeu?

Entra depois a cena noturna - mostrando a rua no escuro só com as lâmpadas das casas colocadas pelos vizinhos.

Entra Cabral: É uma situação complicada aí isso aí é até uma coisa difícil de resolver. Seu Edes mesmo tava me falando que ontem mesmo queimou mais uma luminária perto da casa dele ali. Mas seu Edes tá há apenas duas semanas sem iluminação o que já é complicado, agora imagina passar dois meses sem iluminação na rua inteira. É o caso da Débora. Débora fala pra mim como é que é esse negócio aí?

Entra gravação feita pelo celular com moradora: Bom dia Bruna eu sou a Débora aqui do Jardim Imperial mora aqui na Rua Adriano Medelo nº 893 e o poste aqui da esquina como você pode ver já tem um dois meses está com a luz queimada. Então tô te mandando esse vídeo pra você ver como que fica uma escuridão aqui na nossa rua. E já foi gente assaltada muitas vezes aqui na esquina.

Entra Cabral – ao vivo – Viu é isso mesmo Bruna segurança pública muito difícil as ruas estão completamente assim você não consegue ver nada. A gente foi atrás da resposta e o secretário Rudi Fiorese gravou um vídeo pra gente. Atenção aí roda aí.

Entra sonora Rudi Fiorese- secretário de obras de Campo Grande. Essas demandas de iluminação pública na rua Cássia e da rua Adriano Medelo já foram passadas para nossas equipes e no máximo até amanhã isso será resolvido.
Entra Cabral – Aí que maravilha isso, que coisa boa . Vamos lá, nós vamos cobrar isso aí também da secretaria pra ver se eles tão indo lá. Aí seu Edes e Débora assim que a rua resolver tudo faz um videozinho à noite com a lâmpada funcionando que é muito importante isso. Bruna aqui no comunitário é assim a gente mostra e tem que dar a resposta e a gente vai cobrar em cima hein. Já tem algumas aí que eu já tô de olho hein?
Estúdio Bruna Mendes: ótimo Cabral
****

Dia 16 de junho
Questionamentos sobre uso de máscaras
Assunto: Outros
Duração 4 minutos
Estúdio Bruna Mendes: Tem gente mandando mensagem dizendo, Ô Bruna, quando é que vai ser obrigatório o uso de máscara aqui na capital. A Cris tá comentando comigo, a Selma disse que foi ao supermercado dizendo que tem muita gente sem máscara. Tem gente mandando vídeo pra você falando que as regras não estão sendo cumpridas na capital né?
Entra Cabral. Tem sim Bruna e outra, deixa eu falar uma coisa aqui existe um decreto dizendo que a máscara dentro do ônibus é obrigatória. Só que é como você falou, tem muita gente mandando vídeo pra gente de máscara direitinho falando exatamente isso que o pessoal tá muito solto, muito solto. Inclusive no final de semana o pessoal mostrou as imagens do centro... ah aí fica ruim né? Sem máscara fica ruim. E o pessoal tá mandando vídeo indignado e preocupado com a máscara dentro do ônibus. É obrigatório, tem que usar. Confere aí.
Entra vídeo- Bom dia Cabral, meu nome é Ana do Jardim Losandes. Cabral em ônibus é obrigatório porém muita gente usa máscara somente pra subir no ônibus porque depois que elas entram elas deixam penduradas nas orelhas porém isso não é o correto né. Isso não é o correto a gente tá vendo toda hora passando na TV. Então eu acho que tem que ter uma fiscalização dentro dos ônibus. Eu uso direito e meus óculos ficam todo embaçado.
Entra Cabral; coitadinha. (rs) a gente deu dicas aqui de como não embaçar os óculos. Essa é rapidinha. É só pegar sabão seco, passa por dentro do óculos até ficar branquinho e depois tu passa um pano sem molhar. Comigo adiantou. Comigo adiantou. Bruna eu quero ver mais vídeos de gente com máscara. Como é que tá no seu bairro? Como é que tá o pessoal tá usando? Na rua tá usando? No supermercado tá usando? No mercadinho da esquina tá usando? Manda pra gente aqui. É importante ver esse movimento do pessoal com máscara Bruna. Eu tô tranquilo porque eu tô em casa. Inclusive Bruna já deu meu tempo aqui e agora eu vou dar uma espichada esperar os vídeos tá? Tá bom? **(Ele tira os fones e vai se deitar na rede que fica no quintal da casa dele. O repórter aparece de bermudão e chinelo)**
No estúdio a apresentadora comenta o fato da telespectadora ter mandado o vídeo de máscara e comenta as medidas de isolamento nos terminais que não são cumpridas porque não tem fiscalização.
****

De 17 de junho
Casos de Covid- 19
Assunto: Outros
Duração 12 minutos

Estúdio Bruna Mendes: E a gente continua a interação aqui com nosso telespectador. Tatiana Araújo que assiste o MST 1 todo dia lá do Bairro Caiçara mandou pra gente um vídeo que pode ser sua dúvida também. Oi Tatiana.
Entra o vídeo da telespectadora. Oi Bruna, tudo bom? Gostaria de você e sua equipe informasse se já tem casos de covid no meu bairro, quais são bairros com maior índice de casos e se é possível mapear os casos por bairros.
Estúdio Bruna Mendes: A apresentadora comenta o fato da telespectadora estar sem máscara mas justifica o fato de ela estar dentro de casa. Tatiana sua pergunta é muito legal, faz sentido e é a dúvida de muita gente agora falou em bairro falou em Alexandre Cabral que tá em casa se cuidando, mas também trabalhando aqui com a gente. O Cabral você gostou da pergunta da Tatiana aí? Essa é uma dúvida de todos nós. Qual o bairro que tem maior incidência da Covid hoje?
Entra Cabral: Bruna boa tarde pra ti, boa tarde pra todo mundo, bom tarde pra Tatiana, obrigado pergunta excelente já vou responder. Já vou responder Aerorancho e no Nova Lima são os bairros com maior incidência de casos hoje. O número de casos de Covid por bairros eles são divulgados pelo sistema municipal de indicadores de Campo Grande é o SISGRAN. É um site muito legal muito bacana de acompanhar que dá pra acompanhar e pra vocês de casa acompanhar. O seu bairro, por exemplo, Tati o Caiçara tem 4 casos da doença, segundo o último levantamento divulgado domingo. A Flávia Galdiole preparou uma reportagem muito legal que mostra outros bairros vamos dar uma olhadinha
***Off* repórter**- Estamos no bairro Aerorancho um dos bairros mais populosos da região sudoeste da capital. Em uma volta rápida no período da manhã pelas principais ruas encontramos quase todos comércios abertos. A movimentação estava menor, mas o que chamou atenção foi a quantidade de pessoas sem máscara.
Passagem repórter – a região do Aerorancho foi a que registrou maior número de casos de Covid- 19. Aqui na capital um morador morreu vítima da doença e outras 25 pessoas também foram diagnosticadas. 14 estão em tratamento e 11 já foram curadas da doença. Apesar dos números, nem todos estão preocupados com a disseminação do novo coronavírus. Olha o desabafo desse morador do bairro.
Entra imagens feitas pelo celular – (Everson) supermercado lotado, bar cheio pessoas fumando narguilé, tomando cerveja juntos. Então pessoal vamos se cuidar vamos se cuidar porque um ajuda o outro um cuida do outro. Então vamos ter um pouco mais de consciência entre nós.
***Off* repórter** No site do sistema de indicadores de Campo Grande é possível ver os registros da doença na cidade que mostra o número de casos por regiões. Os pontos em vermelho são casos confirmados, ativos e os pontos em azul pessoas que já foram curadas. O Nova Lima é a região que aparece em segundo lugar, por lá são 23 casos confirmados da doença, 4 moradores já foram curados e outros 9 permanecem em tratamento. O Pedro e o Robson são moradores da região e contam o que estão fazendo para se proteger da doença.
Entra sonoras dos dois (áudio ruim)
***Off* repórter** Enquanto isso o isolamento social medida apontada como a mais eficaz para o controle da doença é ignorado, as taxas em Campo Grande seguem em baixa.
Entra sonora com, Fernanda Ximenes psicóloga – Desde o início da pandemia a gente observa que as pessoas de mais idade estão se cuidando estão se isolando mas a grande maioria dos jovens vão trabalhar e esses jovens não estão se cuidando andando no transporte público, se acumulando nas praças também e o uso devido das máscaras também não está acontecendo. O número de casos está cada dia mais avançando e a preocupação é com os jovens do nosso estado.
***Off* repórter** A região dos bairros Monte Castelo e Coronel Coelho aparecem em terceiro lugar. Por lá os casos já são de 36 pessoas diagnosticadas com a doença. Uma morte também foi

registrada por Covid-19 na região. Pelas ruas do bairro o movimento estava tranquilo durante a manhã, mas nem sempre é assim.
Entra sonora com Renan Rolim- Percebemos que o fluxo de pessoas e veículos vem aumentando cada dia mais e infelizmente percebemos que algumas pessoas ainda não estão tomando o devido cuidado.
Passagem repórter. Aqui na capital as flexibilizações começaram em abril o mesmo aconteceu em outras cidades do estado. Em maio os casos de Covid 19 no Mato Grosso do Sul aumentaram mais de 650%.
Entra sonora rapaz Marcio do Carmo gravado pelo celular -aqui na nossa região do Aerorancho nos encontramos muitas pessoas na rua principalmente nos supermercados. Umas pessoas têm usado máscaras e outras não. Então eu peço aí, em nome de todos da nossa região, que venham se cuidar. Cuidado com você, mas com o próximo também cuidar, ajudar a combater essa grande pandemia que está assolando o mundo aí.
Estúdio Bruna Mendes: A apresentadora ensina a usar o site do SISGRAN e comenta alguns dados. 53 pacientes curados na última atualização. Ontem nós mostramos o pedido da Ana, sobre o uso das máscaras nos ônibus. As pessoas colocam a máscara para entrar, mas depois tiram quando estão dentro do ônibus. Já temos resposta sobre a fiscalização Cabral.
Entra Cabral. O repórter lê pelo celular. É nós temos sim Bruna e olha deixa eu te adiantar esse tipo de atitude não adianta nada, não adianta nada colocar a máscara para entrar e tirar lá dentro não adianta nada o vírus está em todo lugar. Resposta da AGETRAN, a fiscalização é feita pelo próprio motorista do transporte coletivo em conjunto com a guarda municipal metropolitana AGETRAN e fiscais dos terminais. Os usuários que forem flagrados sem o uso de máscara dentro do ônibus poderão responder por crime contra a saúde pública e a administração pública. É grave isso viu? As denúncias podem ser feitas por meio dos telefones anota aí é rapidinho 153 ou 156 da guarda municipal, olha e a sorte que a gente tem no nosso meio como vizinho também porque todo mundo na cidade é nosso vizinho, a Paula Madureira. Confere aí. Isso é recado importante, fica ligado
Entra gravação da telespectadora Paula Madureira gravada pelo celular. Gente eu venho aqui fazer um pedido a toda nossa população tem que usar esse item que é importante, crucial, fundamental para salvar vidas nesse momento. Precisamos acreditar nessa doença ela existe sim, ela mata sim a secretaria de saúde se vocês pudessem colocar o uso obrigatório da máscara seria ótimo. Seria necessário porque o que acontece não é brincadeira.
Entra **Cabral**; Olha graças a Deus, graças ao bom Pai que tem pessoas como a Paulinha mandando esse recado. Muitas pessoas como ela estão preocupadas de verdade e ela está em sintonia com o nosso jornal aqui Bruna porque a Evelyn fez uma reportagem e a prefeitura de Campo Grande anunciou que e o uso de máscara em Campo Grande deverá ser obrigatório provavelmente até sexta feira. Sexta feira deve ser resolvido tudo. O decreto com as novas regras deve ser publicado nos próximos dias e eu concordo com isso tô dando minha opinião não é opinião do jornal porque eu vou te confessar uma coisa Bruna. Ontem eu fui comprar uma erva de tererê que já tava faltando aqui em casa, eu fui de máscara tudo... Sabe quantas pessoas tinha de máscara no supermercado onde eu fui. Eu e mais três. Então não pode. O comerciante tem que ficar atento aos usuários mais ainda. Máscara. Como a Bruna sempre falou eu tô assim porque eu tô em casa. Um ambiente controlado.
****

18 de junho
Lixo e entulho nas ruas
Assunto: Outros
Duração 8 minutos

Estúdio Bruna Mendes: Chegou a hora do nosso comunitário Cabralzinho já tá pronto no quintal de casa que ele já mostrou aqui muitas vezes. Já teve até de bermudão, pra no final já deitar nessa rede. Cabral fiquei sabendo que chegaram uns vídeos de um pessoal que não tem, assim, muita vergonha não né? Explica pra gente

Entra Cabral: Olha boa tarde a todos! E olha eu queria dizer uma coisa, é gente mais cara de pau do que essa tabinha que eu tenho aqui pra cortar legume aqui em casa, tempero, aqui oh. É mais cara de pau que ela. Olha só dá uma olhada nesses vídeos mandado pelo seu Roberto que mora na rua Cabo Verde com Dinamarca lá no Batistão, confere aí.

Entra vídeo do Morador Roberto com sobe som do morador: mais um ai ó jogando mato na Avenida. O morador manda um vídeo em que a calçada está cheia de galhos de árvores de entulho. Ele reclama de ratos e baratas no local.

Entra Cabral. Isso é só pra dar uma olhada. A gente pegou a resposta com a SIGEPE que já mandou todas as informações aí pro setor responsável para averiguação de perto e também a SEMADUR. Tá vendo se esse terreno aí é da prefeitura. E já tem uma soluçãozinha pro finalzinho dessa semana ou pro começo do outro a gente traz aqui a informação. E tá achando que cara de pau é só lá no Batistão, não tem uma moradora lá do Marajoara que também está preocupada com isso. Olha como foi esse flagrante aí.

Entra outro vídeo que mostra um homem com carrinho de mão jogando entulho de construção em frente à calçada. *Olha lá o lixo que ele jogou*

Entra Cabral. É cara de pau mesmo é entulho de obra na frente da calçada. Não se pode fazer isso é crime ambiental. Já passamos também pra SEMADUR que diz o seguinte pra gente. Olha só (ele lê as informações no celular) mandaram já as duas situações já pra fiscalização. Vão verificar se é possível identificar o autor do descarte. Caso seja flagrado realizando descarte irregular responderá por crime ambiental, autuado e multado. Dependendo do volume, da situação que ele causou ali de dois mil a nove mil reais que é a multa. E é o seguinte quem quiser denunciar é 165 ou também na DECAT que é a delegacia de crimes ambientais. E eu fiquei encucado eu quero falar com o morador que tá lá, tá se incomodando com isso e eu conversei pelo celular de um jeito diferente com a Cristiane vamos conferir como é que está esta entrevista aí. Confere aí, roda aí.

Aparece a gravação feita pelo celular pelo repórter.

Oi Cris como é que tá tudo bem? Tudo certinho? Me responde o que é que tá acontecendo aí na avenida Marajoara, que história é essa de lixo na calçada?

Entra sonora da moradora Cris de máscara com o som muito abafado. Tem uma calçada aqui em frente a minha casa a gente mantém e faz a limpeza do local e tem um vizinho aqui que resolveu fazer uma reforma e está jogando o lixo do entulho na calçada. E eu pedi que não fizesse isso que colocasse na caçamba.

Entra Cabral: Cristiane vocês já procuraram a SEMADUR já procuraram as autoridades?

Entra moradora; Eu falei com a SEMADUR ele eles falaram para estar indo lá e levar fotos ou vídeos e agora com a pandemia eu não estou saindo de casa.

Entra Cabral: Ok então a gente vai passar isso tudo pra quem é de direito, pra quem tem que resolver esse problema porque a coisa é bem complicada não pode ficar jogando entulho na frente da casa dos outros, essa é que é a verdade. Brigado hein, tudo de bom. Já passamos então para SEMADUR vai dar uma olhada uma fiscalizada lá isso não pode né. Vai olhar lá com o pessoal da casa, quem for de direito, deixar tudo limpinho que a coisa não tá certa. Mas oh Bruna eu não tô no Batistão, nem na avenida Marajoara lá só tem cara de pau hein, só tem cara de pau olha aí (coloca a tábua em frente ao rosto)

Estúdio Bruna Mendes: Eu teria vergonha de fazer isso. Eu acho que quem preza por sua própria vida e pela vida do vizinho teria vergonha de fazer o que muitos ainda insistem em fazer pela cidade.Com epidemia de dengue, dengue que matou 39 pessoas hoje e aquela falsa sensação de que o poder público tem que fazer tudo,né, tem que fazer tudo . Vou aqui jogar

porque depois passa pra limpar. Não meu amigo, você é responsável pelo lixo que produz. E é muito feio isso que ainda existe em 2020, camarada vindo lá com carrinho pra jogar na calçada onde um pedestre poderia passar, onde a sua mãe que e idosa poderia passar, onde o seu sobrinho, seu parente que é deficiente poderia passar. Uma vergonha. Eu teria vergonha. Tô vendo que o seu número de redes tá aumentando era uma rede agora já tem duas penduradas aí atrás. Cê tá folgado hein meu amigo?

Entra Cabral – Deixa eu até mexer aqui (muda o ângulo da câmera e mostra o cenário) há mais vai ficar bom demais. Mas oh Bruna eu gostei muito do que você falou. Gostei muito viu, porque esse entulho, essa sujeira toda desrespeita o ir e vir das pessoas, o ir e vir não é só seu meu amigo, não é só seu. Tem muita gente que passa ali senhora com criança... Tropeça ali num pedaço de tijolo ali como é que funciona. Ai machucou não sei o quê... Aí quero ver a cara de pau pra resolver o problema.

****

19 de junho
Em casa com Cabral falando de trânsito
Assunto Trânsito
Duração: 8 minutos

Estúdio Bruma Mendes: Vamos de jornalismo comunitário – meu amigo Alexandre Cabral fez uma entrevista pelo celular mesmo porque é assim que ele tá fazendo daqui pra frente nosso comunitário, em casa se cuidando e conversando com os moradores dos bairros em especial hoje morador do bairro Parati vamos ver:

Entra Cabral deitado na rede – Já dá pra ver aí que eu to na minha rede aqui né, pra mais uma entrevista virtual com o Cabral. Hoje vai ser com o professor Saldanha que mora lá na região do Parati e tá muito preocupado. Professor o quê que tá acontecendo aí hein?

Entra sonora com Leonardo Saldanha- O nosso problema é o trânsito aqui no Jardim Parati. Tem um cruzamento conflituoso, cruzamento da Rua da Divisão com Ezentel Ferreira Lima que é um cruzamento semafórico onde o motorista principalmente motociclistas não obedecem o sinal vermelho.

Entra Cabral: Professor como é que foi aquela história mesmo que o senhor tava gravando aquele vídeo e quase aconteceu um acidente, conta pra gente.

Sonora professor- Então, sábado eu fui no comércio local a pé e horário de pico né, onze e meia da manhã, horário bem movimentado com grande fluxo de veículos e o motorista fazendo uma conversão perigosa. Ele saiu do acostamento do lado direito da pista né quem está no sentido centro bairro na Rua da Divisão e ele acabou fechando motocicletas e provocou um engarrafamento ali.

Entra Cabral: Na sua opinião o que precisava arrumar lá pra ficar mais tranquilo, para motoristas, para motociclistas, pra pedestres principalmente, o que precisava?

Entra sonora professor: Então Cabral, o ideal é que tivesse um reordenamento nesse cruzamento com a Rua da Divisão inclusive como é uma rua gastronômica tem muitos carros passando lá e até o ônibus que faz essa linha tem dificuldade para entrar a direita, existe uma faixa ali que não é pavimentada inclusive ela está fechada ali né? Seria o caso de fechar esse cruzamento e estabelecer uma outra rotina. O ideal é que os motoristas pra entrar aqui no Parati utilizassem a rotatória né?

Entra Cabral: Muito obrigado pela sua participação. É assim que se faz o comunitário na TV Morena. Bruna aí fica legal fazer esse negócio de entrevista com o pessoal em casa, mostrando lá a realidade, eu tô aqui na minha rede. Tô tranquilão. É legal falar com a comunidade assim hein Bruna é uma alternativa né?

Estúdio Bruna Mendes: É a gente tem que se adaptar. É um momento de adaptação pra todo mundo e não seria diferente pro comunitário. A gente gosta de tá junto, se abraçando tomando

tererê o tempo todo junto, mas nesse momento isso não é viável. Por isso vamos ao vivo falar com o Cabral que eu acho que também tava deitado na rede assistindo a reportagem dele, deitado na rede falando com o povo. Você tá folgado. Cada dia mais você consegue um nível de folga né, vou dizer assim. Cadê a rede de hoje? Mudou o cenário aí?
Entra Cabral. Então, eu tive uma obra lá no meu quintal então eu vim aqui pra frente da minha humilde residência. Então é aquele jeito, a gente vai ajeitando né Bruna. Mas outra coisa que não dá pra ajeitar é o problema do trânsito lá na Rua da Divisão. Nós falamos hoje pela manhã com o Janine de Lima Bruno o diretor presidente AGETRAN ele já deu uma resposta pro professor Saldanha. Professor é o seguinte: a partir da semana que vem vai ter uma fiscalização da AGETRAN mais em cima lá viu, pra ver esse negócio que o senhor falou de alta velocidade, do pessoal não respeitar o semáforo. Isso aí tá sério e também vai ter um estudo para reordenar a sinalização lá na Rua da Divisão ok? Essa é a resposta da AGETRAN.
Estúdio Bruna Mendes: E o trânsito não tá incomodando só lá no Parati né? Eu fiquei sabendo que chegou mais um vídeo de um outro bairro da cidade e o foco é o trânsito.
Entra Cabral: É um outro problema lá na Rua das Gardênias. Seu José tá indignado lá porque o pessoal tá pisando fundo. Confere o vídeo dele aí.
Entra o vídeo com senhor José na rua. Cabral essa rua eu acho o seguinte ela não tem travessa. É uma rua ela tem um lado que divide com o muro de um condomínio, então eu acredito que é por isso que as pessoas passam aqui com velocidade. É uma rua curta eu acredito que dois, três quebra-molas seria o suficiente para pessoa passar numa velocidade menor. Muito perigoso a gente que tem neto, cachorro, animais. Muito obrigado Cabral a vocês todos da TV Morena.
Entra Cabral: Vamos lá também acionamos a AGETRAM e o Janine falou que vai fazer um trabalho de viabilidade técnica pra ver se vale ou não esse quebra-molas aí. Mas tem também ali perto da região do Lago do Amor, bem pertinho até mesmo do Parati. A Júlia mandou um vídeo pra gente aí. Fala Júlia
Entra vídeo feito pela moradora Júlia Chrominski Estamos aqui na Avenida Gabriel Elades com cruzamento da João Hernandes. Aqui é um ponto que precisa urgentemente de um semáforo. Vários acidentes já aconteceram aqui. A João Hernandes dá acesso a vários bairros como Parati, Aerorancho e outros, ela não tem nenhum quebra-molas nenhuma sinalização. Estamos pedindo mais uma vez, fazendo essa reivindicação porque o fluxo e a velocidade também é muito grande aqui.
Entra Cabral: Júlia tenho uma resposta legal do pessoal da AGETRAN. O semáforo aí já está aprovado. Eles vão fazer agora um levantamento do que precisa de sinalização. Mas o Janine da AGETRAN falou pra gente também que tudo depende de verba, que a AGETRAN não tem dinheiro agora pra fazer isso, mas em breve vão colocar o semáforo aí a pedido da população. É assim que se faz mesmo. Bruna na verdade a gente nem devia tá falando de trânsito porque devia tá um movimento muito menor do que esse. Só pra você ter uma ideia deixa eu te dar uma informação. A guarda municipal abordou ontem 119 pessoas que estavam em situação eu diria nem irregular, mas não era pra tá ali na frente de casa, tomando tererê todo mundo sem máscara. Assim não dá Bruna. O pessoal tem que tomar consciência que tem que ficar em casa. Não dá nem pra ficar esse mundo de problema aí no trânsito né Bruna.
Estúdio Bruna Mendes: Não dá né Cabral, mas nós tivemos um dos piores índices de novo ontem por aquele levantamento, aquele monitoramento do governo do estado. E isso mostra que muita gente tá saindo de casa sem necessidade. aqui o pedido é : se tiver que sair de casa, se for muito necessário , aí sim e agora obrigatoriamente com o uso de máscara na capital . Cabral brigada meu amigo você volta
****

22 de junho

Casos de Dengue
Assunto: Outros
Duração 9 minutos
Estúdio Bruna Mendes: A gente tá te visitando por mais um dia pra você trazer o comunitário. Mostrar pra gente quais são as mensagens que estão chegando no nosso Whatsapp pedindo para que você reforce também assuntos muito importantes da vida de cada um de nós.
Entra Cabral: Com certeza. Olha Bruna deixa eu te falar uma coisa, tava limpando aqui o pátio e a gente tem que fazer isso toda semana, porque olha só mesmo eu fazendo toda obra aqui limpei alguma coisinha, ainda achei tampinha de garrafa, tampinha de garrafa plástica. É uma coisa não é fácil não, porque que eu tô preocupado com isso sabe por que é o seguinte. A dengue esse ano matou 71 pessoas em Campo Grande, 39 no estado e um dado que mais me preocupa 79 municípios, ou seja o estado inteiro tem alta incidência de dengue. Isso é preocupante viu Bruna. Eu quero saber o seguinte aqui Bruna, eu vou te confessar, eu não tenho muito vaso não viu. Não uso muito vaso, eu planto já direto na terra aqui, mas eu sei que você gosta. Como é que você tá limpando lá? Como é que você tá fazendo lá na tua casa?
Estúdio Bruna Mendes: É Cabral lá em casa tem muita planta, vaso, mas com terra pra não acumular água. A gente monitora todos os dias lá em casa. Agora como que tá a situação dos bairros aqui da capital os bairros com as maiores incidências hein?
Entra Cabral Olha só esses dados a gente pegou, aqui a produção levantou pra gente, olha só que importante isso Bruna. Segundo a publicação mais recente da primeira semana de junho os bairros com maior incidência, aliás incidência muito alta, alerta vermelho. Atenção você que está assistindo o MS1 aí hein é alerta vermelho: Chácara dos Poderes, Noroeste. Tiradentes, Rita Vieira, Bela Vista e Zé Abrão vou repetir rapidinho: Chácara dos Poderes, Noroeste, Tiradentes, Bela Vista e Zé Abrão. Tudo aqui bem pertinho aqui de casa. Tenho que tomar mais cuidado. Olha e tem um bairro que a incidência tá quase zero que é o Jardim Seminário e de lá vem um vídeo que o pessoal tá preocupado em manter essa incidência zero. Roda aí
Entra gravação morador Wagner Trento por celular: Sou morador da região do Seminário e aqui na avenida Tamandaré com a Rua Cristal está abandonada essa área privada. Vocês podem estar olhando tem bastante folha, já faz ano isso. A gente solicita limpeza aqui já faz anos. Já ligamos na imobiliária não tivemos retorno tá. e tá complicada essa sujeira e agora que é época da dengue leishmaniose, ta bom. Fica aqui a reivindicação de um morador aqui do Seminário. Obrigado
Entra Cabral: Fica a dica. Isso aí é uma coisa muito importante e também é o seguinte: tem um outro vídeo que o pessoal, os pedreiros, os profissionais viram numa casa um problema numa casa ao lado no Aerorancho.
Entra o vídeo dos pedreiros (sem identificação) Aí Cabral, ali duas piscinas cheias de água, criadouro do mosquito da dengue. E é um risco pra gente, casa tudo abandonada, com mato. É o risco aí pra gente que tá trabalhando numa obra do lado aqui se pegar uma dengue aí.Isso aqui tem que ser divulgado. Esse povo tem que dar um jeito nisso aí duas piscinas cheias d'água. é água tá tudo suja criando lodo. Dá um pulinho aqui, região do Aerorancho Rua Dom Senhor número 937 positivo? Obrigado.
Entra Cabral: positivo, eu é que agradeço meu querido um grupo de pedreiros que estão trabalhando numa obra do lado que viu isso aí e mandou o vídeo. E você tem que fazer o mesmo. Agora é o seguinte: quando tem terreno assim, quando tem casa fechada, piscina e até mesmo sem piscina, tem muito criadouro do mosquito, tem a dengue. é complicado de ver isso tudo . E eu conversei com a Cristiany lá do Jardim Imperial que é um bairro que tá com pouca incidência, mas tem que ficar de olho e ela tá preocupada sabe por quê? Porque já pegou dengue. Como é que é pegar dengue Cris? Vamos conversar virtualmente fala aí?
Entra entrevista gravada pelo celular feita pelo Cabral Conta pra mim Cris, como é pegar dengue como fica o corpo?

Entra gravação com a moradora – **Cristiany Sipell dona de casa**: Como foi pra mim pegar dengue? Foi muito ruim porque as dores no corpo são horríveis né? Você não consegue comer direito, não consegue se alimentar. Eu no caso não conseguia beber, não conseguia comer emagreci muito durante o período que eu fiquei com dengue. Fora os dias que você tem que ir ao hospital para coletar sangue né pra ver as plaquetas né se tão normalizando ou não. Então é muito ruim e eu não desejo isso pra ninguém.
Entra Cabral: Além de você ai na sua casa, outras pessoas pegaram, vizinhos como é que foi hein?
Entra entrevista com moradora: Então Cabral além de mim pelo o que eu fiquei sabendo outras pessoas também pegaram a dengue, inclusive a minha cunhada Priscila que mora em frente da minha casa.
Entra Cabral: E de onde veio essa doença hein Cris? Veio do terreno aí perto? Como é que foi?
Entra moradora: Então Cabral aqui no fundo da minha casa ficam muitos entulhos é galhos de arvores que as pessoas cortam por aí e jogam aqui. Não ficam com medo porque sabem que aqui é uma rua sem saída, é sem asfalto e a gente não consegue cuidar disso. Realmente aqui a gente encontra objetos que podem acumular água e com isso atrair o mosquito da dengue. Quando a gente vê alguém jogando a gente pede pra não fazer e a pessoa acaba desistindo. (entram imagens feitas pela moradora)
Entra Cabral ao vivo: Obrigado Cris. Não deve ser fácil pegar dengue não. Bruna seguinte, todos esses casos aí do Jardim Seminário, dos pedreiros, da Cristiany já passamos tudo pra prefeitura. eu passei o e-mail para eles e assim que tiver resposta eu já vou mostrar aqui o que o pessoal vai fazer pra tentar diminuir aquele problema e evitar a dengue . e olha Bruna tem outra coisa aqui. o trabalho contra a dengue continua . Segundo a secretaria de saúde houve uma redução no número de agentes de endemias, aqueles agentes que vão de casa em casa num trabalho tão importante que eles fazem. Hoje atende só casos mais críticos e com os agentes seguindo todas as normas de segurança. O LIRA que é o levantamento rápido do índice de infestação do mosquito também foi prejudicado por causa da Covid mas o fumacê e as armadilhas continuam atuando assim que tiver mais dados outras informações a gente vai mostrar aqui. Bruna, dengue não é fácil, Covid não é fácil tudo requer nosso cuidado
Estúdio Bruna Mendes: Pois é Cabral vai ser uma divisão de responsabilidade né? Como reduzir o número de agentes durante essa pandemia. O trabalho tem que ser mais reduzido. Têm muitos que também são do grupo de risco que não podem trabalhar, está afastado do trabalho. Essa responsabilidade também é do morador de checar sua própria casa. Então nesse momento é um trabalho compartilhado. Brigado viu meu amigo.
****

24 de junho
Dois vídeos com o Cabral
Fábrica de máscaras
Assunto Outros
Duração: juntos os dois vídeos somam 8 minutos)
Entra Cabral, mostra o trabalho da incubadora na capital que fabrica máscaras.
Estúdio Bruna Mendes: Vamos falar com o Cabral que tá ao vivo na casa dele. Cabral, ai que lindo, adorei os banquinhos azuis, as plantinhas.
Entra Cabral- Tá bonito, né? Oh aqui devagarinho vou fazendo um quintalzinho bonito aqui.
Estúdio Bruna Mendes: Você vai falar pra mim hoje sobre a confecção das máscaras pelas costureiras que foram contratadas pela prefeitura?
Entra Cabral: É verdade aí as máscaras estão aí como a gente mostrou né, Bruna estão salvando aí muita gente viu dando aquele dinheirinho extra que muita gente tava precisando. A

máscara conseguiu salvar e tem essas costureiras também que fazem parte de uma incubadora, é muito legal tá rodando aí já? (Roda imagens das costureiras) essa incubadora Mário Covas aí oh ela é muito interessante porque é o seguinte a prefeitura contratou 69 costureiras. Elas já fizeram 175máscaras em média por dia ao todo 12 mil máscaras e aí nós recebemos um vídeo muito simpático de uma costureira lá. Roda pra gente aí. Mostra como é o trabalho de vocês aí.
Entra gravação feita pela costureira: A minha história é a história da maioria das mulheres aqui desempregadas por causa do corona e fiquei preocupada. Aí veio o projeto de máscara e é onde eu tomei um fôlego maior. Todas juntas contra o coronavírus.
Entra Cabral: É o desafio. Parabéns para todas as costureiras aí que estão nessa incubadora que tão dando ali o seu tempo, sua habilidade pra salvar muita gente. A máscara salva muita gente. Tira a gente da Covid é importante a gente usar. Bruna, já que esse negócio de fazer máscara é um desafio pra muita gente nesse ambiente que a gente tá avisa o Átila aí hein. Tô falando pra ti e falar pro Atila também. Eu vou fazer o desafio hein. Na próxima eu vou fazer. Vamos ver como vai ficar. Na próxima eu vou fazer esse negócio hein? Pega o *QR code* ou acessa o Globo Esporte pra você votar. Porque primeiro vai ter a votação do próximo desafio.
Estúdio Bruna Mendes: Eu quero ver se o Cabral nessa quarentena vai conseguir fazer esse desafio tá bom? Daqui a pouco você volta com o comunitário. Aquele comunitário aí do seu bairro. Aquilo que está acontecendo aí pertinho da sua casa que você acionou o Cabral por Whatsapp. Segura aí pode ser o seu vídeo aqui no MS.
Segunda participação do repórter do comunitário Alexander Cabral
Acidentes e trânsito em bairros da capital
Assunto: Trânsito
Estúdio Bruna Mendes: Hora de visitar mais uma vez a casa do Cabral. O pessoal tá mandando vídeo Cabral de vários pedidos pela cidade porque durante a pandemia os problemas continuam também nos bairro né?
Entra Cabral- Bruna tão. Bruna tão mandando bastante só que eu quero mais. Eu quero mais porque vocês dos bairros aí são nossos olhos e a nossa voz. Vocês mandam pra gente aqui celularzinho deitado, com máscara mostrando os problemas, mostrando coisa boa também. Mas principalmente o que pode ser modificado, as coisas boas e manda pra cá. É o seguinte, é como fez o pessoal. O nosso assunto agora é trânsito Bruna. Eu gostaria de pedir pra rodar umas fotos que chegaram pra gente. Tá rodando aí? Essas fotos é o seguinte: tem um acidente que aconteceu dia 19 no cruzamento da Assis Pereira com a Brasil. Só que o problema da população ali, eles estão muito preocupados porque toda semana, a cada dois três dias tem um acidente. Graças a Deus ninguém se machucou nesse acidente, não tem gente se machucando só que o pessoal tá muito preocupado e a Viviane que é a nossa voz o nosso olho lá no bairro manda pra gente roda aí.
Entra vídeo da moradora Viviane. Olha lá o Cabral, no mesmo ponto de novo. Olha lá dois carros no mesmo ponto ó. Eu tô gravando aqui da Rua Brasil esquina com a Eduardo Afonso Pereira. Como eu te mostrei tá tendo acidente aqui e isso tudo por conta de obras que está acontecendo na rua Bahia. O fluxo de carros, de ônibus, de caminhão tá sendo intenso por aqui. Eu acredito que seja bom dar uma olhadinha aqui né? Não tá bom por aqui principalmente horário de pico. Tem três quatro acidentes aqui. Então nós tamos pedindo. Eu sou moradora desse prédio a gente está sempre presenciando uma hora dessa pode pegar um pedestre.
Estúdio Bruna Mendes: Cabral continuamos falando do assunto trânsito. Tem alguma resposta aí sobre isso?
Entra Cabral: Tem. Tem. Já falamos hoje de manhã com o pessoal da AGETRAN, falamos com o diretor presidente o Janine que me garantiu: hoje atenção aí hein, pessoal aí Viviane hein. Hoje a partir das cinco horas da tarde quando começa aquela muvucona toda ali já vai ter agente da AGETRAN ali vendo como é que segura um pouco o fluxo porque é realmente é isso é uma obra na Bahia que desvia pra lá né e aí realmente incomoda bastante, mas já ta dentro da

programação hoje já vai pra lá. Bruna é assim que a gente quer. A gente fala, mostra aqui e o poder público toma uma iniciativa né?
Estúdio Bruna Mendes: Isso é o que a população tá esperando na verdade né Cabral. Na semana passada nós inclusive mostramos algumas reivindicações de sinalização em algumas ruas. O telespectador foi atendido
Entra Cabral: Opa, opa, notícia boa é Gabriel Spipe Calarge com João Hernandes perto do Parati . Olha só. Olha o que aconteceu. Roda aí.
Entravídeo com a moradora Ivaneide Almeida- comerciante. Estamos aqui novamente na Rua Gabriel Spipe Calarge com João Hernandes para agradecer o pessoal da AGETRAN e todas as autoridades competentes. Agradecer a você Cabral e toda sua equipe por esse trabalho maravilhoso, o semáforo tá semi pronto daqui uns dias vai estar funcionando. Então é isso, agradecemos também o quebra mola e a sinalização da Rua João Hernandes porque nós temos certeza que vai acontecer também. Muito obrigado, valeu!
Entra Cabral: Bruna a gente sabe. Vou chegar mais perto aqui. Mas mostrando assim fica melhor. Então a população aí nós aqui e a autoridade resolvendo esse é o gancho do comunitário. O comunitário tá aqui pra isso.
Estúdio Bruna Mendes: Comunitário é a fonte né, Cabral. Esse microfone que você está segurando na sua mão ele vai pra mão da população. A população tem voz, chama pede. É difícil às vezes você abrir um chamado na AGETRAN, demora um pouco, mas quando a gente mostra o problema. Telespectador tá aqui. Olha na minha rua tá acontecendo o acidente, tá filmando o acidente que tá acontecendo. Não tem como não atender né? Sé o problema está ali, exposto e já tá comprovado que acontece todo dia tem que ser atendido mesmo. Brigada viu amanhã você volta e você em casa pra mandar sua mensagem pro Cabral é aqui no nosso Whatsapp (aparece o telefone na tela 67 99865 0101) grava vídeo tá bom com seu celular deitadinho se for fora de sua casa de máscara.
****

25 de junho
Como deve ser o transporte de grandes objetos.
Assunto: Outros
Duração 9 minutos
Estúdio Bruna Mendes: Meio dia em ponto hora de chamar o Cabral que tá em casa trabalhando junto com a gente do quintal de casa. Podendo tá aí nos banquinhos bonitinhos que ele pintou de azul na rede que já tá armada ali atrás. Você fica na rede esperando a gente entrar no ar aqui eu tenho certeza. Eu ficaria se estivesse no seu lugar. Bom dia meu amigo, o que você tem pra hoje?
Entra Cabral. Bom dia Bruna, bom dia a todos! Olha eu te confesso eu tava na cadeira hoje tava aguardando vocês me chamarem e tal. Eu digo o seguinte, eu sempre gosto de dizer Bruna que a nossa equipe. É um orgulho de trabalhar na TV Morena e com uma equipe como vocês, porque a gente é muito unido, então é assim o Bom Dia ajuda o MS1, o MS1 ajuda o 2, o dois ajuda o GE, ajuda o MS Rural, todo mundo é uma equipe só e todo mundo se ajuda. E daí a Mariana Cintra e o Magno Lemes que fazem parte da equipe do Bom Dia saíram bem cedo como todos os dia pra trabalhar e aí eu te pergunto uma coisa, tu já viu árvore andar? Quando você fazia o rural você já viu árvore andar, nem o Edvaldo viu árvore andar. Já viu?
Estúdio Bruna Mendes: não nunca vi. Nunca vi não
Entra Cabral: Não né?
Estúdio Bruna Mendes: Não
Entra Cabral: Não né, mas a Mariana viu e gravou. Roda aí.
(entra o vídeo de um grande galho de árvore sendo transportado em um veículo na rua da cidade e o Cabral vai narrando em cima da imagem.

Narração Cabral: Essa aí é a árvore que tá andando e andando na Spipe Calarge, uma rua de bastante movimento. Olha só a situação, ela encheu todo carrinho atrás do carro que tava levando tá bom. Olha só essa situação aí. Isso aí é uma poda que fizeram de uma árvore enorme pelo jeito. Tu pode ver que atrapalha até mesmo a visão de outros motoristas, né? É uma árvore que anda. Mas aí é o que a gente falou aqui. E outra coisa não fica só nisso não. A Mariana estava atenta ligada, ela e o Magno Lemes, ligado, ligado pegaram mais um flagrante. Roda aí.
Narração Cabral: olha ali. Essa aí é uma caçamba, aliás, uma empresa de caçamba que está sendo carregada no caminhão certinho, o caminhão próprio pra isso, mas a caçamba não está totalmente encapada, totalmente preparada pra aquilo, pode soltar um tijolo pode soltar um entulho ali no vidro do carro, pode acertar o motociclista. Não é fácil. Existem regras, regras e regras grandes pra isso. A SEMADUR e a AGETRAN a prefeitura tem leis pra isso e eu vou te dizer o seguinte.
Entra Cabral: Primeiro nós vamos falar um pouquinho daquela árvore lá. Bom, é o seguinte, tá totalmente irregular. Primeiro que o transporte da árvore ali atrás, ela tinha que ser toda cortadinha pra poder entrar dentro da caçamba sem mover pra fora e coberto. A velocidade tá bem complicada também, ainda mais ali que é muito movimento. Tem outra coisa, a multa. Só essa multinha aí pode passar de 10 mil reais e a SEMADUR que cuida dessa área, que cuida da área da poda de árvores. Então a árvore que não tá autorizada, dá multa, é crime ambiental a multa pode chegar a 9 mil reais e avisa também que existem 4 ecopontos que recebem esse tipo de material. É um metro cúbico por dia. Quer dizer tem ordem né Bruna não pode fazer. Agora pelo lado da caçamba também tem toda uma disponibilidade de lei. A AGETRAN e a SEMADUR também todas as caçambas que forem transportadas da casa da pessoa pra qualquer outro lugar no caso um descarte regular, lógico, regular tem que tá bem coberta, não pode nem tá nem levantando poeira, Bruna, são os cuidados que tem que ter. Quer dizer dois flagrantes duas irregularidades aliás várias irregularidades grandes né
Estúdio Bruna Mendes: E é fácil pra população ajudar viu. Faz um vídeo como a Mariana fez, denúncia pra AGETRAN porque as empresas de caçamba têm nome, tem telefone tem tudo ali e a AGETRAN consegue checar porque tem que ter a responsabilidade de deixar tudo no jeito na hora de carregar algo que pode ferir alguém na rua. Imagina um acidente como nós já vimos acontecer. Imagine que as pedras caem da caçamba e atingem um motociclista que tá passando como a gente viu essa semana uma tragédia acontecendo não nesses parâmetros, mas pode acontecer gente. Pelo amor de Deus tem que denunciar. Tem que ligar pra AGETRAN. Cabral você tem mais uma participação pra gente hoje? o que mais temos?
Entra Cabral. Tenho, aliás, notícia boa. São moradores atendidos. Obrigação da prefeitura, mas foi atendido. Wander, fala aí pra gente como é que foi aí no Jardim Seminário como é que foi isso aí?
Entra vídeo feito pelo morador (Wander) - Cabral muito obrigado aí. Deu tudo certo limpeza realizada com sucesso. O Seminário agradece os moradores, brigado!
Entra Cabral. Eu quero ver o vídeo. De nada! Quer dizer de nada! É como a Bruna falou ontem, a gente é só a ponte, esse comunitário é só a ponte pra juntar ainda mais comunidade e órgãos públicos, que é importante que a gente paga. Elege e paga pra tudo isso. Ok? Beleza Wander.
****

Dia 25 de junho mais uma participação- do Cabral
Dúvidas sobre o uso de máscaras
Assunto: Outros
Estúdio Bruna Mendes: Ainda restam algumas dúvida sobre usar as máscaras todos os dias o decreto foi publicado na última sexta feira e o Cabral está recebendo chamado de motociclista ele tá com uma dúvida né Cabral?

Entra Cabral: Verdade é o músico, Everson motociclista lá do esqueci o nome do bairro agora, mas roda aí.
Entra vídeo gravado pelo telespectador- Everson Pacheco. Olá Bruna, olá Cabral tô gravando esse vídeo aqui pra vocês pra perguntar. Eu sou motociclista, eu queria saber se eu tenho que andar com a máscara dentro do capacete, porque o capacete já sufoca. E eu quero saber se eu tenho que andar com ela dentro do capacete ou se eu posso usar depois de sair de dentro do capacete, entendeu?
Entra Cabral- o Eversom é do bairro Monte Castelo, desculpa aí. É o seguinte: o decreto não tem uma obrigação para os motociclistas usarem a máscara durante o trajeto, mas chegou, chegou no trajeto, tirou o capacete, já bota a máscara que é pra sua segurança. Então é isso aí. Durante o trajeto não precisa, desceu precisa usar como todo mundo precisa. É a segurança de todo mundo Bruna. Essas informações são importantes. o pessoal precisa acordar pra isso logo.
Estúdio Bruna: É a segurança de todo mundo. Não cita o ciclista nem o motociclista no decreto, apenas o motorista que não estiver sozinho no carro, mas como isso vai passar a ser regra no nosso dia a dia né Cabral, o uso da máscara o tempo todo porque não já tentar em Everson e continuar usando. Ou pegar aquela mais fininha durante o seu trajeto, depois colocar aquela mais resistente, é uma tentativa. Isso vale também pra os ciclistas que estão indo e vindo por todos os cantos da nossa cidade. Brigada Cabral a gente volta a se encontrar amanhã aqui no MS 1
****

Dia 26- 3 vídeos – sem registro do comunitário
***

Dia 27 na plataforma não tinha nenhum video sobre o comunitário
***

Dia 29 – 3 vídeos na plataforma
Lixo em imóvel abandonado
Assunto: Outros
Duração do vídeo 7 minutos
Estúdio Bruna- Vou pra casa do meu amigo Cabral mais especificamente pro jardim, um lugar que ele tá cuidando bastante porque é a hora do comunitário gente. De repente o vídeo que você mandou no Whatsapp, vai passar agora. Qual demanda que você preparou pra essa segunda feira meu amigo bom dia!
Entra Cabral: Tudo bom Bruna. Bom dia pra você, bom dia pra todos. A demanda hoje é uma coisa muito comum na cidade, casas abandonadas. É um problemão para quem mora do lado, pra quem mora no bairro porque é criadouro de mosquito, de animais peçonhentos e desta vez é lá na Rua Tupi lá no Jardim Leblon. Só que lá a voz da comunidade é a Fernanda, confere aí.
Entra gravação pelo celular da moradora Fernanda. Essa aqui é a frente da casa. Ela fica aqui na rua Tupi. Olha como que tá. Essa é a parte da casa aonde já derrubou o portão que te falei. Onde você pode ver o portão de garagem já tá sem tranca. O quintal além de toda a sujeira aí de contaminação da dengue como a gente tem falado. A agente comunitária de saúde acabou de passar aqui na minha casa e já falou que já encaminhou o relatório pedindo uma intervenção. Ó o tamanho do mato lá no fundo A moradora faz uma narração enquanto mostra a casa abandonada. Ela mostra a garagem sem tranca, o quintal cheio de sujeira e cita o risco da dengue. Mostra o mato alto.
Entra Cabral: É, esse é um problema aí que o pessoal que tem um imóvel, que é dono da casa, do terreno, não consegue botar na cabeça que isso aí desvaloriza o imóvel e demais viu, demais. É o seguinte, falamos com a equipe da SENSAL porque quem cuida disso é a SENSAL tá. E aí

eles vão hoje a tarde lá no bairro, lá na Rua Tupi lá no Jardim Leblon, ver como é que está essa casa toda fazer a vistoria. Se possível fazer a retirada de alguns resíduos que tem lá e o pessoal avisou também que tem um telefone pra esse tipo de denúncia. Todo mundo que tá em casa aí é pra anotar. 33 149955 eu vou repetir 33 14 99 55 não precisa se identificar, importante poder fazer, mostra pra SENSAL onde estão os maiores locais com casa abandonada, porque é saúde pra todo mundo viu Bruna. Não é só pro vizinho da casa não, o bairro inteiro é atingido.
Estúdio Bruna Mendes: O bairro inteiro é atingido né Cabral e você falou e reforçou muito bem, o dono do imóvel precisa estar consciente que ele tem que manter aquele local em ordem ainda que ele não esteja morando lá. Ora o imóvel é dele está sobre responsabilidade dele, é ele que tem que garantir a limpeza do local e pensar no próximo né porque eu tenho certeza que um camarada que deixa a casa dele desse jeito, se fosse na casa que ele estava morando e tivesse um vizinho assim ele ia encher a boca e falar: oh meu amigo tem que limpar aí! Ninguém quer morar no entorno da sujeira, no entorno do lixo, naquilo que não tá legal. Todo mundo quer morar num local melhor, não é? E isso é responsabilidade de cada um de nós também. Valeu Cabral daqui a pouquinho você volta eu quero te ver de novo até o fim do jornal
Entra segunda participação do Cabral no jornal do dia 29 de junho
Estúdio Bruna Mendes: promessa é dívida, tô aqui agora voltando a casa do Cabral porque eu já disse que nós voltaríamos e eu quero saber o que nós temos agora meu amigo é reta final do jornal agora meio dia e dezessete, o almoço tá pronto por aí é?
Entra Cabral: Já. Já tá prontinho aqui. Já preparei tudo já. Bruna esse jornal é uma coisa que a gente gosta muito do MS 1 é porque a gente fala ao coração pelo coração e hoje tá emocionante o jornal relato da Carla, da família do seu Moacir, tem mais um. O quê você acha de ficar distante da tua mãe cinco meses, 239 quilômetros separados e sem poder se ver por causa da Covid. É uma história bem bonita que a gente entrevistou pelo celular para aproximar ainda mais, confere aí.
Entra vídeo feito pelo celular da telespectadora: Lisete Valencio Camargo. Oi Cabral nós passamos as férias juntas, em janeiro nós viajamos juntas e depois eu voltaria aos Jardins para visitá-la como eu faço todos os meses. Uma duas vezes no mês eu procuro visitá-la. Essa pandemia nos distanciou e já está há cinco meses.
Entra gravação feita pelo celular do Cabral com a mãe de dona Lisete. Tudo bem dona Lenir, é o Cabral da TV Morena, como é que tá? Que prazer falar com a senhora
Entra dona Lenir- o prazer é meu falar com o senhor, com vocês aí.
Entra Cabral. Quero saber da senhora. Como é que está sendo essa distância aí da filha, a senhora aí em Jardim e ela aqui em Campo Grande, como é que a senhora está lidando com isso?
Entra dona Lenir: Tá difícil aqui também pra mim né, porque ela sempre vinha e agora fica meio difícil da gente se encontrar.
Entra Cabral: Como é que faz pra driblar essa saudade?
Entra Lisete: Eu procuro falar com ela. Eu faço vídeo chamada durante a semana pra saber como ela está. Pra pelo menos ouvir a voz da minha mãe, né?
Entra Cabral: Como é que é ficar assim longe da pessoa que tu amas?
Entra dona Lenir: Eu sinto saudade. Não podemos fazer nada porque temos que respeitar também o tempo de isolamento
Entra Cabral – o que é que a senhora tá achando disso tudo que está acontecendo? Qual a sua opinião?
Entra dona Lenir: Tem pessoas que estão muito assim... Assustadas. Nós não podemos nos assustar. É que a gente tem que fazer é isso, né? É esperar. Uma hora isso passa.
Entra Cabral: queria deixasse um recado então para dona Lenir , pode mandar
Entra sonora Lisete: A senhora é minha base, minha força, meu exemplo de vida. Eu te amo muito. Sinto sua falta.

Entra Cabral: Dona Lenir manda um beijão pra todo mundo.
Entra dona Lenir: Pra minha família. Um beijão pra todos
Entra Cabral ao vivo: Caiu um cisco aqui (aperta os olhos brincando) caiu um cisco aqui. Seu jornal tava demais hoje hein o Bruna? Falar com o coração não é fácil não. Amanhã tem mais. Amanhã tem mais.
Estúdio Bruna Mendes: Que delícia de saudade. Obrigada por ter compartilhado esse relato com a gente também aqui.
****

Dia 30 de junho 4 vídeos na plataforma
Moradores reclamam do esgoto vazando
Assunto: água/esgoto
Duração 6 minutos
Estúdio Bruna Mendes: Já tá na hora Cabral de você receber a agente por aí. Tá né? A partir do meio dia você tem vários momentos aqui no jornal. Hoje tá sentando no banquinho que eu adoro. Qual bairro da capital que você destaca pra gente meu amigo. Bom dia!
Entra Cabral: Bom dia Bruna, bom dia a todos! Eu tava aqui eu ia fazer até uma abertura diferente mais alegre seguindo a olimpíada, mas não dá com 81 mortes não dá pra fazer. Nossa reclamação vem lá do Estrela do Sul. Tá mais fácil caminhar pela rua mundo da lua, do que pela Hamlet, olha aí a reclamação do pessoal aí.
Entra vídeo feito pela moradora – o vídeo curto mostra calçadão. Isso aqui é guariroba, caiu um caminhão aqui e veio tipo um caminhão vieram e tamparam o buraco. Ó não tem nem condições de passar, aqui é o muro, aqui é o buraco. Da uma olhada nisso. E assim segue o calçadão inteiro. Água acumulada. Nas casas laterais escorpião, bicho fora a dengue que tá tomando conta de tudo. Então a gente precisa de uma ajuda de uma posição.
Entra Cabral: a reclamação não é só lá não. Às vezes está na frente da nossa casa e a gente até passa direto né, como por exemplo essa reclamação que chegou ontem a tarde pra gente. Estourou um esgoto aí, bem na frente aí da TV Morena aí na Santana. Confere a reclamação do comerciante nosso amigo aí
Entra vídeo feito pelo comerciante: Cabral estamos precisando aqui da sua ajuda. Olha o estado que ficou aqui da rua, esgoto a céu aberto. É na Santana com a Zarhan. isso aqui é esgoto. Isso sempre acontece. Isso tá uma vergonha. Ajuda nos aqui.
Entra Cabral: isso é uma verdade que ele falou. Sempre tá acontecendo. A gente que sai pra fazer reportagem, quando ainda tava na TV, a gente sempre vê ali uma água vertendo e tal. Só que nós temos a resposta para os dois casos. A concessionária falou o seguinte: lá no Estrela do Sul eles vão mandar uma equipe pra avaliar todo o caso, ver o que aconteceu. Se caso foi mesmo da concessionária que quebrou tudo ali, eles vão repor a calçada. Já no caso do nosso amigo comerciante bem aí na frente da TV já foi arrumado ontem mesmo, já tá tudo tranquilo, agora é torcer pra não acontecer de novo né Bruna, porque é complicado isso.
Estúdio Bruna Mendes: É complicado Cabral tem muitas situações assim por toda parte da cidade. Por isso você já sabe, tem que gravar seu vídeo. Conversar com o Cabral. Pega o celular deitadinho e manda pra gente pro nosso Whatsapp 998650101.
Dia 30 de junho mais uma participação do Cabral e do comunitário do MS 1
Estúdio Bruna Mendes: Vamos pro Cabral de novo? A Última participação dela desta terça feira, qual a boa de agora?
Entra Cabral: Olha a Bruna é o seguinte Bruna quer vir almoçar aqui em casa mesmo?
Estúdio Bruna Mendes: Quero!
Entra Cabral: Eu tenho 2 pratos aqui um francês que o Restodontê e um japonês o Kisobrou que a gente vai almoçar hoje, mas nem notícia boa, a comida tá boa mas tem notícia boa. Dá pra rodar umas imagens aí pra mim. Dá pra rodar? Olha essas imagens aí que o pessoal tá

limpando. Essa é a Rua Barra Mansa lá no Guanandi. O pessoal reclamou bastante que ela tava suja e tava mesmo. O pessoal joga na frente das casas entulho e o que acontece em questão de semanas vira lixão. Já tava isso aí a um tempo olha, os moradores reclamaram, a gente mostrou aqui. Olha só já tá tudo sendo limpo e beleza. E por falar em limpeza eu quero puxar um pouquinho da memória de vocês. Lembra que no último dia 15, dia 15 desse mês a Sandra mandou um recado pra gente dizendo que não aguentava mais morar em frente a um terreno aqui pertinho na Marquês de Pombal que o terreno tava cheio, tava sujo e mosquito e tudo? Pois é ela mandou um vídeo, olha aí.
Entra vídeo da Sandra moradora. Olá, boa tarde Cabral aqui é a Sandra (não aparece a moradora) mandei esse vídeo da frente da minha casa e olha só. Eles estão fazendo a limpeza do terreno, eles irão fazer calçada. Muito obrigada. (A moradora narra em cima das imagens feitas pelo celular)
Entra Cabral: Isso é bom demais! Vai dizer que não é? A população exigindo o seu direito e o pessoal tá lá limpando, vai fazer calçada mesmo. É isso aí, esse é um bom exemplo que a gente quer deixar no comunitário de hoje, Bruna. Nesse astral pra cima pra que a nossa semana tenha mais esperança de notícia boa viu e pode vim que tá tudo quente. Eu botei tudo no micro-ondas, tá tudo quente.
****

MÊS DE JULHO

Dia primeiro de julho
Moradores reclamam de acúmulo de lixo em bairro da capital
Assunto: Outros
Duração do vídeo 1 minuto
Entra estúdio Bruna – Vamos com o Cabral Saber qual é o comunitário que ele separou para a gente hoje tá no sol para poder espantar um pouquinho da friaca de hoje né Cabral embora agora já esteja bem mais quente do que no comecinho do dia mas o frio por aí bom dia
Entra Cabral - Bom dia Bruna Bom dia para todo mundo. Olha a Bruna aqui no quintal venta bastante né e tá friozinho aqui viu, eu botei um casaco eu tomo sol mas tá friozinho não tá fácil não hein, já me destemperei digamos assim. Olha Bruna o que chegou de reclamação de rua suja não tá no gibi, aí eu separei algumas. Vamos fazer o seguinte: vamos direto já para o Jardim Leblon roda as imagens e mais aí para mim pede para rodar aí Bruna as imagens.
Mostra imagens feita por moradores mostrando a situação do bairro

Narração Cabral Essa é a rua Cuiabá Desculpa essa Avenida Cuiabá ela é lá no finalzinho do Jardim Leblon. Os moradores que são na maioria idosos também estão reclamando que já tá há 20 dias dessa sujeira aí. São restos de podas de árvores até toco de árvore tem ali. Já em poucos dias já virou um lixão, o pessoal já jogou até mesmo um pneu por ali. Bom, eles estão querendo saber quem jogou aquilo ali. É preciso da prefeitura para limpar aquilo, alguém tem que tomar uma atitude naquilo porque não tá certo esse negócio de ficar jogando na calçada, impedindo o ir e vir principalmente no bairro onde tem muitos idosos, naquela região ali, é claro ali tem muito idoso. Bom, é o seguinte falei com a SEMADUR e com a Secretaria de Obras. A Secretaria de obras vai dar uma olhada lá para ver se consegue retirar esse lixo todo, só que A SEMADUR avisou que é o seguinte vai vistoriar lá vai lá vistoriar para ver o que tá acontecendo e é o seguinte cabe multa viu Bruna 408, bom pode sair de R$ 408 reais a R$ 4.800 isso aí não pode ficar assim. A SEMADUR vai dar uma olhada nisso aí ainda essa semana. Vamos de novo, vamos embora? Vamos andar, Jardim Noroeste. Olha aí Roda as imagens pra gente aí (Cabral narra em cima das imagens) essas imagens do Jardim Noroeste na Rua... Rua Martim de Sá, Martim de Sá e Água Funda. Essa reclamação também os moradores também

dizem que já tá virando o lixão por lá porque é uma área mais remota, mais erma. A Secretaria de obras vai dar um pulinho lá para ver se é da Prefeitura se for vai limpar A SEMADUR também vai fazer a vistoria se tiver dono do terreno vai ser no vai ser vistoriado multado para tudo isso não dá para jogar deixa assim né Bruna.
Volta estúdio encerra o bloco
****

Dia 02 de julho 4 vídeos na plataforma Globoplay nenhum relativo a comunitário
****

Dia 03 de julho
Moradores reclamam de ruas intransitáveis na capital.
Assunto: Buraco/ Asfalto
Duração do vídeo 5 minutos
Estúdio Bruna Mendes - Vamos para a casa do Cabral agora meu amigo que tá aqui ao vivo com a gente do quintal de casa. Que bairro está em destaque no comunitário de hoje para a gente encerrar a semana Cabral Bom dia!
Entra Cabral- Bom dia Bruna, bom dia para todo mundo. Olha na verdade é a Grande Vila Nasser na verdade o Santa Luzia a gente já mostrou aqui Bruna aqui a cidade ela continua né... Ela continua pulsando, então tem obras, as obras estão acontecendo, só que o seu Donizete que mora no cruzamento da Rua Santa Madalena com a São Carlos lá no Grande Vila Nasser da indignado e mandou vídeo.
Mostra vídeo enviado por morador mostrando o bairro. Bom dia Bruna eu sou o Donizete Lima. Vou mostrar as condições que está aqui o cruzamento da Santa Madalena com a São Carlos. Prometeram asfaltar aqui mais de ano. Vieram afofaram a terra, tamparam de novo e deixa o povo sofrendo no meio da lama e da poeira. Depois de um ano voltaram e fizeram a mesma coisa. Asfaltaram próximo aqui tudo e menos essa rua aqui onde tem muitas casas, muitas famílias, crianças que vão pro colégio, pessoas que pegam ônibus e tá nesse sofrimento quando não é lama é poeira e tá complicado. (Final inaudível)
Entra Cabral- É não é fácil não seu Donizete. A gente sabe, são mais de 30 anos tentando essa melhoria. Vocês pagam impostos aí todo mundo paga na Grande Vila Nasser Santa Luzia na verdade a obra é no Santa Luzia e para responder o seu Donizete o secretário de obra o Rudi Fiorese de obras mandou um vídeo pra gente. mostra aí.
Entra sonora Rudi Fiorese Secretário de Obras de Campo Grande- Essa planta mostra a área que será pavimentada na região do Complexo Nasser. Essa obra já está em andamento algumas vias já receberam inclusive pavimentação asfáltica, as outras receberam em seguida, só estamos aguardando a implantação da rede de esgoto, e na sequência a prefeitura vem implantando a drenagem de águas fluviais e a pavimentação asfáltica.
Entra Cabral- Seu Donizete não deu para ver aí né na imagem do mapa da Secretaria de obras, mas a sua rua e a Santa Madalena também tá dentro desse... desse espaço azul aí que vai receber o asfalto segundo o secretário de obras Rudi Fiorese. Lembrando que essas obras estão prometidas seu Donizete até o final desse ano, que dizer, vamos aguardar aí né para ver como é que tá o andamento, mas agora a gente vai sair do Grande Vila Nasser e a gente vai lá para Vila Popular são 9 km de distância para mostrar que o pessoal da Vila Popular da Rua Brigadeiro Luiz Carlos tá sofrendo e olha por que, nem dá para chamar de rua em
Mostra vídeo enviado por morador mostrando a situação da rua. *Olha o estado que tá essa rua aqui, o que o povo faz. Olha, joga entulho, tampa, não vê ninguém passando. Coloca aqui tanta coisa pra ninguém passar. Olha o estado que tá, não tem condições desse jeito.*
Entra Cabral- E tem resposta boa. A Secretaria de obras vai mandar segunda-feira já fazer toda a limpeza e uma patrolada aí na rua. O pessoal pode ficar tranquilo se o pessoal da

prefeitura chegar lá, conversa com eles, para ver onde é que tá o maior problema para ajudar também. É só se ajudando só assim a Bruna, para coisa andar viu porque como eu falei a gente tá falando a cidade não para ela continua pulsando, é Secretária de obra Secretaria de Saúde, Assistência Social, tá todo mundo trabalhando dentro daquele limite né máscara, luva e principalmente o distanciamento é isso que ficou sexta-feira acaba para cima né com notícia boa.

Estúdio Bruna Mendes - Sim Cabral que bom que a gente finaliza a semana com boas notícias né e com a esperança de que as coisas melhores dos bairros da capital na frente da casa da gente todo mundo quer morar bem né todo mundo cumprir com suas obrigações de ser um cidadão de pagar seus impostos eu quero ver as melhorias chegarem a todo tempo é assim... Obrigada por enquanto tá bom.

****

Dia 04 de julho sábado. 07 vídeos na plataforma Globoplay nenhum comunitário

****

Dia 06 de julho

Taxistas denunciam incêndio em tronco da árvore no centro.

Assunto: Outros

Duração do vídeo 5 minutos

Estúdio Bruna Mendes: Vamos visitar meu amigo Cabral. Tá na hora, ele traz o comunitário de hoje que vem de onde meu amigo, bom dia pra você!

Entra Cabral: Bom dia pra ti Bruna, bom dia pra todos. Olha é o seguinte: vem lá do Nova Lima da Avenida Cândido Garcia, uma das principais la. A situação não tá boa lá não, principalmente essa hora olha aí.

Entra vídeo feito pelo morador: Ó dá uma olhada nisso aqui. Olha só, tem condições? Esgoto puro, tá, ó esgoto puro. Ó a água entendeu, água de esgoto que vem do asfalto e escorre aqui pra rua de chão. Olha só que bonito. Aí eu peço às autoridades que tomem providências, porque tá difícil.

Entra Cabral: Eu imagino como tá difícil. A SEMADUR disse que vai aí essa semana saber de onde tá saindo esse esgoto todo aí pra resolver esse problema de uma vez por todas, viu? e olha, mas tem coisa boa. A gente vai sair lá do Nova Lima e nós vamos lá pra Vila Popular também conhecida como Vila Bordon. O pessoal de lá mandou umas fotos pra gente viu Bruna. Essa fotos aí são de sexta feira mesmo viu? A gente mostrou aqui no MS1, a secretaria de obras foi lá e já mostrou tudo limpinho, já fez tudo lá, arrumou tudo. Bruna, não é o ideal, mas é o que dá pra fazer, porque antes não dava nem pra passar carro né?

Estúdio Bruna Mendes: É o que a gente costuma dizer, né Cabral, a manutenção periódica tem que acontecer. Não tem verba pra asfaltamento que é o que todos os bairros deveriam receber e é o que todo mundo quer. Essa manutenção aí ainda que paliativa ela tem que acontecer sempre. Estragou a rua e a rua está intransitável, tem que chegar lá e arrumar. Isso durante todo ano. Brigado meu amigo daqui a pouquinho você volta tá bom.

****

Entra segunda participação do Cabral

Estúdio Bruna Mendes: E eu quero dizer que a sua participação aqui é muito importante nesse jornal. Nós recebemos um vídeo hoje de manhã e a gente compartilha com você. É um vídeo de um taxista tentando apagar o fogo de um tronco de uma árvore no centro da capital, treze de maio com Cândido Mariano. A fumaça estava chegando no ponto de táxi e os taxistas ficaram até com dificuldade pra respirar e foram ali tentar apagar as chamas. Uma vergonha quem fez isso né gente? uma vergonha porque atear fogo dessa maneira num tronco de árvore seja onde

for não pode não é? O Cabral fala comigo agora sobre isso. Não é isso Cabral. Eu estou entristecida com uma imagem como essa, um taxista tem feito aí o combate às chamas porque algum engraçadinho foi lá e ateou fogo.
Entra Cabral: E Bruna no centro da cidade, né? Tenha dó também né? Nós temos a resposta da SEMADUR. É o seguinte, essa árvore realmente tinha autorização pra ser removida. Foi removida mas agora o dono, a empresa que cuida da calçada ali vai ter que retirar esse toco porque daí a responsabilidade dele. Agora a SEMADUR falou também que isso aí ó, é vandalismo. O cara foi lá e botou fogo mesmo pra esculhambar a coisa toda, sabe. Agora uma coisa Bruna. Pelo menos tem coisa boa acontecendo na cidade pelo menos

Estúdio Bruna. Tem né Cabral. Tava vendo uma reportagem da Carla Salentim sobre umas rotas alternativas, me lembrei do trânsito. Nós já mostramos o pedido da moradora lá da rua Brasil. Ela veio duas vezes. Uma tá cobrando que nada tinha sido feito no cruzamento e agora?
Entra Cabral. E agora a boa notícia pra deixar todo mundo um pouquinho mais alegre. Ela fez um vídeo. É a Viviane, ela é companheira aqui do MS1, você também deve mandar vídeo pra gente. Manda vídeo aqui de problemas, pode mandar aqui. Roda aí Vivi, o que quer falar com a gente?
Entra vídeo feito pela moradora, aparecendo em primeiro plano
. Oi Cabral, sou eu de novo. Tá vendo aqui atrás de mim, ó muito obrigada viu? Tá aí ó, o rapaz tá aí ó lá da AGETRAN. Agradeço muito a você, agora deu resultado. Olha lá como é que tá o trânsito, tá vendo? Melhorou. Tá vendo o rapaz já veio aqui. Brigada um abraço!
Entra Cabral: Valeu você ter mandando pra gente essa resposta. A gente fica contente. A AGETRAN também deve ficar contente porque todo mundo fez o seu trabalho que é obrigação dela fazer esse trabalho e a gente de cobrar. Legal hein? Vamos ver se mantém assim. Vocês tem alguma coisa já sabe né? Máscara no rosto e manda pra cá. Chama a Bruna, chama eu, vamos lá, chama todo mundo.
Encerra e volta para o estúdio
****

Dia 7 de julho
Moradora do Jd. Carioca reclama de mato e insegurança.
Assunto: Outros
Duração do vídeo 5 minutos.

Estúdio Bruna Mendes: Meio-dia em ponto e que hora boa viu, a hora da participação dos nossos telespectadores Dona Fátima do Jardim Carioca mandou um vídeo para gente e a palavra sua dona Fátima qual o problema por aí?
Mostra vídeo enviado por uma moradora: Bom dia Bruna! Eu sou a Fátima, moro aqui no Carioca e eu tô mandando esse vídeo pra você tentaram roubar minha casa quinta feira, só de eu sair no mercado. Arrombaram a minha porta, mas graças a Deus não conseguiram levar nada. E olha o mato que tá esse terreno aqui ó. Isso é porque eu cuidava dele, mas o dono veio e vendeu pra outra pessoa e até agora nada.
Estúdio Bruna Mendes: Dona Fátima que situação viu, Cabral viu o seu vídeo também e ele foi atrás das respostas para senhora então a gente vai fazer uma visita até a casa do Cabral agora para que ele possa tentar lhe ajudar dona Fátima Bom dia meu amigo solzinho bom esse de hoje né
Entra repórter Cabral- É eu to derretendo aqui. Sentei aqui só agora, que tá quente aqui viu? Olha dona Fátima é uma simpatia viu? Eu quero te dizer o seguinte, pessoas como a dona Fátima, pessoa que manda vídeo fica sendo a voz da comunidade, porque às vezes ela pode reclamar de um problema dela, mas é na verdade da comunidade inteira, bom vamos as

respostas para ela então, ok? Seguinte a guarda municipal já foi agora de manhã até a rua da dona Fátima, para dar uma olhadinha nos arredores ali, ver como estão as coisas A polícia militar mandou também nota para a gente falando que faz rondas ostensivas ali no bairro, que vai reforçar um pouco mais nessa área ali do Jardim Carioca pra ver o que tá acontecendo e pede um favor aos moradores. Qualquer problema como esse, problema do arrombamento, assalto coisa do tipo faz um B.O, porque assim a polícia militar, ela consegue mapear os problemas ali e aí a ação é bem mais efetiva e preventiva. O número você sabe 190. E tem a SEMADUR ainda, você sabia que a SEMADUR mandou uma nota aqui, eu vou até ler aqui esse terreno do lado ali da Dona Fátima ele já foi notificado para limpeza e aí a SEMADUR vai encaminhar novamente a fiscalização para saber o quê que aconteceu e vai notificar, vai falar com o proprietário do imóvel para fazer essa limpeza aí porque isso aí não pode ficar desse jeito. E tem uma outra coisa, porque a gente tá falando de um terreno, mas isso aí acontece na cidade toda e os terrenos, eles deixam preocupados o Cleidson por exemplo lá do Vila Alba, roda aí.

Entra vídeo enviado por morador Cleidson: Oi Cabral, tudo bem? Sou eu, Cleidson. Ó onde tá o lixo. Ó a rua e o lixo. Isso aqui há anos tá desse jeito. Isso aqui é Rua Silveira Martins na esquina se não me engano com Astúrias, intransitável. Junta muito bicho, muito escorpião e o dono não sei quem é o dono dessa área não providencia. Ok? Um abraço.

Entra Cabral- Abraço meu querido, obrigado por ter participado com a gente no comunitário aqui em casa. É o seguinte Cleidson, a SEMADUR sabe que esse terreno é da prefeitura e já vai mandar limpar o terreno porque já passou essa situação para a Secretária de Obras, então agora só ficar de olho para ver como vai ficar essa limpeza Bruna, porque acontece isso aí Bruna, o terreno está vazio sabe como é né, é local de malandro, quer queira quer não queira, mato alto fica assim , casa quebrada que já tá abandonada, vira local de malandro então essas pessoas que mandam aqui virão a voz da comunidade e aqui tem vez Bruna.

Estúdio Bruna Mendes -É Cabral, e por aqui tem muita gente comentando comigo no Whatsapp que é terrível mesmo morar do lado de lugares assim, e aí tem empresas de segurança falando: olha tem que colocar segurança. Tá querendo vender o peixe aqui, e faz todo o sentido né tem muita gente investindo em segurança. Tem um jardineiro falando aqui assim: fala para a dona Fátima que eu passo todo dia na frente da casa dela, porque ele já reconheceu o local e tá falando assim, meu serviço está disponível, não pra dona Fátima né, mas para o dono do terreno que não tem respeito algum com a dona Fátima e com ninguém do Jardim Carioca, para deixar o terreno daquela maneira. A gente sempre costuma dizer aqui que quem tem terreno e não tem construção obviamente que se você tem construção você tem que manter limpo também, mas não tem nada construído ali no terreno baldio é seu dever também meu amigo dono do terreno manter tudo limpo e em ordem por ali, esse é seu dever como cidadão tá bom. Cabral muito obrigada viu meu amigo.

****

Dia 09 de julho

Morador denuncia casa com piscina suja no bairro Aerorancho, na Capital.

Assunto: Outros

Duração do vídeo 5 minutos.

Estúdio Bruna Mendes - Hora da nossa visita na casa da casa do Cabral. Cabralzinho Bom dia eu sei que até no calor você toma chimarrão mas com friozinho assim como que tem feito na capital fica melhor né de manhã já foi a tomada do Chimarrão agora a tarde também tem mais é

Entra Cabral-Tem tem, no finalzinho da tarde é sagrado, senão tiver um chimarrãozinho. E olha Bruna esse friozinho tá bom aqui nesse solzinho meio maroto, mas tá bom aqui. É só entrar na garagem que fica frio. Deixa eu te falar uma coisa, tava te acompanhando igual eu faço

todos os dias no jornal, é gripe, é covid, é dengue. Como diz no latim *o tempora o mores*, ou seja que tempos que situação pois é, e a dengue a gente não pode deixar de lado não. Nós temos que ter cuidado com ela, igual você falou né Bruna 100 casos no Estado em uma semana né, pois é por isso que tem pedreiro lá no Aeroranchо indignado viu, por que do lado onde eles tão trabalhando tem um problema aí, fala aí Carlos.

Entra vídeo enviado por pedreiro ao jornal. Boa tarde Cabral. Estamos mais uma vez aqui no Aeroranchо a gente precisa. Olha aqui essa irregularidade nessa casa abandonada com duas piscinas com água parada, água suja. Veja bem criadouro de mosquito da dengue, matagal e fica o descaso aí do proprietário aqui desse imóvel.

Estúdio Bruna Mendes- Um descaso né gente? Um descaso, é irresponsabilidade, falou muito bem aí o nosso telespectador um desrespeito com a comunidade. Cabral a capital tá em primeiro no em na incidência da doença claro não é, 100 casos por dia na última semana 30 no estado né, 39 pessoas morreram em Mato Grosso do Sul esse ano, quantas outras pessoas ainda morreram por causa da dengue e o mosquito voando se proliferando aí numa grande piscina como esse e o camarada não se atenta de limpar, de manter a situação em ordem. Qual a resposta que a gente tem aí

Entra Cabral- Não, nós temos uma resposta aqui da SENSAU, porque as equipes passaram pela rua, não passaram pela rua ainda desculpa. Eles estão fazendo uma vistoria geral porque por causa do tempo, choveu, ficou um pouco frio, as equipes demoraram para chegar lá, mas até sexta-feira eles vão nessa casa ver o quê que aconteceu se a resposta da SESAU. Importante cuidar. Ontem mesmo eu fui botar água na Jabuticabeira como pediu aquele nosso telespectador e eu vi ali umas pocinhas de água não tinha larva lógico, mas né todo dia tem que cuidar, não tem jeito.

Estúdio Bruna Mendes- Todo dia tem que cuidar, na terra não tem problema mas naquele vasinho ali que fica parada a água ali é um perigo. A gente tem que monitorar sempre a nossa casa, e o camarada ali não tava com um vasinho né tava com duas piscinas ali cheias de água ou seja, hotel 5 estrelas para o mosquito da dengue brigada Cabral.

****

Entra segunda participação do Cabral

Estúdio Bruna Mendes: Vamos pra última participação do Cabral. Tá contigo meu amigo.

Entra Cabral: Problema na cidade. Problema antigo. Buraco na rua. Vamos lá pro Jardim Panamá. Mostra aí.

Entra vídeo feito pelo morador. Carioca de bem com a vida querendo aqui fazer o repórter sobre esse buraco que já tá fazendo aniversário. Esse buraco ele é profundo, faz com que os carros desviem pra esquerda entrando na contramão quase tendo acidentes. Eu moro aqui na esquina. É Rua Padre Mangabeira. Vamos pedir para o pessoal dar um trato aqui em todo o Jardim Panamá e adjacências que tá parecendo queijo suíço. É não aparece mais não. Segundo a SENSAU secretaria de obras já foi feito o reparo ali tá tudo lisinho tudo tranquilo. Tem que ficar sempre de olho Bruna, principalmente aí na cidade, com buraco porque é perigoso.

Estúdio Bruna Mendes. Perigoso Viu Cabral. Obrigado.

****

Dia 10 de julho – 4 vídeos na plataforma Globoplay - moradores reclamam de problemas com a iluminação pública.

Duração 6 minutos

Estúdio Bruna Mendes: Estamos de volta. Meio dia já. Bora pra casa do Cabral saber o que ele traz pra gente hoje do comunitário, de repente é o seu pedido aí. você que nos acionou pelo Whatsapp. Quero saber o que tá fazendo com essa vela aí na mão meu amigo

Entra Cabral. Tudo bom Bruna. Bom dia pra você, bom dia pra todo mundo! Vela acesa deixa eu apagar senão eu vou me queimar. Porque é o seguinte, não podia ter apagado porque lá. Nós vamos falar de uma demanda hoje que é uma das maiores aqui de Campo Grande que é a falta de iluminação pública. E lá se não tiver vela na mão, lá no bairro Jardim Ouro Preto, olha a coisa tá feita porque falta de iluminação pública é falta de segurança também, confere aí.
Entra vídeo mandado pelo telespectador: Boa noite Cabral, tudo bem? Você que é o homem do bairro, aí da população eu tô fazendo o vídeo aqui em frente a minha residência, olha bem a escuridão. Eu tive que colocar duas luzes, lâmpadas em frente à minha casa aí ó, pra não ser roubado. Já fui roubado aqui quatro vezes já. Olha aí
Entra Cabral: Seu Enoc eu sei que tá difícil aí. É o seguinte seu Enoc, a secretaria de obras avisou a gente que é o seguinte: que vai mandar uma equipe aí na sua rua já na semana que vem pra ver se tem a rede de baixa tensão, se tiver a rede de baixa tensão eles já vão colocar o braço, né que é onde fica a luminária e a luminária. Só que aí tem um negócio. Eu quero que o senhor fiscalize aí se chegou a luz se tá tudo certinho. Se chegar deu tudo certinho, faz um vídeo e manda pra gente. Agora a gente sai lá do Jardim Ouro Preto e vai bem pra divisa da Vila Jaci com Guanandi, pra rua Valparaíso, que de paraíso não tem nada. Lá tem poste, tem fio, mas e aí? Conta aí moradora.
Entra o vídeo enviado pela moradora: Queria pedir ajuda aí pra você por causa dessa iluminação pública aí ó, pra colocar um braço de luz aqui do poste, que foi arrancado da rua Valparaíso 294 e também sobre essas árvores aqui pra pedir uma poda pra vocês porque as árvores... são cinco árvores no total que já tão invadindo já por cima da rede elétrica de energia. A gente já cansou de pedir essa poda.
Entra Cabral: Quem mandou foi a dona Marilene. Essa voz bonita aí foi a dona Marilene. E eu tenho uma resposta pra ela sim. É o seguinte: segundo a secretaria de obras vai também avaliar a situação e é a mesma coisa. Se tiver a rede de baixa tensão eles vão implantar o braço e a iluminação. São os equipamento necessários ali. Aí se precisar poda também vai ser vistoriado pela secretaria de obras e aí vai dar andamento a esse pedido. Bruna é uma situação assim: tem a luz, tem poste tem braço aí tem a poda. Se não tem a poda, só tem o poste, fica complicado isso hein? Mas logo logo vamos ter resposta o pessoal já manda vídeo pra cá.
Estúdio Bruna Mendes: Isso Cabral. Terreno baldio e falta de iluminação pública são as principais demandas aqui do MS1
****

Entra segunda participação do Cabral
Estúdio Bruna Mendes: Vamos pra casa do Cabral? Ele tem a última participação de hoje. E depois da vela a lanterna aqui ó
Entra Cabral: A lanterna Bruna porque Monte Castelo na Rua Pelotas só assim mesmo. Tem muita árvore e o morador reclama. Confere aí
Entra o vídeo enviado pelo morador. Boa tarde Cabral, aqui é o Antônio Borges. Eu moro aqui no bairro Monte Castelo e a questão aqui na Rua Pelotas esquina com Rua do Ornamento. Nesse exato momento vou mostrar aqui pra você um poste aqui, agora vamos ver a luminária... está totalmente escondida e assim é com os demais três postes que existe aqui nessa quadra, aliás quatro. A noite aqui é um breu meu amigo.
Entra Cabral: Na rua Pelotas duas situações: primeiro secretaria de obras disse que também vai fazer uma vistoria pra saber o seguinte o que ele pode fazer lá, se vai fazer a poda ou não e aí tem a resposta da ENERGISA. A ENERGISA vai no local também na semana que vem pra ver se toda essa situação está encostando no fio alta tensão e de baixa tensão se tiver eles vão fazer a poda. Agora não pode Bruna é ficar esse jogo de empurra. Ou a secretaria de obras ou a ENERGISA, algum dos dois tem que fazer essa poda, porque desse jeito não dá pro morador ficar ali não.

Estúdio Bruna Mendes:É que o limite de um começa quando termina o de outro. Você explicou bem. A Concessionária só consegue fazer essa poda quando tá com aquele perigo do enrosco na fiação. Mas você também disse muito bem quem tem que resolver, tem que resolver e é assim que as coisas funcionam. Cabral chegaram muitos outros pedidos de iluminação pública então hoje a tarde meu amigo você tem muita demanda pra mandar direto pra SISEPE e ver o que a SISEPE pode fazer. A gente reúne os endereços e manda pra prefeitura. Brigada bom fim de semana pra você.
****

Dia 11 sem vídeo do comunitário (sábado)
****

Dia 13 sem vídeo do comunitário foram disponibilizados na plataforma blocos do telejornal
****

Dia 14 sem vídeo do comunitário foram disponibilizados na plataforma blocos do telejornal
****

Dia 15 sem vídeo do comunitário foram disponibilizados na plataforma blocos do telejornal
****

Dia 16 sem vídeo do comunitário foram disponibilizados na plataforma blocos do telejornal
****

Dia 17 de julho de 2020
Moradora reclama da demora para agendar o exame de covid 19.
Assunto: Outros
Duração do vídeo 5 minutos.

Estúdio Bruna Mendes: E gente tem chegado muitas dúvidas em relação aos testes da covid-19 principalmente de quem pode solicitar esse teste. Nós sempre reforçamos aqui que é preciso ligar para o disque covid agendar o exame quando for o caso. Dona Célia nossa telespectadora tava tentando marcar o teste há três dias não tava conseguindo e o Cabral meu amigo bater um papo com ela pelo celular
Entra sonora Célia Cano, comerciante- Olá Cabral Boa tarde
Entra repórter Alexandre Cabral- Oi Dona Célia tudo bom na medida do possível, há quantos dias você tá tentando marcar esse teste para fazer?
Entra sonora Célia Cano, comerciante- Então Cabral, como eu estava assistindo o jornal, tenho acompanhando o MS1 e eu estou muito preocupada, meu filho teve contato ontem na empresa em que ele trabalha com uma pessoa que testou positivo para a covid.
Entra repórter Alexandre Cabral- Porque a tua preocupação para fazer o teste o mais rápido o possível?
Entra sonora Célia Cano, comerciante- Eu sou cadeirante há 16 anos, tenho anemia crônica, por isso a imunidade tá muito baixa né, também tem a minha nora que está grávida de 8 meses de gêmeos, a esposa dele,e a gente tá tentando desde ontem tentando ver como faz pra agendar

o teste, porque a gente tá preocupado com isso. Quero pedir pra vocês me orientarem como que faz, porque está difícil.
Estúdio Bruna Mendes- Muito bem que a gente ouviu aí a conversa pelo celular da nossa telespectadora com Cabral agora ao vivo ele traz para gente essa resposta uma dificuldade grande para tentar esse agendamento de muitas pessoas né, bom dia
Entra Cabral - Verdade Bruna tudo bom tudo bom para todo mundo Olha a Bruna é o seguinte a Dona Célia ela tentou durante três dias aí incessantemente, mas por sorte ela conseguiu marcar vai ser no dia 22. E essa... essa dificuldade de marcar a Bruna lá no lá no Disk covid é exatamente o proporcional a nossa falta, falta de todo mundo de aderir ao isolamento social. Só você ter uma ideia, olha só a secretaria estadual de saúde falou o seguinte pra gente, sobre as linhas congestionadas. Olha só, são realizados 400 testes rápidos por dia que aquele da gotinha de sangue tá, e 109 do PCR que é aquele do nariz. A SES disse que são 19 atendentes fazendo serviço hoje na capital e 1300 ligações por dia pro Disk Covid. É tanta ligação que sobrecarrega o sistema e muitas vezes o telefone cai, mas isso é por causa da falta de adesão Bruna, tem muita gente ligando, procurando preocupada.
Estúdio Bruna Mendes-E lembrando que lá eles já disseram que eles vão tentar aqui atendente do interior puxar a ligação também para ajudar nessa marcação. É importante aumentar aí o atendimento a essas pessoas que estão tentando ligar. Segura aí Cabral. Lembrando gente e ainda falando sobre testes, uma dúvida que é bastante comum é a seguinte: pessoas que estão sem sintomas podem fazer o teste da Covid gratuito? Nesse caso a gente, segunda Secretaria Estadual de Saúde só se a pessoa teve contato direto com uma pessoa que tem atestado positivo por exemplo apertando as mãos dessa pessoa, ter conversado sem usar uma proteção com a máscara ter ficado no local fechado com essa pessoa por mais de 15 minutos. Enfim ter tido um contato muito próximo porque a gente sabe que existem os casos assintomáticos né. Isso tudo vai ser perguntado no Disk Covid eles vão avaliar a necessidade de realizar o teste tá bom. Informo que a maioria das pessoas que está fazendo esse teste são pessoas aí com sintomas. Vou voltar a falar aqui com o Cabral Já faz uma semana desde que aquele novo ponto de testagem lá da escola Começou a funcionar né Cabral já tem um balanço aí de testes na escola Lúcia Martins
Volta repórter Alexandre Cabral – Já, já tem um balanço sim. Já faz uma semana como você falou né, para lá a procura tem sido intensa segundo a secretaria são realizados 400 testes por dia já foram 2.135 pessoas testadas lá na escola desses 226 deram positivo ou seja 10%. A secretaria garante que não faltam teste para quem procura mas só lembrando para todo mundo que tá nos ouvindo lá não é demanda viu lá não é chegar e fazer não tem que marcar exatamente pelo disk covid 33 116222 eu vou repetir 3311-6222 que vai ser feita a avaliação como a Bruna já comentou, mas Bruna não dá pra fazer isso, ter essa movimentação toda ,a secretaria já pensa até em ampliar esse trabalho todo, se tiver festinha no final de semana, se tiver o encontro com os amigos no churrasco se envolver com todo mundo na rua ali não dá não da Bruna tem que ficar em casa tem que parar
Estúdio Bruna Mendes -Lembrando que você tá falando da escola, o secretário municipal de saúde disse hoje ao vivo MS1 lá nessa escola é teste rápido feito viu mas eles estão pensando aí na testagem suave lá também é uma possibilidade ainda, Cabral muito obrigada.
****

Dia 20 de julho
Campo Grande volta a fazer agendamento para castração de felinos
Assunto: Outros
Duração 2 minutos
Estúdio Bruna Mendes: Vamos fazer nosso primeiro contato com Alexandre Cabral. É uma pausa nas notícias da Covid, mas nós temos a informação de um serviço que tá voltando , que

tava suspenso por esses dias aí não é Cabral. Ele é muito procurado pela população da capital lá no CCZ, Centro de Controle de Zoonoses. Bom dia pra você!
Entra Cabral: Bom dia Bruna, bom dia pra todo mundo. Muito, muito, é um dos serviços mais procurados lá na verdade, Bruna. É o seguinte: é a castração de felinos. Pois é, agora tem o agendamento online tá? E que já está funcionando desde as oito horas da manhã de hoje. Esse serviço ele tava suspenso por causa da pandemia, né? E olha só nesse primeiro momento são disponibilizadas 300 vagas tá? Sendo 90 só para aquelas ONGS e protetores de animais independentes que já estão cadastrados inclusive, as outras 210 vagas pra população em geral. Quem tiver interessado tem que entrar no site da prefeitura pra fazer o cadastro e pra ver se está disponível. Já estava aberto desde as oito horas da manhã. Tem que entrar lá no site da prefeitura. E é o seguinte pra tirar dúvidas e mitos. É tem muito mito sobre animais e Covid, o pessoal tá muito sem informação, não sabe o que vai fazer. É o seguinte, meu gatinho pode pegar, meu cachorro pode pegar. Fácil agora. Quer saber tudo? Disk Covid animal lá no CCZ 20201794, eu vou repetir 2020 1794. Serviço importante, entra no site lá pra saber tudo certinho e não ter problema nem de fila nem de espera, que é acostumado né Bruna, muita gente procura.
Estúdio Bruna Mendes: Sim, quantas vezes não mostramos a fila que se formava, né ainda na madrugada porque as senhas eram distribuídas lá. Agora não pode mais fazer uma fila como gente, então a tudo a distância de acordo com a informação que o Cabral trouxe pra gente. Qualquer dúvida entre no site e entre em contato com o CCZ. Boa tarde Cabral daqui a pouco você volta.
****

Dia 21 de julho de 2020 5 vídeos disponíveis na plataforma Globoplay nenhum relativo ao comunitário.
****

Dia 22 de julho de 2020 cinco vídeos disponíveis na plataforma Globoplay nenhum relativo ao comunitário.
****

Dia 23 de julho de 2020
Corpo de bombeiros cria equipes extras para combate de incêndios urbanos na capital
Assunto Outros
Duração 6 minutos
Estúdio Bruna Mendes: Nós recebemos muitos vídeos de fotos de um problema que vem afetando muitos bairros aqui da capital. Problema crônico de todo ano, foto em terreno. Aquela fumaça insuportável. Quem mostra pra gente meu amigo Cabral. Bom dia amigo.
Entra Cabral:Bom dia Bruna, bom dia a todos! É fogo no Pantanal. O pessoal não respeita, bota fogo em terreno, mas teve um cara de pau aí no bairro Jardim Universitário que botou fogo no lixo em frente a casa dele (entra imagem) mas isso primeiro que não pode e segundo que infestou o bairro com uma fumaça forte. Essas imagens foram feitas por uma senhora de uns sessenta e dois anos que mora pertinho de onde ele botou fogo e a situação foi tão ruim pra ela que ela e o marido, ela tem sessenta e dois e o marido sessenta e cinco, tiveram que sair de casa porque não conseguiam respirar. Diz que atingiu quase 30 casas no bairro aí. Complicado de respirar, tempo seco, isso aí tá complicado Bruna cada dia pior isso aí. Tem outra, de noite ou de dia lá no Jardim Inápolis. Quem ficou indignada e gravou a situação foi a Cibeli. Fala aí Cibeli.
Entra vídeo enviado pela moradora. Olha aí eu com criança pequena criança de cinco meses, orando pra que o vento não vire pra cá pro lado da minha casa. Tem que correr com a neném daqui, ela tem problema. Olha aí. Coitado do povo que mora lá pra baixo, meu Jesus amado.

Entra Cabral: Bruna não ficou só nisso não lá no bairro Jardim Radialista que é perto da Avenida Guaicurus ali também um fogo muito grande, olha só as imagens que o pessoal mandou pra gente. e essa fumaceira além de atingir todo o Jardim Radialista que não é um bairro muito grande, pegou todo Los Angeles. Aquela parte ali ficou cheia de fumaça, fuligem. Situação complicada lá também, difícil isso. o pessoal tem que ter mais consciência. Bruna, daqui a pouco eu volto com uma entrevista que eu fiz pelo celular com um dos coronéis do corpo de bombeiros dando dicas e falando sobre esse perigo de botar fogo nesse tempo seco nos bairros e terrenos da cidade. Daqui a pouco eu volto.
Estúdio Bruna Mendes: agradece
**

Segunda entrada de Alexandre Cabral **sobre incêndios urbanos**
Estúdio Bruna Mendes: Voltamos e vamos falar mais uma vez de incêndios urbanos. Ontem a noite aqui na capital um fogaréu tomou conta de dois terrenos no Parque dos Girassóis. O Cabral conversou com uma moradora que filmou o momento das chamas, vamos ver.
Entra Cabral. Era para ser um lugar super legal pra morar, tranquilão, só que segundo a Lisiane e o Marquinho que moram lá não é bem assim né? O quê que vocês encontraram ontem a noite aí no bairro.
Entra vídeo moradora Liseane Leas Marques: A minha filha foi até a cozinha e viu um raio de luz como se fosse um entardecer tudo laranja no fundo de casa e ela me perguntou o que era. Quando eu fui pra ver eu escutei um barulho no fundo e aí eu disse pro meu marido: bem tem fogo aqui do lado. Nós saímos na rua quando nós chegamos lá o fogo tava muito alto já e se alastrou muito rápido, tomou dois terrenos. Na verdade foi um fogaréu de dois terrenos baldios. Entra áudio. “Vamos ter que chamar os bombeiros, muito fogo”.
Estúdio Bruna Mendes: Gente que situação, Cabral trazendo a informação desse bairro aí, da nossa telespectadora região do Parque dos Girassóis, mas tem pelo menos outros três outros bairros na mesma situação. Como ele prometeu, ele também fez uma entrevista com o coronel Carminatti do Corpo de Bombeiros sobre esse trabalho de combate a incêndios urbanos. Chega nessa época do ano eles aumentam gente incrivelmente isso, né? Mas aumenta mesmo, vamos ouvir.
Entra Cabral: porque essa mania de colocar fogo justamente na época de estiagem?
Entra sonora Cel Fernando Carminatti Corpo de Bombeiros: Oi Cabral, tudo bem? A população tem por hábito fazer a utilização do fogo para supressão daquela vegetação em seu terreno. Ela ocorre o ano inteiro, mas fica mais evidente nesse período de estiagem pelas condições climáticas favoráveis. Lembrando que a queimada urbana é crime. Nas últimas 48 horas o corpo de bombeiros militar atendeu a 67 chamados de combate de incêndio em vegetações sendo praticamente 50% desses chamados na cidade de Campo Grande.
Entra Cabral: como dar conta de tantos pedidos ?
Entra coronel: o Corpo de Bombeiros militar possui um plano anual de combate aos incêndios em vegetação. Iniciou-se esse atendimento agora dia primeiro de julho com salas extras e vai até quando o tempo der uma melhorada quando acabar a estiagem.
Estúdio Bruna Mendes: Obrigada Coronel pela participação aqui com a gente nesse bate papo com Cabral.
****

.
Dia 24 de julho de 2020
Moradores estão preocupados com a conservação de árvores em Campo Grande.
Assunto:Outros
Duração do vídeo 5 minutos.

Estúdio Bruna Mendes- Ontem o Cabral já jantou aqui que o assunto do comunitário de hoje a relacionada às árvores e o problema que elas podem causar se não tiver em manutenção na área urbana Chegaram alguns vírus pelo nosso WhatsApp que ele mostra para gente agora
Entra Cabral-bom dia Bruna bom dia para todo mundo a gente sabe que uma árvore Bruna é uma dádiva né dá frutos sombra alimento para animais ajudam no apuro é ótimo só que ela tem que ter manutenção que tá na frente do escritor Avenida Presidente Vargas E aí ele ligou ligou preocupado com essa daqui a muitos anos roda aí
Mostra vídeo enviado por morador ao jornal
Entra Cabral- É complicado mesmo mas tem uma notícia para vocês aí segundo a SEMADUR essa árvore aí que é um Ficos e uma outra serão retiradas daí ó Ok elas já estão com vários problemas já estão muito velhas ocas por dentro e pode causar um problema muito grave então é ela serão removidas daí não tem data ainda para isso mas serão removidas segundo a SEMADUR e assim que isso acontecer faz um vídeo e manda para a gente aqui para ver se deu tudo certinho
Estúdio Bruna Mendes- Ok né Cabral da população também em especial para a SEMADUR agora em outro bairro da capital as raízes de uma a árvore, de árvores estão invadindo as casas que história é essa
Entra Cabral- Nós vamos direto para o Estrela do Sul mais certo na rua Robin Hood tem uma árvore que está tomando conta das casas é olha só o vídeo que mandaram da casa da Dona Luzia
Mostra vídeo enviado por moradora Luzia ao jornal.
Estúdio Bruna Mendes- Nós em busca de uma resposta com a SEMADUR que a Secretaria de Meio Ambiente e gestão Urbana aqui da capital secretário Luiz Eduardo Costa gravou um vídeo para gente para você
Entra sonora Luiz Eduardo Costa secretário da SEMADUR- Essa árvore ela foi autorizada para poda e agora estamos desarquivando esse processo para fazer uma nova vistoria e ver a possibilidade da autorização da retirada
Estúdio Bruna Mendes- Boa notícia em gente o Cabral aproveitou e conversou com o secretário Luís Eduardo sobre a dificuldades enfrentadas por esse serviço de poda e corte de árvores pela cidade também vamos ver
Entra Cabral - Como vocês estão fazendo para atender a demanda durante a pandemia, e porque esse serviço é tão procurado secretário?
Sonora Luiz Eduardo Costa secretário da SEMADUR-Bom esse serviço é lógico que é o nosso dia a dia e a SEMADUR dá conta sim,é importante te dizer também Cabral que as pessoas optaram por uma espécie de árvore que não é recomendada de nenhum dos nossas legislações nós temos o plano diretor de arborização Urbana que lá tá colocado por região inclusive quais são essas áreas recomendadas, então as pessoas insistem em plantar uma árvore não recomendada e não faz o seu manejo e aí começa a ter esse tipo de problema.
Entra Cabral- O que pode ser feito, que tipo de trâmite pode ser feito para que seja mais rápido o atendimento a população
Sonora Luiz Eduardo Costa secretário da SEMADUR- Cabral para você ter ideia nós tratamos árvore como indivíduo, é um ser vivo, ele precisa sim desse olhar da biologia desse olhar de pessoas treinadas para poder ter ali um veredito. O pedido na central de atendimento ao cidadão, esse pedido ele tá, ele entra dentro de uma fila de programação de atendimento na cidade,o tempo médio desse serviço que a gente vai fazer a vistoria é de 45 a 90 dias .
Estúdio Bruna Mendes-Então e aí vai entrando na fila né secretário aí demora um pouquinho mais mesmo como historicamente a gente tem mostrado aqui a população de outras árvores há muito tempo mas para fazer qualquer coisa na árvore para cortar ela substituí-la também precisa dessa autorização Então tem que entrar nessa fila também mas as duas notícias foram dadas por aqui secretária muito obrigada pela participação aí e por ter batido esse papo com nosso amigo Alexandre Cabral.

****

Dia 28 de Julho de 2020.
Moradores reclamam de água parada com foco da dengue no bairro Amambaí.
Assunto: Outros
Duração do vídeo 3 minutos.
Estúdio Bruna Mendes - No estado esse ano 39 pessoas já morreram em Mato Grosso do Sul, 7 eram campograndenses, e sabe o que o pessoal tem mandado no nosso *Whatsapp a*inda gente coisa antiga, coisa que já deveria ter mudado denúncias de locais sujos com recipientes que acumulam água e que a gente sabe que são perfeitos pro mosquito que transmite a doença se proliferar, recebemos um vídeo lá do bairro Amambai na verdade olha só uma casa onde tem um laguinho artificial com água parada e tá tirando o sono dos moradores, o bairro Amambai tem hoje segundo a Secretária Municipal de Saúde 22% de infestação de dengue, a SESAU disse que vai mandar agentes hoje mesmo para irem ver esse local ai e a gente falou do índice de infestação do bairro mas sabe qual o bairro que tem o maior caso de infestação do mosquito da dengue hoje na Capital, um dos mais populosos o bairro das moreninhas 138% é muita coisa, pessoal nós temos que fazer o dever de casa aí no bairro, limpar o quintal, limpar o terreno baldio que é meu e eu não tô querendo vender, aciono a população também do bairro Euro Rocha que é o mais populoso, o Cabral fez uma entrevista hoje com o superintende em vigilância em saúde para saber como é que está o trabalho na cidade, vamos ver
Entra Cabral- Como é que funciona o caso da dengue nessa época de estiagem, o cuidado deve ser maior?
Entra sonora Veruska Lahdo superintendente em Vigilância e Saúde- Esse período que vai de abril a outubro, setembro é o período em que a gente tem uma redução significativa do número de casos, mas esses casos continuam acontecendo, a gente continua mesmo no período de estiagem encontrando locais que servem de criadouro para o mosquito, por isso que o trabalho precisou ser contínuo e não teve paralisação mesmo diante da questão da pandemia que ainda a dengue está circulando no nosso município além da dengue a gente tem a questão da Zika e da Chikungunya, a gente tem casos confirmados desses três vírus circulando no nosso munícipio
Entra Cabral - 7 óbitos na capital, como vocês estão tratando esses números da dengue?
Sonora Veruska Lahdo superintendente em Vigilância e Saúde- Então, esse trabalho de manejo ambiental é feito com aproximadamente 400 agentes que a gente tem, além de trabalho do fumacê, que a gente tem 4 veículos que circulam diariamente por esses bairros também fazendo a borrifação do fumacê em bairros com maior número de notificações, então todo esse trabalho precisa ser contínuo e sistemático pra que realmente chegue agora no final do ano com período de maior número de chuvas em uma situação onde a gente consiga eliminar o maior número de criadouros pra que a gente não entre em mais um ano seguido com uma epidemia de Dengue,Zika e Chikungunya
Estúdio Bruna Mendes - Pra denunciar locais a SESAU pede para que a população ligue no 3314-9955.
****

Dia 29 de Julho.
Moradores reclamam de ruas com lixo e mato em ruas da Capital
Assunto: Outros.
Duração do vídeo 4 minutos.
Estúdio Bruna Mendes-Já mandou seu vídeo telefone é aquele que você conhece nós 98650-101 muitos vídeos com problemas em ruas em vídeos que mostram a situação que têm

prejudicado a vida de muitos moradores aqui da capital é lixo gente é mato alto é fumaça cada uma, Cabral mostra pra gente

Entra Cabral-Coisa muito comum que acontece aqui na cidade você sabe muito bem disso todo mundo sabe terreno sujo e vai aumentando a sujeira só vai jogar no coisa vai aumentando a sujeira que vocês gostem umas imagens aí olha só o que mandaram para gente esse aí é um terreno que fica na esquina da Panonia com a com a rua Piraúna no Taquaral Bosque agora não tem mais calçada quer dizer isso mas tem sofá tem entulho, resto de poda tudo que eu quiser tá nesse terreno aí e aí quem quiser passar só mesmo pelo asfalto essa situação fica meio complicado também sabe aonde lá na Mascarenhas de Moraes é tem uma parte da Mascarenhas aí onde tem um movimento muito grande e aí o pessoal mandou um vídeo porque a situação Bruna essa aí ó

Mostra vídeo enviado ao jornal por moradora.

Entra Cabral - Que situação! Olha tem uma situação complicadíssima também bem complicado Jorge Dudib lá embaixo tem um terreno grande perto do Residencial e um espectador que já foi a todas as autoridades tá tentando resolver um problema do condomínio não só dele como do condomínio pode um pouquinho das imagens aí

Mostra vídeo enviado por morador do bairro ao jornal.

Entra Cabral - É brincadeira um negócio desse não é em Corumbá não viu essas imagens aí não são Corumbá não Bruna tá, é lá da Jorge Dudib esse terreno grande o pessoal bota fogo todos os dias tem fogo no chão que se formou por lá fica só isso não não fica nisso não lá na vila Márcia tem uma rua muito importante chamada ali na Lindóia, ela não tem asfalto tá ela não tem asfalto, e aí um espectador muito indignado por que ele mora na Lindóia ali na Vila Nasser esse bairro grande bairro aumentado mas a Lindóia virou lixão tem tanto lixão que às vezes até dificulta a passagem dos carros.

Mostra vídeo enviado por morador do bairro ao jornal.

Estúdio Bruna Mendes- E o Cabral foi em busca de respostas e soluções para esses problemas que foram mostradas em diferentes regiões aqui da capital agora a pouco ele recebeu um retorno da secretaria de obra qual foi a resposta Cabral?

Entra Cabral-O secretário de obras Rudi Fiorese falou comigo agora de manhã e daí não deu uma resposta específica para cada um desses casos aí mas ele vai mandar hoje já equipes fazendo a vistoria e se possível já fazer obras ali para tentar resolver ver essa foi a resposta que a gente recebeu da Secretária de Obras

Estúdio Bruna Mendes- Até amanhã Cabral e o Genilson que mandou também um vídeo aqui para gente de um condomínio Ele mora do lado de um terreno baldio na Avenida Heráclito Diniz de Figueiredo ele falou que a situação tá muito semelhante a do outro condomínio e com muito matagal ao lado também Genilson Já encaminhei para Secretaria de obras esse pacotão aí de pedido da população tá bom tomara que alguma coisa mude aí do lado da sua casa também no seu condomínio

Estúdio Bruna Mendes- É complicado Cabral tem muitas situações assim por toda parte da cidade por isso que você já sabe e tem que gravar seu vídeo conversar com Cabral pega o celular deitadinho e manda para gente para o nosso WhatsApp 99865-010 Cabral Tem mais alguma entrada hoje alguém me fala aí daqui a pouco você volta então meu amigo você vai falar sobre o quê daqui a pouco

Entra Cabral- Daqui a pouco é só não ficar boa pelo menos isso tá.

****

Outro bloco de portagem.

Estúdio Bruna Mendes-Vamos com o Cabral, agora a última participação dele dessa terça-feira. Qual a boa de agora Cabral?

Entra Cabral- Olha a Bruna é o seguinte Bruna quer vir almoçar aqui em casa mesmo eu tenho 2 pratos aqui um francês que o Restodontê e um japonês o Kisobrou que a gente vai almoçar hoje, mas nem notícia boa, a comida tá boa mas tem notícia boa também dá para rodar uma imagem ai para mim dá para rodar aí, essas ai são imagens o pessoal tá limpando essa ai é a rua Barra Mansa no Guanandi pessoal reclamou ela tava suja mesmo porque o pessoal só joga na na frente o entulho o que que acontece questão de semanas vira lixão já tava Isso aí é um os moradores reclamaram a gente mostrou aqui olha já tá tudo sendo limpo e beleza. Eu quero puxar um pouquinho da memória que vocês lembra que no último dia 15 desse mês desse mês mesmo lá no último dia 15 a Sandra mandou um recado para gente ele que não aguentava mais morar de na frente de um terreno aqui, aqui pertinho lá na Marquês de Pombal que o terreno tava cheio tava sujo e mosquito e tudo pois é ela mandou um vídeo olha aí

Mostra vídeo de moradora agradecendo ao jornal.

Entra Cabral- Isso é bom demais vai dizer que não é isso é bom demais população exigindo o seu o seu direito e o pessoal ainda lá limpando vai ter que fazer calçada mesmo É isso aí esse é um bom exemplo que a gente quer deixar o comunitário de hoje nesse astral assim para cima para que a nossa semana e pode vir quente eu botei tudo no micro-ondas tá tudo quente tá pode vir

Estúdio Bruna- Tá bom separa para mim então o soborô, é o prato que eu quero para hoje. Beijo até daqui a pouco, tô brincando viu gente eu não vou, Cabral tá lá na casa dele isoladinho, tá cuidando da saúde, a gente não pode tá se vendo, se encontrando.

****

ANEXO C - TRANSCRIÇÃO DAS UNIDADES JORNALÍSTICAS DA TV CENTRO AMÉRICA - MESES DE JUNHO E JULHO DE 2020

02 de junho – 9 vídeos

Duração: 4 minutos

Estúdio Leandro Trindade- Nós recebemos em nosso Whatsapp um vídeo curto pequenininho, poucos segundos, mas que mostra um problema grave, veja:

Entra o vídeo enviado por um morador- (narração do texto em *off* do apresentador) essas são imagens da avenida República do Líbano essa rua aí é no sentido bairro, mas o problema é nos dois sentidos, tanto no sentido bairro como sentido centro. Um vazamento próximo a saída para a Chapada dos Guimarães. Segundo moradores da região, o problema já dura dia e muita água foi desperdiçada. Nós procuramos a Águas de Cuiabá que disse que uma equipe estaria no local pra fazer o reparo e o Israel Prates já falou ao vivo do local ao vivo na tela do MT1 o pessoal trabalhando para consertar, para arrumar esse vazamento. Israel as informações estão com você

Entra Israel Prates- É isso mesmo Trindade o telespectador mandou pra gente aqui no MT1. Tinha muita água vazando mesmo nos dois sentidos. Nesse momento a equipe da Águas Cuiabá está trabalhando no local, assim como a resposta que eles mandaram pra gente no MT1 é que estariam mandando uma equipe pra cá. Tá aqui trabalhando no local, inclusive o prazo para que isso seja concluído é até o final da tarde de hoje. Nesse momento, essa via aqui na Avenida República do Líbano está interditada parcialmente. A gente tá vendo que é só metade da pista que tá funcionando. Os carros estão passando bem devagar aqui porque o fluxo é grande no sentido rodoviária Trindade. No sentido bairro centro tá bem devagar o trânsito. Pra você que vai passar aqui na República do Líbano Avenida que dá acesso a rodoviária aqui de Cuiabá, muito cuidado, venha devagar, principalmente as motos viu Trindade tem que tomar cuidado porque o asfalto tá bem escorregadio aqui. Muita água jorrando aqui pra esse reparo ser feito pelas Águas Cuiabá. E aí Trindade a gente veio pra mostrar que o telespectador manda pra gente e a gente vem pra conferir o que tá acontecendo. Foi assim também lá na Rua Paraíba, a gente

acompanhou até ser feito o reparo totalmente e tá sendo aqui na Avenida República do Líbano. Teve vazamento, como você disse por alguns dias essa água jorrou, foi um desperdício muito grande de água, mas ainda bem que tá sendo feito o reparo pela Águas Cuiabá. O MT1 tá aqui em cima pra poder mostrar isso. O trânsito tá lento, não houve nenhuma interdição parcial por parte da SEMOB, mas é só metade de pista e é um trecho bem pequeno de alguns metros que tá metade da pista então é pra ter cuidado e tá sendo feito o reparo Trindade, pelo menos antes tarde do que nunca , né?

Estúdio Leandro Trindade pergunta sobre o prazo da obra

Entra Israel Prates: O prazo como eu disse Trindade é até o final da tarde de hoje dessa terça feira. Então a gente volta aqui amanhã pra poder ver se foi feito realmente, se foi concluído esse trabalho. Mas o prazo que a Águas Cuiabá deu pra o MT1 é que até hoje no final da tarde tudo vai estar pronto prontinho para ser usada as vias tanto no sentido centro bairro como bairro centro

Estúdio Leandro Trindade agradece e se despede.

****

Dia 03 de junho sem reportagem do comunitário

****

Dia 04 de junho sem reportagem do comunitário

****

Dia 05 de junho sem reportagem do comunitário

****

06 de junho sábado – embora não cite que é comunitário entra o repórter que sempre faz o comunitário no programa

Duração 2 minutos

Estúdio Katia Kruger – E olha, neste sábado a capital ficou mais arborizada porque nesse calorão que tá fazendo mesmo nesse frio das frentes frias, passou as frente fria a gente já sente esse calor né? Quem vai contar pra gente é o Israel Prates.

Entra Israel Prates – Com três anos de projeto mais de 80 mil mudas plantadas aqui em Cuiabá o projeto Verde Novo em parceria com a TV Centro América com o poder judiciário tá plantando mais cinquenta mudas em outra região aqui de Cuiabá na região da Avenida das Torres no Jardim Imperial.

Entra sonora com coord do projeto Bruna Veni (gravando com microfone da TV centro América no local – não é celular) - aqui serão plantadas árvores nativas e frutíferas de frutos pequenos né não suculentos. Ipê amarelo Ipê branco, urucum Pitanga, são árvores de pequeno porte, pra deixar nossa cidade ainda mais bonita e amenizar o calorzão aqui de Cuiabá. O que a gente pede é que a população fique em casa. Que enquanto as pessoas estão em casa tomando cuidado nós do projeto Verde Novo estamos deixando a cidade ainda mais bonita, ainda mais arborizada, pra que quando tudo isso passar as pessoas desfrutem ainda mais da nossa capital, né?

Entra Israel Prates- Tá certo então Bruna então é isso mais uma ação do projeto Verde Novo e do poder judiciário em parceria com a TV centro América que a gente registra aqui mais esse ato legal nesse momento de pandemia e logo, logo esse projeto vai tá aí chegando a 100 mil mudas na nossa capital.

No estúdio A apresentadora reforça a ideia do projeto, agradece e se despede.

****

Dia 08 de junho sem reportagem do comunitário
****

Dia 09 de junho – 9 vídeos na plataforma
Comunitário buracos nas ruas e avenidas do Parque Atalaia
Assunto: Buraco/ Asfalto
Duração 4 minutos
Estúdio Leandro Trindade: Problemas de estrutura da cidade mudando agora completamente de assunto incomodam os moradores de Cuiabá. Lá no Parque Atalaia os buracos são um problema sério e quem tá lá ao vivo é o repórter Israel Prates, jornalismo comunitário. Israel na tela do MT1.
Entra Israel Prates: É isso mesmo Trindade, jornalismo comunitário na veia é assim que a gente é no MT1. A gente recebeu uma sugestão de uma moradora aqui do Parque Atalaia, né. Ela disse que tem muitos buracos na avenida J principal Avenida do bairro Atalaia a gente veio aqui conferir de perto claro e a gente já mostrou no começo do jornal e esses são alguns dos buracos viu Trindade. Se desse pra gente andar aqui agora, porque é muito cumprida essa avenida, mas são muitos os buracos que a gente encontra aqui e o mais perigoso de tudo viu Trindade é que na hora de desviar, claro né se o motorista cai de um buraco. Vou tentar mostrar aqui agora é claro tomando todos os cuidados da Rua, se o motorista cai em um buraco como esse aqui bate a roda, isso aqui pode furar um pneu, isso aqui pode amassar a roda e por isso é perigoso na hora de tentar desviar é causar um acidente e a gente percebe que os carros já não passam numa velocidade tão devagar assim. E são vários os buracos mesmo Trindade, só nesse pedacinho que a gente tá aqui a gente já percebe mais alguns naquela esquina. Virando a esquina aqui da rua J a gente já percebe já um outro ali e segundo os moradores disseram pra gente aqui . São todos os moradores, todos os motoristas que passam pela gente dizem que o problema dos buracos aqui é durante toda avenida, todo percurso e isso começa Trindade, vou até pedir pro cinegrafista mostrar aqui pra mim. E isso começa lá na Avenida Palmiro Paes de Barros, pra quem conhece esse pedaço aqui, é também a entrada do Parque Cuiabá. Começa ali e vai por toda extensão da Avenida. É claro que o MT cobrou da secretaria municipal de obras por uma resposta para os moradores aqui do Parque Atalaia. E a resposta foi: está programado sim uma operação tapa buracos aqui na região. O dia não foi falado pra gente. Segundo a secretaria, por conta da pandemia a prioridade agora é pelas principais Avenidas da cidade, mas existe sim uma equipe disponível somente para atender aos bairros, por isso está demorando um pouco mais , mas a resposta da secretaria é que vai haver uma operação tapa buracos aqui na avenida J no Parque Atalaia. Claro como eles não disseram o dia nos então Trindade vamos continuar acompanhando essa situação continuar mostrando né as sugestões aqui dos moradores do Parque Atalaia e claro enquanto não resolver a gente vai continuar mostrando aqui.
Estúdio Leandro Trindade: Muito obrigado Israel Prates ao vivo, essa é a avenida J no Parque Atalaia. Apresentador continua por alguns minutos comentando o caso.
****

18 de junho
Obras em Avenida
Duração: 4 minutos
Estúdio Leandro Trindade: Onze horas e 46 minutos vem pra cá porque é hora do jornalismo comunitário Israel Prates está agora no centro sul de Cuiabá e mostra agora obras na avenida Comandante Costa. Nós mostramos esse problema e o pessoal tá trabalhando aí Israel.
Entra Israel Prates em *off* com imagens da obra. É isso mesmo Trindade nós estamos rodando aqui no centro mostrando vários problemas que tem nós começamos lá na Rua Barão de Melgaço com a Feliciano Galdino e agora a gente tá aqui exatamente no ponto em que o

MT1 mostrou na quinta feira o problema que muitos motoristas estavam enfrentando um buraco que estava deixando inclusive alguns pedaços de para choque. Um problema que realmente tava incomodando muito os motoristas, mas que nesse momento já tem uma equipe fazendo o trabalho de conclusão inclusive foi o que tinha passado pra gente pelas Águas Cuiabá que o serviço seria concluído hoje e a gente tá podendo mostrar ao vivo aqui no MT1 depois de mais uma sugestão de um telespectador no nosso jornal do almoço pra mostrar que está sim sendo concluída a obra aqui na rua Comandante Costa. Isso que está fazendo também Trindade com que parte dela agora esteja interditada. Vou pedir pro Marcelo Sousa (cinegrafista) Mostrar comigo aqui. Mostra aqui Marcelo que tá interditada. Aqui Trindade pra quem precisa acessar essa parte da Comandante Costa sentido Avenida Dom Bosco, vai ter que desviar aqui na Rua Coronel Benedito Leite. Então pra quem tá pegando esse rumo aqui ó ao vivo no MT 1 a gente tá mostrando que tá interditado. Até essa obra ser concluída tem desvio aqui pela Rua Coronel Benedito Leite no centro. A gente mostrou também aquela região lá Trindade da Rua Barão também tá sendo feita uma obra pela Águas Cuiabá. Tá sendo feita a substituição de redes. Então ali na Feliciano Galdino com a Rua Barão, meia pista está interditada também e tem um buraco lá que também tá incomodando e já tem quase dois meses naquela situação. Mas a Águas Cuiabá também disse pra gente que naquele ponto como a gente viu já tem uma equipe trabalhando e a obra também deve ser concluída nos próximos dias também lá na Feliciano Galdino com a Barão de Melgaço. E aqui o resultado de mais uma fiscalização, de mais uma sugestão do telespectador do MT1. A gente veio, a gente mostrou e a gente vem pra mostrar também que o serviço está sendo concluído.

Estúdio Leandro Trindade. Exatamente Israel Prates falou muito bem. A gente mostra a reclamação dos nossos telespectadores que estavam aí revoltados com a situação. A gente mostra a situação, mas assim que o problema é solucionado a gente mostra também a solução. Tomara que da próxima vez que rasguem o asfalto que o conserto aconteça de (nesse momento dois motociclista passam em cima da calçada furando a interdição da via e o apresentador comenta a infração de trânsito que coloca em risco a vida de moradores e trabalhadores que estão no local fazendo o reparo.)

****

19 de junho de - aniversário do buraco

Duração: 3 minutos

Estúdio Leandro Trindade: Vem pra cá, onze horas e 53 minutos cadê o Israel Prates com o jornalismo comunitário no bairro Santa Amália e agora fim do mistério Israel.

Entra Israel Prates: Isso mesmo Trindade a gente foi chamado aqui no Santa Amália. A gente brinca, mas o assunto é muito sério realmente, porque quem tá fazendo aniversário aqui, tem quatro anos, já é esse buraco. Na verdade é uma boca de lobo que a gente fala. E já está com esse buraco aberto há quatro anos. Quatro anos, tempo de uma Copa do Mundo pra outra, vamos dizer assim pra quem gosta de futebol. Quatro anos que esse buraco tá aberto. Quem chamou a gente aqui foi a Bruna. A Bruna é uma telespectadora fiel do nosso MT1. Assiste todos os dias. Já deu entrevista inclusive pro MT1 falando desse buraco. Ela mandou um vídeo pra gente e claro, toda vez que um telespectador chama o MT1 vem pra atender pra mostrar o problema no bairro. E esse é um problema na avenida principal do Santa Amália em Cuiabá. A Bruna disse que o risco é muito grande Trindade porque tem muitas crianças que brincam aqui e muitas crianças que brincam de skate, de bicicleta e esse buraco que a gente tá mostrando pra vocês dá pra perceber, engole uma criança facilmente. Então esses galhos que estão aqui Trindade foi ela mesma que colocou. Inclusive eles já chegaram a fazer uma continha ela e os vizinhos pra poder tapar esse buraco com concreto, só que como é a via principal do Santa Amália e os ônibus passam por aqui esse concreto acabou cedendo então continua com esse problema. A gente, claro, correu atrás de uma resposta da prefeitura e a prefeitura mandou a seguinte nota

pra gente: que esse problema aqui no Santa Amália se deve a uma tampa. A tampa que tinha aqui de cobre que possivelmente essa tampa foi furtada, foi levada por alguém e por isso existe esse problema, disse também que a secretaria municipal de obras vai vir pra resolver esse problema. Não disse uma data, só disse que vai vir resolver esse problema e que esse tipo de problema existe porque a cidade de Cuiabá é muito grande e aí de repente não dá pra resolver tudo ao mesmo tempo, claro a gente entende aqui no MT1 que realmente nossa capital é muito grande, mas fica aquele questionamento também por parte dos moradores que esse problema já persiste por quatro anos, então não foi ontem, não foi semana passada, não foi no mês passado, já tem quatro anos. Os próprios moradores já tentaram resolver isso aqui Trindade e não conseguiram então a gente pede em nome dos moradores para que seja tomada uma providência porque além de muitos carros que são danificados segundo a própria Bruna disse pra gente, rodas amassadas, gente que tem prejuízo financeiro num bem material isso aqui é muito sério porque se uma criança cair Trindade o negócio fica realmente sério

Estúdio Leandro Trindade: com certeza Israel Prates muito obrigada e nosso repórter cinematográfico Luís Carlos

****

22 de junho Transporte coletivo 10 vídeos na plataforma

Duração: 6 minutos

Estúdio Leandro Trindade: Israel tá ao vivo. A informação tem prioridade no MT1. Israel tá contigo.

Entra Israel Prates :Obrigado Leandro Trindade a gente segue falando sobre transporte coletivo. A gente tem visto aí muita gente tem se cuidado, a gente mesmo você disse que passou o final de semana assistindo filme. A gente tem usado máscara, álcool em gel, tem orientado as pessoas, quem tá em casa, levado informação do quão importante é se cuidar no meio dessa pandemia, só que tem um setor que preocupa muito que é o transporte coletivo. Muitas pessoas tem se arriscado demais na hora de pegar o ônibus nessa aglomeração e o Leo fez pra gente uma reportagem especial pra mostrar a realidade dos ônibus em Cuiabá e Várzea Grande

Entra reportagem – esse registro do ônibus lotado é da linha que atende o bairro Osmar Cabral. Segundo a Karine que enviou o vídeo todos os dias é assim. Essas outras imagens são da linha 309 que percorre a região do primeiro de março e depois segue pela Avenida dos trabalhadores chegando por lá lotado e com muita gente aglomerada.

Entra passagem do repórter Leo Zamignani: Antes da pandemia Cuiabá contava com pelo menos 256 ônibus que atendiam diariamente 250 mil passageiros. Agora segundo as entidades que representam as empresas são 242 veículos atendendo por dia 85 mil passageiros por isso não é possível colocar fiscais em todos os veículos

Off **repórter**- Em Várzea Grande o problema se repete, essa semana o repórter da Centro América FM Leandro Agostini esteve no terminal André Mardi e registrou cenas de aglomerações.

Entra o sobe som do repórter da rádio Centro América FM: Nesse local que é frequentado por quem precisa pegar ônibus para ir pro trabalho ou voltar pra casa a quantidade de pessoas. O que chama atenção é que não existe nenhum respeito às normas da Organização Mundial de Saúde sobre o distanciamento social, nem mesmo dentro do ônibus. Como você vê nas imagens as pessoas estão próximas, juntas praticamente, porque não tem espaço,ou seja, ônibus cheio aqui no terminal André Mardi em Várzea Grande, durante cerca de 40 minutos que eu fiquei aqui parado eu acompanhei assim vários ônibus que chegaram muitos lotados e as pessoas amontoadas sem distanciamento social.

Off **repórter** – Cuiabá e Várzea Grande estão na lista de cidades com risco alto para contaminação da Covid- 19 segundo o sistema de alerta do governo que define os riscos de disseminação do novo coronavírus (aparece na imagem uma cartela com a classificação de

riscos dos municípios mas não tem as cidades citadas. Só números) de acordo com as taxas de contágio e ocupação de leitos nos municípios
Entra Israel Prates ao vivo. A gente viu aí na reportagem do Léo que isso é um assunto que preocupa muito e a gente foi atrás de respostas pra você que depende do transporte coletivo. Tanto a prefeitura de Cuiabá quando a prefeitura de Várzea Grande disseram pra nossa equipe que estão sim sendo tomadas todas as medidas necessárias para conter essa aglomeração, pra manter esse distanciamento necessário que a OMS pede nesse momento de pandemia, pra que não haja essa aglomeração, mas ambas as prefeituras dizem o maior problema de tudo são os usuários, que eles mesmos não respeitam essa questão da aglomeração que muitas vezes preferem pegar o ônibus cheio já lotado e acaba ficando nisso nessa preocupação por conta da pandemia porque Cuiabá e Várzea Grande como disse bem o Leo na reportagem são duas cidades que preocupam por conta dos números. A prefeitura de Cuiabá disse inclusive que está ciente desses problemas existentes na reportagem, que vai se reunir com as empresas responsáveis pelo transporte público aqui na capital para tentar sanar esses problemas. A gente sabe que é uma queda de braço né, entre usuários e as empresas que transportam as pessoas aqui na capital e em Várzea Grande. Os usuários dizem que não há ônibus suficientes, as empresas dizem que os usuários é que tem essa aglomeração dentro dos ônibus. Enquanto isso fica essa guerra, essa queda de braço e quem é prejudicado claro são as pessoas que estão arriscando a saúde a gente viu inclusive aí a entrevista do prefeito Ronan Pinheiro com a possibilidade de reduzir a frota pra 30%, então Trindade essa é a nova realidade. As pessoas tem que adequar, tem que se manter seguras e claro né se ver um ônibus lotado às vezes vale mais chegar atrasado no trabalho do que correr o risco de ser contaminado com esse vírus que tá matando tanta gente, já 370 pessoas em Mato Grosso.
Apresentador agradece.
****

23 de junho entra com a tarja giro MT1 Buraco Avenida das Torres
Duração: 2 minutos
Apresentador – tem Israel Prates que está lá na avenida das Torres, mas com um outro assunto não é mesmo Israel, bom dia!
Entra repórter Bom dia Leandro Trindade Bom dia todo mundo que acompanha o MT1 nessa hora do almoço eu estou na avenida das Torres bem em frente ao Jardim Imperial 2. Viemos aqui por que um telespectador do MT1 mandou pra gente também uma sugestão pra mostrar um problema viu Trindade. o pessoal do verde novo tá plantando aí , mas aqui o pessoal teve que plantar. Na verdade tiveram que plantar um galho ó. Tá vendo uma árvore aqui. Isso aqui é uma boca de lobo. A tampa cedeu pra baixo e o buraco é grande. É perigoso, tá bem no meio da via. Os carros que vem nessa faixa da avenida das Torres e a gente sabe que a avenida das Torres é uma avenida muito movimentada que liga vários bairros da região do posto ao centro da capital, os carros tem que desviar aí e corre o risco de bater no carro que está na outra faixa ali, derrubar um motoqueiro, sem falar que se uma moto Trindade, se o cara passar despercebido e não conseguir ver mesmo apesar dos galhos o cara fica aqui. O acidente é feio e a pessoa pode inclusive perder a vida aqui porque realmente esse buraco é muito grande. A gente pediu a resposta do poder público da prefeitura e a resposta foi que uma equipe vai passar aqui pro poder fazer o reparo. Não deram pra gente data ainda não deram a resposta do dia correto disseram que vai passar porque a avenida das Torres é uma avenida que tem muito movimento e pediu também para que as pessoas, né Trindade, liguem pra secretaria assim que tiver esse problema. A informação que a gente tem dos moradores isso ocorreu ontem a noite. o pessoal do posto de combustível aqui da frente que colocou esse galho para evitar acidentes e tem o telefone que é o 33 13 30 51. Então toda vez que as pessoas se depararem com um problema como esse. Esse a gente vai dar um prazo porque foi ontem a noite e eles ainda vão vir arrumar.

Mas a gente vai continuar de olho Trindade porque o MT1 é assim a gente mostra, mas a gente também quer ver o negócio arrumado.
Apresentador agradece e reforça no estúdio a situação de perigo na Avenida das Torres
****

25 de junho
Apresentador falando sobre a quarentena coletiva na cidade de Várzea Grande
Duração 3 minutos
E o que a gente quer saber. Começou ou não a quarentena coletiva de fato. A quarentena obrigatória. Vamos primeiro a Várzea Grande onde está o repórter Israel Prates ao vivo na tela do MT1, o Israel vai aparecer por aqui Ele que está acompanhando o movimento no centro comercial de Várzea Grande. Israel você tá aí na praça principal da cidade eu vejo que tem algumas fitas isolando a praça para que as pessoas não fiquem por aí. Lojas fechadas mas tem gente que está desrespeitando a quarentena, é isso mesmo Israel?
Entra repórter - é isso mesmo Leandro Trindade, eu estou aqui na praça Aquidauana na avenida Couto Magalhães em Várzea Grande é uma das principais aqui da cidade. Como você bem disse tem uma academia popular aqui, alguns brinquedos em que as fitas estão isolando justamente pra que as pessoas não utilizem esse espaço, isso já tem algum tempo , mas falando do decreto municipal que foi publicado ontem em Várzea Grande justamente para atender também a decisão da justiça para que se faça a quarentena coletiva aqui na cidade tanto em Várzea Grande quanto em Cuiabá , muitas lojas a gente percebe que estão fechadas para atender essa determinação do decreto municipal e também da justiça, mas a gente também percebe Trindade, que algumas lojas consideradas serviços não essenciais, a gente percebe como ali quem mexe com venda de bicicleta. A gente já viu que lojas de roupas e calçados também estão abertas papelaria também a gente já percebeu que está aberta aqui em Várzea Grande. Ou seja tem gente que insistiu em desobedecer o decreto municipal. A gente viu inclusive ao vivo aqui na entrada do MT1 que a polícia militar tem passado aqui. A gente viu algumas viaturas passando. Eles pedem também resposta de quem tá aberto do por que esse estabelecimento está aberto. A gente viu inclusive que um dos donos, dos proprietários ali de uma loja que está aberta mostrou um documento, né pra polícia militar. E a gente fala que o decreto de Várzea Grande também diz que algumas coisas precisam ser usadas. As atividades consideradas essenciais por exemplo que são mercados, padarias, farmácias, serviços hospitalares tem que ser abertas das 10 da manhã às 4 da tarde. A construção civil também está liberada. Correios, Bancos, também estão sendo liberados. Supermercados e mercados atacadistas também podem funcionar das 6 da manhã às sete da noite. Os açougues também, padarias mercearias das 6 da manhã às nove da noite, Trindade mas só com 50% da capacidade. E atenção você que vai a algum supermercado ou mercado em Várzea Grande só pode entrar uma pessoa por família. Então esse é o cenário aqui em Várzea Grande que a gente encontrou. Tem algumas regras já estabelecidas pela prefeita Lucimar Campos estabelecidas num decreto que foi publicado ontem em Várzea Grande. Algumas coisas podem funcionar, mas outras devem estar fechadas e a gente vê que a fiscalização está ocorrendo aqui na cidade. A polícia tá passando. O governo do estado disponibilizou a polícia militar pra ajudar nessa fiscalização da determinação da justiça, mas o que a gente vê Trindade é que o movimento é quase como se fosse um dia comum de trabalho aqui em Várzea Grande.
Israel muito obrigado pelas informações. O apresentador comenta mais um pouco a participação do repórter.
****

26 de junho Israel Prates entra no início do jornal com o assunto do buraco na avenida das Torres onde aconteceu um acidente. O problema já havia sido mostrado no telejornal na terça-feira .
Duração 4 minutos
Participação do repórter explicando (fazendo um teaser)
Estúdio Leandro Trindade: Imagens da Avenida das Torres, jornalismo comunitário no MT1. Nós mostramos a tampa do bueiro cedeu e o buraco abriu. É uma das avenidas mais movimentadas da capital. Terça feira o Israel Prates foi até aí olha a imagem em tela dividida. A prefeitura ficou de arrumar, nada foi feito até agora, nada e um motociclista caiu na manhã desta sexta feira. Depois de bater num carro que foi se desviar do buraco. Quem vai pagar o conserto, quem vai pagar o tratamento médico. o que diz agora a prefeitura municipal de Cuiabá
Estúdio Leandro Trindade: Deixa eu conversar com o Israel que está lá na Avenida das Torres. Essa aí é a tampa que cedeu. Israel Prates que situação lamentável conta pra gente Israel.
Repórter Israel Prates: Leandro Trindade, estou aqui na avenida das Torres como você já disse aqui no MT1 e é uma das principais. Uma das mais movimentadas avenidas de Cuiabá. a tampa cedeu. A gente veio aqui mostrar que a tampa cedeu na segunda-feira à noite. O MT1 prontamente atendendo a uma sugestão de um telespectador veio mostrar aqui na terça feira. A prefeitura disse que ia mandar uma equipe e mandou e também observou que a responsabilidade é da concessionária Águas Cuiabá. E, pois bem está aqui agora a concessionária Águas Cuiabá já mandou uma equipe, tá aqui vai fazer o reparo agora com esse problema aqui , que inclusive Trindade , a gente também do MT1 a gente tem imagens que ocorreu um acidente hoje de manhã aqui. Um carro parou porque nem mesmo havia sinalização desse buraco aqui direito. Foram os próprios comerciantes que colocaram aqui os cones. O carro parou pra passar para outra via, o motoqueiro não viu acabou sendo derrubado. Graças a Deus não ficou ferido gravemente não o motoqueiro. Mas como a gente já tinha previsto poderia sim acontecer um acidente. o acidente já aconteceu e agora vai ser solucionado o problema. O MT1 mostrou o MT1 está mostrando ao vivo com exclusividade que o problema aqui na avenida das torres vai ser solucionado
O apresentador conversa com o repórter sobre um outro problema semelhante que tinha no setor Santa Amália que também foi mostrado no programa .
Entra Israel – Exatamente a gente foi no Santa Amália o telespectador do MT1 tá lembrado e o problema era idêntico ao que está aqui. Uma tampa de bueiro que cedeu. Só que essa tampa de bueiro já tem 4 anos pelo menos que tá com esse mesmo problema lá. Pois bem eu fui lá Trindade, o MT1 teve lá no Santa Amália hoje de manhã antes de vir aqui e o buraco continua lá. A gente fez imagens, a gente tem imagens pra mostrar pra vocês desse mesmo problema no bairro Santa Amália. E a gente continua cobrando. A responsável da prefeitura disse que ia mandar uma equipe lá pra poder solucionar esse problema porque aqui na Avenida das Torres o problema está sendo solucionado mas no Santa Amália continua a mesma coisa Trindade .
Apresentador agradece e comenta que não dá pra esperar mais. Cobra uma respostas em relação ao problema do Santa Amália . Ele diz que não sabe se o problema também é responsabilidade da Águas de Cuiabá ou se o Santa Amália é responsabilidade da prefeitura municipal de Cuiabá , mas não dá pra esperar mais (e cobra). Não dá pra esperar mais. São quatro anos de espera e quatro anos, quem contou isso mesmo foi os moradores que há 4 anos enfrentam o problema lá ó. Coloca um galho pra sinalizar porque sequer tem sinalização pra avisar pra quem passa por lá. Não dá gente, não dá.
****

29 de junho – 20 acidentes na mesma rua no Jd das Palmeiras
Duração: 4 minutos
Mudou o repórter de jornalismo comunitário – Bruna Ficagna

Estúdio Leandro Trindade: Tem jornalismo comunitário na tela do MT1 e por isso eu vou conversar com a Bruna. Bom dia Bruna!
Repórter Bruna Ficagna :Oi Trindade, bom dia pra você e a todos que nos acompanham uma ótima semana, nós estamos aqui na rua dos eucaliptos no bairro Jardim das Palmeiras. Aqui é uma rua bastante movimentada e só no último ano foram mais de 20 acidentes. E os motoristas passam por aqui em alta velocidade como a gente pode ver agora e por isso os moradores pedem ajuda, pedem quebra molas e daqui a pouco eu volto e trago mais informações.
O apresentador reforça a situação e o pedido dos moradores. São seis meses pedindo à prefeitura redutores de velocidade.
Volta no terceiro bloco com a entrada ao vivo-
Estúdio Leandro Trindade: Primeiro Bruna conta pra gente que região é essa da cidade e o que acontece aí com tantos registros de acidentes. E, aliás, acidentes graves né Bruna bom dia!
Repórter Bruna Ficagna: Realmente assustador né, Trindade. Bom dia pra você e a todos que nos acompanham, nós estamos na rua dos eucaliptos no bairro Jardim das Palmeiras. E por aqui a rua é bastante movimentada. Desde 2014 esta rua foi utilizada pra como desvio quando a Fernando Correia estava em obras, e os motoristas utilizaram essa rua como um desvio e descobriram essa nova rota. Desde então ela tem sido bastante utilizada. É uma rua que liga vários bairros aqui da capital como Jardim Imperial, também o tijucal, inclusive o parque universitário e desde então aconteceram vários acidentes. De um ano pra cá foram mais de 20 acidentes. Inclusive no último final de semana um carro colidiu com este muro aqui. A gente pode ver por imagens. O muro ainda está com um tapume e está danificado. Foi registro de um morador aqui do bairro então realmente vem assustando os moradores aqui do local a gente agora vai conversar com um morador do bairro que convive com toda essa situação que vem assustando todos os moradores , o Flúvio Figueiredo . Flúvio como é que é conviver com esse problema , desde 2014 vocês passam por esse problema . Boa tarde!.
Entra morador: Como vocês podem ver nós estamos passando por essa dificuldade desde 2014 fazendo pedindo ajuda às autoridades para colocar uma lombada, um redutor de velocidade. Porque aqui é rota de fuga de bandidos por sair atravessar nosso bairro e ir até o Moinho e até outros bairros. Tá tendo muito racha à noite entendeu na rua dos eucaliptos e avenida pau Brasil. Nós estamos reivindicando. Falamos com o secretário Antenor Figueiredo, com o prefeito, já falamos com vários vereadores pra que tomasse algumas atitude e até agora nada. (parte da entrevista coberta com imagens dos acidentes)
Repórter Bruna Ficagna: Então você não tiveram nenhum retorno, nenhuma resposta e o caso é simples de resolver né quebra molas.
Entra morador: Pois é, é simples e toda vez que nunca tem recurso, que pessoal tá escasso, que a demanda é reduzida e até hoje . Até quando vai ficar isso daí. Até perder uma vida? Uma vida não vale mais que três quatro mil reais para se fazer um quebra molas. A vida vale mais que isso. Só pra por um no nosso bairro porque tem vários vídeos lá que comprovam isso. (parte da entrevista coberta com imagem dos acidentes)
Repórter Bruna Ficagna agradece: Muito obrigada pela sua participação. Eu vou mostrar pro nosso cinegrafista mostrar a movimentação aqui. Os motoristas realmente passam em alta velocidade. É uma rua bastante movimentada. Nós entramos em contato com a secretaria de mobilidade urbana a SEMOB que informou que tem conhecimento do problema aqui do bairro do Jardim das Palmeiras, no entanto existe um cronograma de trabalho reduzido e a região afetada está incluída. Só que devido às novas medidas adotadas de prevenção ao novo coronavírus a secretaria está trabalhando em sistema *home office* e a empresa que opera o trabalho também está trabalhando com um número reduzido de funcionários por conta da pandemia. Aos poucos os serviços estão sendo executados conforme a demanda. Diante do registro de inúmeros acidentes no local , mesmo sendo implantando um redutor de velocidade,

a secretaria orienta ainda que os motoristas devem tomar mais cuidado enquanto os redutores não sejam instalados é pra reduzir a velocidade, Trindade
***

30 de junho Criança recebe descarga elétrica ao tentar tirar pipa dos fios de alta tensão
Duração 5 minutos
Estúdio Leandro Trindade: Vou caminhar até o outro lado do estúdio pra chamar nosso querido Israel Prates que tá lá em Várzea Grande. Não é que uma brincadeira, por pouco, muito pouco não se transformou em tragédia em Construmaq em Várzea Grande esse bairro de gente trabalhadora, gente guerreira conheço muito bem essa comunidade e a ação rápida dos bombeiros ajudou a evitar que essa brincadeira não se transformasse em tragédia né Israel.
Entra repórter: É bem isso Trindade, é bem isso, a gente sabe que é uma brincadeira que a meninada gosta muito de soltar pipa, mas que tem as suas consequências se algumas atitudes forem tomadas erradas. O menino esse momento está internado no hospital Municipal de Cuiabá durante o atendimento, o resgate, ele estava consciente e o estado de saúde dele é considerado estável. Segundo o Corpo de Bombeiros que fez o atendimento junto com o SAMU ele brincava aqui na rua junto com os amigos de pipa quando a pipa dele foi cortada e caiu aqui no pátio dessa subestação de energia. E aí você já viu tomou a decisão errada. Inclusive a gente tem imagens aí pra vocês porque o menino decidiu pular o muro pra recuperar a sua pipa e nesse momento ele recebeu uma descarga elétrica inclusive algumas queimaduras pelo corpo ele sofreu. A gente tá aqui exatamente na frente da subestação de energia que você citou que fica bem na divisa da Construmat com o Cristo Rei em Várzea Grande. E aí as equipes do corpo de bombeiros e do SAMU agiram rápido como você disse fizeram o resgate e ainda bem que isso não acabou em tragédia. A gente inclusive falou com a ENERGISA que ressaltou que tem muitos casos, muitas ocorrências relacionadas a esse tipo de coisa. A ENERGISA inclusive lamenta o ocorrido, reforça a necessidade de cuidados redobrados com as crianças e adolescentes com essa brincadeira de pipa. O ideal é que essa brincadeira ocorra em locais abertos com o acompanhamento dos pais e afastados das redes elétricas para evitar justamente esse tipo de acidente. Quando os objetos ficam presos às redes de energia elétrica eles podem ocasionar diversos problemas como queda de energia, choques, incêndios, queimaduras graves e até mesmo acidentes fatais. A gente inclusive já ficou sabendo de muitos casos como esse. Não se deve utilizar também fios metálicos ou cerol. e caso a pipa fique presa nos cabos de energia gente, pelo amor de Deus não se deve tentar retirá-la . a gente conversou um pouquinho trindade com pra acabar nossa participação a gente conversou aqui um pouquinho com alguns populares e segundo a informação desse populares é que inclusive esse menino já pulou algumas outras vezes pra tentar recuperar a pipa dele .E olha só o que a gente encontrou bem aqui no portão. Vou pedir pro José Carlos mostrar pra gente aqui pra você ter uma ideia tem no mínimo umas quatro ou cinco pipas que ficaram pelo caminho com essa brincadeira que muitos têm de passar o cerol lá pra poder derrubar a pipa do outro, só que é perigoso porque em situações como essa que tem subestação de energia o risco é muito grande. Graças a Deus esse menino não chegou a perder a vida, mas o risco é grande e uma observação viu Trindade que a gente teve é que, por exemplo, o portão nesse momento ó, tá aberto. Num bairro que tem muita criança é uma situação perigosa. Assim eu termino minha participação de hoje fazendo esse alerta. Fique em casa, mas se você for soltar sua pipa aí bem na frente de sua casa tome cuidado com esse tipo de coisa porque fio de energia não é brincadeira Trindade .
O apresentador comenta por vários minutos sobre o assunto sobre o risco de soltar pipas perto de fios de energia.
****

MÊS DE JULHO

02 de 07/ 2020 Moradores do Santa Laura reclamam dos buracos nas ruas
Duração 4 minutos
Estúdio Leandro Trindade: Vem aqui ó pro telão do MT1 com o Ismael Prates. Vem pra cá o Ismael vai aparecer aqui ó. Israel, rapaz, cê tá na lua?
Repórter Israel Prates: Tá parecendo né Leandro Trindade. Ta parecendo que eu tô na lua mesmo. Isso aqui dificilmente pode ser chamado de rua. Se já foi rua um dia não parece mais viu Leandro. A gente tá aqui na rua F14 que fica no Jardim Fortaleza. Na verdade ela fica na divisa com o Santa Laura. Bem ali na frente ela já vira Avenida Fortaleza no Santa Laura que também está bastante ruim. Bem ruim na verdade a rua que vira avenida ali na frente ta toda assim viu trindade, muitos buracos. Na verdade não dá nem pra chamar de panela, é uma bacia isso aqui. Os carros que passam aqui eu vou te falar todos batem a frente, todos batem à frente. Caminhonete tem dificuldade, caminhão então. Se tiver carregado perigoso cair à carga de cima porque tá feio viu Trindade. A gente recebeu no MT1 uma sugestão e já sabe né a gente recebeu sugestão a gente vem acompanhar de perto a situação. E a gente veio mostrar que tá feio a situação aqui, não tá legal. Claro que a gente cobrou da prefeitura uma resposta, Trindade e a resposta da secretaria municipal de obras, foi que esse pedaço aqui no Jardim Fortaleza e Santa Laura vai entrar no cronograma da operação tapa buraco da cidade. Vai entrar. Data?Não tem data. Inclusive disseram pra gente que hoje nem amanhã nenhum tipo de serviço de tapa buraco vai ser feito em Cuiabá porque está esperando chegar uma massa asfáltica né, que é aquele produto que eles utilizam justamente pra fazer a operação tapa buracos na cidade .Não tem data ainda viu Trindade, claro a gente vai continuar acompanhando. Eles dizem inclusive que a prioridade hoje por conta da pandemia é as principais avenidas da capital, por isso pode demorar um pouco mais. Mas os moradores assim como entraram em contato com o MT1 com certeza estão precisando porque a situação aqui Leandro Trindade. Eu não tenho coragem de passar com meu carro aqui, você tem? Você passaria com a Gertrudes aqui.
Estúdio Leandro Trindade: De jeito nenhum, tadinha da Gertrudes (Gertrudes é meu carro o nome do meu carro. Inclusive eu queria te fazer uma pergunta: Israel, não chove na capital há semanas, de onde veio essa água aí?
Repórter Israel Prates: Leandro Trindade deu uma chuvinha sim. A gente sabe que teve algumas regiões da cidade, lá no Parque Atalaia por exemplo eu fiquei sabendo que deu uma chuvinha sim. Não sei se choveu aqui nos últimos dias. Tem moradores dizendo que não, tá chovendo não .
Estúdio Leandro Trindade: Então essa água aí vem de onde?
Repórter Israel Prates: Tem que descobrir né. É um vazamento ó. Tem alguns moradores conversando com a gente aqui que acabaram dizendo que é um vazamento que vem lá de cima e aí vai criando essas bacias hidrográficas, vamos dizer assim porque é muito fundo o buraco aqui.
Estúdio Leandro Trindade: Muito obrigado Israel Prates pela participação ao vivo no jornalismo comunitário do MT1. Bela participação. Isso é um drama né? Drama pra quem mora aí ter que passar com o carro ou bicicleta que seja por essa rua totalmente inadequada, esburacada, e aí né meu filho tem que ter paciência tem que ter calma se bobear o para choque fica ali, a suspensão fica ali, o amortecedor fica ali. Por isso é que eu brinquei se ele tava na lua. São quase que crateras. e olha que eu não to exagerando não e tenho certeza que essa é a mesma opinião de quem mora na região que espera por uma atitude de prefeitura municipal de Cuiabá por exemplo da secretaria municipal de obras. Hoje e amanhã nada, já falaram que estão esperando o material chegar, chegando a gente fica de olho pra ver se eles vão lá , se não forem aí até a semana que vem mandem o vídeo mande foto aqui no nosso Whatsapp 65 993001 que a gente mostra o problema de novo , sem problemas algum.
****

Dia 03/07 - 8 vídeos disponíveis quatro com os quatro blocos do jornal e nenhum com reportagem sobre comunitário.
****

Dia 04/07 - 12 vídeos disponíveis , três com os três blocos do jornal e nenhum com reportagens sobre comunitário.

Dia 6/07/2020 jornalismo comunitário anunciado desde o primeiro bloco do jornal . dessa vez a repórter é Bruna Ficagna
Duração 4 minutos
Apresentador- agora 11 horas e 50 minutos eu vou conversar com a Bruna que vai aparecer aqui. A Bruna está em Várzea Grande. Os moradores aí Bruna. é uma obra que tá acontecendo aí mais os moradores alguns não conseguem nem sair de casa, conta pra gente .
Repórter Bruna Ficagna: É isso mesmo Trindade. Não conseguem nem sair de casa. Há um mês os moradores do bairro Santa Luzia aqui em Várzea Grande receberam uma ótima notícia. Que as ruas aqui do bairro seriam pavimentadas, seriam asfaltadas. Só que eles não imaginavam que teriam tanto problema viu. olha eu vou mostrar aqui pedir pro nosso cinegrafista o Sérgio Gouveia mostrar como é que ta a situação. Foram abertas valetas e por isso alguns moradores não estão conseguindo sair de casa com os carros. Muitos estão estacionando os carros como podem. Fora da casa mesmo aqui na rua do lado de fora. Olha só o tamanho dessa valeta que foi aberta há mais de 15 dias. A impressão que dá é que a obra está paralisada, mas não é bem isso. Tava paralisada no final de semana. só que hoje quando nos chegamos aqui a obra tá acontecendo, foi retomada na verdade. Bom nós entramos em contato com a secretaria de obras de Várzea Grande que as obras seguem os cronogramas estabelecidos pela secretaria de viação e obras públicas. Este cronograma cumpre etapas exigidas pela engenharia como obras de galerias pluviais, meio fio e sarjeta, portanto não procedem as informações de que as obras estão paralisadas e quanto aos transtornos eles são decorrentes das necessidades de execução das mesmas. Enquanto for mantido o trânsito de veículos as obras chegam a ser atrasadas em até 35% do seu cronograma. Só que não dá né, Trindade nessa situação. Muitos moradores não estão conseguindo nem sair de casa e a gente pode ver a situação de uma moradora que não tá conseguindo nem tirar o carro da garagem há mais de 15 dias.
Estúdio Leandro Trindade: Agradece e comenta a obra... Quando uma obra é planejada ela tem que causar o mínimo de transtorno possível aos moradores e não foi o caso aí. Nessa rua aí ninguém entra ninguém sai como que tira o carro da garagem ali ó, como que coloca um carro na garagem? Não dá, não dá para viver nessa situação. Por mais que a obra esteja em andamento, segundo os moradores é uma situação que já está há quinze dias. Há um mês eles fizeram isso aí e deixaram assim. Foram trabalhar em outras quadras, em outras ruas. Imagem ao vivo,Na tela do MT1 a reclamação dos moradores lá no Santa Luzia em Várzea Grande. Nós vamos continuar acompanhando essa história.O que a gente quer saber é o seguinte: ok a obra está sendo feita e quando que o transtorno que está sendo feito, está sendo proporcionado aos moradores vai ser solucionado? Quando que essa moradora terá o direito de sair de casa com o carro dela ? Quando que vai arrumar essa valeta aí ? É isso que a gente quer saber. Se a obra tá andando ou não? É mais que obrigação na verdade, né? (comentário coberto com imagens ao vivo feitas no local)
****

Dia 07/07 Caminhão de coleta de lixo atola em bairro da capital.
Duração 6 minutos
Estúdio Leandro Trindade: A Bruna tá lá no Coxipó e o pessoal tava reclamando aí Bruna do atoleiro, caminhão ficou parado por aí , mas conta tudo pra gente.

Repórter Bruna Ficagna: Como pode né um caminhão atolar em plena seca. Esse é o problema aqui no Parque Residencial Coxipó. Os moradores que vivenciaram isso no último final de semana registraram e mandaram pra gente aqui no MT1.Como não tá chovendo, esse problema aconteceu porque tá tendo aqui esgoto a céu aberto.A gente pode ver no vídeo que o caminhão tava realizando a coleta aqui no bairro. Não conseguiu realizar a coleta e ficou atolado por cerca de duas horas. Quem mandou esse vídeo pra gente foi a dona Cimeire que é moradora aqui do bairro e a gente vai conversar com ela agora. Dona Cimeire como aconteceu todo esse problema aqui, bom dia!

Entra moradora: Bom dia! Muito obrigado pela presença de vocês. Infelizmente é muito triste viver essa realidade que a gente vive hoje aqui, né, com falta de pavimentação, esgoto aqui a céu aberto,né. Chega a tarde a gente não tem nem como ficar na porta da rua porque o mau cheiro é intenso né. Então é muito triste pra mim ver esse tipo de situação porque eu já moro aqui há 30 anos. E agora criando meus netos aqui e convivendo com essa mesma realidade.

Entra Bruna Ficagna: Bom dona Meire muito obrigada pela sua participação. A boa notícia é que a prefeitura já mandou aqui, e já vai solucionar o problema. Entramos em contato também com a secretaria de obras públicas que vai providenciar uma ação de patrolamento pra via. A medida é adotada como forma de garantir a trafegabilidade nas ruas que ainda não são revestidas com asfalto. Neste primeiro momento o projeto de pavimentação abrange apenas um trecho da comunidade, mas todas as vias serão pavimentadas ainda este ano. Agora sobre o esgoto a céu aberto, a Águas Cuiabá informa que no Residencial Coxipó não conta no momento com rede coletora de esgoto e da companhia é de que as unidades recebam a implantação da rede até 2024 como está garantido pelo contrato de concessão do serviço de saneamento. Agora, até 2024, tem tempo né Trindade?

Estúdio Leandro Trindade. Pois é, tem tempo né? Pera aí vamos analisar a situação aí. A dona Meire está morando nessa rua aí há trinta anos. E essas imagens são ao vivo. Essas pessoas estão convivendo com o fedor. Não é mal cheiro é fedor, vamos usar o termo correto, porque o esgoto está correndo a céu aberto. Enquanto isso vai ficar assim? Enquanto isso nada no residencial será feito? Enquanto isso os moradores que pagam os impostos, que pagam o IPTU, vão continuar convivendo com o esgoto correndo a céu aberto porque não há rede de esgoto na região? É essa a resposta se eu bem entendi? Eu quero questionar essa posição. Não dá pra esperar quatro anos. Algo emergencial precisa ser feito quanto às obras definitivas não saem do papel, primeiro ponto. Segundo ponto é que a secretaria de obras mandou até a patrola. Essa patrola amarela que você vê aí no lado direito do seu televisor é pra resolver ou é pra amenizar o problema, pra amenizar. O asfalto não vai sair por agora. Muito bem amenizar já é um ponto positivo. Vai ficar mais fácil pra sair de casa, pra chegar em casa, pro caminhão do lixo passar. Agora não adianta a patrola passar por ali e dar uma organizada na rua se esse esgoto continuar correndo. Porque se esse esgoto continuar correndo é dinheiro jogado fora, é dinheiro jogado fora. O dinheiro que gastou para abastecer a patrola. Se essa água aí continuar correndo, foi dinheiro jogado fora porque o caminhão passar aí vai atolar de novo. E é esgoto, isso aí é esgoto. A dona Meire tá ali, ela conversou com a Bruna ao vivo então dona Meire tá lá há trinta anos, três décadas ela está morando nesse mesmo lugar. Há três décadas ela convive com o mesmo problema. Não deu tempo ainda? A gente vai continuar nessa história. A gente vai continuar nessa história. Nós vamos entrar novamente em contato com a Águas Cuiabá pra entender como que funciona aí no bairro de uma maneira melhor. Se tiver que voltar no assunto com reportagem, com participação ao vivo, a gente volta. De quem é a responsabilidade, de onde vem esse esgoto? A gente vai voltar nesse assunto porque ele é complexo. Ele é complexo. Eu não posso pensar como resposta a população que a rede vai ser feita daqui há quatro anos e enquanto isso vai ficar assim . Opa! Pera aí! Se alguém é responsável pelo serviço a gente vai atrás de entender os detalhezinhos de tudo isso pra explicar melhor pra você de casa. Vamos continuar nessa história, pode ter certeza. São trinta anos de espera, não dá. E se o esgoto

continuar correndo ali o trabalho vai ser todo jogado fora. Muito obrigado, nosso repórter cinematográfico pelas imagens mostrou bem o drama dos moradores dessa região do residencial Coxipó .Vamos voltar nessa história se possível ainda essa semana porque eu quero entender tudo isso
****

Dia 09/07 especial Covid 4 blocos do jornal disponíveis na plataforma.
****

Dia 10/07 - 3 vídeos com os blocos do jornal nenhum sobre comunitário
****

Dia 11/07 - 8 vídeos na plataforma, três com os três blocos do jornal e nenhum sobre comunitário.
****

Dia 13/07 - 12 vídeos na plataforma, três vídeos com três blocos do jornal nenhum referente ao comunitário
****

Dia 14/07 - 11 vídeos na plataforma, três vídeos com três blocos do jornal nenhum referente ao comunitário
****

Dia 15/07 Mais de mil focos de queimadas urbanas na região metropolitana
Duração 4 minutos
Estúdio Leandro Trindade: Leonardo Zamignani está lá na Estrada da Guarita, no local onde uma queimada assustou os moradores por aí ontem Léo. A altura das chamas preocupou quem mora nos condomínios da região aí , né?
Repórter Leonardo Zamignani : Exatamente Trindade foi isso que os moradores que nos enviaram vídeos relataram. A gente vai ver algumas imagens desses vídeos. Esse incêndio que atingiu aqui essa região teve chamas muito altas. Os moradores ficaram com medo que o vento levasse essas chamas até as casas e a tragédia ser ainda maior. Por sorte o Corpo de Bombeiros foi acionado e conseguiu conter rapidamente as chamas. O Corpo de Bombeiros diz que só no mês de junho precisou conter mais de mil , isso mesmo, mil focos de calor só no mês de junho em Cuiabá e Várzea Grande. Lembrando que as queimadas na zona urbana são proibidas durante o ano inteiro e as pessoas podem denunciar a prefeitura ou na defesa civil de sua cidade se souber de alguém botando fogo. Já pra conter as chamas, chame o Corpo de Bombeiros o número é 193. E é um momento preocupante. Um momento em que a gente está com muitos problemas respiratórios por conta do coronavírus e as pessoas precisam de consciência né Trindade? Voltamos com você.
Estúdio Leandro Trindade: Se for possível o repórter cinematográfico que trabalha com você mostrar imagens da Estrada da Guarita pra gente poder localizar o nosso telespectador e realmente ver as imagens que chegaram ontem no nosso Whatsapp. Os moradores preocupados com esse incêndio. O bombeiro foi. O caminhão dos Bombeiros fez o controle e mesmo assim tem uns focos que preocupam a população. O mato seco é propício pra isso né. E tem gente incentiva coloca fogo, não dá né?Mas pra você ter uma ideia segundo a defesa civil entre janeiro e junho, janeiro e primeiro de junho foram registrados mil casos e só no mês de junho foram mil casos em Cuiabá e Várzea Grande, ou seja a soma de todo primeiro semestre, nós já alcançamos no primeiro mês em junho mil casos foram atendidos em Cuiabá e também em

Várzea Grande de queimadas urbanas. Eu conversei com a assessoria de imprensa das duas prefeituras e elas ainda estão montando as equipes. A prefeitura de Várzea Grande ainda vai conversar com o Corpo de Bombeiros pra montar uma equipe de apoio ao combate às queimadas urbanas e a prefeitura municipal de Cuiabá disse que conta com uma equipe, disse que está com uma equipe que está trabalhando em apoio ao Corpo de Bombeiros. Essa equipe que conta com uma caminhonete equipada com tanque e também tem um fiscal que está aplicando multas a quem coloca fogo em lotes urbanos porque é proibido e denúncias podem ser feitas em Cuiabá através do telefone 36239633. Citem a queimada, liguem nesse telefone que ajuda a conter as chamas e a multa é aplicada ao proprietário do lote. Em Várzea Grande tem que ligar para o Corpo de Bombeiros a prefeitura não respondeu, mas em Cuiabá 3623963. Tá aparecendo aí na tela enquanto o repórter cinematográfico que trabalha com a equipe do Leonardo Zamignani mostra pra você o resultado da queimada ontem na Estrada da Guarita. Eu tô mexendo aqui no celular enquanto eu converso com você pra ver se a gente recebe uma resposta da prefeitura de Várzea Grande mas ela não chegou . Se ela mandar o telefone eu trago aqui pra você da nossa cidade vizinha Várzea Grande. Olha o resultado: ontem as chamas e hoje olha como ficou a vegetação em torno da Estrada da Guarita em Várzea Grande.
****

Dia 16/07 Interdição total na avenida das torres para construção de viaduto.
Duração 3 minutos
Estúdio Leandro Trindade: Vamos conversar com a Bruna Ficagna que está na Avenida das Torres né Bruna? O Trânsito aí um pouco intenso um tanto menor que nos dias normais sem quarentena coletiva. Mas eu observava essa movimentação intensa sentido Pedra Noventa e as coisas mudaram por aí né Bruna conta pra gente.
Repórter Bruna Ficagna: É sim Trindade. Bom dia novamente pra você e pra todos que nos acompanham. Aqui tá sendo construído um viaduto que está orçado em mais de 16 milhões de reais. Bom e as coisas mudaram justamente por conta da obra, né? Vou pedir pro nosso repórter cinematográfico mostrar pra gente. A Avenida das Torres neste momento está interditada as imediações aqui da obra justamente por conta dessa obra que está sendo construída, o viaduto.E atenção para quem passa por aqui sempre. A Avenida Itália, a rotatória da Avenida Itália com a Avenida das Torres vai ser totalmente interditada na segunda-feira. Repetindo então no momento só a via que dá acesso as avenidas das Torres tá fechada. Agora atenção para as rotas alternativas, pros desvios. Os condutores que saírem do Jardim Imperial, Distrital e Pedra Noventa seguindo no sentido Centro, só conseguiram trafegar pela Avenida das Torres até o ponto que dá acesso ao desvio implantado na Rua Marquês de Pombal. Agora as normalmente acessavam no Parque PGA , vão ter que pegar a Estrada do Moinho, se deslocar até ao Pedregal pra poder ter acesso a Avenida Pite Martins de Oliveira e poder retornar no sentido Planalto e Parque PGA e bairros próximos. Agora o trânsito nas proximidades da rotatória aqui na Avenida das Torres, essa rotatória que você tá vendo só será permitido acesso aos moradores da localidade. Agora repetindo a informação. A partir de segunda-feira essa rotatória que você tá vendo vai ser totalmente interditada. No momento só a Avenida das Torres está interditada.A rotatória que dá acesso ao bairro Jardins Itália está liberada no momento.
Estúdio Leandro Trindade. Muito obrigada Bruna. Vamos com as imagens do repórter cinematográfico Rubens Siqueira. Esse viaduto fica no cruzamento da Avenida das Torres com a Avenida Itália. Essa pista aí da direita do seu televisor vai pro Parque Samair. Então quem vai pro Parque Samair consegue ir tranqüilo, tem uma liberação, mas não consegue por exemplo fazer o retorno para ter o acesso a Avenida das Torres e ir em direção ao Pedra Noventa. Tem que ter uma rota alternativa que está sinalizada algumas quadras antes. O motorista é direcionado pra dentro do bairro e ali um pouco mais a frente ele tem acesso a Avenida das Torres. O mesmo acontece com quem vem, por exemplo, do Parque Samair pela pista da

esquerda e tenta acessar a Avenida das Torres pra ter acesso ao centro de Cuiabá. Não consegue. Tem que ficar atento à sinalização porque tem uma entrada no bairro. O motorista é direcionado pra dentro do bairro e depois cerca de 150 metros ele é direcionado novamente para Avenida das Torres pra ter acesso a região central de Cuiabá. Hoje, quinta-feira, sexta-feira, sábado e domingo vai funcionar assim, mas a partir de segunda feira fechamento total para as obras de construção desse viaduto na Avenida das Torres.
****

Dia 17/07- 12 vídeos na plataforma. Três vídeos com três blocos do jornal na íntegra.
Erro em carregar o segundo bloco. Outros blocos sem vídeos relativos ao comunitário
****

Dia 18/07 - 6 vídeos na plataforma – quatro vídeos com os quatro blocos do jornal na íntegra. No terceiro bloco do jornal uma reclamação de morador via WhatsApp
Duração: 2 minutos
Estúdio Leandro Trindade: E os moradores que já não suportam mais o mau cheiro na rua deles. A gente fala mau cheiro mas é fedor mesmo. São cinco anos com esgoto na porta de casa. Olha o vídeo que um dos moradores fez (no telão atrás do apresentador aparece a marca flagrante MT1
Entra morador(não identificado) "Bom dia Trindade, olha aí . Eu queria pedir pra vocês para pedir para a autoridade vir aqui ó, rua 36 do Jardim Industriário. Olha como que tá isso aqui de água de esgoto. Olha só dos lados, ó. Não tem condições isso daqui. Isso já tem uns quatro ou cinco anos desse jeito e ninguém faz nada
Estúdio Leandro Trindade: Questionada a Águas Cuiabá disse que a implantação da rede de coleta de esgoto nas unidades do Bairro Jardim Industriário será feita até 2024, prazo estabelecido pelo contrato de concessão dos serviços de saneamento. A companhia destaca que está em curso a implantação da rede de coleta de esgoto em diversas localidades da capital e que de forma programada e gradativa conforme o calendário de atividades os bairros estão recebendo a implantação das redes de saneamento. Enquanto isso a responsabilidade nos bairros que não são atendidos pela companhia, é da prefeitura municipal de Cuiabá e claro a gente também vai atrás da prefeitura conseguir uma resposta para esses moradores que não podem agüentar até 2024 com o esgoto na porta de casa. (essa nota retorno é dada em *off* com imagens feitas pelo morador)

Dia 20/07 - 11 vídeos na plataforma – 4 vídeos com os blocos do telejornal na íntegra
Em nenhum bloco reportagens relacionadas ao comunitário
****

Dia 21/07 Cratera na porta da casa de moradores no Dom Bosco em Cuiabá.
Duração 7 minutos
Estúdio Leandro Trindade: Nós recebemos ontem um vídeo. Eu vou conversar com você de casa. Eu falei bairro Dom Aquino, não é bairro Dom Aquino é Dom Bosco, desculpa.O vídeo foi feito por moradores do bairro Dom Bosco aqui em Cuiabá. Uma obra foi feita no bairro. Imagina você o seguinte. Você mora num bairro que não tem pavimentação asfáltica é um poeirão. Agora nesse tempo que não chove a nuvem de poeira sobe. Se abrir a janela da casa não dá. Aí anunciam que vai ser feita a pavimentação do bairro. Você claro fica feliz. Opa, vão pavimentar o bairro aqui!. Só que eles fazem o asfalto e não fizeram a rede de esgoto. Fizeram o asfalto. Beleza o asfalto ficou um tapete. Logo depois que a obra terminou a empresa volta no trecho que ela tinha acabado de construir o asfalto e sai abrindo uma série de buracos. Os moradores ficaram com a pulga atrás da orelha, né vai ter que fazer de novo? Antes fosse só

isso, porque eles abriram os buracos como Leonardo antecipou no início do jornal e sumiram. Leonardo Zamignani está ao vivo no bairro Dom Bosco. Vou até me posicionar melhor aqui Leo pra acompanhar bem essa história.São mais de noventa dias convivendo com esses buracos, não tá fácil a vida dos moradores aí não. Bom dia conta pra gente.

Repórter Leonardo Zamignani. Bom dia! Não tá fácil Trindade, muito buraco aqui ao meu lado tem uma quitinete que moram aí umas dez famílias e o pessoal não consegue sair porque o buraco ficou exatamente na frente do portão deles. Então já vou falar direto aqui com uma moradora, dona Maria. Ela é a proprietária das quitinetes aqui e tá muito preocupada com a situação. Desde quando ficou assim?

Entra sonora moradora: Que tá assim insuportável tem 60 dias. Que eles furou esse outro buraco para passar o dreno tem trinta dias. Eles ficaram um dia e meio aqui com as máquinas e não voltaram mais.

Entra repórter. E aí a senhora já procurou a prefeitura, a secretaria de obras...

Entra moradora: já pediram quinze dias. Eles pediram a secretaria de obras, quinze dias estaria tudo arrumado aqui. Tá fazendo amanhã quinze dias. Nada

Entra repórter e aqui a senhora tava me contando que tem uma situação aqui dos moradores com dificuldade aqui com criança. A senhora tem uma neta deficiente visual também

Entra moradora: Uma neta. O marido dela é deficiente visual já caiu aqui duas vezes. Ele ainda enxerga 25%. Ela não enxerga nada. Todas as vezes que sai a gente chega, a gente sai, a gente tem que pegar porque fizeram esse buraco. Esse buraco com esse dreno, que é o pior. Aqui é a casa da minha filha não dá nem pra botar meu carro aqui .

Entra repórter. A gente tá falando aqui com a dona Maria mas do outro lado do outro portão do morador uma outra situação. Ale quando eles abriram o buraco descobriram ali que tem uma nascente de água. E agora olha só a quantidade de água lá. acho que dá pra você vê aí e essa água tá parada. Os moradores além da preocupação com os buracos tem a preocupação que ali vire criadouro do Aedes Aegypti, né dona Maria.

Entra moradora: tá cheio de larva, você pode olhar lá que tá cheio de larva.

Entra repórter: é uma situação complicada para quem mora aqui em todos os sentidos. Entra moradora. Em todos os sentidos, tanto pra mim quanto para os vizinhos. Complicado pra todo mundo

Entra repórter; e a senhora tava me informando que não mora aqui no Brasil , mora nos Estados Unidos, mas toda família mora.. como que fica a cabeça lá preocupada com isso aqui.

Entra moradora: É vinte e quatro horas aqui. Eu abro e fecho e vejo que não tem ninguém trabalhando. Cada dia é uma decepção maior, entendeu?

Entra repórter: E a senhora precisa de uma providência rápida

Entra moradora: Eu preciso de uma providência. Eu ia embora hoje frustrada, porque eu vim justamente pra deixar isso aqui bonitinho. Igual eu conversei com a minha vizinha. Ela arrumou um jardineiro pra mim pra fazer a jardinagem. Olha a situação que tá isso aqui. vou embora frustrada.

Entra repórter; tá certo dona Maria. Agora a resposta da prefeitura. A prefeitura disse o seguinte. O bairro está incluído no programa "minha rua é asfaltada" e deve ganhar até novembro cinco quilômetros de pavimentação e também drenagem. E quanto a essa rua a secretaria de obras informou que já procurou a empresa responsável pela obra pra que conserte tudo isso daqui é que ontem o engenheiro responsável pela obra veio até ao local e voltou a cobrar a empresa. A empresa por sua vez disse que até o final da semana vem aqui pra tomar uma providência e arrumar tudo isso. A gente vai continuar acompanhando isso aqui Trindade porque a situação não é nada fácil pra quem mora aqui.

Estúdio Leandro Trindade. Muito obrigado Léo pelas informações pela conversa com a moradora da rua quatro do bairro Dom Bosco que está sofrendo com esse problema. A obra que começou como a realização de um sonho, a pavimentação asfáltica pra quem sofria e sofre com

a poeira, mas que se tornou um pesadelo depois que a empresa abriu esses buracos e agora a moradora fez a correção que são 60 dias com os buracos e noventa dias de obras realizadas no bairro Dom Bosco aqui em Cuiabá.
O apresentador comenta a nota dada pelo repórter no local e diz que o jornal vai acompanhar o problema. A empresa se comprometeu até sexta feira dessa semana resolver o problema. Retomar a obra, mas antes mesmo de concluir essa obra é necessário diminuir os danos causados aos moradores e manter as mínimas condições para as pessoas entrarem e saírem de casa seja a pé seja com seus veículos próprios.
****

Dia 22/07 - 12 vídeos na plataforma, três com três blocos do jornal na íntegra e nenhum relativo ao comunitário.
****

Dia 23/07 - 12 vídeos na plataforma, 4 com quatro blocos do jornal na íntegra, nenhum relativo ao comunitário. Falaram sobre queimadas de uma forma geral
****

Dia 24/07 -12 vídeos na plataforma e 3 com três blocos do jornal na íntegra nenhum relativo ao comunitário falaram sobre queimada no pantanal e mostraram um vídeo feito por fiscais
****

Dia 25/07 Fumaça encobre a capital . O cenário é reflexo das queimadas urbanas e em áreas de vegetação.
Duração 2 minutos
Estúdio Leandro Trindade: A gente conversa sobre fumaça e a Kátia está em um dos pontos de queimada urbana. Kátia conta pra gente que situação é essa aí.
Repórter Kátia Kruger: Trindade situação muito complicada. Hoje pela manhã já vimos que o céu da capital estava aí com uma cortina de fumaça, a gente inclusive fez imagens durante a manhã. E agora os moradores aqui do Parque Cuiabá acordaram também com essa cortina de fumaça, mas olha bem próximo das casas. E o que chama atenção pra essa placa aqui. Tá vendo gente é uma área de preservação ambiental. Então é proibido jogar lixo, qualquer tipo de lixo, lixo doméstico inclusive e atear fogo. Segundo os moradores das chamas começaram aqui nesse terreno por volta das seis horas da manhã, mas ainda a gente vê alguns pontos que tem ainda muita fumaça e também fogo. O que é triste gente é que a gente vê também muito lixo doméstico jogado nesse terreno e aí se torna combustível. O corpo de Bombeiros já esteve aqui no local, já fez o combate, mas mesmo assim a gente percebe que em alguns pontos ainda tá pegando fogo. Muito difícil de respirar. Toda essa fumaça vai para as casas. São muitas residências aqui. Bati um papo rapidamente, ouvi os moradores aqui da região e eles me disseram que tem muitas crianças e inclusive idosos que moram nessas casas que estão respirando toda essa fumaça. A gente sabe que está no período de estiagem, não tem previsão de chuva e a umidade muito baixa, abaixo de 50%. Setenta por cento que é o ideal pra nossa saúde e muito, muito calor. Então tá bem complicado Trindade, fumaça aqui tomando conta, não tô conseguindo nem respirar e olha estou chorando com toda essa fumaça.
Estúdio Leandro Trindade: Não chora não Kátia e agradece a participação.

****

Dia 27/07 - 9 vídeos na plataforma. 3 relativos a três blocos do jornal, nenhum relativo ao comunitário. Falaram mais uma vez sobre queimadas, mas sem falar de um bairro específico.
****

Dia 28/07 8 vídeos na plataforma sendo 3 com blocos do telejornal, não entrou como comunitário e sim como flagrante do MT1
Duração: 2 minutos
Estúdio Leandro Trindade: Onze horas e cinquenta e um minutos. Vamos mostrar agora um outro flagrante que um telespectador fez pra gente e mandou aqui no nosso Whatsapp 9 9995 3001. Com certeza você já deve ter passado por isso aí na sua rua. Sabe aquela fiação de internet que muitas vezes confunde com cabo de energia elétrica. Olha só o vídeo feito no Jardim Petrópolis.
Entra vídeo com narração da moradora (não identificada)...Como vocês podem ver tem bastante fio no chão. São fios que arrebentam do poste. Aqui é a Rua Amâncio Pedroso. Olha como que as empresas de telefonia deixam tudo jogado no chão. Eles vêm arrumam, vem o caminhão dessas lojas que tem por aqui de móveis, passa e arrebenta os fios. Lá também tem mais fios, ó. A fiação fica toda feia.
Estúdio Leandro Trindade: (com as imagens cobrindo o texto do apresentador) Em nota a prefeitura informou que tem feito contato direto e constante com essas empresas e sempre faz a notificação de casos que chegam como esse de hoje. Em casos como no Jardim Petrópolis a população pode ligar no 0800 646 4196 vou repetir pra você de casa,tá aparecendo aí no seu televisor 0800 646 4196.
****

Dia 29 - 4 vídeos na plataforma com os quatro blocos do telejornal. Nenhum relativo ao comunitário.
****

Dia 30 8 vídeos na plataforma dentre esses três contendo 3 blocos do telejornal na íntegra.
Duração 5 minutos
Estúdio Leandro Trindade: Eu vou conversar agora com o Leo que está agora no bairro Santa Helena. É jornalismo comunitário na tela do MT1, Leo explica pra gente o que está acontecendo por aí.
Entra Leo. Olá Bom dia Trindade, bom dia a todos. Pois é como você disse a gente está aqui uma região bem próxima a região central de Cuiabá. Aqui na frente fica a Avenida Miguel Gentil e ali a Xavantes, uma das principais aqui do bairro e a gente tem problemas aqui de saneamento básico. A gente pensa muitas vezes que isso tá longe da gente, mas tá perto o Luiz Cláudio vai mostrar aqui. olha só esse esgoto Trindade, tudo a céu aberto. Muito lixo, o cheiro aqui não é nada bom e segundo moradores que eu conversei esse esgoto quando desce da parte alta do bairro ele vem parar aqui e fica nessa situação. Muito mato o que também os moradores se preocupam com ratos e caramujos que aparecem frequentemente nas casas e esse problema de saneamento básico é um problema de todo estado segundo um levantamento do IBGE, sete de cada dez casas de mato grosso não tem rede de coleta de esgoto. E pra falar um pouco mais sobre esses dados, a Lorena Segala preparou uma reportagem especial que a gente vai ver agora.
Entra vídeo morador. Eu tô no bairro Santa Helena bem no centro da cidade e tem esgoto a céu aberto aqui. Nós já fizemos reclamações para a prefeitura até agora sem resposta.
Off repórter: os dias não estão tão fáceis assim, né? Imagine então pra quem tem que conviver com o esgoto a céu aberto bem na frente do trabalho. A gente conversou com o Alessandro por

vídeo chamada e segundo ele ainda bem porque assim não dava pra sentir o mau cheiro do lugar.

Entrevista engenheiro Alessandro Matsubara: Devido a falta de manutenção, as grades serem pequenas, estão constantemente entupidos, principalmente após a construção de um prédio aqui próximo. Isso aí a água do esgoto sai da terra, gera buraco e fica escorrendo essa água. Crianças aqui da rua fica brincando aqui no meio disso aí. Um mau cheiro, entendeu? Ontem a prefeitura teve aqui e constatou inclusive o lançamento de grande quantidade de detergente na água

***Off* repórter:** A reclamação do Alessandro é bem comum em Mato Grosso, uma pesquisa mostrou que vazamento de esgoto é a principal reclamação em oito cidades do estado. Uma das cidades que tem maior cobertura em saneamento básico, água e esgoto é Rondonópolis com 90,7% da rede de esgoto liberada pra uso. Já na capital a abrangência é de 64% com cronograma de expansão.

Sonora Figueiredo Willian diretor geral Águas Cuiabá : Em 2017 entrou uma empresa atual que é Águas Cuiabá e anunciou um investimento em saneamento básico que vai até 2024. Então de 2017 até agora foram investidos aproximadamente 500 milhões em saneamento básico na capital e até 2024 serão investidos 1, 2 bilhão. Então o saneamento básico de Cuiabá ele vem crescendo em média 7% de cobertura ao ano. Hoje estamos com 64% de cobertura na capital e até 2014 vamos chegar a 91% de cobertura.

***Off* repórter :** quem sofre com a falta e com problemas sabe o quanto o saneamento básico é importante

Sonora Alessandro Matsubara ; Esse esgoto aí além do mau cheiro a água fica parada gera a proliferação de mosquitos, entendeu? . É uma coisa que a prefeitura devia olhar porque ela economiza de uma forma e ela vai gastar três vezes mais em hospital e outras coisas.

Entra repórter: Agora Trindade, essa pesquisa que a Lorena fala na reportagem ainda conta que dos 141 municípios de Mato Grosso apenas 50 têm rede de captação de esgoto. Então menos da metade tem rede de captação de esgoto. A gente conversou com a Águas Cuiabá que informou que enquanto a rede de esgoto não é passada oficialmente o tratamento do esgoto é responsabilidade do morador que deve faze fossa séptica no terreno e não descartar a céu aberto como aqui , até porque o descarte de esgoto de forma irregular é crime ambiental . Vou pedir para o Luiz Claudio mostrar de novo a situação aqui Trindade porque é muito próximo do centro e a gente nem imagina que existam coisas assim, mas olha só, a falta de saneamento está pra todo lado. Volto com você.

Estúdio Leandro Trindade: muito obrigada Léo pelas informações. Infelizmente a falta de saneamento básico ainda é uma realidade na grande maioria das cidades do Brasil. Não é diferente em Mato Grosso nem Cuiabá. Existem problemas sérios ainda apesar de todas as obras que foram realizadas ao longo dos últimos anos. A nossa expectativa é que conforme está no contrato até 2024 toda a cidade seja atendida pela rede de saneamento básico que é extremamente importante, é questão de saúde pública.

****

Dia 31/07 - 8 vídeos na plataforma e 4 vídeos com os quatro blocos do telejornal na íntegra. Nenhum referente ao comunitário.

****

APÊNDICE

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO A EX-FUNCIONÁRIOS QUE TRABALHARAM NA TV ANHANGUERA

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – DOUTORADO

Linha de Pesquisa Mídia e Cidadania

Perguntas

1) Como surgiu a necessidade de investir em reportagens comunitárias na TV anhanguera?

2) Em que ano isso ocorreu?

3) Qual foi o primeiro projeto implantado?

4) Como foi a reação dos jornalistas da redação?

5) Houve preocupação em garantir a liderança na audiência?

6) Qual a avaliação feita pelos profissionais de redação sobre essa medida?

7) Houve alguma recomendação da rede globo para investir no comunitário?

8) Os projetos criados com intenção de incrementar o jornalismo comunitário da emissora são experiências exclusivas ou foram copiados de outras afiliadas?

9) Foi criado algum núcleo de jornalismo comunitário?

10) Como eram as pautas? Qual o diferencial do que já era feito nos bairros?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO A JORNALISTAS QUE TRABALHAM NAS REDAÇÕES DE TV DAS EMISSORAS PESQUISADAS

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – DOUTORADO

Linha de Pesquisa Mídia e Cidadania

As perguntas a seguir caracterizam um questionário que tem como objetivo colher a opinião dos jornalistas de redação sobre cidadania e jornalismo comunitário. Essa é uma etapa importante da argumentação da tese de doutorado da discente Bernadete Coelho de Sousa, do PPGCOM da Universidade Federal de Goiás. A pergunta de partida da tese envolve o discurso do jornalismo comunitário e faz ainda um comparativo entre as três emissoras afiliadas da Rede Globo nas capitais da região Centro-Oeste.
Nessa etapa não existe a necessidade de identificação dos participantes. Serão identificados apenas como jornalistas da redação de TV.
Sua colaboração é muito valiosa.

Questionário para jornalistas de TV
Não é necessário se identificar

1- Qual alternativa se aproxima mais do seu conceito de cidadania?
A) ( ) é um conjunto de direitos e deveres civis, políticos e sociais do cidadão em relação a todos os setores da sociedade e tem impacto sobre a desigualdade social.
B) ( ) é um conjunto de direitos civis ,políticos e sociais do cidadão em relação apenas ao estado sem impacto na desigualdade social.
C) ( ) é um conjunto de direitos políticos e sociais do cidadão em relação ao estado.

2- Você acredita que o telejornalismo comunitário somente sobrevive dentro do jornalismo local?
( ) sim
( ) não
Justifique:

3- Você acredita que telejornalismo comunitário pode ser feito por grandes emissoras de TV com perfil comercial?
( ) sim
( ) não
Justifique:

4- Em sua opinião, o interesse das grandes emissoras é apenas na audiência?
( ) sim
( ) não
Justifique:

5- O interesse das emissoras é no bem-estar da comunidade?
( ) sim
( ) não

Justifique:

6- Em sua opinião porque o jornalismo comunitário mostra na maioria das vezes, apenas os problemas de bairros da periferia?
( ) porque é a linha editorial da emissora.
( ) porque são problemas mais simples de serem abordados.
( ) porque é a região menos favorecida

7- Em sua opinião o jornalismo é o mediador de questões basicas entre a população e o estado.
( ) sim
( ) não
Justifique:

8- Você acredita que o público da emissora sabe o que é cidadania?
( ) sim
( ) não

9- Você acredita que o público da emissora sabe quais são seus direitos e deveres como cidadão?
( ) sim
( ) não

10- Em sua opinião a fórmula do telejornalismo comunitário já está desgastada e precisa de reformulação?
( ) sim
( ) não
Justifique:

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Projeto de pesquisa: O autodenominado jornalismo ‘comunitário’ da Rede Globo: um estudo comparativo entre três emissoras afiliadas no Centro-Oeste.
Pesquisador Responsável: Bernadete Coelho de Sousa
Nome do participante:
Data de nascimento:

Você está sendo convidado (a) para ser participante do Projeto de pesquisa intitulado “O ‘autodenominado’ jornalismo comunitário da Rede Globo: um estudo comparativo entre três emissora afiliadas no Centro-Oeste”, de responsabilidade da pesquisadora Bernadete Coelho de Sousa, minha área de atuação é Mídia e Cidadania. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra do pesquisador responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem por objetivo investigar de maneira comparativa como os assuntos ligados às demandas do cidadão e principalmente em relação às questões de serviço público que são obrigações do Estado enquanto promotor do Bem-Estar Social são apresentadas nos telejornais locais da Rede Globo nas capitais de três estados da região Centro-Oeste: Goiânia, Campo Grande e Cuiabá. Essa relação se dá a partir da inserção do ‘autodenominado’ telejornalismo comunitário, proposta desenvolvida pela emissora mais incisivamente a partir da década de 1980 e como essa proposta se relaciona com a promoção da cidadania na Região Centro-Oeste. Essa discussão é importante, pois se insere nas reflexões sobre a relação do telejornalismo com os direitos do cidadão, não raramente negligenciados, tanto no que diz respeito ao Estado como também nas rotinas de produção do telejornal local.

2. A participação nesta pesquisa consiste em responder com o consentimento de seu chefe imediato (diretor de jornalismo da emissora) a um questionário aplicado via e-mail sobre a percepção do jornalismo comunitário na emissora em que trabalha. Para isso será necessário dispor de pelo menos dez minutos. As respostas serão utilizadas para auxiliar a análise do telejornalismo comunitário das emissoras e não serão identificadas no corpo do texto.

3. Toda pesquisa envolve riscos mínimos aos participantes tais como cansaço, constrangimento ou riscos emocionais ao relatar experiências profissionais. Durante a execução da pesquisa serão deixados de lado juízos de valor e questões de cunho pessoal.

4. A participação nesta pesquisa será de fundamental importância para o aprofundamento da análise acerca do telejornalismo comunitário nas emissoras comerciais de sinal aberto e a relação que se constitui entre a comunidade e o profissional de comunicação (jornalista).

5. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.

6. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar aos voluntários pela participação, no entanto, caso haja qualquer despesa decorrente desta participação haverá o seu ressarcimento pelos pesquisadores.

7. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, os voluntários poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

8. Durante toda pesquisa nome dos participantes será mantido em sigilo, assim como qualquer outro dado que possa identificá-lo, assegurando assim a sua privacidade, e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.

9. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Bernadete Coelho de Sousa pesquisador (a) responsável pela pesquisa, telefone: (62) 983274845 ou pelo e-mail bernadetecoelhos@gmail.com

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em ser participante do Projeto de pesquisa intitulado: O discurso do 'autodenominado' jornalismo comunitário da Rede Globo: um estudo comparativo entre três emissoras afiliadas do Centro-Oeste como acima descrito. Informo ter mais de 18 anos de idade e minha participação na referida pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente esclarecido (a) pelo pesquisador (a) sobre a pesquisa, procedimentos, métodos assim como riscos e benefícios.

Goiânia, _____ de _____ de 20____.

_____

Assinatura por extenso do (a) participante

_____

Assinatura por extenso do pesquisador (a)

APÊNDICE D - RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS QUE TRABALHARAM NA TV ANHANGUERA (EX-FUNCIONÁRIOS)

RESPONDENTE: Adriana Teixeira de Moraes
Função na época: editora

Perguntas
1) Como surgiu a necessidade de investir em reportagens comunitárias na TV Anhanguera?
Surgiu com a necessidade de uma readequação no conteúdo do telejornal devido a baixa audiência dos telejornais, principalmente do Jornal Anhanguera 1ª edição, que vai ao ar às 12h. Observou-se que a audiência consumidora era das classes mais baixas, C e D e que os telejornais concorrentes estavam liderando a audi~encia por serem mais populares.

2) Em que ano isso ocorreu?
Por volta de 2009-2010.

3) Qual foi o primeiro projeto implantado?
Se não me engano foi um projeto de ir nos bairros, conhecer o bairro e ver a reivindicação dos moradores daquele local.

4) Como foi a reação dos jornalistas da redação?
Os próprios jornalistas não estavam preparados ou acostumados a essa nova realidade. O jornalismo mais popular exigiu mudança de olhar jornalístico, mudança de texto e da construção da notícia.

5) Houve preocupação em garantir a liderança na audiência?
Sim.

6) Qual a avaliação feita pelos profissionais de redação sobre essa medida?
Como disse, os profissionais não estavam tão acostumados com isso, mas tiveram que se adequar ao momento.

7) Houve alguma recomendação da rede globo para investir no comunitário?
Sim.
8) Os projetos criados com intenção de incrementar o jornalismo comunitário da emissora são experiências exclusivas ou foram copiados de outras afiliadas?
Alguns copiados sim.

9) Foi criado algum núcleo de jornalismo comunitário?
Acho que não.

10) Como eram as pautas? Qual o diferencial do que já era feito nos bairros?
As pautas e reportagens deviam sempre buscar temas bem comunitários como asfalto, segurança, saúde, cidade, limpeza urbana, transporte etc. As reportagens deviam ter linguagem mais simples e uma atuação mais informal do repórter. Até o próprio comportamento e vestuário do repórter mudaram. Para que a tv se identificasse com o novo público-alvo. Foram abandonadas as notícias mais frias e elitizadas em detrimento das mais populares.

RESPONDENTE: Iara Silva Lourenço
Função na época: locutora entrevistadora (repórter de rua)

Perguntas
1) Como surgiu a necessidade de investir em reportagens comunitárias na TV Anhanguera?
Resposta: a emissora detectou a importância de aproximar se de um público cada vez mais urbano e de seus problemas no cotidiano da cidade. Goiânia se adensavava populacionalmente, com bairros surgindo de forma veloz e desordenada. Erosões, transporte deficitário, falta de água, de energia, de praça, de creche, de escola, emprego, etc. Enfim as pessoas reivindicavam o que precisavam para ter direito a um quinhão de melhor vida na cidade. Essas necessidades eram gritantes pq impactavam milhares de trabalhadores, finas de casa, comerciantes e exigiam um planejamento que a cidade não tinha a oferecer. A TV entrou como uma mediadora dessa relação entre a massa e o poder público.

2) Em que ano isso ocorreu?
Resposta: O ano exato….não recordo, mas foi final anos 90.

3) Qual foi o primeiro projeto implantado?
Resposta: fui inserida no projeto Jornalismo nos Bairros, onde a cada dia um bairro da periferia sediava o caminhão de link da emissora e o jornal era um bloco todo ancorado desse bairro, com as pessoas participando, reclamando os problemas. Reportagens feitas anteriormente eram exibidas e ao vivo, buscava se aprofundar as situações, buscando junto a um entrevistado (autoridade ou várias autoridades) quais as soluções possíveis para os cenários apresentados.

4) Como foi a reação dos jornalistas da redação?
Resposta: entendia-se o drama das pessoas: poeira, lama, mato, falta de médicos e a tônica dos editores passou. A ser numa orientação efetiva da importância desse viés pra aquele momento social. A reação a princípio envolveu porém um certa distinção entre quem cobria o "povão" e os repórteres que tinham ou buscavam uma identidade de cobertura mais política, econômica, esportiva. Como se esses tivessem mais "status" dentro da redação. Talvez um preconceito implícito na própria categoria.

5) Houve preocupação em garantir a liderança na audiência?
Resposta: o tempo todo a conquista da audiência norteava as pautas. E de fato, o JA nos Bairros movimentava o local, atraia uma pequena multidão, gerava uma sequência de cobertura em torno das "respostas" que se buscava com as reportagens. E logo, outros bairros queriam a equipe gerando um boom de produção. Sem dúvida, vários bairros foram atendidos, vários problemas apontados eram graves e foram logo inseridos nos planos dos gestores. Ações políticas, como discussões da região metropolitana logo surgiram e muita coisa realmente foi originada do descortinar apresentado todos os dias no jornal

6) Qual a avaliação feita pelos profissionais de redação sobre essa medida?
Resposta: não creio que houve algo sistemático, as reuniões de avaliação muitas vezes no calor do momento, eram mais pragmaticas, e esse impacto da audiência a gente ficava sabendo por alto, e sempre que era positivo, sedimentava ainda mais a linha editorial.

7) Houve alguma recomendação da rede globo para investir no comunitário?
Resposta: sim a Globo já orientava que o jornalismo local fosse realçado por uma necessidade de identidade com o público, de verossimilhança com o locus, e claro, com os anunciantes

locais.

8) Os projetos criados com intenção de incrementar o jornalismo comunitário da emissora são experiências exclusivas ou foram copiados de outras afiliadas?
Resposta: não tenho essa informação

9) Foi criado algum núcleo de jornalismo comunitário?
Resposta: talvez não formalmente, mas com certeza tinha sim: produtores específicos e repórteres mais setorizados nesse nicho de cobertura.

10) Como eram as pautas? Qual o diferencial do que já era feito nos bairro?
Resposta: objetivo da pauta era aproximar ao máximo da vida daquelas pessoas, eleger um ou dois personagens e viver suas dificuldades, seja de acesso, de rotina, etc., entender seus desafios, defender o direito que tinham de viver numa cidade mais humana. O diferencial estava em dar amplitude a voz dessas pessoas valorizando as como fontes. Diante da palavra oficial. Contrapondo essas realidades dos gabinetes e das ruas, dando crédito a quem não tinha outra forma de ser visto ou ouvido.

RESPONDENTE: Lilian Santos
Função: Editora Executiva (1996/2010)
O questionário foi transcrito porque a entrevistada respondeu via WhatsApp

1) Como surgiu a necessidade de investir em reportagens comunitárias na TV Anhanguera?
Surgiu a necessidade a TV Anhanguera de ficar mais próxima da população, mostrando seus problemas (saúde, água, saneamento básico, energia, asfalto, segurança, educação) e tentando resolvê-los com as autoridades competentes

2) Em que ano isso ocorreu?
Começou mais para o fim da década de 1990

3) Qual foi o primeiro projeto implantado?
Primeiro projeto não me lembro... e me lembro que o QVT foi implantado.

4) Como foi a reação dos jornalistas da redação?
Reação: Empenhados em ajudar a população marcando pautas fazendo reportagens e cobrando respostas. As pessoas se aproximaram mais das equipes de reportagem que estavam na rua porque começaram a ter soluções e sentir as mudanças. Isso reforçou e deu energia ao jornalismo.

5) Houve preocupação em garantir a liderança na audiência?
Muita preocupação em garantir a liderança da audiência, já que as principais emissoras concorrentes estavam no mesmo caminho comunitário (talvez até antes da TV Anhanguera)
6) Qual a avaliação feita pelos profissionais de redação sobre essa medida?
Avaliação: pelo que me recordo, foi muito positiva porque uma das grandes missões do jornalismo é melhorar a vida do cidadão. E a TV conseguiu resolver muitos problemas.
7) Houve alguma recomendação da rede globo para investir no comunitário?
A Globo investiu muito no jornalismo comunitário em suas praças inclusive com âncoras (não mais apenas apresentadores) mais “preparados” e recomendou às suas afiliadas o mesmo direcionamento. A Globo montou uma equipe de coordenação das afiliadas chefiada por Marco

Antonio Rodrigues (o Bodão) que viajou ao pais todos com produtores, editores, repórteres, repórteres cinematográficos ...Enfim avaliava os telejornais e sugeria mudanças caso necessário.
8) Os projetos criados com intenção de incrementar o jornalismo comunitário da emissora são experiências exclusivas ou foram copiados de outras afiliadas?
Acho que muitas ideias foram repassadas pela Globo com base no jornalismo comunitário da praça de SP e complementadas / implementadas pelas afiliadas, não caso a TV Anhanguera.
9) Foi criado algum núcleo de jornalismo comunitário?
Alguns produtores que eram específicos do comunitário, algumas equipes de reportagem, que já tinham mais "carisma" e proximidade dos telespectadores, inclusive esta doutoranda que 'lê" este e-mail agora era uma das mais queridas do público. Pautas dando voz a população com links nos bairros, o "diálogo" entre o povo e autoridade e a cobrança de promessas inclusive com um calendário que marcava a data da promessa da autoridade e depois o retorno para mostra se o problema foi ou não resolvido conforme o prometido.
10) Como eram as pautas? Qual o diferencial do que já era feito nos bairros?
Antes do investimento no jornalismo comunitário, as reportagens eram mais descritivas (em relação aos problemas da comunidade) e não tão incisivas ouvindo o povo e cobrando fortemente, dos órgãos competentes, uma vida mais digna para o cidadão.

APÊNDICE E - RESPOSTAS DA ENTREVISTADA JO MAZZAROLO- REDE GLOBO PERNAMBUCO

RESPONDENTE: Jo Mazzarolo diretora de jornalismo da TV Globo Pernambuco

1) Qual foi a concepção inicial do telejornalismo comunitário implantado na rede Globo de televisão? No NE 1 ele nasceu mesmo com o quadro Calendário? Não. O jornalismo Comunitário começou antes com Bairro que eu quero – era uma votação dos serviços que funcionavam e dos que não funcionavam nos bairros. Depois criamos o Vida Real onde mostrávamos os problemas do bairro numa reportagem. Noutra reportagem algo bom do qual os moradores se orgulhavam (praça, artista, trabalho social, artesanato)). Depois em fevereiro de 2009 criamos o Calendário.

2) Em um mundo cada vez mais globalizado e marcado pelas características do capitalismo neoliberal quais os compromissos desse tipo de jornalismo? Quem são os falantes? Os falantes são os moradores do lugar. Os responsáveis pela resposta à reivindicação também têm fala.

3) Qual a função do telejornalismo comunitário dentro da reformulação do jornalismo local das afiliadas da rede Globo? A proposta é mostrar o que os moradores de um bairro, cidade ou Estado gostariam que os seus representantes fizessem. Suas necessidades mais urgentes.

4) Existe nesse tipo de jornalismo a intenção de despertar algum tipo de discussão mais profunda sobre os direitos do cidadão? Mostramos todos os dias locais onde a cada chuva a casa enche dágua, o transporte é lotado e escasso, abastecimento de água e rede de esgoto são péssimos. As obras não terminam e quando terminam são mal feitas porque continuam causando problemas.

5) A proposta é de dar voz a população, mas existe também uma preocupação com a audiência ou a audiência é uma consequência desse compromisso? . Na medida em que você oferece informação útil e próxima, oferece voz, ele se sente parte.

6) Quais são as outras propostas de desenvolvimento de um telejornalismo comunitário voltado para a promoção da cidadania? Cidadania é quando uma família tem seus filhos na creche ou escola, vive em segurança, chega num transporte com conforto. Assim todos trabalham melhor, rende mais e consequentemente melhora a vida de todos.